

ALEXANDRE ANDRADE DA COSTA

**CALEIDOSCÓPIO POLÍTICO: AS REPRESENTAÇÕES DO
CENÁRIO INTERNACIONAL NAS PÁGINAS DO JORNAL *O
ESTADO DE S. PAULO* (1938-1945)**

**ASSIS
2009**

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

ALEXANDRE ANDRADE DA COSTA

**CALEIDOSCÓPIO POLÍTICO: AS REPRESENTAÇÕES DO
CENÁRIO INTERNACIONAL NAS PÁGINAS DO JORNAL *O
ESTADO DE S. PAULO* (1938-1945)**

Dissertação apresentada à
Faculdade de Ciências e
Letras de Assis – UNESP –
Universidade Estadual
Paulista para a obtenção do
título de Mestre em História.
Área de conhecimento:
História e Sociedade.

Orientadora: TÂNIA REGINA DE LUCA

**ASSIS
2009**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Costa, Alexandre Andrade da
C837c Caleidoscópio político: as representações do cenário
internacional nas páginas do jornal O Estado de S. Paulo
(1938-1945) / Alexandre Andrade da Costa.
Assis : [s.n.], 2009.
274 f. : il. + anexos.

Dissertação (Mestrado em História) – Universidade
Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, 2009.
Orientadora: Tânia Regina de Luca.

1. Cultura política. 2. Imprensa. 3. Intelectuais e política.
I. Título. II. Autor.

CDD 306.2

Agradecimentos

Este trabalho não se iniciou no curso de pós-graduação. Ele começou quando consegui uma bolsa de auxílio da própria Unesp em 2003 e, por conta dela, busquei como orientadora a professora doutora Tânia Regina de Luca. Dessa data em diante, o jornal *O Estado de S. Paulo* tornou-se a fonte sobre a qual eu me debruçaria por sete anos. As leituras referentes ao período estudado e à história da imprensa no Brasil compunham a rotina de pesquisa que cumpri com o auxílio de diversas pessoas.

Inicialmente, gostaria de agradecer a professora Tânia Regina de Luca pela orientação segura e firme e pela dedicação demonstrada nas inúmeras correções que, durante todos estes anos, fizeram parte do nosso trabalho conjunto. A sua competência e observações críticas provenientes de um rigoroso estudo das fontes e do profundo conhecimento de vasta historiografia não só marcaram nosso convívio, mas constituem um paradigma da excelência profissional.

A meu pai, Donizete Carvalho da Costa que teve a grandeza, a coragem e a ousadia de sonhar para mim um futuro radicalmente distinto daquele vivenciado por ele no presente. A minha mãe, Leila Marta de Andrade Costa, que esteve ao meu lado em todos os momentos, incondicionalmente. A minha avó, Eurípia Barbosa de Souza, cuja bondade e amor ultrapassam todos os limites. A minha irmã, Adriana Andrade da Costa, que me apoiou nos momentos de indecisão e tornou minha vida acadêmica possível arcando com responsabilidades que não lhe eram pertinentes.

À Susyane, sem a qual minha vida teria um tom cinza. Agradeço pela compreensão, pelo afeto, pela confiança e principalmente por iluminar ainda mais minha existência trazendo ao mundo a menina mais linda e carinhosa: Laila, com quem aprendo muito, diariamente.

Aos professores Zélia Lopes da Silva e Antônio Celso Ferreira, presentes no exame de qualificação, cuja cuidadosa leitura e apontamentos foram essenciais para o desenvolvimento desta pesquisa, principalmente no que concerne aos jogos do político. A Clodoaldo Bueno, professor que mais de uma vez me recebeu em sua sala para discutir sobre a bibliografia do período no que tangia à problemática das relações internacionais. A Marlene Gasque e a todos os funcionários do Cedap (Centro de Documentação e Apoio e

Pesquisa) devo agradecer pelo apoio, eficiência e agilidade tanto no que se refere aos microfilmes quanto aos materiais necessários à catalogação de periódicos. A Vítor Souza, amigo e companheiro que se propôs digitalizar a volumosa coleção do periódico auxiliando nesta cansativa etapa com sua incansável persistência em busca da imagem perfeita, modificando a luz e o foco da máquina várias vezes até encontrar o melhor ajuste.

A todos os amigos que fiz na Moradia estudantil, com os quais convivi durante os quatro anos da graduação, agradeço pela oportunidade de conhecer e compartilhar momentos tristes e felizes. Julio, Cláudio, João, André César, André Gonzaga, Gabriela, Joilson, Edileuza, Raphael, Daniel, Anílton, Carlos Menarin, Renata, e muitos outros. A meus amigos Augusto, Priscila e Larissa que me ensinaram a respeitar a diversidade de opiniões e que sempre estiveram a meu lado. A Melanie Vargas que além de conviver comigo durante toda a graduação ainda se incumbiu de me guiar pela imensidão labiríntica de concreto e aço que é a capital paulista em busca de fontes, arquivos e bibliotecas. A meu amigo Guilherme Pigozzi Bravo, companheiro diário de horas de estudo depois da aula e a quem respeito muito pela inteligência e dedicação agradeço por compartilhar o aprendizado da História. A João Arthur Ciciliato Franzolin, que conheci durante uma apresentação num congresso e que, desde então, tornou-se um parceiro no estudo da Alemanha e da Segunda Guerra Mundial, agradeço pela leitura atenta dos meus trabalhos e pelas valiosas indicações e sugestões bibliográficas.

À Andréa Helena agradeço pelas conversas tranquilizadoras e pelos materiais e textos que enviou para mim. A Priscila Miraz, que me presenteou com uma série de livros fenomenais sobre o fascismo e a Rodolfo Fiorucci com quem aprendi a me levar um pouco menos a sério. A todos os funcionários da Biblioteca Acácio José Santa Rosa, especialmente a Milene R. Almeida, técnica em biblioteconomia, responsável pelo setor de intercâmbio de livros entre as Universidades, pela agilidade e empenho na busca das obras necessárias à pesquisa. A Valéria Bertolotto, amiga que inúmeras vezes auxiliou-me na construção de gráficos e tabelas.

E finalmente, agradeço à Fapesp que, por meio das bolsas de iniciação científica e mestrado, propiciou a dedicação exclusiva à leitura e à pesquisa das fontes sem as quais esse trabalho dificilmente seria possível. Aos que eu não citei aqui e que participaram direta

ou indiretamente dessa trajetória gostaria de deixar minhas sinceras desculpas e agradecimento.

Resumo

O presente estudo circunscreve-se ao período de 1938-1945. No decorrer desses oito anos, teve início a Segunda Guerra Mundial, acontecimento que reordenaria o cenário das forças políticas no âmbito externo. O Brasil, por sua extensão territorial, localização e recursos naturais, não ficou alheio ao jogo de interesses de correntes ideológicas e regimes que lutavam pela hegemonia mundial. Nesse contexto o jornal *O Estado de S. Paulo* constitui-se em importante fonte para a pesquisa, pois era um dos periódicos de maior circulação no país e com ativa participação na vida política, intelectual e econômica desde sua fundação, em 1875. Pretende-se analisar, a partir das páginas do *bravo matutino*, de que forma as batalhas políticas então em curso foram apreendidas pela elite paulista, que tinha no jornal uma de suas formas de atuação no espaço público. Mais especificamente, se trata de interpretar as análises publicadas, dentro de quadros, pelo diário e comparar as posições assumidas no citado período, sem esquecer que, a partir de 1940, o órgão perdeu sua autonomia.

Palavras-chave: Cultura Política, Intelectuais, História da Imprensa, O Estado de S. Paulo, Segunda Guerra Mundial, Controle da Informação.

Resumen

Este estudio está limitado al período 1938-1945. Durante estos ocho años, empezó la Segunda Guerra Mundial, un evento que reordenó el escenario de las fuerzas políticas en el ámbito exterior. Brasil, no por su tamaño, ubicación y recursos naturales, era ajena al juego de intereses de las ideologías y regímenes que luchaban por la hegemonía mundial. En este contexto, el diario *O Estado de S. Paulo* es una fuente importante para la investigación, que fue uno de los diarios de mayor circulación en el país, y con la participación activa en la vida política, intelectual y económica desde su fundación, en 1875. Investigamos, desde las páginas de lo *bravo matutino*, ¿cómo las batallas políticas a continuación, fueran asimiladas por las elites de São Paulo?, que tenía en el periódico una en sus formas de actuar en el espacio público. Más concretamente, se trata de la interpretación de los análisis publicados en las tablas, por el periódico, y de comparar las posiciones adoptadas en ese período, teniendo en cuenta que desde 1940, la agencia perdió su autonomía.

Palabra-clave: La cultura política, los intelectuales, Historia de la prensa, O Estado de S. Paulo, Segunda Guerra Mundial, control de la información.

A política é a continuação da guerra por outros meios.

Michel Foucault

SUMÁRIO

Introdução.....	08
Capítulo I: <i>O Estado de S. Paulo</i> e a defesa da democracia liberal (1938-1940).....	19
1.1) Representações do político: a polarização democracia liberal versus totalitarismo.....	20
1.2) Os Estados Unidos e a América: as representações do processo de envolvimento do continente no conflito.....	43
Capítulo II: <i>O Estado de S. Paulo</i>: permanência dos discursos (1940-1942).....	59
2.1) As representações da queda da França.....	60
2.2) A batalha da Inglaterra.....	80
2.3) A invasão da União Soviética.....	98
Capítulo III: <i>O Estado de S. Paulo</i>: o debate em torno do pós-guerra (1942-1945).....	114
3.1) O colapso totalitário e a luta pela redemocratização.....	115
3.2) O Brasil e o futuro.....	145
Conclusão.....	166
Anexos.....	170
Bibliografia básica.....	266

Introdução

(...) A vida econômica, política e social do mundo é tão intrincada, tão complexa e feita de tantos milhares de pequenos mas fortíssimos fios que, sem sabermos, eles nos envolvem numa vasta tela e nos ligam a acontecimentos que parecem não nos interessar. Ainda hoje sofremos todos da última guerra mundial. (...) Sem que o saibamos, esses pequenos fios podem estrangular-nos. Ignorar a existência deles não nos salvará. Desprezá-los é suicídio.¹

¹ Será a Hora H? In: *O Estado de S. Paulo*, 14 set. 1938, p. 16.

O cenário conturbado e complexo do campo internacional durante o final dos anos 1930 e o início dos anos 1940, tempo em que o mundo envolveu-se em uma outra grande guerra, é o pano de fundo dessa pesquisa que contempla, ainda, os reflexos desses contextos no Brasil.

Conseqüência das mudanças de paradigmas vividas no seio das Ciências Sociais desde os anos 1960 e 1970, os estudos sobre a imprensa sofreram inflexão metodológica importante com o trabalho de Maria Helena Rolim Capelato e Maria Lígia Coelho Prado, publicado no início da década de 1980. Também no campo da sociologia inúmeros trabalhos contribuíram para um aumento exponencial, no que se refere à imprensa como fonte.² Além disso, como assinalam os organizadores do livro *História e Imprensa*,

(...) o redimensionamento da imprensa como fonte documental – na medida em que expressa discursos e expressões de protagonistas – possibilitou a busca de novas perspectivas para a análise dos processos históricos. Dessa forma, superou-se a perspectiva limitada de identificar a imprensa como portadora dos ‘fatos’ e da ‘verdade’. Deixaram-se também para trás posturas preconcebidas, que a interpretavam, desdenhosamente, como mero veículo de idéias ou forças sociais, que, por sua vez, eram subordinadas estritamente por uma infra-estrutura sócio-econômica.³

Sabe-se que a imprensa participa ativamente do momento histórico no qual está inserida, uma vez que registra e tece considerações a respeito de fatos do dia-a-dia, tornando possível “reconstruir os lances e peripécias dessa batalha cotidiana na qual se envolvem múltiplas personagens”.⁴ Muitas vezes, esses personagens, como lembram Tânia Regina de Luca e Ana Luíza Martins,

(...) são exatamente os mesmos, na imprensa, na política, nas instituições. Em outras, são, no mínimo, bastante próximos, pois intervenções políticas de peso são decididas no interior das redações, estabelecendo e testemunhando avanços e recuos das práticas dos governos, da dinâmica do país, da formação de seu povo, do destino nacional. E os exemplos vêm da Colônia, passam pelo Império, persistem na Primeira República, seguem no Estado Novo e chegam até nossos dias.⁵

² Como exemplo dessa perspectiva pode-se citar as pesquisas efetuadas pelos professores e pesquisadores da Universidade de Brasília cujo livro, lançado em 2002, reflete uma parcela desses esforços. Ver MOTTA, Luiz Gonzaga (org). *Imprensa e poder*. Brasília: UnB, 2002.

³ NEVES, Lucia Maria Bastos P., MOREL, Marco, FERREIRA, Tânia Maria Bessone da C. (orgs). *História e Imprensa: representações culturais e práticas de poder*. Rio de Janeiro: Faperj, 2006, p. 10.

⁴ CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Imprensa e História do Brasil*. São Paulo: Contexto, 1988.

⁵ LUCA, Tânia Regina. “A grande imprensa na primeira metade do século XX”, IN: LUCA, Tânia Regina; MARTINS, Ana Luíza. *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 08.

O trabalho com os jornais é sempre arriscado, pois implica em adentrar por meandros repletos de complexidade e sutilezas. Faz-se necessária uma análise não só do objeto que se estuda, mas, ainda, do contexto no qual aquela fonte se insere e exige do leitor/pesquisador estudar as biografias dos personagens que compõem esse cenário. Isto posto, resta a dúvida: de que forma deve-se abordar essa fonte - o jornal - como objeto de pesquisa. De acordo com Prado e Capelato,

(...) a escolha de um jornal como objeto de pesquisa justifica-se por entender-se a imprensa fundamentalmente como instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social, nega-se pois, aqui, aquela perspectiva que a teoria como mero veículo de informações, transmissor imparcial e neutro dos acontecimentos, nível isolado da realidade político social na qual se insere.⁶

O regime estadonovista investiu num projeto político-cultural que reservou papel de destaque para os meios de comunicação de massa, como a imprensa e o rádio, veículo recém-surgido e que se difundiu exatamente nesta época. Ao lado da persuasão – empréstimos, verbas publicitárias – não se hesitou em tomar medidas mais drásticas, exemplificada na ocupação do jornal *O Estado de S. Paulo*. Invadido em março de 1940 e dirigido pelo interventor designado pelo DIP, Abner Mourão, o matutino tornou-se porta-voz do varguismo.

Evidencia-se, portanto, que a imprensa teve sua liberdade cerceada em nome de uma ideologia e de um regime autoritário que, via coerção, pretendia criar uma comunidade nacional fundamentada na “brasilidade”.

Esta pesquisa insere-se na intersecção entre os campos da história política e da história cultural. A História Política foi bastante criticada pelos *Annales* por reduzir o campo do político aos grandes acontecimentos, a vida dos reis ou a decisões tomadas pelos principais líderes dos Estados Nacionais. No entanto, conheceu renovações que trouxeram novos conceitos como representação e imaginário, por exemplo.

Roger Chartier assinala que “as representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre

⁶ CAPELATO, Maria Helena Rolim & PRADO, Maria Lígia. *O bravo matutino. Imprensa e ideologia no jornal O Estado de S. Paulo*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1980, p. XIX.

determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza”.⁷

No que se refere ao jornal *O Estado de S. Paulo*, os proprietários do periódico divergiam dos projetos do presidente Getúlio Vargas. No livro *A Universidade da Comunhão Paulista*, Irene R. Cardoso mostra de que forma o “grupo do Estado” atuou,⁸ politicamente, na criação da Universidade de São Paulo e quais as dimensões que o projeto de poder desse grupo atingia.⁹ Nesse sentido, a relação entre os proprietários do jornal e políticos e intelectuais que formavam esse grupo era de dissensão no que concerne à política varguista e, como recorda o autor francês, “as lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo se impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio”.¹⁰ A candidatura de Armando Salles de Oliveira para presidente da República representou o ápice das pretensões dessa elite paulista que se viu derrotada com o golpe de novembro. Apesar de apoiar algumas das ações do governo, como a luta contra o comunismo em 1935,¹¹ a partir do golpe, limitou-se a liberdade de expressão e os opositores sofreram as consequências de sua ação política. Júlio de Mesquita Filho, que já conhecera o exílio em 1932, devido a sua participação na Revolução Constitucionalista, partira novamente, em novembro de 1938, rumo à Paris.

Entretanto, mesmo exilado, o jornalista enviava diretrizes que se referiam aos problemas nacionais e internacionais e tentava ampliar sua rede de relacionamentos

⁷ CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, p. 17.

⁸ De acordo com a autora, “Na década de 20, enquanto Júlio de Mesquita era ainda diretor-presidente de *O Estado de S. Paulo*, Júlio de Mesquita Filho era secretário do jornal (cargo que assumiu em 1921) e Francisco Mesquita, seu irmão, gerente. Os redatores principais eram Nestor Rangel Pestana e Júlio de Mesquita Filho. Armando de Salles Oliveira já era um dos diretores da Sociedade Anônima desde 1914, ao lado de Júlio de Mesquita, pai. Com a morte deste, em 1927, Armando de Salles Oliveira tornou-se presidente da empresa e Júlio de Mesquita Filho, diretor do jornal. São redatores, nesta época, Plínio Barreto, Paulo Duarte, Léo Vaz, Amadeu Amaral e Vivaldo Coaracy. Fernando de Azevedo ingressou na redação em 1923, permanecendo até 1926”. In: CARDOSO, Irene. R. *A Universidade da Comunhão Paulista*. São Paulo: Cortez, 1982, p. 43. Pode-se afirmar que o núcleo do grupo não se alterou profundamente na década seguinte uma vez que praticamente todos os nomes citados permaneceram atuantes no periódico ou por meio dele.

⁹ CARDOSO, Irene. R. *Op. cit.*

¹⁰ CHARTIER, Roger. *Op. cit.*, p. 17.

¹¹ Segundo Nelson Jahr Garcia, “o assalto à legalidade resultou da construção de uma visão caótica da sociedade brasileira, apoiada no clima de tensão, fomentado desde 1935, e na crise econômica que o país atravessava, o que parecia suficiente para justificar medidas autoritárias e repressivas”. In: GARCIA, Nelson Jahr. *Estado Novo. Ideologia e propaganda política*. São Paulo: Edições Loyola, 1982, p. 76.

políticos com personalidades americanas, após a estada na França. Dessa forma, as idéias que os colaboradores defenderam nos comentários publicados a partir de abril de 1938 foram emitidas por ele antes da ocupação do jornal. Dessa data em diante, o periódico passara a órgão diretamente ligado ao Estado, e, apesar da censura e da presença de um diretor sob as ordens do Departamento de Imprensa e Propaganda, as idéias de cunho abertamente democrático e antitotalitárias se mantiveram.

Não se pode esquecer, porém, que a essência do texto jornalístico é a efemeridade, a transitoriedade, a velocidade com a qual o autor é obrigado a construir suas reflexões. O desafio, neste caso, era escrever ainda sobre o impacto dos acontecimentos e traçar considerações analíticas a respeito do assunto abordado. Vitórias retumbantes, cercos mortíferos, novos armamentos, tudo comentado criticamente por uma série de jornalistas que tinham o ônus de espreitar o desconhecido. Nesse sentido, apropriando-se da definição que A. Piccarolo deu aos artigos escritos por F. Nitti, reunidos em livro, cuja introdução ficou sob sua responsabilidade, os comentários “fotografam um passageiro modo de ser da política internacional”.¹²

Pretende-se analisar, por meio dos comentários publicados pelo jornal *O Estado de S. Paulo*, os rastros deixados pelos colaboradores que, durante os anos de 1938 a 1945, interpretaram os acontecimentos do campo internacional como transformadores da realidade interna. Nesse sentido, não se trata de estudar os fatos que marcaram a Segunda Guerra Mundial, mas sim de demonstrar de que modo os articulistas construíram imagens que se firmaram ao longo do tempo e que destoavam, em grande medida, das diretrizes propugnadas pelo Estado Novo.

Nesse período, no qual segundo Karl Dietrich Bracher, “la política se convirtió en comunicación en el sentido de que la formación de una opinión pública, através de los médios masivos de comunicación, ha adquirido una importancia decisiva y de hecho hace historia en manos de políticos hábiles”,¹³ ter um espaço dedicado à análise dos acontecimentos inter(nacionais) possibilitava aos editorialistas a continuidade do embate contra o governo centralizador.

¹² PICCAROLO, A. IN: NITTI, Francesco. *Problemas contemporâneos*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1933.

¹³ BRACHER, Karl Dietrich. *La era de las ideologías*. Buenos Aires: Editorial de Belgrano, 1989, p. 10.

Assim, a partir dessa premissa, pretende-se verificar quais as representações que parte da elite paulista, reunida no jornal, construiu a respeito do(s) contexto(s) de crise que o mundo vivenciou nas décadas de trinta e quarenta uma vez que, como assinalou Tânia Regina de Luca,

Ainda que tivessem adentrado o mundo dos negócios, os jornais não deixaram de se constituir em espaço privilegiado de luta simbólica, por meio do qual diferentes segmentos digladiavam-se em prol de seus interesses e interpretações sobre o mundo. Não por acaso, os vários órgãos da grande imprensa distinguiam-se pelo seu matiz ideológico, expresso nas causas e no público que pretendiam atingir.¹⁴

A pesquisa iniciou-se com o exemplar de 20 de abril de 1938 quando, pela primeira vez, publicaram-se, com destaque gráfico, considerações sobre a situação internacional. A partir dessa data, esse tipo de recurso tornou-se diário, com breve interrupção apenas nos meses de janeiro e fevereiro de 1939, período em que figuraram no matutino esporadicamente.

Na grande maioria das vezes, tais informações eram alocadas na última página, ainda que, circunstancialmente, aparecessem na de abertura.¹⁵ A localização no interior da página, por sua vez, era fixa, conforme se observa nas figura em anexo (ver figura 01). Nesse momento, a paginação era feita com nove colunas dispostas paralelamente. Observe-se que o destaque deriva da junção de quatro ou três colunas em apenas duas, o que, de imediato, chamava a atenção do leitor e configurava o que poderia ser denominado de uma espécie de quadro.¹⁶ Roger Chartier, ao estudar os textos e a história da leitura assevera que “é necessário recordar vigorosamente que não existe nenhum texto fora do suporte que o dá

¹⁴ LUCA, Tânia Regina. “A grande imprensa na primeira metade do século XX”, IN: LUCA, Tânia Regina; MARTINS, Ana Luiza. *Op. cit.*, p. 158.

¹⁵ Ao analisar a literatura de cordel e as imagens que compunham os livros, Roger Chartier afirmou, sobre o lugar em que essas figuras foram inseridas: “colocada na última página, a imagem tem outra função, uma vez que permite fixar e cristalizar, em torno de uma representação única, aquilo que foi uma leitura entrecortada e muito fracionada. Fornece, assim, a memória e a moral do texto”. Dessa forma, não parece exagerado afirmar que os quadros publicados pelos colaboradores poderiam ser tomados como um espaço em que as desorganizadas notas acerca dos acontecimentos internacionais, que compunham a primeira página do jornal, eram ali analisadas e que simbolizavam essa “moral do texto”, de que fala o autor francês.

¹⁶ Vale lembrar que, como têm afirmado vários estudiosos da área da história dos livros e da leitura, o suporte não é inocente. Segundo Chartier, por exemplo, “um romance de Balzac pode ser diferente, sem que uma linha do texto tenha mudado, caso ele seja publicado em um folhetim, em um livro para os gabinetes de leitura, ou junto com outros romances, incluído em um volume de obras completas”. In: CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Unesp/Imprensa Oficial do Estado, 1999, p. 138.

a ler, que não há compreensão de um escrito, qualquer que ele seja, que não dependa das formas através das quais ele chega ao seu leitor”.¹⁷ Às vezes, esse quadro, costumeiramente publicado abaixo do título do jornal, era deslocado para a parte inferior da página, sem, todavia, abandonar o seu centro. (Ver figura 03).

De 20 de abril de 1938 a 01 de dezembro de 1942 foram publicados 1347 quadros que, até 17 e maio de 1939, não foram assinados. Na edição subsequente (18 de maio), surgiu o primeiro quadro assinado e, daí em diante, nota-se alternância entre assinados e não assinados. Na amostra estudada 1067 (79,21%) não identificaram autoria e 280 (20,79%) o fizeram.

Dentre os colaboradores que podem ser identificados havia:

- autores brasileiros e estrangeiros residentes no Brasil
- notícias de agências internacionais, tais como Havas, Reuters e United Press, cujos autores eram devidamente identificados e também artigos de líderes e de personalidades do cenário internacional, distribuídos por essas agências. Do ponto de vista quantitativo, tal material era o mais representativo. Anexo, apresenta-se o rol completo dos colaboradores em função do número de vezes que figuraram no matutino.

Pelo exposto, pode-se inferir que a maior relevância estava nos quadros não-assinados. Vale lembrar que, dentre os textos que têm autoria indicada, há somente um autor brasileiro (Affonso de Carvalho) e nenhum jornalista que participava do núcleo do jornal. Nesse sentido, conclui-se que a grande maioria dos textos estava a cargo da redação do periódico, a essa época dirigido por Leo Vaz e tendo como redator chefe Plínio Barreto. Após a ocupação do matutino, em março de 1940, a incumbência de escrever sobre os acontecimentos da esfera internacional permaneceu com a redação. Isso porque, em flagrante tensão com os editoriais, que eram escritos ou supervisionados mais rigidamente pelo novo diretor, Abner Mourão, os comentários continuaram a apresentar os mesmos temas durante a intervenção protegidos, talvez, pela aparente distância da realidade brasileira que os textos aparentavam.

¹⁷ CHARTIER, Roger. *Op. cit.*, 1990, p. 127.

Em algumas oportunidades, os temas tratados configuram verdadeiras séries, já que eram retomados seguida e continuamente em várias edições. Dentre os colaboradores brasileiros, o Major e depois Tenente-Coronel Affonso de Carvalho, que figura com 24 textos assinados, foi o que mais vezes colaborou com a narrativa de sua viagem ao continente europeu. Ele dirigia a revista *Nação Armada*, cujo primeiro número foi publicado em 1938 e que reunia diversos setores da sociedade tais como padres, intelectuais, além de representantes do Exército, em torno do tema da segurança nacional. Affonso de Carvalho era, segundo Paulo Duarte, um admirador da Alemanha. No livro *Prisão, exílio, luta...escrito como “síntese das minhas atividades contra a ditadura”, o autor afirma que ele seria “um militar inteiramente devotado aos nazis”*.¹⁸

No que concerne ao material vindo do exterior, os editores selecionaram e reproduziram largos trechos dos escritos de Hermann Rauschning, extraído do livro *Hitler me disse*; de Ralph Ingersoll, que viajou à Inglaterra e de lá remetia artigos intitulados *Londres sob os bombardeios alemães*; e o relato de James Roosevelt a Isabel Leighton e Gabrielle Forbush, *Meu filho Franklin*.

É importante notar que todas essas iniciativas guardavam relação direta com o momento que se atravessava nas relações internacionais. Assim, os escritos de Hermann Rauschning foram publicados entre janeiro e fevereiro de 1940, data em que a guerra estacionara na frente ocidental, apresentando aqueles que o autor julgava serem os principais objetivos do chanceler alemão. A série *Londres sob os bombardeios alemães*, publicada entre dezembro de 1940 e março de 1941 informava, a partir do testemunho ocular, quais as conseqüências dos ataques da *Luftwaffe*, a reação da população londrina aos ataques, as agruras da vida cultural, social e política inglesa nesse momento crítico em que a Inglaterra lutava sozinha contra a Alemanha.¹⁹

E, por último, *Meu filho Franklin*, que veio à público entre outubro e dezembro de 1941, objetivava demonstrar a formação da personalidade do presidente dos Estados Unidos, figura chave para o desenrolar dos acontecimentos mundiais.²⁰ Chama a atenção o fato de a ocupação do jornal pela polícia varguista, em 25 de março de 1940, não haver

¹⁸ DUARTE, Paulo. *Prisão, exílio, luta...*Rio de Janeiro: Zélio Valverde, 1946, p. 231-232.

¹⁹ No artigo que encerra a série, Ralph Ingersoll conclui, a partir do que assistiu, que “a batalha travada de oito a quinze de setembro, longe de haver provocado a debilidade da Inglaterra, significou a primeira derrota de grande envergadura infligida a Hitler em oito anos”. In: *O Estado de S. Paulo*, 13 mar. 1941, p. 01.

²⁰ A série foi retomada em 1942, quando se voltou a publicar excertos da mesma obra.

modificado nem a estrutura nem o conteúdo dos quadros: a estratégia gráfica, a frequência e os colaboradores permaneceram os mesmos em 07 de abril, quando o matutino voltou às ruas.

Antes de discutir a origem e o conteúdo dos quadros publicados, é importante esclarecer como o próprio periódico se referia a esse material. Ao mencionar informação ou análises publicadas em números anteriores, os responsáveis valiam-se dos termos “boletim” (01 vez), “notas” (01 vez), “artigo”, (08 vezes), “artiguete”, (09 vezes) e “comentários” (17 vezes), o que mostra certa indecisão quanto à forma de intitular esse material diversificado e de difícil classificação pelos próprios jornalistas envolvidos na sua construção.

Vale destacar que essa forma de dar conta da realidade dos problemas do campo político internacional era muito diferente dos famosos *Boletins Semanais*, publicados durante a Primeira Guerra Mundial e que foram escritos exclusivamente pelo proprietário do jornal, Júlio de Mesquita. Os quadros, por sua vez, distinguiam-se pelo seu conteúdo variado, tanto podiam comentar discursos de chefes de Estado, notícias de outros jornais e transmissões radiofônicas das agências internacionais, livros, que direta ou indiretamente, tratavam da guerra e seus protagonistas.

Pode-se indagar porque, em 1938, o jornal se impôs a iniciativa de interpretar os acontecimentos internacionais. A justificativa foi exposta no primeiro comentário, datado de 20 de abril, no qual assinalava:

(...) tão complexos, variados, inesperados, surpreendentes se sucedem atualmente os acontecimentos mundiais, que nem sempre será possível à maioria dos leitores, naturalmente solicitados por outras preocupações, reter e coordenar tantos e tão díspares notícias, em uma síntese diária, que os instrua e lhes aproveite por forma mais duradoura. Assim, e sem descuidar da parte meramente informativa, que terá o volume e a variedade de sempre, vamos oferecer doravante aos leitores, em notas como a que abaixo se insere, comentários aos casos mais significativos ou palpitantes da vida internacional, buscando por essa forma complementar uma seção que já de si tantas e honrosas referências nos tem merecido. Entregues esses comentários a colaboradores nossos, de toda competência e idoneidade, estamos certos de que os nossos leitores saberão avaliar condignamente mais este esforço que fazemos afim de continuar a corresponder à preferência com que tão cativamente nos distinguem.²¹

²¹ “Roosevelt e as eleições”. In: *O Estado de S. Paulo*, 20 abr. 1938, p. 14.

As características que os comentários assumiram durante todo o período estudado foram aqui delineadas. Os leitores, absorvidos pelas tarefas diárias, não teriam tempo para “reter e coordenar” as notícias internacionais que estavam sob a responsabilidade de autores que os proprietários do jornal confiavam plenamente (“competentes” e de “idoneidade” insuspeitável). O argumento apresentado para justificar a iniciativa não pode ser dissociado dos interesses dos responsáveis pela publicação. Afinal, cortar, selecionar, destacar e ordenar não são tarefas isentas de intencionalidade. Trata-se de apresentar aos leitores uma dada apreensão dos fatos, que não se dissocia de uma visão de mundo, interiorizada e compartilhada com o grupo social que gravita em torno do periódico. Assim, os responsáveis pelo matutino tomaram para si o trabalho de organizar, reordenar e produzir uma “síntese” que viesse “complementar” a “seção” de notícias internacionais, que já existia. Não se tratava de fornecer novas informações, mas sim de (re)interpretar e apreender o contexto externo analiticamente,²² oferecendo ideias prontas a serem absorvidas sem questionamentos.

É importante ressaltar que os quadros diferiam das notícias esparsas e dispostas caoticamente nas páginas do jornal: por sua configuração gráfica, antes convidavam o leitor a recortar e guardar o material para posterior consulta. Note-se que a estratégia gráfica adotada pelos responsáveis ensinava que o texto fosse lido, recortado e guardado e, quiçá lido por outros, o que talvez confira a estes textos uma relevância maior do que a dos próprios editoriais que, possivelmente, eram descartados após a leitura.

Pode-se perguntar porque os responsáveis pelo jornal apostariam nesta iniciativa e que finalidades os moviam. As rápidas alterações no quadro externo justificariam tal decisão? Pode-se supor que a realidade interna também conferia ao período singularidade ímpar.²³ O Brasil, presidido por Getúlio Vargas, vivia sob o Estado Novo, regime de força no qual as liberdades democráticas foram seriamente restringidas.

²² O apelo à relevância do jornal no que concernia, principalmente, à sua atuação como organizador dos complexos acontecimentos que convulsionavam as relações internacionais não foi exclusividade dos comentários. Em outras páginas, durante a ocupação do matutino, publicaram-se imagens que sugeriam essa ideia. Ver, anexo, a figura 04.

²³ Como assevera Pierre Milza, “crise dos valores, política interna e política externa mesclavam-se de forma complexa”. In: ²³ MILZA, Pierre. “Política interna e política externa”. IN: RÉMOND, René. *Op. cit.*, p. 373.

Os responsáveis pelo jornal tinham que amargar aqui e além fronteiras a ascensão e o triunfo de regimes políticos que, em tese, sempre combateram. O *bravo matutino* via seus princípios mais caros ameaçados. A fim de interpretar e transmitir pedagogicamente aos leitores sua visão de mundo, os responsáveis pelos comentários trataram dos mais variados temas e assuntos. É importante ressaltar que, como toda pedagogia, as análises eram construídas a partir de velhos e arraigados preconceitos – como o posicionamento radical contra a Revolução Russa e seus resultados – e transmitiam os valores e ideologias pelos quais propugnavam.

Esses preconceitos, valores e ideologias chegavam ao leitor por meio dos escritos e das temáticas selecionadas. As principais foram: a polarização democracia versus totalitarismo, a guerra e suas batalhas, a posição dos Estados Unidos e do continente americano diante do conflito e o futuro do Brasil e do mundo no pós-guerra. Na seqüência, intenta-se mostrar como e de que modo essas temáticas foram construídas.

O primeiro capítulo, “*O Estado de S. Paulo e a defesa da democracia liberal (1938-1940)*”, está subdividido entre: “Representações do político: a polarização democracia liberal versus totalitarismo” e “Os Estados Unidos e a América: as representações do processo de envolvimento do continente no conflito”. Nele, pretende-se mostrar, como os colaboradores apreenderam e construíram uma imagem do mundo dividido entre estas duas concepções políticas que se relacionavam diretamente com a situação brasileira e evidenciar o modo como os articulistas interpretaram esses dois momentos de hegemonia alemã no campo internacional.

O segundo capítulo, “*O Estado de S. Paulo sob ocupação: permanência dos discursos (1940-1942)*”, subdivide-se em outras três partes: “A queda da França”, “A batalha da Inglaterra” e “A invasão da União Soviética”. Nesta parte, intenta-se demonstrar como o periódico sustentava idéias políticas que se coadunavam com as tradicionais posições de *O Estado de S. Paulo* tais como a postura anticomunista e a defesa de um viés liberal democrático no que se referia às relações internacionais do Brasil. No terceiro capítulo, “*O Estado de S. Paulo: o debate em torno do pós-guerra (1942-1945)*”, subdividido em duas partes: “Temáticas da guerra” e “O Brasil e o futuro”, pretende-se mostrar como os textos se tornaram cada vez mais contundentes na defesa do regime estadonovista num

momento de luta pela redemocratização e de derrota dos totalitarismos na guerra. A periodização se justifica uma vez que para os colaboradores após as derrotas em Stalingrado e na África, o destino do Eixo estava selado. Nesse sentido, espera-se que os comentários apresentem ao leitor argumentos que discorram sobre a vitória das democracias e que contribuam, dessa forma, para o retorno da democracia no Brasil, que ocorre justamente por conta desta vitória.

Capítulo I: *O Estado de S. Paulo* e a defesa da democracia liberal (1938-1940)

1.1) Representações do político: a polarização democracia liberal versus totalitarismo

Tanto a França como a Inglaterra reconhecem estar diante de uma situação semelhante à que a Europa teve de enfrentar quando das amotinadas massas de 89 surgiu a figura de Napoleão Bonaparte.
Júlio de Mesquita Filho, Democracia versus Totalitarismo.²⁴

Eu me implico solenemente com esse cumprimento coercitivo (que eu não exerci uma só vez) de um levantar de braços, dizendo *Heil Hitler*. Entretanto estive pensando numa coisa. Já que tanto arremedamos o estrangeiro, podíamos adotar coisa parecida no Brasil: dar uma banana e dizer: Getúlio!
Paulo Duarte em visita à Alemanha.²⁵

(...) Em suma, soube o cordeiro enfrentar energeticamente o lobo. E no caso – acrescentamos com o máximo prazer – o valente e honrado cordeiro é nada mais nada menos que uma democracia cem por cento.²⁶

²⁴ Democracia versus totalitarismo. In: *O Estado de S. Paulo*, 09 abr. 1939, p. 04.

²⁵ DUARTE, Paulo. *Memórias: Miséria universal, miséria nacional e minha própria miséria*. São Paulo: Hucitec, 1978, v. 07, p. 95.

²⁶ A Suíça, sentinela dos Alpes. In: *O Estado de S. Paulo*, 25 ago. 1938, p. 16.

O “grupo do Estado”, ao qual Armando Salles de Oliveira pertencia, pode colocar em prática seu projeto político-cultural, manifesto na inauguração da Universidade de São Paulo, que tinha por finalidade formar as novas classes dirigentes de que o país necessitava.²⁷ Além disso, com esse cargo de ampla visibilidade, pretendiam chegar à presidência da República, à qual Armando Salles de Oliveira se candidatou, em 1937, na expectativa de que nas eleições que a Constituição de 1934 estabelecera para 1938, ele se sagrasse vencedor.

Todavia, as tensões recrudesceram. A tentativa frustrada dos comunistas de tomar o poder em 1935, no episódio que, pejorativamente, ficou conhecido como *Intentona*, foi utilizada por Getúlio Vargas para mobilizar as forças conservadoras que apoiavam seu governo. Em 1937, o próprio Getúlio, ao descrever os problemas no que concernia às eleições comentou em seu diário, a 20 de abril: “há uma acentuada fase de atividade política”.²⁸

Um plano que simulava outra ação política por parte dos comunistas foi forjado pelo capitão do Exército brasileiro Olímpio Mourão Filho e,²⁹ por meio dele, justificou-se as medidas restritivas por parte do governo, no meio da batalha eleitoral.³⁰ Todos se voltavam para o Exército que, desde 1889, tornou-se uma instituição cujo apoio era fundamental para

²⁷ Cf CARDOSO, Irene R. *Op. cit.* Ainda segundo a mesma autora, “na construção de Júlio de Mesquita Filho o espírito da Universidade aparece como baluarte na defesa contra o totalitarismo de direita, pois só assim contrastado pode aparecer como defensor da liberdade do pensamento e de expressão”. *Idem*, p. 19.

²⁸ VARGAS, Getúlio. *Diário*. Rio de Janeiro: FGV, 1995, v. II (1937-1942), p. 36.

²⁹ Frank D. McCann, ao estudar a participação do Exército no processo que culminou no golpe de novembro afirmou que o capitão era “integralista desde 1932, organizador da milícia paramilitar do partido, membro da câmara dos quatrocentos e, em 1937, chefe do serviço secreto integralista. E ele também estava a serviço do setor de inteligência do Estado-Maior do Exército! O capitão redigiu o documento que se tornou o Plano Cohen como uma simulação de golpe de estado comunista para um exercício defensivo dos integralistas. Plínio Salgado rejeitou-o para uso do partido por julgá-lo fantasioso demais. Mas o chefe do Estado-Maior do Exército, Góis Monteiro, aproveitou parte desse documento como justificativa para solicitar ao Congresso que tornasse a decretar o estado de guerra”. In: MCCANN, Frank. D. *Soldados da Pátria. História do Exército Brasileiro (1889-1937)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 525. O autor assinala, ainda, que a partir do golpe, “o Exército, nas pessoas de seus altos oficiais, fundamentou para a instituição o direito de ser o moderador nacional”. *Idem*, p. 547.

³⁰ Stanley E. Hilton demonstrou que a ameaça comunista foi determinante para a justificativa das ditaduras implantadas no Brasil entre 1937-1964. Segundo ele, “Had it not been for the Soviet threat, in all probability there would have been no Estado Novo, the eight-year dictatorship launched in November 1937, which constituted a forerunner for the authoritarian, military government installed twenty-seven years later”. In: HILTON, Stanley. *Brazil and the soviet challenge 1917-1945*. Texas: University of Texas Press, 1991, p. xi.

o equilíbrio e a sustentação dos regimes.³¹ Ao recordar esses dias turbulentos, Paulo Duarte, integrante do grupo, assinalou:

Sempre os militares inquietando a Nação num momento em que se dava a prova mais segura e que nada perturbava a calma do País, que apenas manifestava o seu entusiasmo pelas próximas eleições. Eu continuava a ter razão na tese que Julinho contestava: a perniciosidade da política militar. (...) desde a Proclamação da República, todas as inquietações políticas e sociais tinham a sua fonte nos quartéis.³²

Vale destacar que o discurso antimilitarista não foi uma característica desse período. Sueli Robles de Queiroz, ao estudar os jacobinos no surgimento da República, citou um trecho do editorial d'*O Estado de S. Paulo* de 1897 que guarda profunda semelhança com o discurso de Paulo Duarte. No texto, encontrava-se:

O espantinho do militarismo paira sobre o povo como uma densa nuvem branca. Fantasiam-se conflitos, sonha-se com rebeliões e revoltas, receia-se a timidez do governo e igualmente se receia de sua parte qualquer ato de energia! Positivamente não há razões para este estado anômalo dos espíritos, mas do mesmo modo, não há razões que consigam desvanecer neles as apreensões que os preocupam constantemente. Antes de tudo, o que a República precisa é prestigiar-se, é afastar do governo do Brasil a nota de instabilidade que lhe querem atribuir, mas, por fatalidade, sempre que as coisas tomam uma direção favorável, vem um incidente de caráter militar desviar essa direção.³³

A dez de novembro, Getúlio Vargas fechou a Câmara e o Senado Federal e, por meio de discurso à Nação, inaugurou o Estado Novo. Para seus colaboradores, o Brasil não

³¹ Segundo Eli Diniz, os militares foram “atores fundamentais na implantação e sustentação do Estado Novo”. Para ela, o Exército seria “um importante componente de um processo de centralização política, cujas dimensões transcenderiam os limites da corporação militar. Seria mais um ator, de peso não pouco expressivo, no questionamento do regime político liberal, considerado pelas novas lideranças militares como fator básico da indisciplina e fragilidade da organização durante a República Oligárquica”. DINIZ, Eli. “O Estado Novo. Estrutura de poder, relações de classes”, IN FAUSTO, Boris (dir). *História Geral da Civilização Brasileira. O Brasil Republicano. Sociedade e Política (1930-1964)*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997, tomo 03, v. 03, pp. 98, 118, respectivamente.

³² DUARTE, Paulo. *Memórias: ofício de trevas*. São Paulo: Hucitec, 1977, v. 06, p. 01. Armando Salles de Oliveira também recorreu ao Exército. Escreveu um manifesto que, “endossado pela União Democrática Brasileira era dirigido ‘aos chefes militares do Brasil’. (...)”. Nesse documento, dizia o candidato : “Confio na palavra dos chefes militares que assumiram compromissos de honra com a nação. Ao Exército e à Marinha cumprirá montar guarda às urnas e velar por que o país obtenha nelas um governo de autoridade – de irrecusável autoridade moral, ao qual darão depois o seu firme apoio não só para a luta contra os totalitários, como para a obra de organização do Brasil. (...) A Nação está voltada para os seus chefes militares: suspensa, espera o gesto que mata ou a palavra que salva”. In: DUARTE, Paulo. *Op. cit.*, 1977, v. 06, pp. 54-56.

³³ *O Estado de S. Paulo*, 29 maio 1897, p. 01, APUD QUEIROZ, Sueli Robles Reis. *Os radicais da República*. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 53.

poderia ficar à mercê das disputas políticas mesquinhas, dos conchavos entre estados que pretendiam a hegemonia de todo o país. Era necessário unificar novamente o Brasil. Para demonstrar isso, realizou-se uma cerimônia no Rio de Janeiro, na Praia do Russel, na qual se queimaram todas as bandeiras estaduais, em sinal do fim dos partidarismos e do surgimento de um Brasil forte e coeso.

Para os derrotados, o país caminhava para o campo totalitário, inserindo-se na órbita dos regimes de força, que não se pautavam pelos princípios que a Revolução Francesa estabelecera e tampouco pelo liberalismo, tão condenado pelos ditadores europeus. O fracasso político redundante do golpe condensou os representantes do grupo paulista na condição de opositores ao Estado Novo.

Por meio das memórias deixadas por Paulo Duarte pode-se entender melhor os diversos significados e sentidos assumidos por essa oposição se traduziu e, ainda, compreender como ocorreram as cooptações de intelectuais e órgãos da imprensa que se adequaram à nova orientação política do Brasil. Segundo ele,

A vaga de adesões se engrossa com os mais expressivos nomes de defensores da dignidade de São Paulo...E o ‘Correio Paulistano’, com o mesmo entusiasmo patriótico com que se batia pela liberdade, bate-se agora por Getúlio...(...) publica todos os dias os telegramas enviados pelos seus correligionários ao chefe do governo fascista...³⁴

O jornal *Correio Paulistano* era dirigido por Abner Mourão e, durante a Revolução de 1930, permaneceu fiel ao governo de Washington Luís e condenou os revoltosos que propunham a entrega do poder a Getúlio Vargas. Essa mudança de perspectiva, de opositor a colaborador com o regime nascente teve conseqüências funestas para o jornal *O Estado de S. Paulo*, pois, em 1940, Abner Mourão foi designado para assumir o cargo de diretor do

³⁴ DUARTE, Paulo. *Op. cit.*, 1977, v. 06, p. 85. Dentre os intelectuais que aderiram estava Menotti Del Picchia, severamente criticado por Duarte. Segundo o ex-deputado paulista: “Para muitos se constituiu surpresa a adesão de Menotti del Picchia dada através de um artigo no Diário de S. Paulo (jornal de Chateaubriand), no dia 1 de dezembro, escrito com a tinta do conformismo. Uso raramente um palavrão, mas casos há em que só a coprolalia ou a coprografia podem exprimir-se com bastante precisão. E aí está um caso típico. o Menotti não é conformista por necessidade imposta pela miséria ou pela desgraça. É por temperamento. E ei-lo, engavetando a volúpia com que cortejava o Armando, para vestir a túnica encardida da subserviência sem convicção. Diz ele que o Estado Novo fez o milagre de instituir tudo quanto a sua famosa ‘Bandeira’ preconizava. E vai por aí naquele tom que a gente não sabe se compromete mais o bajulador ou o bajulado. Eu tinha razão por não acreditar nessa ‘Bandeira’. Certamente fará carreira. Muitos ficaram surpreendidos. Eu me surpreenderia se se desse o contrário. E até ele demorou muito para retratar-se outra vez...O seu manifesto até pelo título se revelava: ‘Brasil Novo’...”. IN: DUARTE, Paulo. *Idem*, p. 86.

jornal ocupado. E vale lembrar que, em 1930, o *Estado* bateu-se pela Revolução.³⁵ Outro aspecto dessa complexidade é a que se evidenciou do suporte, ainda que, em alguns casos, involuntário, recebido pelo governo dos partidos paulistas. Segundo Plínio de Abreu Ramos,

(...) todos os partidos foram cúmplices do golpe de 10 de novembro: o PRP, porque apoiou a ditadura em troca da interventoria paulista, do Ministério da Agricultura e do Departamento Nacional do Café; o Partido Democrático, pelo fato de ter condicionado seu apoio ao regime discricionário de Vargas, em sua primeira fase, à indicação do professor Morato para os Campos Elíseos; o Partido Constitucionalista, pelas iniciativas que tomou, de elaborar, defender e justificar todos os atos de exceção que atormentaram a nação nos anos de 35 e 36, preparatórios de triunfo do Estado Novo.³⁶

Com a instauração de um regime de exceção não tardaram as retaliações ao jornal que Julio de Mesquita Filho dirigia desde a morte do pai, em 1927. Paulo Duarte citou o caso de Vivaldo Coaraci que pode ser interpretado como pródromo da ofensiva sofrida por elementos liberais no governo de exceção: “No dia seguinte, porém, veio um censor à redação do jornal para proibir definitivamente a colaboração de Vivaldo Coaraci...A violência e a estupidez dos caudilhos começa a entrar em casa...”³⁷

Todavia, aqueles que tiveram a trajetória política interrompida pelo golpe não permaneceram calados nem tampouco desarticulados. O grupo coordenava ações contra o governo recém instituído, tanto na legalidade quanto na clandestinidade. Uma dessas atividades era a publicação de um jornal de resistência intitulado “Brasil”, de responsabilidade de Paulo Duarte e Julio de Mesquita Filho. Segundo o ex-deputado paulista,

Nesse mês de janeiro aparecia por toda parte, principalmente em São Paulo, em Minas e no Rio, um pequeno jornal de oito páginas, muito bem impresso, ilustrado de fotografias e caricaturas, com o título de ‘Brasil’.(...) ‘Brasil’ era feito por Julio de Mesquita Filho e Paulo Duarte, auxiliados por um grupo de pessoas seguras encarregadas da sua distribuição...³⁸

A luta contra o governo prosseguiu em diversas frentes. Mesmo fora da disputa pelo poder, Armando Salles de Oliveira continuou seu trabalho político e confabulava com

³⁵ Cf. SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999, p. 371.

³⁶ RAMOS, Plínio de Abreu. *Os partidos paulistas e o Estado Novo*. Petrópolis: Vozes, 1980, p. 208.

³⁷ DUARTE, Paulo. *Op. cit.*, 1977, v. 06, p. 100.

³⁸ DUARTE, Paulo. *Op. cit.*, 1977, v. 06, p. 120-121.

personalidades contrárias ao governo cada vez mais autoritário de Getúlio Vargas. Paulo Duarte afirmou que ele, mesmo quando os incômodos da polícia tornaram-se freqüentes, se encontrava diariamente com o ex-candidato a presidente. Nas suas palavras, Armando estava

(...) disposto a trabalhar duro contra a ditadura, seja em que condições for. E ele, a não se caso fortuito, acabará mesmo dirigindo o Brasil. Para isso, está constituindo equipes. Todos os problemas nacionais, ou grande número deles, já começaram a ser estudados, sob a direção de pessoa altamente competente, como os problemas econômicos estão com o Clóvis Ribeiro. Acaba ele de me designar para os problemas culturais. O Instituto Nacional de Cultura acha-se cada vez mais a caminho. Já convoquei, pedindo estudos e artigos, diversas pessoas. Almeida Júnior, Fernando Azevedo, Anísio Teixeira, Julinho e Chiquinho Mesquita, Henrique da Rocha Lima, Dreyfus, o grupo do Departamento de Cultura, o grupo de professores estrangeiros, Lauro Travassos, Álvaro Miguel Osório de Almeida e outros; a todos já escrevi pedindo determinados estudos e pesquisas, sob o pretexto de um inquérito sobre sistemas educativos e culturais, para o 'Estado'. Se a oportunidade vier logo, estaremos preparados.³⁹

Nas memórias de Paulo Duarte a situação brasileira foi articulada aos acontecimentos que marcaram o cenário político internacional na década de 1930. Não hesita em caracterizar o ambiente local como nojento. Veja-se, a título de exemplo, sua análise sobre a União Soviética de Josef Stalin:

É realmente uma coisa horrorosa o que se passa na Rússia atualmente. Stalin liquida os últimos construtores do regime comunista. Agora, Vichinsky, Procurador da Justiça manda para o fuzilamento as figuras de Rykov, Bukharine, Krestin, Rakovsky, Yagoda e outros. As acusações são todas mentirosas e Vichinsky sorri sinistramente quando os acusados, certamente dopados, se comprometem nos seus depoimentos. O governo fascista de Vargas convidou o democrata Osvaldo Aranha para seu ministro do exterior e o democrata Osvaldo Aranha aceitou...⁴⁰

Após inúmeras prisões, Paulo Duarte foi para o exílio, juntamente com Julio de Mesquita Filho. Dos amigos recebia correspondência, narrando a situação brasileira, como a enviada por Sérgio Milliet, que se referiu à desordem que reinava no *Estado* que “tem diretores demais e nenhum chefe. Todos mandam e ninguém manda e o que manda menos ainda é o redator-chefe do jornal, o Léo”.⁴¹

³⁹ *Idem*, p. 285.

⁴⁰ DUARTE, Paulo. *Op. cit.*, v. 06, p. 169.

⁴¹ *Idem*, p. 119.

A situação motivou missiva de Julio de Mesquita Filho ao irmão, Francisco Mesquita, na qual demonstrava preocupação com os rumos que o matutino tomava:

Chiquinho. Há tempos estava para escrever para você e ao Charlot, a respeito do *Estado*. Não o fiz, entretanto, devido à minha situação de exilado e por não querer dar a impressão de que mesmo de longe pretendia fazer valer os meus pontos de vista. Pensando melhor, porém, resolvi passar por cima dos escrúpulos, para expor algumas falhas que me parecem demasiadas. (...) A colaboração do *Estado* andava ultimamente elevada demais, não há duvida. Isso não quer dizer, entretanto, que a rebaixemos às condições do Diário de S. Paulo ou Folha da Manhã. Não vai nisso nenhuma censura ao nosso Léo, ao qual, você, de maneira nenhuma deve mostrar essa carta. Mas ele é por natureza cético e incapaz de esforço e incômodos a que não pode fugir o diretor que queira manter as posições de elevação e cultura do Estado.⁴²

A carta mostra que, mesmo exilado, Julio de Mesquita Filho preocupava-se com as diretrizes do seu jornal. Os problemas decorrentes da censura e da desorganização transparecem em outra carta que enviou à esposa, Marina Mesquita, na qual, comentava:

Antes de terminar: a rotogravura do Estado publicou um quadro do Teodoro Braga, indivíduo sem valor algum e nosso ferrenho inimigo, pois foi um dos signatários da petição inicial do processo-crime que o Lopes Leão e outros moveram contra mim. Não é a primeira vez que vejo coisas dessa no Estado. É triste para mim e desmoralizante para o jornal. Então, quem está a frente da redação não sabe quais são os nossos inimigos e quais os amigos?⁴³

No entendimento de Julio de Mesquita Filho, assim como no de Paulo Duarte, o Exército desempenhava um papel deletério na política brasileira. De acordo com o primeiro,

(...) se o Exército quisesse compreender o seu verdadeiro papel e o significado profundo do momento histórico em que vivemos, o Brasil poderia estar hoje transformado numa das maiores forças morais da humanidade com certeza na única potência de primeira ordem da América Latina. Bastar-lhe-ia obrigar a nossa permanência dentro da política que nos estão a ditar todas as nossas tradições históricas e a execução não só das diretrizes diplomáticas que nos legou o barão do Rio Branco de íntima colaboração com os Estados Unidos, como das que, mais tarde um pouco, foram tão admiravelmente traçadas por Rui Barbosa na sua magistral conferência pronunciada na Faculdade de Direito de Buenos Aires,

⁴² *Ibidem*, p. 120-121.

⁴³ Carta a Marina Mesquita, Buenos Aires, 05 dez. 1939, IN: FILHO, Ruy Mesquita (org). *Cartas do exílio: a troca de correspondência entre Marina e Júlio de Mesquita Filho*. São Paulo: Terceiro Nome, 2006, p. 128. A partir daqui, citado como CE.

diretrizes que determinam a nossa entrada na guerra de 1914-1918 ao lado das democracias.⁴⁴

Julio de Mesquita Filho fez do exílio uma oportunidade de continuar a sua luta política. Ele considerava-se “em campanha e na obrigação de trabalhar sem descanso pela causa”.⁴⁵ Encontros com personalidades influentes de Washington, palestras em Universidades, artigos na imprensa mundial foram as armas que ele utilizou em sua “missão política”.⁴⁶

No Brasil, os responsáveis pelo jornal levavam a cabo a mesma luta contra o regime de novembro. Ela também se expressou por meio de quadros que, inseridos diariamente e em flagrante destaque, discorriam sobre os acontecimentos do campo político internacional e alertavam os leitores para os males dos totalitarismos, de direita e de esquerda. Desde abril de 1938, data em que o primeiro foi publicado, os comentários colocaram-se abertamente a favor dos regimes democráticos num contexto em que a polarização entre democracia e totalitarismo era candente.

A polarização foi um tema recorrente nas páginas do matutino. Para os colaboradores, essa tensão tornou-se o mote para explicar as constantes mudanças e rearranjos do cenário internacional. O jornal defendera, desde a sua fundação em 1875, uma democracia ancorada nos ideais liberais.⁴⁷ Todavia, em 1938, ano em que se iniciou a publicação dos comentários, o liberalismo político era um regime sob forte contestação.⁴⁸

Na Europa da década de 1920, assistiu-se ao fortalecimento dos regimes autoritários e, na seguinte, raros eram os países que professavam o liberalismo. De acordo com François Furet, “não existe antes do século XX governo ou regime ideológico. (...) Hitler,

⁴⁴ Idem, 14 fev. 1940, p. 139.

⁴⁵ Ibidem, 02 jun 1939, p. 112.

⁴⁶ *CE*, 26 maio 1939, p. 105-106.

⁴⁷ Não se pode esquecer, porém, que esse liberalismo defendido pelos responsáveis pela publicação, era, no entender de Maria Helena Capelato, autoritário. Segundo a autora, “o liberalismo é ao mesmo tempo democrático e autoritário”. In: CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Os arautos do liberalismo: imprensa paulista 1920-1945*. São Paulo: Brasiliense, 1989, p. 24.

⁴⁸ Segundo Ernst Nolte, os ataques do fascismo ao liberalismo e à democracia de partidos teve início bem antes dessa data. Já em 1922, segundo o autor alemão, “Mussolini hablaba con menosprecio em um artículo del ‘cadáver más o menos putrefacto de la diosa Libertad’, por encima del cual el fascismo volvería a pasar si fuera necesario”. IN: NOLTE, Ernst. *La crisis del sistema liberal y los movimientos fascistas*. Barcelona: Edicions 62, 1971, p. 94.

por um lado, e Lênin, por outro lado, fundaram regimes desconhecidos antes deles”.⁴⁹

Raymond Aron, por sua vez, escreveu que,

Os regimes não se tornaram totalitários por uma espécie de treino progressivo, mas sim a partir de uma intenção original: a vontade de transformar fundamentalmente a ordem existente em função de uma ideologia. Os traços comuns aos partidos revolucionários que chegaram ao totalitarismo, são a amplitude das ambições, o radicalismo das atitudes e o extremismo dos meios.⁵⁰

A crítica dos fascismos aos regimes liberal-democratas incidia, principalmente, sobre o sistema de partidos⁵¹ e a idéia de liberdade manifesta nestas sociedades. Segundo Karl Dietrich Bracher,

Comparado con ideologias estatísticas y socialistas más coherentemente autosuficientes, el liberalismo demostraba menor rigidez ideológica y mayor tolerância frente a otras corrientes. Esto concordaba, por supuesto, con su nombre y autoimagem, perto también lo hacía parecer inconsecuente y dispuesto a compromisos, oportunista y falta de principios. Su teoría económica perdió, además, mucho de su validez con la economía de guerra y las crisis de la posguerra.⁵²

Entre eles estava a França e a Inglaterra, reconhecidos pelos articulistas como lídimos baluartes da democracia. No campo oposto, a Alemanha e a União Soviética, seguida da Itália, apareciam como os representantes do totalitarismo. Karl Dietrich Bracher, ao estudar as ideologias que dominaram o campo político no século XX, assinalou que:

⁴⁹ FURET, François. *O passado de uma ilusão: ensaios sobre a idéia comunista no século XX*. São Paulo: Siciliano, 1995, p. 16.

⁵⁰ ARON, Raymond. *Democracia e totalitarismo*. Lisboa: Editorial Presença, 1966, p. 296. Para Carl J. Friedrich e Zbigniew K. Brzezinski há, necessariamente, seis características que classificam um regime como totalitário: “A ‘síndrome’ ou padrão de aspectos inter-relacionados, da ditadura totalitária, consiste em uma ideologia, um partido único tipicamente dirigido por um só homem, uma polícia terrorista, um monopólio de comunicações, um monopólio de armamentos e uma economia centralizada”. In: FRIEDRICH, Carl J. & BRZEZINSKI, Zbigniew K. *Totalitarismo e autocracia*. Rio de Janeiro: Edições GRD, 1965, p. 18.

⁵¹ Segundo Hannah Arendt, “os movimentos totalitários objetivam e conseguem organizar as massas – e não as classes, como o faziam os partidos de interesses dos Estados nacionais do continente europeu, nem os cidadãos com suas opiniões peculiares quanto à condução dos negócios públicos como o fazem os partidos dos países anglo-saxões. Todos os grupos políticos dependem da força numérica, mas não na escala dos movimentos totalitários, que dependem da força bruta, a tal ponto que os regimes totalitários parecem impossíveis em países de população relativamente pequena, mesmo que em outras condições lhe sejam favoráveis. Depois da Primeira Guerra Mundial, uma onda antidemocrática e pró-ditatorial de movimentos totalitários e semitotalitários varreu a Europa: da Itália disseminaram-se movimentos fascistas para quase todos os países da Europa central e oriental (os tchecos – mas não os eslovacos – foram uma das raras exceções); (...) Ditaduras não-totalitárias semelhantes surgiram, antes da Segunda Guerra Mundial, na Romênia, Polónia, nos Estados Bálticos (Lituânia e Letônia), na Hungria, em Portugal e, mais tarde, na Espanha”. In: ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, pp. 358-359.

⁵² BRACHER, Karl Dietrich. *Op. cit*, p. 120.

Las religiones políticas del autoritarismo y totalitarismo fueron sobre todo y sin excepción antiliberales; estaban dirigidas contra el individuo y su razonamiento. Los desafíos al liberalismo político y las declaraciones de que estaba muerto habían sido frecuentes aún en la época en que floreció plenamente en las esferas culturales y económicas en el transcurso de un siglo a outro.⁵³

No caso do jornal *O Estado de S. Paulo*, o posicionamento ao lado dos países que compunham o campo democrático, além de se coadunar com uma postura histórica assumida pelo matutino, simbolizava também a radical discordância com os dirigentes da política brasileira.

Em relação à dicotomia existente entre essas duas concepções de mundo, o matutino não titubeava e se postava ao lado dos países que lutavam contra os totalitários. Analisado à luz dos acontecimentos políticos internos, esse posicionamento ganhava ainda mais relevância, uma vez que o regime inaugurado a dez de novembro por Getúlio Vargas, não se pautava por esses ideais.

Em novembro de 1938, outro acontecimento colocou em opostos os jornalistas d' *O Estado de S. Paulo* e o governo varguista: o segundo exílio de Júlio de Mesquita Filho. O proprietário do periódico, que deixou o país em 1932, devido à sua participação na Revolução Constitucionalista, enfrentava novamente o degredo.

Ele partiu para Paris, juntamente com outros amigos,⁵⁴ de onde enviava artigos para o jornal, que versavam sobre os problemas europeus, e cartas para a família, especialmente para sua esposa, Marina. Nelas, o jornalista revelava apreensão com os rumos que o regime estadonovista tomava e, principalmente, mostrava que a sua permanência no exterior tinha a finalidade de tentar minar a imagem do governo brasileiro no exterior.

Na sua estada nos Estados Unidos, Júlio de Mesquita Filho reuniu-se com diversos representantes do governo norte-americano e com personalidades que compunham o campo

⁵³ BRACHER, Karl Dietrich. *Op. cit.*, p. 73-74.

⁵⁴ O jornal publicou, em editorial, no dia 01 de novembro de 1938, a seguinte notícia: “Seguem amanhã para Santos, onde embarcarão no vapor ‘Lipari’ com destino ao Havre, os srs. Drs. Armando de Salles Oliveira, ex-governador do Estado e Júlio de Mesquita Filho, diretor do “Estado de S. Paulo”. Tencionam fixar residência em Paris. Esta seria o primeiro êxodo do grupo em torno do jornal. No dia 22 de novembro. Em outro editorial, afirmava-se: “Segue hoje para a Europa, a bordo do vapor ‘Monte Pascoal’, o dr. Paulo Duarte, nosso antigo e apreciado colaborador e ex-deputado da extinta Assembléia Legislativa do Estado.” In: *O Estado de S. Paulo*, 01 nov. 1938 e 22 nov. 1938, respectivamente. Assinale-se que o jornalista conheceu o exílio logo após a Revolução Constitucionalista, entre outubro de 1932 e novembro de 1933.

intelectual daquele país no intuito de apresentar um contra-discurso elaborado pelo chanceler Oswaldo Aranha sobre o Brasil de Getúlio Vargas e denunciar a proximidade do Estado Novo com os regimes que compunham o campo totalitário.

Numa das cartas enviadas daquele país a sua esposa, Júlio de Mesquita explicava como transcorria a sua auto-intitulada “missão política”:

(...) Estou convencido de que me saí muito bem e que abri brechas comparáveis ao prestígio do Osvaldo, que é (era) inacreditavelmente grande, aqui. (...) Sem gabolices idiotas, posso afirmar que destruí muito do que ele conseguiu, o que não era difícil, dado o incalculável fundo de honestidade de que é dotado este excelente povo.⁵⁵

O dono do periódico visitou, ainda, Universidades e políticos em nome da “causa” que defendia. Ao analisar o material publicado no jornal, não se pode abstrair esse contexto, que por certo estava no horizonte dos colaboradores e responsáveis pela publicação. Dessa forma, a luta desdobrava-se em duas frentes: uma no exterior, com a campanha que Júlio de Mesquita Filho desenvolvia nos Estados Unidos, na qual tentava chamar a atenção para o que julgava como incoerências e equívocos cometidos pelo governo de Roosevelt, que apoiava Vargas, e a outra por meio do próprio jornal que, num contexto de restrição à liberdade de expressão tentava, dentro dos limites possíveis, apresentar ao leitor uma visão crítica da política externa e interna.

O governo centralizador do Estado Novo, todavia, não poderia prescindir de um órgão que controlasse não somente a imprensa, mas que coordenasse todas as atividades culturais e de celebração do regime. Esse órgão, o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) fundado em dezembro de 1939, era, na verdade, o resultado de vários outros do mesmo gênero existentes desde o início da década de 1930.⁵⁶ Segundo Maria Helena Rolim Capelato, “o DIP, foi fruto da ampliação da capacidade de intervenção do Estado no âmbito dos meios de comunicação e da cultura. Tinha como função elucidar a opinião pública

⁵⁵ FILHO, Júlio de Mesquita. Carta à Marina, escrita em Washington, datada de 26 de maio de 1939, in: FILHO, Ruy Mesquita (org). *Op. cit.*, 2006, p. 105.

⁵⁶ Segundo Lucia Lippi Oliveira, sabemos que o governo Vargas implementou uma política de propaganda ao criar, em 1931, o Departamento Oficial de Propaganda; em 1934, o Departamento Nacional de Propaganda e Difusão Cultural; e, por fim, em 1939, o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). Ver: BOMENY, Helena (org). *Constelação Capanema: intelectuais e políticas*. Rio de Janeiro: FGV, 2001, p. 37.

sobre as diretrizes doutrinárias do regime; em atuar em defesa da cultura, da unidade espiritual e da civilização brasileira”.⁵⁷

Nesse sentido, havia interesses sobrepostos que se relacionavam e interferiam diretamente no processo de escritura dos textos publicados: a censura, o exílio do proprietário do periódico e a conjuntura internacional descrita a partir da situação do campo político interno. Os textos apresentaram ao leitor um mundo dividido entre duas ideologias radicalmente distintas: a totalitária e a democrática. No primeiro caso, os responsáveis pela publicação ensinavam a sua origem e evolução ao longo do tempo. No dia nove de julho de 1940, lia-se, que:

(...) Pode-se afirmar, sem receio de contestação, que o totalitarismo teve a sua origem remota na *Action Française*, onde pontificavam com brilho inexcedível, Charles Maurras e Leon Daudet que, por artificiosas abstrações, conciliaram o absolutismo monárquico com as doutrinas revolucionárias de P. J. Proudhon.⁵⁸

Em 18 de dezembro acrescentaram, como precursoras desse regime político as obras dos autores considerados por eles como os “metafísicos da violência”: “Maritain, Barres, Maurras, Daudet, da extrema direita; e Sorel e Valois, da extrema esquerda...”.⁵⁹ No segundo caso, os textos ressaltavam a superioridade da democracia, na grande maioria das vezes, comparando-a ao regime totalitário. Assim, no dia 11 de outubro de 1938, o comentário traçava o seguinte paralelo:

(...) Na política há uma luta dentro de outra. Por um lado as democracias opõem-se aos totalitários, fascistas, nazistas ou comunistas, e procuram defender a liberdade

⁵⁷ CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Multidões em cena. Propaganda política no Vargasismo e no Peronismo*. Campinas: Papyrus, 1998, p. 70. Sobre a evolução do DIP, afirma Silvana Goulart que “o DIP foi, portanto, o resultado dessa tendência progressiva à qual correspondia a ascensão do autoritarismo e da centralização de poderes pelo Estado”. In: GOULART, Silvana. *Sob a verdade oficial. Ideologia, propaganda e censura no Estado Novo*. São Paulo: Marco Zero, 1990, p. 13.

⁵⁸ Política francesa. In: *O Estado de S. Paulo*, 09 jul. 1940, p. 14. É interessante citar que no livro *Three Faces of Fascism*, Ernst Nolte inicia o estudo dos fascismos justamente pela *Action Française*. Para mais detalhes, ver NOLTE, Ernst. *Three faces of fascism: Action Française, Italian Fascism, National Socialism*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1966.

⁵⁹ França e Romênia. In: *O Estado de S. Paulo*, 18 dez. 1940, p. 14. Entre os “metafísicos da violência” estava ainda o escritor Oswald Spengler, autor do livro “*A decadência do Ocidente*”. Vale destacar que, para Hannah Arendt, “as *Weltanschauungen* e ideologias do século XIX não constituem por si mesmas o totalitarismo. Embora o racismo e o comunismo tenham se tornado as ideologias decisivas do século XX, não eram, em princípio, ‘mais totalitárias’ do que outras; isso aconteceu porque os elementos da experiência nos quais originalmente se baseavam – a luta entre as raças pelo domínio do mundo, e a luta entre as classes pelo poder político nos respectivos países – vieram a ser politicamente mais importantes que os das outras ideologias”. In: ARENDT, Hannah. *Op. cit.*, p. 522.

individual, a liberdade de expressão, a liberdade de ação, contra a arregimentação, a propaganda dirigida e o passo de ganso.⁶⁰

Em outra oportunidade, a diferente concepção de liberdade peculiar a cada regime, foi tema de análise de um dos colaboradores, segundo o qual:

(...) as democracias proclamam que seu ideal político se confunde com o da liberdade. E entretanto, ei-las obrigadas a adotar uma linguagem de combate. A verdadeira liberdade só será possível num mundo onde o valor do indivíduo e a sua dignidade não sejam postos em jogo. (...) Os fascismos também estão convencidos de que defendem a liberdade. Não precisamente a do indivíduo, mas a da nação. (...) Fala-se, então, de ‘governo de massas’ e de ‘ditadura do proletariado’. Haverá em tudo isso alguma liberdade? Todos dizem que a sua hora soará mais tarde. Dizem: ‘Sejamos primeiro escravos, pra depois, conquistarmos a liberdade’. A expectativa da escravidão, tanto da direita como da esquerda, constitui a primeira fase de um plano que está correndo o risco de não ser realmente quinquenal. O ideal oferecido às gerações atuais é a servidão, não importa a que. (...) Afinal de contas, cada povo sofre o gênero de escravidão que merece.⁶¹

Os paralelos traçados pelos responsáveis também tratavam das várias formas de se obter unanimidade nos distintos regimes. Na concepção deles, por exemplo,

(...) quando Hitler fala, ninguém pesa em dizer: ‘palavras da Alemanha’. Quando fala Daladier, trata-se não somente de ‘palavras de França’, mas de ‘palavras da França’. Entretanto a aparente unanimidade está ao lado das ditaduras e a divisão do lado das democracias. (...) A unanimidade mecânica e artificial das ditaduras não consegue absolutamente fazer com que a voz de Hitler seja a voz da Alemanha; e as discussões espontâneas e higiênicas, das democracias, não impedem que quando fala Daladier tenha ele a França inteira atrás de si. Grandeza e fraqueza das democracias! Grandeza e fraqueza das ditaduras!⁶²

Outro elemento presente nos comentários era o maniqueísmo, a separação entre as forças do campo democrático, que se retratava como sendo as do bem e as do campo totalitário, consideradas o mal. O artigo intitulado “O isolamento da Alemanha e da Itália” apresentava tal dicotomia:

(...) se a Alemanha, ou melhor, se Hitler malograr no seu intuito de reincorporar Dantzig à Alemanha, ao seu modo, nas condições impostas por ele e no momento que escolher, é difícil ver como poderá manter o seu prestígio antes as turbas alemãs e a fé em sua pessoa, como salvador da Alemanha. (...) Se assim for, as forças do

⁶⁰ As forças em luta. In: *O Estado de S. Paulo*, 11 out. 1938, p. 18.

⁶¹ As democracias e a liberdade. In: *O Estado de S. Paulo*, 17 jul. 1938, p. 10.

⁶² A verdadeira e a falsa unanimidade. In: *O Estado de S. Paulo*, 14 maio 1939, p. 32.

bem talvez consigam deter os agressores sem guerra e num ambiente de paz, embora armada, possam resolver-se os problemas básicos de que decorre o mal-estar que se traduz em armamentismo e belicosidade.⁶³

Em 1938, o cenário internacional dividia-se entre a Alemanha, que a partir de 1936 iniciara um processo de reconquista das posições perdidas em consequência da derrota na Primeira Guerra e do Tratado de Versalhes, a Itália, que em 1935 invadiu a Abssínia, na tentativa de recriar um Império, a Rússia, que distante do palco em que as tensões sentiam-se com mais gravidade, observava atenta às movimentações das outras nações, e as potências que compunham o campo democrático, França e Inglaterra, que lutavam pela manutenção do *status quo*.⁶⁴

A partir da interpretação dos acontecimentos que se desenrolavam na esfera externa, os responsáveis pela publicação criaram, para cada uma dessas potências, às quais tem-se de acrescentar os Estados Unidos e o Japão, imagens que se fortaleceram ao longo do tempo. Neste longo processo de formação de opinião, diversos elementos se combinavam das mais variadas maneiras para compor o quadro que desejavam expor. Entre estes elementos destacaram-se os paralelos com a guerra anterior, a História e os grandes heróis do passado, tais como Napoleão e Alexandre Magno, por exemplo.

Antes do início da guerra, os artigos destacaram a política de apaziguamento franco-britânica e as exigências e métodos alemães como os principais problemas do campo internacional. No primeiro caso, os colaboradores faziam severas críticas aos governantes desses países advertindo-os do perigo a que se expunham e propunham, como solução, a ação. Durante a crise tchecoslovaca, entre maio e setembro de 1938, se lia que: “As democracias, diante do caso da Tchecoslováquia, ainda hão de reconhecer que atualmente, para evitar a guerra, a melhor maneira é aceitar-lhe a idéia”.⁶⁵

Meses depois, ainda sob a tensão de uma guerra os articulistas sintetizavam: “os adversários da Alemanha na Europa têm apenas uma alternativa: aceitar a guerra, pondo de

⁶³ O isolamento da Alemanha e da Itália. In: *O Estado de S. Paulo*, 14 mai. 1939, p. 32.

⁶⁴ Não se pode olvidar que também durante esse período ocorreu a Guerra Civil Espanhola, conflito que pode se denominar de síntese e prelúdio de tudo o que aconteceu posteriormente no continente europeu.

⁶⁵ A Europa escapa novamente à guerra. In: *O Estado de S. Paulo*, 29 maio 1938, p. 32.

lado a idéia de paz, ou desistir da paz de 1918 sem combate”.⁶⁶ Ao mesmo tempo em que criticavam a morosidade da política franco-britânica, os responsáveis pela publicação contribuíam para a imagem da Alemanha que lentamente se formava. Nesse período, ela poderia ser sumarizada pelo comentário publicado no dia 09 de setembro, no qual se lia que:

(...) com os canhões verbais assestados contra a democracia, o comércio livre, a liberdade individual e o cristianismo, com os canhões de verdade apontados contra a Tchecoslováquia e com as costas para o resto do mundo, a demonstração da grande Alemanha ou é uma demonstração de força ou um ‘bluff’. Ambos, casos perigosos para a humanidade.⁶⁷

Um outro perigo, na concepção dos jornalistas, consubstanciou-se na união da Alemanha e da Itália quando da formação do eixo. Para eles,

(...) a nova aliança político-militar da Itália e da Alemanha torna-se o ‘alerta’ final e decisivo. (...) Terão as chancelarias das democracias e dos povos livres que adotar a astúcia da serpente e a incredulidade do perfeito cético que nada acredita? Não existirá mais sinceridade internacional e a palavra dada não terá mais valor ou lugar nas relações entre os povos? Teremos que presumir que tudo quanto dizem é pura falta de verdade para não dizer o que realmente é? (...) Agora, porém, não deve haver dúvida quanto às relações ítalo-germânicas e sobre esse ponto se pode encerrar um capítulo. (...) Não que se preveja nada de imediato. Mas amanhã, daqui a um ano, ou dez anos, o ‘eixo’, que agora tomou corpo, constitui uma ameaça à humanidade.⁶⁸

Os responsáveis pela publicação sempre foram inequivocamente contrários à Alemanha e o que ela representava. Assim, quaisquer atos, discursos e características provenientes daquele povo ou cultura serviam como suporte para novas e duras críticas. No dia 30 de agosto de 1938, o texto não assinado assim se referia a uma nova iniciativa germânica:

Tudo se aprende, até a arte de ser ‘Führer’. Deu-nos o nosso tempo uma prova cabal da grandeza e da miséria da educação. (...) Como quer que seja, os regimes totalitários, preocupados com as contingências do momento, vão tratando de amoldar ao seu feitio ao menos as gerações presentes. Não basta porém modelar o conjunto, é também necessário modelar modeladores – daí a escola de Führers. (...) O regime nacional-socialista fundou ‘Escolas de Führers’ em Croessia (Pomerânia),

⁶⁶ Revolta ou plebiscito. In: *O Estado de S. Paulo*, 16 set. 1938, p. 14.

⁶⁷ Bluff ou...? In: *O Estado de S. Paulo*, 09 set. 1938, p. 14.

⁶⁸ Seriedade internacional. In: *O Estado de S. Paulo*, 09 maio 1939, p. 16.

Vojelsang (Eifel), Southaven (Baviera) e Marienburgo (Prússia-Oriental). Um dia, na intimidade, mostrou o chanceler do Reich receios de ver-se a braços com a falta de chefes moços e dignos de confiança. Evocando então Rosemberg, que é de origem báltica, os Cavaleiros da Ordem Teutônica, antigos conquistadores, colonizadores e cristianizadores da Prússia Oriental, o dr. Ley, inspirando-se nas sugestões de Rosemberg, prontificou-se a satisfazer o desejo do chanceler. (...) Organizaram-se, pois, na Alemanha, as ‘Escolas Adolf Hitler’, estabelecimentos de ensino secundário destinados expressamente a formar os melhores alunos exclusivamente ‘para servirem ao regime’. (...) Escolhidos para constituírem a casta dominante, recebem os alunos desses centros a denominação de ‘Junker’. Contudo, não pode deixar de assustar uma instituição por assim dizer, religiosa que, se não formar santos, há de forçosamente formar monstros. Exaltando a ação, mas fomentando ódios, sacrificando inteiramente o indivíduo, entre os homens o imprescindível dever de caridade. (...) despem já as ‘Escolas de Führer’ toda grandeza e nobreza, assumindo o aspecto de usinas de narcóticos, venenos e explosivos, povoadas e dirigidas por doidos varridos.⁶⁹

A necessidade da escola para guias do povo alemão prendia-se ao fato de se considerar fundamental não apenas modelar o povo, mas também quem os controlava. Erguidas sob o manto da tradição, as Escolas Adolf Hitler tinham por finalidade, formar os novos líderes do regime, que para seus ideólogos, deveria durar mil anos. Entretanto, a intenção é criticada e ridicularizada e o artigo termina com epítetos nada cordiais aos resultados dessa experiência.

Após a marcha alemã sobre Praga, a quinze de março de 1939, os textos enalteceram o “despertar” das potências que compunham o campo democrático. Medidas tomadas por seus dirigentes, como a lei de plenos poderes, que concedia a Daladier o direito de governar sozinho durante o ano de 1939, e a garantia que Neville Chamberlain deu à Polônia foram interpretados como sinais de vitalidade e força democráticos.

Nessa conjuntura, a União Soviética despontou como uma importante aliada no que concernia às pretensões alemãs e franco-britânicas no continente. Contudo, em ambos os casos, cogitar o apoio russo era em si uma situação ideologicamente paradoxal. A Alemanha fora, desde o advento do nacional-socialismo a maior adversária do regime inaugurado pela Revolução de 1917 criando, inclusive, o Pacto Anti-Komintern, no intuito de conter o avanço do comunismo no Velho Mundo. Além disso, um dos pilares da ideologia nazista era o anticomunismo. Já a França e a Inglaterra, eram radicalmente

⁶⁹ Uma escola de Führers. In: *O Estado de S. Paulo*, 30 ago. 1938, p. 16.

contrárias à política stalinista uma vez que ela também era totalitária. Além disso, os dois países possuíam setores ultraconservadores que preferiam o nazismo ao comunismo.⁷⁰

Assim, se o preço da paz, em 1938, foi o desmembramento da Tchecoslováquia, consubstanciada na Conferência de Munique, no ano seguinte era a aliança com a potência que simbolizava tudo aquilo que os proprietários do jornal e os conservadores europeus abominavam. No dia 15 de junho, o comentário fez a seguinte interpretação desses fatos:

(...) o interesse material das democracias seria constituir uma aliança tão poderosa quanto possível contra as pretensões dos Estados totalitários, mas o seu interesse moral lhes impõe seleção na escolha dos seus aliados. (...) O sr. Bonnet, em França, e o sr. Chamberlain, na Inglaterra, passam com ou sem razão, como os representantes dessa burguesia conservadora que não pode admitir a idéia de uma aliança com o país de Stalin e com os assassinos do czar Nicolau. ‘Paris vale bem uma missa’, dizia Henrique V. John Dull indaga com perplexidade se Moscou vale uma genuflexão ante o ícone de Lênin e Marx. Uma genuflexão não compromete muito, dir-se-á. Quem o sabe? – respondem Chamberlain e seus amigos, muito inquietos por parecer que se inclinam, mesmo ligeiramente, ante o altar ímpio dos sem-deus. Valerá o exército vermelho a pena de assistir, mesmo como convidado, à missa negra do bolchevismo? Mui visivelmente, o sr. Chamberlain está ainda em dúvida.⁷¹

No dia 23 de agosto de 1939 foi assinado o Pacto de não-agressão entre a Alemanha e o país de Stalin. No dia trinta de setembro, refletindo sobre o seu significado, os articulistas apresentavam aos leitores as razões pelas quais essa união chocou o mundo:

É tamanha a complexidade da atual situação política que gestos há, aparentemente análogos, que podem ter objetivos completamente opostos, ao passo que regimes aparentemente contrários, como o hitlerismo e o bolchevismo, podem ter afinidades que redundem em identidade. (...) quase um mês de guerra foi o suficiente para nos mostrar que a conflagração mundial de 1939 se iniciou sob o signo da incoerência. Os profetas da “próxima guerra” ficaram desorientados ante numerosos fatos novos. Entre eles figura, em primeiro plano, a paradoxal atitude da Rússia soviética. A pátria dos comunistas, única que eles juraram servir – os comunistas franceses –

⁷⁰ François Furet escreveu, acerca dos acontecimentos políticos desse período, que a experiência soviética “constitui uma das grandes reações antiliberais e antidemocráticas da história europeia no século XX, sendo a outra, evidentemente, a do fascismo, sob suas diferentes formas”. IN: FURET, François. *Op. cit.*, p. 11.

⁷¹ A dúvida de Chamberlain. In: *O Estado de S. Paulo*, 15 jun. 1939, p. 14. Um trabalho que demonstre os aspectos das representações construídas pelos jornalistas de *O Estado de S. Paulo* acerca da União Soviética ainda está por ser feito.

entregou-se a Hitler, o Anti-Cristo da foice e do martelo. O golpe foi duro para todos os comunistas do universo...⁷²

Ao estabelecerem um pacto entre si, a ausência de lógica, tema que os responsáveis pela publicação destacaram em diversas oportunidades, parecia evidenciar-se no campo das relações internacionais. No último comentário que o matutino publicou antes do início das hostilidades, o articulista assinalava:

Se o nazismo e o comunismo têm a capacidade de fazer meias voltas ideológicas, diplomáticas e políticas, à voz de ordem de comandantes sem princípios, é inútil tentar prever o futuro. (...) em vista desta falta de âncoras no nazismo e no comunismo, o resto da humanidade se vê obrigado a viver de ouvido encostado, ao rádio; com o nariz na última edição do jornal, com o coração e o cérebro no momento atual, situação essa que influi em todos os povos da terra.⁷³

A incessante procura por informações acerca dos acontecimentos europeus conferia grande relevância aos novos meios de comunicação social como o rádio, por exemplo. Para os colaboradores, todavia, este era utilizado pelos respectivos governos como instrumento de propaganda, acirrando a luta entre os povos. A postura dos responsáveis pela publicação no que concernia à utilização do rádio era, portanto, extremamente crítica.

No caso do Brasil, entretanto, esse instrumento não desempenhou um papel de grande amplitude como na Alemanha, por exemplo. Apesar de deter o monopólio do rádio, “o Estado Novo era o único a não tirar proveito dele”, como lembra José Inácio de Melo Souza.⁷⁴ O comentário publicado no dia 18 de agosto de 1938 assim interpretava o papel que ele desempenhava:

(...) O rádio, dentro e fora de fronteiras nacionais, presta-se à propaganda de novas idéias políticas, econômicas e sociais, alcançando mesmo analfabetos. É um instrumento que vem sendo usado para envenenar o povo de algum país contra os

⁷² A dissolução do Partido Comunista Francês, in: *O Estado de S. Paulo*, 30 set. 1939, p. 01. No Brasil, os reflexos desse pacto podem ser explicados por Joel Silveira. Em entrevista a Geneton Moraes Neto, ele se refere à aproximação teuto-soviética: Pode-se dizer, hoje, que o anúncio daquela aliança que até então parecia impossível explodiu diante de um mundo atônito e perplexo com o mesmo impacto que seis anos depois iriam causar as duas bombas atômicas lançadas pelos norte-americanos sobre Hiroshima e Nagasaki. Ver: SILVEIRA, Joel & NETO, Geneton Moraes. *Hitler/Stalin: O Pacto Maldito*. Rio de Janeiro: Record, 1990, p. 318.

⁷³ Balanço da situação. In: *O Estado de S. Paulo*, 31 ago. 1939, p. 14.

⁷⁴ SOUZA, José Inácio de Melo. *O Estado contra os meios de comunicação (1889-1945)*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2003, p. 171.

seus próprios governantes e é empregado também para a irradiação de ‘programas culturais’, cujos fins ulteriores são imperialistas ou visam a aquisição de concessões privilegiadas.⁷⁵

Um outro fator que compunha esse cenário de arranjos e rearranjos políticos diretamente relacionado com os veículos de comunicação era a opinião pública, tal como entendida pelos que escreviam no jornal. Segundo Jürgen Habermas, “uma esfera pública funcionando politicamente aparece primeiro na Inglaterra na virada para o século XVIII”.⁷⁶ Para Marco Morel, “o momento crucial para a emergência de uma opinião pública no Brasil, portanto, situa-se nos anos 1820 e 1821, contexto que antecede a Independência e marca mudanças significativas na estrutura política da Península Ibérica e de seus domínios na América”.⁷⁷ Talvez se possa afirmar que esse processo tenha ganhado força nas décadas de 1930 e 1940 na medida em que os meios de comunicação de massa contavam com a agilidade da informação devido, em grande parte, ao imenso avanço tecnológico adquirido ao longo do tempo.⁷⁸ Em diversas ocasiões, os responsáveis pelos comentários se referiram a ela como uma força capaz de deter os avanços dos países que compunham o campo totalitário e destacaram que em relação à outra conflagração esse era um grande diferencial. No dia 06 de outubro de 1938 se lia que:

(...) Terá o ‘zé-povos’ deste universo tanta força assim? Eles devem saber. Na hora H, é o testemunho deles todos, a nossa voz fraquinha, mas forte como um trovão quando reunida na orquestra universal, falou e fez parar as hostes de Marte e recuar as ondas da agressão. Mesmo fazendo o devido desconto, achamo-nos numa nova situação, talvez sem par na história do mundo: a humanidade fala e é ouvida.⁷⁹

⁷⁵ A porfia nos ares. In: *O Estado de S. Paulo*, 18 ago. 1938, p. 16.

⁷⁶ HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural na esférica pública*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984, p. 75. Ainda segundo o estudioso alemão, a informação significava poder uma vez que, “a troca de informações desenvolve-se não só em relação às necessidades do intercâmbio de mercadorias: as próprias notícias se tornam mercadorias”. IN: HABERMAS, Jürgen. *Op. cit.*, p. 35.

⁷⁷ MOREL, Marco. “Os primeiros passos da palavra impressa”, In: LUCA, Tânia Regina; MARTINS, Ana Luiza (orgs). *Op. cit.*, p. 34.

⁷⁸ De acordo com Mônica Pimenta Velloso, “na História da Imprensa, o contexto da Primeira República (1889-1930) destaca-se como particularmente expressivo, pois é nesse momento que se inicia, mesmo que em bases precárias, o processo da moderna comunicação de massa”. VELLOSO, Mônica Pimenta. “Percepções do moderno: as revistas do Rio de Janeiro”, IN: NEVES, Lúcia Maria Bastos P., MOREL, Marco, FERREIRA, Tânia Maria Bessone da C. (orgs). *Op. cit.*, p. 313. Essa idéia reforça a hipótese de que na década de trinta os meios de comunicação de massa, mais organizados e estabelecidos, tinham um poder e amplitude maior.

⁷⁹ Povo, paz e publicidade. In: *O Estado de S. Paulo*, 06 out. 1938, p. 16.

A impressão de que a humanidade se manifestava e era ouvida se relacionava com a Conferência de Munique, evento que aconteceu exatamente no final de setembro.⁸⁰ Nesse encontro os líderes da França e da Inglaterra juntamente com os da Alemanha e da Itália resolveram a crise tchecoslovaca, evitando o perigo de uma nova conflagração.⁸¹ Assim, parecia haver harmonia entre os anseios dos povos de todo o mundo e a decisão tomada em Munique. Todavia, essa idéia logo perdeu força uma vez que, concomitantemente, se interpretou o fato como mais um episódio em que as forças franco-britânicas se rendiam aos apelos totalitários.⁸²

Além disso, o discurso sobre a opinião pública era mais uma evidência de que os jornalistas responsáveis pela publicação norteavam-se por princípios que se coadunavam com os ideais democráticos, uma vez que, como eles mesmos ensinavam, uma opinião pública livre somente vicejava nesses regimes, pois nos totalitários ela era controlada, dirigida e ludibriada pelas técnicas da propaganda.

Os articulistas, no que se referia a essa técnica, foram sempre muito céticos. Durante todo o período analisado, os comentários que se dedicaram a esse assunto apresentaram os germânicos como os campeões em utilizar esse meio para auxiliar as expansões territoriais. Um outro fator que contribuía para esse posicionamento era a dependência dos responsáveis pela publicação dos telegramas e artigos enviados do exterior.

Enquanto os ingleses eram elogiados por sua sinceridade em admitir equívocos e principalmente as primeiras derrotas, o governo alemão e as notícias advindas da agência daquele país eram tratados sempre com cautela, tendo os colaboradores, em vários

⁸⁰ No livro lançado em 1929, no qual analisava o surgimento de um novo personagem político, as massas, Ortega y Gasset comentou essa atuação da seguinte maneira: “Hoy asistimos al triunfo de una hiperdemocracia en que la masa actua directamente sin ley, por medio de materiales presiones, imponiendo sus aspiraciones y sus gustos. Yo dudo que haya habido otras épocas de la historia en que la muchedumbre llegase a gobernar tan directamente como en nuestro tiempo”. IN: GASSET Y ORTEGA, José. *La rebelión de las masas*. Madrid, Revista de Occidente, 1929, p. 57.

⁸¹ Vale lembrar que a opinião pública alemã também não se empolgava com a possibilidade de uma nova guerra. Segundo Ian Kershaw, “Nazi propaganda was certainly able to produce an atmosphere of wild and blind national exaltation following the foreign policy successes of the regime but was incapable of turning this for the majority of those rejoicing, into enthusiasm for a new war”. IN: KERSHAW, Ian. *The Hitler Myth: image and reality in the Third Reich*. New York: Oxford University Press, 2001, p. 123.

⁸² Ernst Nolte explica que “a Checoslovaquia era el punto de apoyo más seguro del sistema francés en Europa. Si le obligaba a la capitulación, dejaba de existir el sistema francés”. IN: NOLTE, E. *Op. cit.*, p. 170.

momentos, mostrado, por meio de outras fontes, que aquelas eram falsas ou superestimadas.

Mas todos esses elementos receberam um outro tratamento quando a guerra estourou novamente no continente a 01 de setembro de 1939, dia em que a Alemanha invadiu a Polônia. Com a declaração de guerra da Inglaterra e da França a 03, o Velho Mundo entrava, em menos de trinta anos, em uma nova conflagração generalizada.⁸³ Para os colaboradores, essa situação simbolizava o triunfo das forças da violência sob a razão.⁸⁴

Enquanto as forças alemãs ocupavam o território polonês, aplicando a nova técnica de guerra, a Blitzkrieg,⁸⁵ ingleses e franceses colocavam em prática seus planos de defesa e arrematavam soldados para combater os exércitos de Hitler. O elemento novo introduzido pelos generais alemães, decisivo para as seguidas vitórias, durante essa primeira fase da guerra, foi as divisões motorizadas. Tanto na Polônia, que ainda usava a cavalaria como arma, quanto na França, o desempenho delas foi fundamental para o desfecho das lutas. No caso polonês, a conquista foi concluída com a invasão do país, a leste, pela União Soviética. A nova partilha do território polaco foi interpretada pelos

⁸³ Isso porque, desde o final da conflagração anterior, houve vários conflitos localizados. Ao comentar o que essa conjuntura significava, o político inglês A. Duff Cooper, assinalava: “Com efeito, somos testemunhas vivas da Segunda Guerra Mundial. (...) É verdade que até agora pouco sangue inglês foi derramado. Entretanto, o sangue tem corrido: rios de sangue na Abissínia e na Espanha, oceanos de sangue na China, e ainda, coisa talvez mais tremenda, há o sangue que rega todo dia os campos de concentração da Alemanha. Ninguém pode cometer maior erro do que o de examinar isoladamente cada um desses fenômenos. A guerra civil na Espanha, a agressão italiana na África, a agressão japonesa na Ásia, na Alemanha uma tirania que se baseia na tortura, todos esses tristes acontecimentos não são casos fortuitos e isolados, mas estão encadeados uns nos outros e constituem os elementos de um conjunto terrível”. COOPER, A. Duff. A Segunda Guerra Mundial. In: *O Estado de S. Paulo*, 12 jul. 1939, p. 04.

⁸⁴ Para René Rémond, “a causa da guerra reside na vontade de guerra de uma ou várias potências, que desejavam instaurar sua hegemonia”. IN: RÉMOND, René. *O século XX: de 1914 aos nossos dias*. São Paulo: Cultrix, 1990, p. 16.

⁸⁵ Sob a nova tática de guerra, também os colaboradores construíram uma imagem extremamente diferente daquela expressada por seus contemporâneos. Para eles, “Quando a Polônia sucumbiu, ante as forças alemãs, poucas semanas depois de iniciada a guerra, muitos observadores interpretaram a vitória do III Reich como o primeiro êxito do novo método de guerra, a guerra ou ataque fulminante, o ‘Blitzkrieg’. (...) Há sempre duas interpretações para quase tudo o que acontece neste nosso universo. E se de certo ponto de vista a conquista da Polônia foi o resultado de um ataque fulminante, o ataque fulminante não teria sido possível sem anos de preparação prévia. E se foi necessário ao Estado Maior do III Reich estudar o terreno e todas as condições de seu ataque fulminante, muitos anos antes de começar a guerra, o ‘blitzkrieg’ deixa de ter o caráter de ataque relâmpago e se transforma numa lenta e cuidadosa pesquisa que culmina em um ataque rápido, os quais malogram, porém, com a longa pesquisa prévia. (...) Em outras palavras, segundo este perito militar – capitão Wallace F. Safford - , sem o auxílio da Rússia, nem as pesquisas, nem as estratégias, nem o blitzkrieg, teriam derrotado tão facilmente a Polônia. (...) O ataque fulminante é um fogo de artifício que pode causar danos enormes em dado lugar e em dado momento, mas que não atinge os objetivos decisivos das guerras modernas. O blitzkrieg é uma ilusão!”. Blitzkrieg. In: *O Estado de S. Paulo*, 07 nov. 1939, p. 01.

colaboradores como um sinal de que as duas potências agiam juntas no cenário internacional e que o pacto possuía cláusulas desconhecidas daqueles que acompanhavam o conflito.

A experiência da guerra anterior em que milhares de homens morreram nos combates na frente ocidental foi apresentado pelos articulistas como um fator que certamente resultara na ausência de ações de envergadura nos meses que se seguiram à conquista da Polônia, entre outubro e maio de 1940. No dia 17 de novembro de 1939, o artigo sem assinatura asseverava que

Tornaram-se comuns as críticas à indecisão que parece dominar os chefes alemães tanto quanto os aliados, nas operações militares da frente franco-germânica. (...) Em 1914, os grandes chefes de todos os exércitos só conheciam a guerra teoricamente, todas as misérias da luta se haviam desenrolado longe das vistas dos Estados Maiores e o número de vidas humanas a perder não influía, a princípio, nos planos estratégicos. Mas agora a situação mudou. Os chefes militares supremos de ambos os lados combateram nas fileiras em 1914, e sabem que entre as primeiras garantias de êxito está a confiança que as tropas depositam na sagacidade dos comandantes, certas de que não se lhe pedirão esforços inúteis e de que os responsáveis pelo comando saberão poupar a vida de seus subordinados.⁸⁶

A ausência de luta constituía também um problema para o moral das tropas que passaram meses sem combates. Em janeiro de 1940,⁸⁷ o tédio foi apontado, por um texto sem autoria, como o maior desafio para os soldados franceses mobilizados. Além disso, outros comentários teceram críticas à guerra estacionária demonstrando que durante essa época,

(...) Os oficiais e soldados gozavam à farta. Nos teatros de campanha representavam-se comédias ou se exibiam as últimas novidades do cinema. Os regimentos disputavam a presença de autores célebres. De plagas distantes vinham jornalistas estrangeiros para colher impressões. Recebiam-nos jubilosamente os que aguardavam a morte a cada minuto. Havia banquetes nababescos, com os melhores vinhos.⁸⁸

Contudo, enquanto a frente ocidental estava sob o que os contemporâneos chamaram de *Drôle de guerre*, no Oriente a União Soviética iniciou uma ofensiva contra um pequeno país do extremo norte do continente europeu: a Finlândia. A requisição das

⁸⁶ Chefes aliados. In: *O Estado de S. Paulo*, 17 nov. 1939, p. 14.

⁸⁷ Hore Belisha, Ciano e Czaky. In: *O Estado de S. Paulo*, 14 jan. 1940.

⁸⁸ A psicologia das datas... In: *O Estado de S. Paulo*, 09 ago. 1940, p. 14.

Ilhas Aaland por parte do país dirigido por Stalin para a construção de bases soviéticas tornou crítica a situação finlandesa uma vez que seus governantes não aceitavam essa exigência.

Para os colaboradores do jornal, a luta entre esses dois países era extremamente desigual e significava uma tragédia para a Finlândia. A evidente superioridade de forças do exército vermelho frente ao finlandês e a gigantesca desproporção de homens e máquinas disponíveis levaram um colaborador a denominar a luta, do ponto de vista da pequena república, de “suicídio”.⁸⁹ Além disso, a investida russa reforçava a percepção de que os totalitarismos da direita e da esquerda agiam em harmoniosamente.

Os textos publicados acerca desse conflito, teciam severas críticas à crueldade soviética e enobreciam o ato de resistência da Finlândia, considerada defensora da civilização e do cristianismo. A seis de dezembro de 1939, o articulista, ao analisar a situação, assinalou que

(...) a conquista da Finlândia significa um movimento envolvente é dos mais inquietantes para o futuro da civilização. Quanto aos processos verdadeiramente inomináveis que orientaram essa conquista, constituem eles amostra do que é possível esperar da barbárie soviética por infelicidade, ela viesse um dia impor suas leis no Ocidente.⁹⁰

Para os colaboradores do jornal, a barbárie comunista era um problema que tinha de ser enfrentado não só pelos finlandeses, mas também por toda a civilização ocidental. Ao escrever sobre uma fábula russa, o articulista lembrava que o autor

Kryloff, se refere a um cozinheiro que repreende o seu gato por haver comido um doce. O gato ouve a admoestação, mas depois de haver devorado a guloseima. Certamente os dirigentes da Rússia aprenderam essa fábula na escola e há muito que escolheram o papel do gato, como o mais proveitoso. (...) Mas, os dirigentes do Kremlin não levam muito em conta o valor das vidas humanas.⁹¹

Pode-se notar no trecho supracitado, que à medida que a conquista se mostrava irreversível, o tom e o teor das admoestações ao regime soviético aumentavam visivelmente, contribuindo para a sedimentação de uma imagem da Rússia que era apresentada como bárbara, desumana e cruel. A quatorze de março de 1940, ao comentar o

⁸⁹ Rússia e Finlândia. In: *O Estado de S. Paulo*, 12 out. 1939, p. 01.

⁹⁰ O destino da Finlândia. In: *O Estado de S. Paulo*, 06 dez. 1939, p. 14.

⁹¹ A Sociedade das Nações e a Finlândia. In: *O Estado de S. Paulo*, 08 dez. 1939, p. 01.

acordo que colocou fim à luta russo-finlandesa, o articulista lembrava que “após a Áustria, a Tchecoslováquia e a Polônia a Finlândia será o quarto pequeno país que as potências aliadas não conseguem salvar”.⁹²

⁹² O acordo de Moscou. In: *O Estado de S. Paulo*, 14 mar. 1940, p. 01.

1.2) Os Estados Unidos e a América: as representações do processo de envolvimento do continente no conflito

(...) E cada dia se observa, na grande República deste continente, o desejo intenso de assegurar o triunfo das democracias.⁹³

Duas palavras que quase deixaram de ter sentido são ‘nacional’ e ‘internacional’. Quando por meio do rádio, do avião e do telégrafo, os povos mais longínquos do mundo podem manter-se não ao dia, mas ao segundo do que se passa, nos centros de grandes atritos internacionais, a velha fraseologia perdeu muito do seu valor e o que era ou podia ser, nacional, passou a ser internacional, e o internacional a nacional. (...) Em relação a São Paulo, neste mundo do T.S.F., Nuremberg ocupa a posição de Pirituba e os territórios dos sudetos a de Campinas. São Paulo, o Brasil e a América não podem adotar a atitude de ‘dolce far niente’, cruzar os braços e mandar às urtigas os que querem fazer a guerra. Para o bem ou para o mal, estamos embarcados no mesmo barco e o que eles fazem lá na Europa nos interessa viva e diretamente.⁹⁴

⁹³ A batalha do Atlântico. In: *O Estado de S. Paulo*, 09 maio 1941, p. 16.

⁹⁴ Será a hora H? In: *O Estado de S. Paulo*, 14 set. 1938, p. 16.

O excerto acima demonstra, em meio à crise que culminou na Conferência de Munique, a interdependência dos povos nesse período. A diminuição das distâncias e a velocidade dos acontecimentos e informações transformaram as relações internacionais ampliando o número de participantes do concerto externo e amalgamando seu destino.

A posição estratégica do Brasil no continente sul-americano, suas reservas naturais e minerais, seu potencial energético e sua relação com os Estados Unidos estiveram no âmago das questões que a tensão européia trouxe às Américas. Enquanto o velho mundo se preparava para uma outra conflagração, no novo, os interesses dos grupos que pretendiam a hegemonia se chocavam, trazendo às terras americanas as mesmas apreensões da Europa.

Nos Estados Unidos, o presidente Franklin D. Roosevelt enfrentava uma onda oposicionista contrária às suas pretensões de auxiliar as democracias. Esse auxílio, todavia, não era desinteressado. Segundo Luiz Alberto Moniz Bandeira,

(...) assim como Hitler procedeu na Alemanha, Roosevelt, depois da crise de 1929, tratara de reanimar a economia dos Estados Unidos por meio do militarismo, ou seja, da produção de material bélico. (...) E Roosevelt abertamente se mostrava disposto a intervir na guerra contra a Alemanha, país que ele detestava desde a juventude.⁹⁵

Denominados de isolacionistas, esses opositores, que propugnavam a não-intervenção nos assuntos europeus, estiveram no centro de várias batalhas políticas.⁹⁶ Segundo Henry Kissinger,

Roosevelt, the political leader had to navigate among three currents of American opinion: a small group advocating unambiguous support for all “peace-loving” nations; a somewhat more significant group that went along with such support as

⁹⁵ BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. *Formação do Império Americano: da guerra contra a Espanha à guerra contra o Iraque*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005, p. 114.

⁹⁶ Uma das personalidades que compunham esse grupo era o aviador Charles A. Lindbergh. Segundo Wayne S. Cole, “Easily the most popular and controversial “isolationist” or “noninterventionist”, leader was the famed aviator colonel Charles A Lindbergh. From September, 1939, when he began speaking out against American entry into World War II, until he was silenced by the Japanese attack more than two years later, Lindbergh was the most praised, the most criticized, and the most maligned noninterventionist in the United States. No one played a more prominent role in opposing the foreign policies of the Franklin Delano Roosevelt administration”. In: COLE, Wayne S. *Charles A. Lindbergh and the Battle against American Intervention in World War II*. New York: Harcourt, 1974, p. X.

long as it stopped well short of war; and a vast majority supporting the letter and the spirit of the neutrality legislation.⁹⁷

No Brasil, as ressonâncias do fortalecimento da Alemanha e da Itália no campo internacional favoreciam a continuidade da ditadura varguista, em harmonia com os demais países totalitários. Nesse sentido, esse momento parecia trazer novamente à tona as discussões acerca das características das relações internacionais do Brasil que durante a década de 1920, segundo Eugênio Vargas Garcia, oscilou entre a América e a Europa. Segundo o autor, “a dicotomia América-Europa permeou a política externa brasileira desde os primeiros momentos da diplomacia do Brasil independente”.⁹⁸

Para os colaboradores, tal dicotomia se resolveu com a adoção dos princípios pan-americanos. Em diversos comentários, mostrava-se a América como espaço em que as questões entre nações eram dirimidas por meio do diálogo, do respeito ao Direito Internacional e da amizade entre os povos. Essa posição lembra aquela defendida pelos jacobinos durante os primeiros anos da República uma vez que, para eles, a Europa simbolizava a exploração e os Estados Unidos defendiam, com a Doutrina Monroe, a América para os americanos.⁹⁹ Assim, o continente era contraposto aos acontecimentos europeus, consubstanciando o que, para eles, mostrava a superioridade americana diante dos colonizadores.¹⁰⁰ O fato de o primeiro comentário publicado tratar dos Estados Unidos e não da Europa é, em si, sintomático.¹⁰¹

⁹⁷ KISSINGER, Henry. *Diplomacy*. New York: Simon & Schuster Paperbacks, 1994, p. 380. Além de Henry Kissinger, Secretário de Estado na década de 1970 e estudioso das relações Internacionais dos Estados Unidos, um texto publicado no matutino no dia 18 de julho de 1939, assinado por um dos membros da Câmara dos Representantes daquele país, afirmava que: “Os Estados Unidos possuem Interesses estrangeiros em três áreas mundiais: na Europa, Ásia e América Latina. Esses Interesses são tão diferentes como as diversas zonas em que estão situados. (...) Na América Latina, Interessa-nos em manter a paz, impedindo os países de além-mar de que ali se Intrometam colonial ou politicamente. Dessa maneira, queremos vender munições para a França e Inglaterra, caso tenham que lutar contra a Itália e a Alemanha. Na Ásia, almejamos a China livre do domínio japonês. E, na América Latina, pretendemos ficar perfeitamente livres para desempenhar o papel de padrinhos benevolentes. O problema é, pois, elaborar uma lei de neutralidade que se aplique a todas as três zonas diferentes. HARRISON, J. H. Os Estados Unidos e a neutralidade. In: *O Estado de S. Paulo*, 18 jul. 1939, p. 18.

⁹⁸ GARCIA, Eugênio Vargas. *Entre América e Europa: a política externa brasileira na década de 1920*. Brasília: UNB, 2006, p. 37.

⁹⁹ Para a história da atuação desse grupo na política brasileira ver QUEIROZ, Sueli R. R. *Op. cit.*

¹⁰⁰ Ainda segundo Eugênio Vargas Garcia, “A hegemonia ideológica do pan-americanismo no pensamento diplomático brasileiro vigorava grosso modo desde 1889. O pan-americanismo era o princípio organizador que dava unidade conceitual ao discurso diplomático e Informava a visão do meio Internacional que possuíam as elites dirigentes da época. A crença na natureza distinta (e superior) da América em relação à Europa e ao

A finalidade da política norte-americana para o continente, pautada no retorno do ideal pan-americano e na execução da política da boa vizinhança, foi objeto de um texto sem assinatura, publicado a vinte e sete de abril de 1938: “Hoje, a máxima preocupação internacional de Washington é incrementar e cimentar as boas relações com as outras Repúblicas da América. Pela primeira vez na história daquele país, há uma política puramente ‘americanista’ em Washington”.¹⁰²

Preocupados com as interpretações que os leitores elaboravam a respeito da política externa do país mais rico e poderoso do continente, a oito de maio os responsáveis pela publicação explicaram o seu funcionamento dessa política, asseverando que ela “toma forma definitiva somente depois de processar-se nos trâmites constitucionais ou tradicionais”.¹⁰³ A preferência pelo regime democrático e liberal era uma das bandeiras do matutino. Os comentários tratavam, incansavelmente desse assunto, o que evidencia a centralidade do tema para os responsáveis pelo periódico. A onze de maio, ao interpretar os resultados da eleição na Colômbia, afirmava-se:

O presidente eleito da Colômbia fará, segundo os telegramas, um governo equidistante do fascismo e do comunismo, procurará estreitar as relações com os Estados Unidos e os outros países da América, manterá o seu apoio à Sociedade das Nações e fará o possível para aumentar o consumo do café. (...) A Colômbia possui grandes riquezas materiais e humanas (sic). Com um governo liberal à sua frente, ela não precisa encarar o futuro com pessimismo.¹⁰⁴

O exemplo colombiano sintetizava do posicionamento que os intelectuais reunidos no jornal consideravam adequado. Além de formar ao lado das potências que compunham o campo democrático na política e no comércio, o presidente eleito prometia aumentar o consumo do café, o que favoreceria o Brasil, pois esse ainda era o nosso principal produto

resto do mundo era de certo modo instrumental como dispositivo retórico para a política externa brasileira, pois: a) colocava a aproximação com os Estados Unidos em plano mais elevado que o mero alinhamento; b) embasava a cordialidade com os países vizinhos e o apaziguamento com a rival Argentina; e c) servia para elevar as credenciais do Brasil na Europa ou, alternativamente, para negar o Velho Mundo quando a oportunidade para tanto se apresentasse”. In: GARCIA, Eugênio Vargas. *Op. cit.*, p. 579. Para maiores esclarecimentos ver, à página 582, o esquema elaborado pelo autor para explicar as diferenças entre Europa e América.

¹⁰¹ O primeiro comentário intitulava-se Roosevelt e as eleições. Foi publicado a vinte de abril de 1938, à página 14, sem subscrição. Nele, o colaborador analisava o poder que o presidente norte-americano possuía lutando com um importante aliado no que tangia à propaganda, o rádio.

¹⁰² Realismo e idealismo na América. In: *O Estado de S. Paulo*, 27 abr. 1938, p. 14.

¹⁰³ Política externa dos Estados Unidos. In: *O Estado de S. Paulo*, 08 maio. 1938, p. 32.

¹⁰⁴ A eleição na Colômbia. In: *O Estado de S. Paulo*, 11 maio 1938, p. 16.

de exportação. A estocada no regime de Getúlio Vargas vinha na última assertiva: o futuro colombiano poderia ser encarado com otimismo em virtude do seu governo liberal; no caso brasileiro, a ausência de tais princípios contribuía para o inverso.

A questão do Chaco¹⁰⁵ e as recalcitrâncias argentinas foram, durante esse período, os únicos problemas que ameaçaram a unidade americana no que concernia à solidariedade continental. No primeiro caso, a luta entre Paraguai e Bolívia quase chegou às vias de fato. No entanto, comprovando a tese de que, na América, os problemas eram solucionados amistosamente e com respaldo legal, por meio da diplomacia e não dos canhões, o conflito entre os dois países terminou com um acordo firmado em uma conferência. No segundo, tratava-se da resistência que os argentinos impunham aos projetos advindos de Washington, no que concernia à defesa e à unidade do continente e que os articulistas já entendiam como postura tradicional. Único país a se opor aos Estados Unidos nesse período, a sua posição era inflexível e destoava das demais nações do continente. Mas os problemas dos norte-americanos não se resumiam somente às resistências da Argentina: lutavam contra a influência que os alemães tentavam estabelecer no continente e dentro de seu próprio país.¹⁰⁶ Os principais contra-argumentos dos estadunidenses foram analisados por um colaborador:

Os Estados Unidos consideram o comércio estrangeiro da Alemanha, em marcos compensados e feito com o apoio e a ajuda da diplomacia alemã, uma concorrência desleal. Quase todos os liberais norte-americanos e muitos dos conservadores também, detestam a política anti-semita do Nacional-socialismo. (...) Nota-se que quase todos os parlamentares norte-americanos, que aludem ao problema nazista nos Estados Unidos, também mencionam a propaganda que a Alemanha vem fazendo na América Latina. Parecem perceber que a invasão ideológica do nazismo é um problema continental e que um dos melhores meios de o resolver é dando um

¹⁰⁵ É interessante notar que segundo os colaboradores, a demarcação de fronteiras na América prescindia de elementos Indubitáveis que comprovassem se uma região era ou não pertencente a determinado país. A doze de junho, no comentário “Litígios territoriais”, afirmava-se que esse trabalho “assemelhava-se ao trabalho de Sherlock Holmes. (...) Examinam-se os nomes e batizados e outros documentos dessa ordem que nada têm que ver com terra ou geografia, para ver se a preponderância dos nomes, num ou noutro lado do rio onde um linha real ou imaginária, pertence a este ou aquele grupo social ou étnico”. Litígios territoriais. In: *O Estado de S. Paulo*, 12 jun. 1938, p. 36.

¹⁰⁶ Também nesse caso, a história parecia repetir-se. Durante a Primeira Guerra Mundial, a Alemanha exerceu nos Estados Unidos uma forte pressão para que aquele país não se envolvesse na contenda. No periódico, a ação desses alemães foi comentada no dia 22 de junho de 1941, quando se asseverava que: “(...) Franz von Papen, que tanto se celebrizou nos Estados Unidos em 1916. Não é um exímio atirador, como Bismarck; nem esportista como alguns diplomatas japoneses. Mas é hábil no urdir tramas que beneficiam a sua pátria”. Pacto germano-turco. In: *O Estado de S. Paulo*. 22 jun. 1941, p. 32.

golpe de morte nessas atividades nos Estados Unidos. (...) A opinião norte-americana dizem, certa ou erradamente, não pode suportar a filosofia e a prática dessa nova Alemanha.¹⁰⁷

A partir desse excerto percebe-se as razões do descontentamento da política norte-americana para com a Alemanha. Além de citar o caso da propaganda, o texto apresentava ainda outro fator de atrito entre as duas potências: o comércio em marcos compensados. Nesse sistema, a Alemanha recebia as matérias-primas dos países agro-exportadores e pagava essa mercadoria com máquinas e implementos produzidos por sua indústria, numa transação direta.¹⁰⁸ O Brasil foi um dos países que participou desse sistema de trocas¹⁰⁹ e, apesar das duras críticas e da pressão exercida pelos norte-americanos, os alemães continuaram comprando e vendendo mesmo depois da guerra estourar. Para os norte-americanos, além de uma prática desleal, esse tipo de comércio representava uma ameaça, o transformava comércio numa importante arma política na busca por hegemonias.

Ao analisar as conseqüências da utilização do marco compensado no comércio Brasil-Alemanha, o historiador Luiz Alberto Moniz Bandeira concluiu que

(...) a Alemanha, em quatro anos, conquistou o primeiro lugar como fornecedor do Brasil, ultrapassando os Estados Unidos. Ela não apenas pode abastecer-se dos produtos agrícolas e matérias-primas de que necessitava, como abriu mercados para o escoamento de sua produção industrial. Sua participação nas importações brasileiras, da ordem de 14,02%, em 1934, saltou para 20,44%, em 1935, e elevou-se a 25%, em 1938, enquanto a dos Estados Unidos, apesar do Tratado de Comércio, apenas subiu de 23,67% para 24,02% e a da Grã-Bretanha despencava de 17,14% para 10,04%, no mesmo período.¹¹⁰

¹⁰⁷ Nazismo nos Estados Unidos, In: *O Estado de S. Paulo*, 23 jun. 1938, p. 16.

¹⁰⁸ Sobre esse tipo de comércio, o presidente do Reichsbank, Hjalmar Schacht, afirmou: “Nos contratos comerciais com uma série de países estrangeiros as compras alemãs foram creditadas em contas de compensação nos respectivos países e deixou-se a crédito destes utilizarem novamente para créditos no mercado alemão. Esse sistema foi ampliado especialmente com os países balcânicos e sul-americanos. Na primavera de 1938 tínhamos esses contratos de compensação com nada menos que 25 países, de forma que mais da metade do comércio exterior alemão acontecia por esses canais. Através desse sistema de comércio bilateral conseguiu-se atender à demanda de matérias-primas e alimentos”. SCHACHT, Hjalmar. *Setenta e seis anos de minha vida*. São Paulo: Editora 34, 1999, p. 398-399.

¹⁰⁹ Segundo Edgar Carone, a crise do café colaborou decisivamente para que os agricultores paulistas diversificassem suas atividades. A produção brasileira de algodão cresceu maior do que 500% entre 1920 e 1944 e só São Paulo produzia 59,9% de toda a produção em 1938”. In: CARONE, Edgar. *O Estado Novo. (1937-1942)*. Rio de Janeiro; São Paulo: Difel, 1976.

¹¹⁰ BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. *Op. cit.*, p. 102.

A reação estadunidense deu-se em várias frentes: pressão que seus Secretários de Estado exerciam sob os responsáveis pelas políticas comerciais e política de aproximação cultural entre os povos.¹¹¹ No dia dois de julho, o comentário não-assinado demonstrava a posição do articulista acerca da segunda forma de atuação norte-americana no que concernia ao cenário latino-americano:

(...) O Congresso dos Estados Unidos acaba de votar uma verbazinha para promover ‘relações intelectuais’. Dizemos ‘verbazinha’ porque, em comparação com o que gastam muitas nações européias e asiáticas no fomento de relações culturais, é realmente uma ninharia. (...) A ‘cultura’ de um povo, parece, tornou-se o anúncio, o cartaz, o sinal luminoso que chama a atenção dos compradores cortejados, não ao povo que vive e faz a ‘cultura’ assim exibida, mas sim aos produtos que esse povo tem para vender. Parece ser uma prostituição da cultura. (...) é da própria essência da cultura, no sentido em que usamos a palavra neste comentário, ser desinteressada: falamos daquilo que sintetiza o melhor de uma civilização, daquilo que é honesto, sincero e belo na vida de um povo. Um exemplo ao revés, explicará o nosso pensamento. Todos achamos que a sra. Bidú Sayão tem todo o direito de empregar a sua grande arte para ganhar o pão cotidiano, que a sua linda voz e pessoa podem servir de embaixatrizes da cultura do Brasil em outras terras, mas quem é que gostaria de saber que o ‘rouxinol brasileiro’ tem como missão, principal e única, a venda de café e laranjas brasileiras nos mercados do mundo? Infelizmente esta nova tendência de aproximação cultural tem fins sórdidos dessa natureza. Acabará sendo contraproducente e desvirtuará, talvez a própria cultura. (...) A cultura-propaganda deixa de ser cultura e perde o valor como propaganda. Desmascará-la é a primeira etapa para mudar a cultura propaganda em cultura-cultura.¹¹²

A cultura então se tornou, também, um artilho por meio do qual os contendores pretendiam estabelecer ou consolidar a sua dominação. Para Paulo Duarte, essa intenção era evidente uma vez que, no entendimento dele,

Uma coisa patenteia-se em todo esse esforço de aproximação: se não existe ainda, em caráter oficial, o intento de conquistar materialmente os países da América do Sul, o de colonizá-los espiritualmente a gente o vê a cada passo. Os Estados Unidos

¹¹¹ Para Ana Maria Mauad, “a moeda cultural foi o investimento simbólico para a aproximação dos dois países. Uma forma de convencer os norte-americanos da amizade brasileira e, ao mesmo tempo, incentivar as autoridades brasileiras a escolher o ‘lado certo’ na guerra”. IN: MAUAD, Ana Maria. Genevieve Naylor, fotógrafa: impressões de viagem (Brasil, 1941-1942). São Paulo: *Revista Brasileira de História*, vol 25, n.o 49, p. 43-75.

¹¹² Intercâmbios culturais. In: *O Estado de S. Paulo*, 02 jul. 1938, p. 14. Paulo Duarte foi um profundo crítico das políticas norte-americanas para o Brasil. Sobre a política cultural, escreveu o ex-deputado paulista: “A aproximação política cultural deverá preceder à política comercial. E que os seus intelectuais sejam mesmo intelectuais antes de serem enviados do Departamento do Estado. A França para adquirir no Brasil a influência espiritual que nem quatro anos de absoluto isolamento, sob a mais humilhante das servidões esmaeceu, nunca precisou mais do que a diplomacia dos seus livros e dos seus sábios”. IN: DUARTE, Paulo. *Prisão, exílio, luta...* Rio de Janeiro: Zélio Valverde, 1946, p. 105.

preocupam-se muito com impor, hoje, à América Latina os seus usos, os seus costumes, os seus hábitos de vida. Querem banir da América toda influência européia, substituindo-a por uma só e única: a influência norte-americana.¹¹³

Também para os colaboradores essa era uma idéia contraproducente. Além de desdenhar do valor reservado para a aproximação cultural entre os diferentes povos americanos, o responsável pelo texto diminuía a iniciativa mostrando que o conceito “cultura” era de uma grandeza e amplitude que ultrapassava os limites do comércio. Assim, o excerto evidencia também o desejo do articulista de estabelecer um contato mais intenso com a cultura dos Estados Unidos, desejo que não se realizaria se as premissas para essa troca fossem fundamentadas no interesse meramente político.

Na tentativa de construir uma imagem da América que diferia da situação européia, os responsáveis pela publicação escreveram textos em que indicavam como o povo americano deveria analisar e interpretar as ideologias e teorias que da Europa emanavam para o mundo. Nesse sentido, por exemplo, o racismo, um dos pilares de um dos regimes totalitários europeus, foi apresentado assim, no dia dezanove de julho, ao público leitor:

Há um novo produto europeu que a América toda deve rejeitar e repelir enérgica e até violentamente. Desde o Canadá até a Patagônia não há nenhum país da América que possa aceitar o ‘racismo’ como filosofia ou norma de vida sem confessar a sua própria ‘inferioridade’. (...) A nova expressão do racismo europeu é a mais insidiosa de todas, pois se veste de todo os trajes da ciência e da tolerância. É perigosa porque surge num povo latino – Itália – que parece negar a sua latinidade e que, portanto, poderá servir de exemplo aos incautos latinos do Novo Mundo, seduzidos pelas aparências de lógica que a nova teoria racista porventura contenha. (...) E se quisermos ser capciosos poderíamos dizer que este credo curioso parece ser a expressão de um complexo de inferioridade, do desejo de desvirtuar a história e a ciência para entrar numa ‘raça’ superior, que infelizmente não existe. (...) Para nós, os títulos de uma grandeza italiana, verdadeiramente assombrosa, são nomes e não sangue: Cícero, Dante, Leonardo Da Vinci, Volta, Galiani, Marconi, Pareto, Croce, Puccini, Verdi e milhares de outros, todos latiníssimos. (...) Em todo o mundo, mesmo nos países totalitários, há hospitais, sanatórios, asilos e outras instituições para cuidar daqueles que, por uma razão ou por outra, mostram-se inferiores na luta pela vida. Nós não exilamos os dementes e os hansenianos. (...) O racismo não nos serve. E se até agora não procuramos impor as nossas idéias ao Velho Continente, desejamos viver em paz e que façam ‘lá’ o que bem entenderem.¹¹⁴

¹¹³ DUARTE, Paulo. *Op. cit.*, p. 76.

¹¹⁴ Os racismos e a América. In: *O Estado de S. Paulo*, 19 jul. 1938, p. 14.

Mas não eram somente as ideologias e teorias raciais que ameaçavam e transtornavam as relações internacionais. As inovações tecnológicas contribuíram para o crescente clima de desentendimento entre os homens. Entre essas inovações destacava-se o rádio e o avião. Para os responsáveis pela publicação,

Com o vôo de Berlim a Nova York, sem escalas, a situação internacional entra numa nova fase. (...) Já não basta a terra e o mar. Do ‘céu’, que ironia! – também choveram bombas e balas. (...) O rádio, dentro e fora de fronteiras nacionais, presta-se à propaganda de novas idéias políticas, econômicas e sociais, alcançando mesmo analfabetos. É um instrumento que vem sendo usado para envenenar o povo de algum país contra os seus próprios governantes e é empregado também para a irradiação de ‘programas culturais’, cujos fins ulteriores são imperialistas ou visam a aquisição de concessões privilegiadas. No princípio eram só as nações totalitárias; hoje as próprias democracias entraram no jogo. (...) O rádio como instrumento de cultura ou de comércio, o avião, como veículo de transporte de passageiros, carga e correspondência, eliminando, como fazem a distância, um dos maiores obstáculos ao entendimento mútuo dos povos, poderiam ser as forças mais poderosas na pacificação do mundo. Ao contrário, vemos ambos explorados pelos que querem a guerra ou têm ambições imperialistas.¹¹⁵

Em virtude das transformações causadas por estas novas tecnologias, o mundo estava cada vez mais globalizado. Novas possibilidades foram criadas e os acontecimentos eram conhecidos com uma velocidade que o século anterior desconhecia. Mas se havia nessa diminuição de distâncias algo positivo, o inverso também era verdadeiro. Os colaboradores não se cansavam de alertar os perigos advindos dessas modificações. No dia quatorze de setembro, sob a pressão da crise tchecoslovaca, o articulista escreveu que:

(...) A vida econômica, política e social do mundo é tão intrincada, tão complexa e feita de tantos milhares de pequenos mas fortíssimos fios que, sem sabermos, eles nos envolvem numa vasta tela e nos ligam a acontecimentos que parecem não nos interessar. Ainda hoje sofremos todos da última guerra mundial. (...) É DE NÓS MESMOS QUE ESTAMOS FALANDO E NÃO DO NOSSO VIZINHO. Sem que o saibamos, esses pequenos fios podem estrangular-nos. Ignorar a existência deles não nos salvará. Desprezá-los é suicídio. (...) O perigo é dos mais graves. A guerra mundial nos deixou exaustos, empobrecidos e tontos; não estamos numa encruzilhada, com as forças vivas e cheios de saúde, estamos fracos ou doentes e uma nova guerra acabará a ação destruidora da de 1914.¹¹⁶

Aqui, a metáfora dos fios que se interligavam em uma vasta teia que abrangia todos os povos e interesses servia para reforçar a idéia de que os problemas do campo

¹¹⁵ A porfia nos ares. In: *O Estado de S. Paulo*, 18 ago. 1938, p. 16.

¹¹⁶ Será a hora H?. In: *O Estado de S. Paulo*, 14 set. 1938, p. 16, grifo do original.

internacional diziam respeito à humanidade. E mais, com essa compreensão dos fenômenos externos, os colaboradores mostravam que, no que concernia ao Brasil, caso os norte-americanos entrassem efetivamente no conflito, o país dirigido por Getúlio Vargas não poderia se furtar ao compromisso de acompanhar os estadunidenses, fato que favorecia os propósitos dos responsáveis pela publicação, uma vez que formar ao lado dos Estados Unidos significava introduzir, no campo interno, significativa tensão no regime. Concomitantemente, por meio da leitura dos textos percebia-se a oposição que o presidente Roosevelt sofria em seu país. No dia vinte e um de setembro, se lia que:

(...) Observa-se, porém, nos Estados Unidos, depois da guerra mundial, um fenômeno novo: os pacifistas redobram as suas energias na propaganda contra a guerra e tornaram-se maníacos. (...) Para isso, todos os meios de persuasão, como a imprensa, o cinema, o teatro, são utilizados. (...) Infelizmente, porém, na hora H, o que decidirá a entrada ou a abstenção dos Estados Unidos num conflito será um incidente qualquer, ao redor do qual se fará uma propaganda, criando-se uma mística que comova e arraste os norte-americanos. A não ser que estes, com o tempo, se convertam em anjos...¹¹⁷

Ao presidente norte-americano imputava-se grande poder e capacidade de ação, além de ser considerado um poderoso mediador no âmbito internacional. Os resultados da Conferência dos chanceleres das potências européias, (Alemanha, Itália, Inglaterra e França), realizada em Munique para solucionar o problema tchecoslovaco, contribuíram para que os articulistas reafirmassem a imagem da América como um continente ordeiro e disciplinado. A treze de outubro, constatava-se que:

Imaginamos que os leitores tenham tido também uma sensação de irrealidade ou de espanto ao ler os jornais em que apareceu mais um discurso do chefe alemão ao lado das notícias de que fora definitivamente resolvida a pendência do chanceler. Parece que a América vive num mundo de fantasia e que o que aqui se passa, deve ser um sonho. (...) A América toda se regozija com esse desfecho feliz e edificante de um caso que poderia ter tido conseqüências gravíssimas para ela e para a humanidade.¹¹⁸

Para o final de 1938 agendou-se para a cidade de Lima (Peru) a reunião de Ministros das Relações Exteriores dos países americanos. O encontro ensejou vários comentários no jornal. Em um deles se lia que:

¹¹⁷ Os Estados Unidos e o Pacífico. In: *O Estado de S. Paulo*, 21 set. 1939, p. 14.

¹¹⁸ Paz na América. In: *O Estado de S. Paulo*, 13 out. 1938, p. 14.

(...) a hora exige que as nações americanas deem ao vento certas convenções, certas exigências de protocolo e velhas tradições que impedem, dificultam ou desviam de roteiros produtores as conversas da futura conferência pan-americana. Enorme é o número dos tabus que a observância de certas regras de comportamento protocolar impeça ou dificulte a solução de problemas prementes e cuja solução poderá salvar a América e o mundo. O protocolo, como a lei, foi feito para servir ao homem e não para ser servido por ele. (...) E o que todos queremos é que essa nossa América se organize melhor, tanto para melhorar a nossa sorte dentro do continente como para nos salvar de perigos externos.¹¹⁹

A necessidade de se proteger dos perigos que ameaçavam a paz, a velocidade com que países eram simplesmente riscados do mapa, como evidenciou o caso da Tchecoslováquia, fez com que os colaboradores se colocassem contra as práticas tradicionais da diplomacia. O argumento da unidade continental para a defesa contra os perigos externos, portanto, baseava-se na crítica à demora que a Conferência levaria para concluir os trabalhos, frente a um cenário internacional no qual a força substituía o direito.

Outro problema que ameaçava a união pan-americana eram as disputas e interesses comerciais entre os países do continente, principalmente entre a Argentina e os Estados Unidos. Além disso, havia ainda outro relevante fator no que concernia à união americana: a cultura. Os articulistas chamaram a atenção para esse fato a dezesseis, afirmando que:

(...) quanto mais cedo os americanos perceberem que há fatores culturais, étnicos e econômicos que dividem todas as nações americanas, tanto mais cedo se poderá proceder à construção de um edifício realístico e não feito de quimeras. (...) Temos que deitar outros alicerces para o pan-americanismo, se é que realmente desejamos um entendimento entre as nações do continente.¹²⁰

Pode-se notar, no texto, um viés pedagógico no que se relacionava à política externa dos estadunidenses. Os artigos pareciam querer ensinar aos representantes daquele país quais eram os caminhos que levavam ao entendimento, apontando ainda as falhas e os desafios que eles enfrentariam e justificando suas atitudes. No dia quatro de dezembro, por exemplo, se lia que:

(...) Não resta dúvida que a publicidade de Washington acerca da conferência de Lima e da política latino-americana de Washington é ingênua e quase pueril. (...) Isso tudo, porém, é porque os Estados Unidos são uma jovem democracia

¹¹⁹ O direito e a realidade. In: *O Estado de S. Paulo*, 05 nov. 1938, p. 14.

¹²⁰ A América hispana. In: *O Estado de S. Paulo*, 16 nov. 1938, p. 12.

americana. Nação jovem, sem a experiência diplomática de uma França ou Inglaterra.¹²¹

Pelo excerto nota-se que, aos olhos dos colaboradores, faltava aos americanos o *know how* necessário para comandar uma iniciativa que unisse todos os povos do continente sob uma mesma bandeira, uma vez que eles eram tomados como inexperientes.

No dia nove de dezembro iniciou-se a Conferência de Lima, que ocorreu três meses depois da realizada em Munique, o que tornava inevitáveis as comparações. Tratava-se de construir uma imagem da América fundamentada na superioridade do Novo sob o Velho Mundo. A onze, se lia que:

(...) o espírito e os temas da conferência que se iniciou anteontem são provas evidentes de que a Munique americana é muito diferente da Munique européia. Não fomos em atropelo a Lima para evitar uma guerra, mas sim, para consolidar a paz, e codificar o direito internacional. (...) O seu espírito – do homem americano – é pacifista e tolerante. (...) Quer viver em paz com todo o mundo e quer que todo o mundo viva em paz consigo.¹²²

Todavia, em virtude dos intrincados fios que se entrelaçavam no cenário internacional, a América não escapara aos desafios que o mundo enfrentava naquele momento. Ao analisar essa situação, o artigo do dia onze de abril de 1939, assinalava que, “a política internacional da Europa chegou a um ponto em que a América tem que escolher definitivamente entre uma participação mais ou menos ativa nas lutas ideológicas ou manter uma neutralidade de espírito e de comportamento em tudo quanto concerne a assuntos políticos e diplomáticos da Europa”.¹²³

Antes do início da conflagração, os Estados Unidos apenas emitiam seu posicionamento acerca dos problemas internacionais por meio de notas diplomáticas e de cartas ou mensagens enviadas pelo presidente Roosevelt aos dirigentes europeus. No campo interno, a discussão sobre a lei de neutralidade simbolizava a luta entre aqueles que defendiam uma ampliação da atuação política do país e aqueles que propugnavam o distanciamento dos problemas europeus e a manutenção da hegemonia sobre o continente americano.

¹²¹ Roosevelt e La Prensa. In: *O Estado de S. Paulo*, 04 dez. 1938, p. 36.

¹²² O homem americano. In: *O Estado de S. Paulo*, 11 dez. 1938, p. 36.

¹²³ A Albânia, a América e a paz. In: *O Estado de S. Paulo*, 11 abr. 1939, p. 12.

No que tange à lei de neutralidade, proibia-se o país a comercializar armas ou materiais de guerra a quaisquer partes envolvidas em um conflito e foi em torno dela que se travou uma das grandes batalhas políticas internas naquele país: os isolacionistas tentavam manter a nação longe da guerra européia enquanto o presidente os pressionava, visando auxiliar as democracias em luta contra os países que compunham o campo totalitário. No primeiro caso, os objetivos além de não serem atingidos se transformavam em críticas ao dirigente norte-americano. Ao escrever diretamente aos representantes europeus, o presidente quebrava o protocolo diplomático e se expunha aos mais variados ataques. Foi o que aconteceu quando, na intenção de auxiliar os pequenos países europeus afetados pela política alemã, Roosevelt escreveu a Hitler exigindo que ele não agisse contra as nações que ele elencava na carta. De acordo com Henry Kissinger:

In April 1939, Roosevelt addressed Hitler and Mussolini directly in a message which, though ridiculed by the dictators, had been cleverly designed to demonstrate to the American people that the Axis countries indeed had aggressive designs. Surely one of America's subtlest and most devious presidents, Roosevelt ask the dictators – but not Great Britain or France – for assurances that they would not attack some thirty-one specific European and Asian nations for a period of ten years.¹²⁴

O texto publicado a vinte e cinco de abril analisava o fato da seguinte maneira:

A princípio, parecia que o sr. Roosevelt pusera o chanceler Hitler numa camisa de onze varas ao enviar a mensagem que tanto abalou e irritou as chancelarias da Itália e da Alemanha. Agora, porém, talvez estejam rindo-se com certa dose de malignidade os diplomatas de carreira, cujas normas e rotinas seculares foram postas de lado pelo presidente norte-americano. É que o Führer, aprendendo rapidamente a lição, num interessante movimento de flanco, acaba de por as pequenas nações vizinhas em situação não menos incômoda. (...) Quis o sr. Hitler saber se essas nações se sentiam ameaçadas pela Alemanha. Se todas responderem que não, como não podem deixar de o fazer, não terá ele mais que fazer senão enviar tais respostas ao presidente dos Estados Unidos, com estas ou equivalentes palavras: 'Veja aí, sr. intrometido: estamos em paz com todo o mundo; ninguém se sente por nós ameaçado, conforme provo com os documentos inclusos! O fazedor de guerras será Vossa Excelência...' (...) E dando a respostas negativa, que por força têm de dar, ainda incorrem no perigo de ver as democracias, despeitadas, lhes dizerem: Ah, vocês não necessitam da nossa defesa? Pois passem então muito bem, e na hora 'H' não se queixem! Donde se vê que muita razão tem o brocado quando diz que de boas intenções está todo o inferno forrado; pois com a melhor e mais

¹²⁴ KISSINGER, Henry. *Op. cit.*, p. 384.

simpática das intenções, eis aí o que foi fazer o sr. Franklin Delano Roosevelt: aumentar a aflição às pequenas nações.¹²⁵

O caso guarda em si muita relevância, pois apresentava não só a política externa norte-americana como ingênua, mas também o seu presidente, que agia sem maiores reflexões, espontaneamente.¹²⁶ No segundo caso, os debates acerca da modificação de lei de neutralidade envolviam variados interesses. Apesar do discurso do presidente norte-americano a favor das democracias européias, o Congresso daquele país objetava firmemente qualquer espécie de auxílio material às potências do Velho Mundo. Os responsáveis pela publicação escreveram diversos comentários acerca das divergências em torno dessa lei. No dia dezesseis de julho, por exemplo, se lia que:

A pendência entre Roosevelt e Hull e o Congresso e certas agências de informação está se tornando uma luta aberta e renhida. O resultado desse duelo terá conseqüências importantíssimas não só na realidade interna dos Estados Unidos como para o destino imediato da humanidade.¹²⁷

Todavia, os isolacionistas opunham sérias resistências às tentativas do governo de auxiliar materialmente as democracias em caso de guerra. A resposta americana ao conflito foi a reunião de todas as repúblicas na Conferência do Panamá e, mais uma vez, as diferenças entre os dois continentes servia aos colaboradores como argumento que mostrava o contraste entre os dois continentes. A dezessete de setembro, o articulista afirmava:

Pela primeira vez na história do mundo, se não nos enganamos, todas as nações de um continente reunir-se-ão para discutir a possibilidade de conjugar sua atitude ante um conflito militar em que são partes povos de outros continentes. As consultas do Panamá abrem novo capítulo na história do pan-americanismo e, talvez, na da evolução das relações internacionais. Ação democrática, dentro do direito internacional, obedecendo a altos ideais humanitários, eis como a América age e prefere agir.¹²⁸

¹²⁵ Perguntas em respostas. In: *O Estado de S. Paulo*, 25 abr. 1938, p. 16.

¹²⁶ Todavia, ainda segundo Henry Kissinger, a mensagem dirigida por Roosevelt aos ditadores foi de fundamental importância. Para ele, "Though Hitler scored the oratorical point, Roosevelt achieved his political objective. By asking only Hitler and Mussolini for assurances, he had stigmatized them as the aggressors before the only audience that, for the moment, mattered to Roosevelt – the American people. To enlist the American public in supporting the democracies, Roosevelt needed to frame the issues in terms that went beyond the balance of power and to portray them as a struggle in defense of innocent victims against an evil aggressor. Both his note and Hitler's reaction to it helped him to achieve that objective. In: KISSINGER, Henry. *Op. cit.*, p. 384.

¹²⁷ A propósito da lei de neutralidade. In: *O Estado de S. Paulo*, 16 jul. 1939, p. 32.

¹²⁸ A Conferência de Panamá. In: *O Estado de S. Paulo*, 17 set. 1939, p. 01.

Uma outra questão que recebeu amplo destaque foi a eleição presidencial realizada nos Estados Unidos ano de 1940. O presidente Roosevelt se candidatou ao terceiro mandato, algo que jamais ocorrera na história democrática daquele país. Um dos colaboradores do matutino que escrevia e publicava vários artigos sobre os costumes e principalmente sob as relações e problemas estadunidenses, o professor de História da Civilização Americana da Universidade de São Paulo, Paul Vanorden Shaw, explicava ao leitor o que a candidatura de Roosevelt significava:

(...) E com maior razão o presidente há de pensar que um povo sensato continuará a aproveitar sua experiência, porque, para empregar uma metáfora da época da conquista do 'Far West' 'trocar os cavalos no meio do rio é perigoso.' (...) Ponto básico da filosofia política norte-americana tem sido essa lei não escrita, pois a constituição nada diz a respeito, de que nenhum presidente pode servir mais do que oito anos. Basta lembrar que desde Washington até hoje nenhum executivo norte-americano ousou quebrar a tradição. No fundo a explicação é simplíssima. Toda a constituição de 1787, adotada em 1789, é uma reação, ou melhor, uma revolução contra o direito divino dos reis e muito particularmente contra a política e prática de um Jorge III que vinha procurando governar, não só a Inglaterra como as treze colônias inglesas na América discricionariamente e sem consultar os colonos de além mar. De fato, uma das primeiras razões da revolução que libertou os americanos da mãe-pátria foi o desejo de por no executivo um indivíduo sujeito á vontade popular, e que se considerasse um servidor das turbas e não o seu superior, o seu algoz ou o seu todo poderoso mandão. (...) na história do país se verificou que muitos presidentes serviram melhor o país fora do poder do que continuando nele. (...) O sentimento contra o terceiro quadriênio é assim. Violento, apaixonado. Roosevelt chegou a Washington com um 'furacão'. Este furacão é o 'New Deal'. Pode ser como aquele do 'Mágico de Oz', que transportará o país para o paraíso, dos Munchkin e a terra das Esmeraldas, ou pode deixar devastadas as terras por onde passou.¹²⁹

Eleito para um segundo mandato, o presidente Roosevelt pode dar continuidade à sua política de envolvimento dos Estados Unidos na guerra européia e aumentar a pressão sobre os japoneses. No que concernia ao Brasil e aos demais países da América do Sul, as relações com os norte-americanos se pautaram pela política da boa-vizinhança, pelo do

¹²⁹ SHAW, Paul Vanorden. A reeleição de Roosevelt. In: *O Estado de S. Paulo*, 03 mar. 1940, p. 32. O professor norte-americano fazia parte da rede de relações de Júlio de Mesquita Filho. Em uma das cartas que enviou a marido, que se referia aos dias 30 de novembro a 02 de dezembro de 1939, Marina Mesquita afirmava: "Esqueci-me de contar que o Shaw fico entusiasmadíssimo com os seus dois artigos sobre os States. Disse ele que nunca viu em tão pouco tempo uma apreensão tão completa daquele povo e seus costumes." In: FILHO, Ruy Mesquita. (org). *Op. cit*, p. 124.

pan-americanismo e pelas pressões cada vez mais ingentes para que o continente fosse à guerra sob a tutela dos Estados Unidos.

Capítulo II: *O Estado de S. Paulo*: permanência dos discursos (1940-1942)

2.1) A queda da França

A democracia não perecerá, a história não assistirá ao retrocesso do homem às mais sombrias horas da sua evolução. O gregarismo primário não tomará o lugar do individualismo consciente.¹³⁰

Júlio de Mesquita Filho

Traduzindo todo este moralismo em palavras mais francas: é possível que eu adquira até mentalidade nazista (duvido); é certo que verei sem desaprovação a nazificação do mundo e a reconheça com lealdade. Me basta que eu não me sirva disto para tirar nenhum proveito material pessoal. O que aliás, ainda é uma espécie de vitória da inteligência...Dentro das democracias como dentro dos nazismos. Ai, como o homem é superior aos humanos!...¹³¹

¹³⁰ Carta a Marina Mesquita, datada de 19 de junho de 1940, In: MESQUITA, Ruy (org). *Op. cit.*, p. 172.

¹³¹ Mário de Andrade a Sérgio Milliet. In: DUARTE, Paulo. *Mário de Andrade por ele mesmo*. São Paulo: Edart, 1971, p. 335.

Sob o argumento de que os jornalistas escondiam armas na redação, o prédio foi invadido, no dia 25 de março de 1940, e o matutino passou às mãos da ditadura que, desde 1937, lhe trouxera os maiores dissabores. Ao analisar os acontecimentos, Paulo Duarte lembra que

Jamais a imprensa e o livro foram tão fundamente achincalhados no Brasil como na vigência do Estado Novo. (...) escritores e jornalistas foram para os presídios e expulsos do país. Só pode exercer a profissão jornalística quem fosse amigo da situação ou se conformasse. Um dos mais importantes órgãos da imprensa brasileira “OESP”, foi assaltado pela ditadura, que se apoderou dele, expulsou os donos, lá colocando gente sua, para que o jornal continuasse a sair com orientação ditatorial! Nenhuma satisfação se deu à opinião pública. Nesse caso de “OESP” foram violados, ao mesmo tempo, todos os institutos jurídicos básicos do país: a Constituição, o Código Civil, o Código Comercial, o Código Penal e o Código de Processo! O absurdo de uma alegada conspiração, que teria sede naquele jornal, pareceu tão escandaloso que nem o Tribunal de Segurança, órgão instituído para aplicar o arbítrio da tirania em lugar do direito escrito – nem esse instrumento dócil nas mãos da ditadura teve coragem de pactuar com crime tão mal disfarçado e impronunciou todos os diretores e redatores do jornal acusados. Pois apesar disso, o ditador foi feito membro de honra da Associação Brasileira de Imprensa, que se castrou, sorridente, da própria dignidade. Mas a Associação Brasileira de Imprensa indenizou-se de tamanha amputação moral com um dote, em espécie que a tornou proprietária de um arranha-céu.¹³²

Além de enfrentar o exílio, a essa época na Argentina, Júlio de Mesquita Filho teve de suportar a ocupação e a entrega do periódico a Abner Mourão, ex-diretor do *Correio Paulistano* e amigo do ditador.¹³³ O jornal voltou à circulação no dia 07 de abril do mês subsequente. Ainda que o seu editorial estivesse radicalmente modificado e professasse ideais que os lídimos proprietários dificilmente assinariam, os comentários publicados com destaque gráfico permaneceram com as mesmas características e frequência.

¹³² DUARTE, Paulo. *Op. cit.*, p. 46.

¹³³ Em um dos artigos que publicou enquanto esteve no exílio e que foi, posteriormente, reunido no livro *Prisão, exílio e luta...*, Paulo Duarte afirmou que *O Estado de S. Paulo* “mesmo após o golpe de estado de 1937 permaneceu fiel às suas tradições de liberdade. A censura à imprensa impedia porém qualquer manifestação em desacordo com a ditadura. Aquele órgão tomou entretanto uma atitude completamente neutra. Se não podia exprimir a sua opinião, abstinha-se de qualquer elogio ou referência favorável à ditadura. Nem mesmo elogios à Inglaterra, depois que arrebentou a segunda grande guerra européia, eram permitidos publicar. Mas a ditadura precisava de OESP. (...) O senhor Getúlio Vargas nomeou um amigo para dirigi-lo, o qual desde então lá se encontra, dando ao jornal tradicionalmente democrático a orientação totalitária em que se mantém...”. Bad Neighbor Vargas, artigo dado a *The Nation*, de Nova York, em setembro de 1941, IN: DUARTE, Paulo. *Op. cit.*, p. 213-214.

Todavia, a partir dessa data o jornal não era o mesmo. Antes o periódico se pautava pelos ideais do liberalismo e pela defesa, no que concernia às relações internacionais, dos países que compunham o campo democrático contra os totalitarismos. Desse momento em diante, o jornal era parte da ditadura, um porta-voz do governo, parte da estrutura criada pelo Departamento de Imprensa e Propaganda para a sustentação e divulgação dos feitos do regime inaugurado a 10 de novembro de 1937.

A relevância que o jornal possuía para os projetos do governo, naquele cenário, foi lembrada por Marina Mesquita que, em carta a seu esposo, escreveu:

Ficar com o jornal no pé em que as coisas estão não é possível. Com esse governo, mesmo que o jornal fosse devolvido, seria impossível continuar conosco dada a situação do papel – os impostos novos criados – e a limitação de páginas que vai ser imposta daqui por diante. O Estado com poucas páginas não vive. *O que é mais radical que tudo isso: o governo declarou que o único jornal nacional do Brasil é o Estado e tem por isso de pertencer ao país.*¹³⁴

Não se pode esquecer que as dificuldades de colocar novamente o jornal em circulação foram minimizadas por medidas como a citada por Marina, como a diminuição do número de páginas devido à escassez de papel, que vinha do exterior. Com um número menor de colaboradores, as possíveis deficiências poderiam ser justificadas por restrições que tinham caráter externo.

Não obstante os problemas advindos da ocupação do periódico e da nova orientação que a ele era transmitida, Julio de Mesquita teve de enfrentar, à distância, as negociações que envolviam a venda do jornal para o governo. Indignado com esta situação, ele redigiu uma carta para Marina, dizendo:

A nova fase da guerra se abre ao mesmo tempo, que eu me vejo cada vez mais abalado pelas notícias que tanto a sua como a carta do Alfredo me dão do *Estado*. Que quer você? Não me conformo, não poderei jamais me conformar com a idéia de que ele poderá sair-nos das mãos. Eu aceitaria tudo, fosse o que fosse, menos isso. (...) Não compreendo a vida senão como uma luta em benefício do meu país e da humanidade, e essa luta só é possível através do *Estado*. (...) estamos empenhados na mesma imensa batalha em que se enfrentam duas concepções irreconciliáveis do universo. Pois bem. É preciso resistir, resistir até o fim.¹³⁵

¹³⁴ Carta de Marina Mesquita a Julio de Mesquita Filho datada de 05 a 08 de junho de 1940, IN: MESQUITA, Ruy (org). *Op. cit.*, p. 156, grifo nosso.

¹³⁵ Carta de Julio de Mesquita Filho a Marina Mesquita, datada de 05 de junho de 1940, In: MESQUITA, Ruy (org). *Op. cit.*, p. 157, grifo do original.

A pressão sobre a família que permanecia no Brasil e as despesas sempre crescentes oriundas da vida no exílio criaram um problema financeiro para Julio Mesquita que, nas cartas, sugeria a venda de algumas propriedades para manter a educação dos filhos e garantir sua permanência na Argentina. Para o ex-proprietário do matutino, havia entre a situação nacional e internacional uma relação inextricável e por isso, transferir o jornal para as mãos da ditadura seria

(...) nada mais nada menos que nos equiparar aos Marquet, aos Flandin, Laval, etc, que estão acabando com a honra da França. (...) Além do mais, é preciso não perdermos de vista que a partida está em muito longe de se decidir e que se a França nos falhou, lamentavelmente, a Inglaterra está escrevendo uma das mais estupendas epopéias de todos os tempos! É para ela que devemos olhar. A maneira como os ingleses tem sabido suportar os incríveis golpes que a deslealdade e a covardia do rei da Bélgica e do governo de Bordeaux lhes vêm todos os dias vibrando e a espantosa coragem com que os vão transformando em motivos para mais ardentemente se lançarem à luta são a melhor prova de que derrotado está quem se julga derrotado e de que a democracia é realmente a mais bela forma de governo com que possa sonhar a humanidade.¹³⁶

Em outra oportunidade, ao escrever para o irmão, Francisco Mesquita, afirmara que “depois, a Inglaterra, a Grécia e os Estados Unidos dariam um jeito nas coisas do Brasil”, tentando mostrar que os problemas brasileiros seriam resolvidos como os alemães, de fora para dentro, num movimento irresistível e internacional uma vez que, internamente, a população aceitava passivamente a dominação. Assim pensava também Paulo Duarte, que, ao comparar a situação do país como a das demais nações envolvidas na guerra sentenciava:

Todos os países ocupados reagem contra os invasores e os usurpadores. Na França, na Bélgica, na Grécia, em toda parte, publicavam-se com uma constância heróica, jornais clandestinos, contando a verdade àqueles que o conquistador feroz mantinha segregados. E isso, sob o jugo e a vigilância da Gestapo. Porque não acontecia o mesmo no Brasil moqueado, onde a tirania era igualmente sem entranhas, mas onde os seus instrumentos não tinham nem capacidade, nem coragem, nem força bastante para manter o terror espreado sobre os países ocupados da Europa? Essa, a primeira fase a ser vencida, que não se tentava.¹³⁷

A necessidade de se criar um movimento de oposição ao regime estadonovista dentro do Brasil foi levada a cabo por Duarte que, apoiado financeiramente por Armando

¹³⁶ Carta de Julio de Mesquita a Marina Mesquita datada de 1º de julho de 1940, In: MESQUITA, Ruy (org). *Op. cit.*, p. 180-181.

¹³⁷ DUARTE, Paulo. *Op. cit.*, p.91.

Salles de Oleira, viajou clandestinamente ao país, em julho de 1939, para se encontrar com o Ministro da Guerra, Eurico Gaspar Dutra e propor um golpe contra Getúlio Vargas. O ministro o recebeu e deixou que ele fosse embora. Ficou com os documentos que Paulo Duarte trouxera consigo, dossiês que reuniam as ameaças que pairavam sobre o país, entre elas, aquelas que lhes confiara Hermann Rauschning, publicadas logo depois no livro *Hitler me disse*.¹³⁸

Para tratar dos assuntos referentes ao jornal Júlio Mesquita contou com o auxílio de seu cunhado Antônio Mendonça, que esteve à frente das negociações com os responsáveis que essa compra envolvia, como a Caixa Econômica Federal, por exemplo. De Buenos Aires, o ex-proprietário escreveu a Antônio Mendonça definindo sua posição:

Embora tivesse que ficar só, não aceitaria jamais uma solução que implicasse a alienação definitiva e inapelável do *Estado*. No dia em que a lei for soberana em minha terra, estarei pronto a vender a minha parte de ações, se disso depender o bem estar dos demais membros da família. Sob o jugo de Getúlio, nunca. Fica, pois, entre nós definitivamente entendido: SÓ CONCORDAREI COM A VENDA, CASO FIQUE INSOFISMAMENTE ESTABELECIDO QUE ELA SE EFETUOU SOB VIOLÊNCIA E QUE, PORTANTO, OPORTUNAMENTE, PODERÁ SER ANULADA. Caso contrário, sou pelo abandono do jornal em mãos dos que neste momento estão a sua frente, reservando-me para mais tarde pedir justiça. (...) Se você me disser que a operação poderá ser mais tarde JURIDICAMENTE DESFEITA, muito bem: dar-lhe-ei a minha ratificação. Não sendo assim, poderei ser o único a vir contra ela, mas irei. Eis minha inapelável e definitiva decisão.¹³⁹

A previsão de que ele seria o único a rejeitar as condições de compra e venda do jornal foi correta. Em 16 de outubro de 1941, os outros proprietários, em carta a Antônio Mendonça, assinalavam:

Diante do novo rumo que tomou o caso do *Estado*, com a recusa de venda de uma parte das ações, vimos declarar a você que continuamos de acordo em vender as ações que possuímos, na base já estabelecida, pelo que confirmamos a você os poderes que lhe demos para a realização do negócio. Como nosso representante você poderá estabelecer as condições de liquidação e praticar todos os atos necessários para fazê-la.¹⁴⁰

¹³⁸ Tanto em suas memórias como no livro *“Prisão, exílio, luta...”*, esses episódios são narrados minuciosamente.

¹³⁹ Julio Mesquita a Antônio Mendonça, datada de 24 de janeiro de 1941, In: MESQUITA, Ruy (org). *Op. cit.*, p. 222, grifo do original.

¹⁴⁰ Carta a Antonio Mendonça, datada de 16 de outubro de 1941, In: MESQUITA, Ruy (org). *Op. cit.*, p. 287. A carta foi assinada por Carolino da Motta e Silva, Ester Mesquita, Francisco Mesquita, Alfredo Mesquita, Antônio L. T. de Barros, Lia Mesquita e Armando Salles de Oliveira (P.p.).

Por fim, quando a venda foi efetuada, somente Julio de Mesquita permaneceu com um percentual mínimo de ações (3.611) enquanto a Fazenda do Estado coube 28. 844 enquanto um rol de outras entidades indicadas por ela com 45, totalizando 32. 500 ações sociais.¹⁴¹

Logo após a ocupação, os responsáveis pela publicação escreveram sobre o mais recente golpe da Alemanha: a invasão da península escandinava. O *Exercício no Weser*, nome dado à operação que determinava a invasão da Noruega e da Dinamarca, iniciou-se em abril e contou com a participação das três armas das forças armadas alemãs: a *Luftwaffe* transportou soldados e material, a marinha se instalou nos principais portos do país e o exército terminou a operação.

No que concerne à relevância da Escandinávia, vale lembrar que, vítima do bloqueio inglês nos mares, a Alemanha buscava, além de bases estratégicas, acumular matérias primas que a região possuía em grande e valiosa quantidade, com destaque essencial e particular para os minérios de ferro e aço. As imagens que os colaboradores construíram acerca desse conflito não se furtavam em admitir a ousadia e a perícia de Hitler na execução de seus planos. Segundo um deles, o chanceler alemão “gaba-se de professar idéias revolucionárias. Por esse motivo, adota o lema de Danton: “audácia e sempre audácia””.¹⁴²

A invasão daquela porção do continente custou à Alemanha grande parte de sua marinha de guerra, mas, pela primeira vez, evidenciou de que maneira a aviação poderia atuar conjunta e harmoniosamente com as outras armas na consecução de objetivos estratégicos. Para os colaboradores do jornal, a “quinta arma” foi vitoriosa nessa batalha.

Outro elemento que teve grande participação na efetivação da conquista alemã naquela península foi a ação dos sabotadores conhecida como “quinta coluna”. Principalmente na Noruega, esses grupos facilitaram e prepararam a entrada dos alemães em seu país. Os efeitos nocivos dessa arma foram objeto de análise de um texto não assinado que se referia à quinta coluna como “uma espécie de cavalo de Tróia moderno”.¹⁴³

¹⁴¹ Conforme carta de Antonio Mendonça a Julinho, datada de 31 de outubro de 1942, In: MESQUITA, Ruy (org). *Op. cit.*, p. 349-350.

¹⁴² Jutlândia e Escandinávia. In: *O Estado de S. Paulo*, 12 abr. 1940, p. 14.

¹⁴³ A quinta coluna. In: *O Estado de S. Paulo*, 21 abr. 1941, p. 28.

Enquanto a Alemanha apostava na expansão territorial, os Aliados travavam uma luta interna contra esses elementos que ameaçavam a unidade dessas nações. O endurecimento das ações preventivas como, por exemplo, a prisão de elementos que compunham a aristocracia londrina e que eram favoráveis à paz com a Alemanha, foi denominada de “totalitarismo de emergência” por um colaborador. Segundo ele, não havia nesse fato nenhum perigo nem retrocesso no que tangia ao político uma vez que essa evolução das democracias se devia à “brutalidade das circunstâncias”. E finalizava asseverando que “também na conflagração passada, se tornaram inevitáveis as ditaduras; na retaguarda, as civis, nas lutas de frente, as militares”.¹⁴⁴

A cinco de maio de 1940, a notícia da derrota dos exércitos ingleses no sul da Noruega foi publicada. Todavia, apesar de reconhecer que a vitória alemã tinha sido consumada em virtude da perícia e da ação conjunta das forças armadas, os responsáveis pela publicação construíram, acerca da batalha travada no extremo norte do continente, uma imagem bastante distinta. Se antes da ocupação os textos defendiam os princípios e os países democráticos, esperava-se que como porta-voz de um regime que não se pautava nesses ideais, os responsáveis pelos artigos, mantidos sob censura, escrevessem análises que reconhecessem e celebrassem as vitórias dos países totalitários, como a Alemanha, por exemplo.

Todavia, não foi isso o que aconteceu. Sobre as batalhas travadas na parte setentrional do continente, os colaboradores concluíram que a conquista teutônica “não passou de uma vitória de Pirro” e, no intuito de justificar a confiança que os países neutros deveriam nutrir pelos países que compunham o campo democrático, o colaborador assinalava que os primeiros “ainda não têm elementos para duvidar das disposições dos franco-ingleses nas diversas frentes de combate”.¹⁴⁵

O texto minimizava a vitória germânica e reafirmava a crença dos responsáveis pela publicação no poder de reação dos Aliados que ainda não tinham sido vencidos completamente. Essa estratégia de apresentação das vitórias germânicas permaneceria idêntica ao longo de todo esse período em que cada conquista era mostrada pelos articulistas como incompleta levando a decisão final a outros lugares em um

¹⁴⁴ Os auxílios dos aliados. In: *O Estado de S. Paulo*, 17 abr. 1940, p. 12.

¹⁴⁵ Sexto sentido dos neutros. In: *O Estado de S. Paulo*, 08 maio 1940, p. 14.

desdobramento de batalhas que culminariam, na visão deles, na vitória franco-britânica. Dias depois, uma nova frente foi aberta quando, a dez de maio, iniciou-se a marcha dos exércitos teutônicos em direção ao país latino, com a invasão da Holanda, da Bélgica e de Luxemburgo. Chamado de “bicho papão de toda a Europa” por um dos jornalistas do periódico,¹⁴⁶ chegara o momento do chanceler alemão lutar contra o inimigo natural de todas as suas pretensões no continente: a França.

Após a conquista da Noruega e da Dinamarca, as forças alemãs estavam dispersas, o que contribuía para que se duvidasse de um ataque, com um grande efetivo, contra os franceses. Entretanto, a dez de maio, a Alemanha invadiu a Holanda, a Bélgica e Luxemburgo, iniciando aquela que foi denominada de “a maior batalha da História” pelos colaboradores.¹⁴⁷

Durante a década de 1930, a França ostentava o maior exército do continente e era vista como uma grande potência econômica e militar. As defesas construídas pelos seus governantes, com efusivo destaque para a Linha Maginot, eram tidas como inexpugnáveis.¹⁴⁸ O exército francês, equipado com um grande número de tanques e aeroplanos, contava ainda com grandes nomes que atuaram, durante a conflagração anterior, juntamente com os heróis do Marne e de Verdun. Por isso, além da detenção dos avanços tecnológicos, os gauleses contavam com uma espécie de mística que pairava sob instituição.¹⁴⁹

Para o Ocidente, a França simbolizava o triunfo da razão sobre a violência, a valorização da cultura literária e filosófica e os avanços, enfim, em todas as áreas do conhecimento humanístico. Desde o século XIX, nenhuma cidade rivalizava com Paris e a nação francesa era comparada, nos textos publicados nos comentários, assinados ou não, à Hélade.

¹⁴⁶ Discurso de Chamberlain. In: *O Estado de S. Paulo*, 09 maio 1940, p. 16.

¹⁴⁷ Vale lembrar que, à medida que o conflito recrudescia, esse termo era empregado também em outros casos, transformando, dessa forma, cada novo embate no mais gigantesco evento bélico conhecido.

¹⁴⁸ Para uma visualização, ver anexos.

¹⁴⁹ Para Marc Bloch, a queda da França ocorreu devido a incompetência do Alto Comando Militar. Sobre a mística em relação ao Exército gaulês, o autor explica que: “For a great many journalists and for a considerable number of ‘patriotic’ authors, any general is, by definition, a *great* general”. In: BLOCH, Marc. *Strange Defeat. A statement of Evidence written in 1940*. New York: W. W. Norton, 1999, p. 26, grifo no original. Os colaboradores do jornal também apresentaram os militares franceses como grandes generais. Em um comentário publicado no dia 17 de novembro de 1939, uma pequena biografia dos chefes dos aliados (franceses e britânicos) mostrava ao leitor que aquelas figuras eram experientes e, em sua grande maioria, participaram da campanha vitoriosa na Primeira Guerra Mundial.

O colapso da Polônia e dos países escandinavos foram entendidos, pelos responsáveis pela publicação, como conseqüências da falta de preparo e da ausência de mecanismos eficazes de defesa. Nesse sentido, destacava-se, a doze de maio, que “pela primeira vez a oeste, os germânicos encontram pela sua frente adversários prevenidos”. E o colaborador continuava assinalando que “não lhes foi possível lançar mão do fator ‘surpresa’, a que deveram os ganhos iniciais”.¹⁵⁰

Os articulistas afirmavam que as grandes investidas alemãs em todas as direções provocavam dispersão de forças em uma guerra que se desenvolvia por partes. Por essa razão, muitos textos especulavam onde aconteceria o próximo golpe. Assim, essas suposições acerca dos próximos passos dos alemães se constituíam em um esforço de imaginar ou interpretar que, em última análise, revelava as concepções políticas e expectativas dos colaboradores.

Ao realizar esse exercício, escrever rapidamente análises que dessem conta das velozes reviravoltas políticas e da guerra, os autores expunham ao leitor a idéia deles acerca dos fatos mais relevantes do momento. Portanto, podia-se captar, nas entrelinhas, as mensagens subentendidas que cada artigo trazia. A quatorze de junho lia-se que, “com efeito, a operação vai se executando, mas por partes. Começou pela Escandinávia, prossegue agora na Holanda e na Bélgica. E depois? Haverá ainda paraquedistas e ‘quinta coluna’ para desfechar o golpe final, que deve ferir mortalmente o Império Britânico?”.¹⁵¹ Vale lembrar que ao apresentar ao leitor a idéia de que a ofensiva se desenvolvia fracionadamente, o articulista formava a opinião segundo a qual o conflito só estaria decidido quando o último inimigo tombasse.

Além dos textos especulativos, outro tema que freqüentemente surgiu nos comentários foi a Primeira Guerra Mundial. As batalhas que marcaram a época, os líderes e personalidades marcantes do conflito e as comparações da situação iniciada em 1939 e da que terminou em 1918 contribuía para a luta simbólica que se travava em torno da memória. Além disso, aos comentaristas, era possível estabelecer semelhanças e idiossincrasias entre aquela situação e a atual, o que tornava o texto ainda mais denso e complexo, fato que reforçava a tese de que a essência dessa iniciativa era mesmo analítica e

¹⁵⁰ Invasão da Holanda e da Bélgica. In: *O Estado de S. Paulo*, 12 maio 1940, p. 01.

¹⁵¹ Pára-quedistas e quinta coluna. In: *O Estado de S. Paulo*, 14 maio 1940, p. 16.

não meramente informativa. A dezenove de maio, uma dessas comparações foi comentada da seguinte maneira:

Segundo as mais recentes notícias, Londres e Paris estão vivendo as mesmas horas ansiosas de agosto de 1914. Há alguma semelhança entre o que se passou naquela época e nesta época. Nas minúcias, porém, a situação é diferente. Da outra vez, após as vitórias de Liège de Charleroi, os invasores avançaram, em três grandes colunas sobre a capital da França; agora, infiltraram-se fundamente por uma brecha aberta entre Maubege e Sedan. Formou-se, destarte, uma enorme ‘bolsa’, que eles procuram alargar, afim de lograr rapidamente os seus objetivos. Por meio de tanques e a infantaria, chegaram até próximo de Reims, deixando de lado lugares fortificados, de certa valia. (...) Quanto tempo durará a batalha? A do Marne, que conteve os teutônicos a vinte e cinco anos travou-se em doze dias. (...) Quem leu os escritores teutônicos do após-guerra verificará que não exageramos. Nos seus livros, eles narram que, no decorrer daquela contenda, as contínuas vitórias indignavam as populações. ‘Que valem as vitórias – indagava então Ernst Graezer – se a nossa vida é cada vez mais insuportável?’ E vida da Alemanha de 1940 é quase a mesma de 1918!¹⁵²

A invasão alemã, sustentada da mesma maneira que nas outras batalhas, com a aviação, a infantaria e os esquadrões mecanizados, era motivo de tensão no país latino. A brecha a que o colaborador se referiu, além de não ser fechada, aumentou até que as linhas francesas foram rompidas e os invasores avançassem em várias direções ameaçando a capital, Paris. Apesar de a situação indicar claramente que algo muito errado acontecia na França, o texto publicado no jornal a vinte e dois de maio visava acalmar os mais preocupados e, concomitantemente, obstar o fortalecimento dos que se batiam pelo autoritarismo:

(...) essas conjecturas não devem, no entanto, levar a conclusões precipitadas, porque, como disse o sr. Winston Churchill, no seu discurso de domingo último, ‘seria ridículo perder a confiança e a coragem ou supor que os exércitos bem treinados e aparelhados, com cerca de três a quatro milhões de homens, possam ser vencidos em algumas semanas, apenas ou alguns meses, por meros golpes de surpresas e emboscadas, e reides de carros de assalto, por mais poderosos que sejam.’ (...) Todavia, não é a primeira vez na história que a França atravessa momentos difíceis. Os atuais dirigentes das tropas franco-britânicas já presenciaram situações críticas na última guerra, e o próprio general Weygand, que assume o comando quando a nação francesa corre perigo, foi o braço direito de Foch.¹⁵³

¹⁵² Hora decisiva?, In: *O Estado de S. Paulo*, 19 maio 1940, p. 30.

¹⁵³ Momentos de apreensões. In: *O Estado de S. Paulo*, 22 maio 1940, p. 01.

Percebe-se que, além da preocupação de tranquilizar os leitores acerca do futuro da Europa e da civilização, recordava-se que um dos comandantes das tropas aliadas era um dos principais auxiliares de Foch, herói da conflagração anterior. Além disso, reforçando a assertiva de Winston Churchill, os colaboradores julgavam ridículo supor que a França seria vítima da *blitzkrieg*. Todavia, à medida que más notícias chegavam do Velho Mundo, os responsáveis pela publicação pareciam acreditar que a derrota francesa se devia, em grande parte, a uma série de erros.

Um desses equívocos teria sido a não destruição das pontes sobre o rio Mosa, que facilitou o trabalho dos tanques. E mais, ao invés de uma contra ofensiva organizada, o que se viu foi a fuga desesperada dos exércitos gauleses que, da noite para o dia deixavam de existir.¹⁵⁴ A confluência de três outros fatores contribuiu, na visão dos articulistas, para o colapso gaulês: a ação dos sabotadores, a quantidade de divisões blindadas lançadas na frente ocidental e a propaganda alemã. A força atribuída e os métodos utilizados pela Alemanha e, em certa medida, adotados também pelos aliados, representavam um novo tipo de guerra, na qual os alemães pareciam possuir enorme vantagem. A título de exemplo, veja-se o comentário do dia vinte e sete de abril, que mencionava:

(...) há poucos dias, voou sobre Paris um avião solitário. E que atirou umas placas transparentes nas quais se viam, numa das faces, soldados gauleses e alemães mortos, emaranhados nos arames farpados, e noutra, contra a luz do sol, um fleumático britânico, em doce contemplação, diante de uma mulher. Com as placas, caíram ainda alguns manifestos em que se procura estabelecer a cizania entre os habitantes das duas nações aliadas.¹⁵⁵

Pode-se avaliar os efeitos que propagandas como causavam no ânimo daqueles que, desde o início, se recusavam a “morrer por Dantzig”. Além disso, julgava-se que os ingleses não estavam mesmo dispostos a enviar ao continente número elevado de

¹⁵⁴ O pânico que acometeu alguns exércitos franceses durante a batalha da França foi narrado detalhadamente por William Shirer. Segundo o autor, “O pânico espalhou-se tão rapidamente que os soldados dos dois regimentos de infantaria e dos dois regimentos de artilharia – a espinha dorsal da 55ª Divisão – logo corriam na maior desordem pela estrada de Bulson abaixo. Os oficiais não tentaram detê-los. Na verdade, alguns oficiais estavam na frente daqueles bandos aterrorizados. O general Lafontaine e os oficiais de seu Estado Maior, vendo os fugitivos aproximarem-se do Posto de Comando de sua divisão, ao sul de Bulson, saíram para a estrada a fim de tentar detê-los. Colocaram-se caminhões transversalmente, na estrada, para bloqueá-la. Mas as tropas conseguiram transpor os obstáculos e continuaram na fuga durante a noite, a maioria sem parar, até alcançarem Reims, a 96 quilômetros de distância. Tinham fugido apavoradas dos tanques alemães, convencidas, como estavam, de que eles vinham em sua perseguição”. In: SHIRER, William. *A queda da França*. São Paulo: Record, s/d, vol II, p. 389-390.

¹⁵⁵ Imponderáveis burlescos. In: *O Estado de S. Paulo*, 27 abr. 1940, p. 16.

soldados, nem tampouco de aeroplanos, que foram requisitados em grande número pelos comandantes gauleses, o que reforçava a idéia de que, na hora fatal, a França fora abandonada por sua fiel aliada.¹⁵⁶

Um outro fator que ampliou o drama vivido pelos franceses foi a rendição da Bélgica. O rei Leopoldo não acreditava na vitória das forças franco-britânicas e decidiu render-se, expondo os exércitos aliados ao cerco e isolamento.¹⁵⁷ Ao comentar a capitulação, os articulistas iniciaram o artigo publicado a trinta de maio, descrevendo um pouco da história dos reis. Segundo eles

(...) a história dos reis constitui um dos capítulos mais interessantes de todas as histórias dos dirigentes de povos. Porque o monarca ou imperador traz consigo uma série de tradições, de preconceitos que os demais não revelam. (...) Mas ninguém pode deixar de reconhecer que o rei é, geralmente, um símbolo. (...) Reis houve, lídimos guerreiros, defensores do seu povo, que colocaram acima de tudo a vida e a honra ao serviço da pátria, enquanto outros, menos imbuídos dos sentimentos, que em chefe deve ter para com sua gente, revelaram as suas fraquezas, nos momentos difíceis. A história está cheia de exemplos: bons e maus. Quando se refere ao rei Arthur, fundador da Ordem dos Cavaleiros da Távola Redonda, surgem logo uma série de fatos ligados a sua história, que relembram a vida heróica desse soberano lendário. (...) Certo, ainda é cedo para julgar-se a atitude do rei Leopoldo III. A sua capitulação data de dois dias e não houve tempo para se apurarem as circunstâncias que o levaram a decidir-se desse modo, no momento em que os aliados jogavam com as forças belgas, na contra-ofensiva alemã.¹⁵⁸

¹⁵⁶ O general Basil Liddell-Hart, por exemplo, autor de vários livros sobre o período, era contra qualquer auxílio aos franceses que dependesse de envio de soldados e material de guerra.

¹⁵⁷ Segundo William Shirer, “Talvez o ato do Rei da Bélgica não nos surpreenda ao lembrarmos de sua atitude política durante aqueles anos. Tirou seu país da aliança militar com a França e a Grã-Bretanha em 1936. insistiu para que a Bélgica retomasse sua posição de país neutro embora a invasão de 1914 – quando seu pai reinava – tivesse demonstrado quão pouco os alemães a respeitariam, e persistira em mantê-la mesmo depois da ocupação da Áustria por Hitler em 1937 e da Tchecoslováquia em 1939; e o ataque do ditador nazista à Polônia, nesse mesmo ano, havia demonstrado o desprezo e o desrespeito da Alemanha nazista à independência de países vizinhos. Depois de começada a guerra, Leopoldo recusou conversações de seu Estado-Maior com os aliados, as quais objetivaram preparar uma defesa comum contra os alemães, mesmo quando os planos destes, de uma invasão da Bélgica, lhe caiu nas mãos. Somente no último momento, depois que as tropas de Hitler estavam invadindo suas fronteiras, é que pediu ajuda aos aliados. Mesmo assim, quando a França e a Grã-Bretanha foram em seu auxílio, não julgava que a Bélgica tivesse alguma obrigação para com elas, exceto lutar em sua própria defesa. (...) Em 25 de maio, finalmente, em sua última reunião com os ministros, disse-lhes que a causa dos aliados estava perdida, que não mais havia razão para continuar a guerra ao lado deles e que talvez tivesse que formar novo governo sob o tacão dos alemães que ocupavam o país”. In: SHIRER, William. *Op. cit.*, p. 72-73.

¹⁵⁸ Os reis e a História. In: *O Estado de S. Paulo*, 30 maio 1940, p. 01.

No mesmo dia, a trágica realidade do exército francês era exposta pelos colaboradores: “com toda certeza ele se dividirá, uma parte embarcando para a Inglaterra e a outra indo ao último extremo, ao extermínio ou à capitulação”.¹⁵⁹ A imagem de Dunquerque ganhava forma enquanto as estratégias de defesas diminuía e o desespero crescia. Contudo, uma vez mais, os colaboradores representavam a vitória alemã como incompleta, evocando a figura de Pirro: “(...) Quem nos dirá que não se repeta a vitória de Pirro, em Heracléia? O grego empregou os elefantes como último recurso, e não venceu os romanos. Os seus êmulos de hoje empregam os tanques motorizados...”¹⁶⁰

A retirada das tropas aliadas em direção ao mar foi interpretada pelos articulistas como a maior tragédia da história militar.¹⁶¹ Também neste caso, os acontecimentos vividos pelos contemporâneos eram comparados com eventos históricos de outras épocas, particularmente a história antiga e o vulto de Napoleão Bonaparte. A dois de junho, a retirada franco-britânica foi assim descrita pelo colaborador:

(...) a ‘retirada dos dez mil’, que Xenofonte descreveu na ‘Anabase’, muito ficaria a dever se um grande historiador de nossos dias se decidisse a narrar o que está ocorrendo nas costas do mar do Norte, à entrada do canal da Mancha. A despeito de não ser nosso desejo antecipar os fatos, pode-se, porém, dizer que está prestes o encerramento da primeira fase da atual guerra.¹⁶²

É interessante destacar que nesse mesmo dia os colaboradores já entendiam como finalizada a primeira fase da guerra. Assim, o conflito se desdobraria em muitas outras lutas até que um dos contendores triunfasse. Outro fator digno de nota é que a derrota dos exércitos aliados na frente ocidental não fez com que os colaboradores representassem a luta com desespero ou pavor. Não houve também nenhuma espécie de comoção ou demonstração de sentimentalismo no que concernia à queda da França. Pelo contrário, diante do maior drama da história militar daquele país, em nenhum momento os

¹⁵⁹ Tanques e trincheiras. In: *O Estado de S. Paulo*, 30 maio 1940, p. 16.

¹⁶⁰ Os futuros golpes. In: *O Estado de S. Paulo*, 02 jun. 1940, p. 01.

¹⁶¹ Os números do embarque foram oferecidos aos leitores a sete de junho: “conseguiram desembarcar nas costas da Inglaterra cerca de 335 mil soldados enquanto somente perto de 30 mil permaneceram na Flandres na defesa de Dunquerque...”. E o articulista lembrava que a retirada foi “algo de admirável e sem precedentes em toda a história da humanidade”. Novos objetivos. In: *O Estado de S. Paulo*, 07 jun. 1940, p. 01.

¹⁶² Fim da primeira fase, In: *O Estado de S. Paulo*, 02 jun. 1940, p. 36.

comentários demonstraram falta de confiança no que se referia ao resultado final do conflito, apostando na vitória final das democracias.

Dessa forma, taxavam as preocupações britânicas de “estranho pessimismo” e lembravam que os ingleses lutavam até a última batalha, aquela que, historicamente, jamais perderam.¹⁶³ Observe-se que, neste caso, os responsáveis pela escritura do texto se mostram mais otimistas no que concerne ao andamento da guerra do que os próprios britânicos. O estranho pessimismo aqui denota o desespero que uma possível derrota inglesa significaria para os colaboradores. Assim, agarrados nessa última esperança os articulistas escreveram artigos que representavam os ingleses como um povo de fibra e que suportaria as provações vencendo a batalha final. Todavia, um outro fator veio conturbar ainda mais o cenário. A dez de junho, Mussolini declarou guerra à França, aumentando a pressão sob os exércitos gauleses. Diante desses fatos, qual seria a posição que o jornal, órgão do regime estadonovista, adotaria? A onze, um comentário que interpretava os significados da entrada italiana no conflito e a questão da neutralidade lembrava que

A nossa posição de país neutro, entregue ao estudo e resolução de problemas particulares a sua própria vida, não nos permite que nos embrenhemos num labirinto de fatos que poderia ao invés de aplacar, animar controvérsias e avivar inimizades. (...) Se até aqui a posição de neutralidade era aconselhável, doravante ela se torna imprescindível. (...) Os estrangeiros que conosco trabalham devem compreender, e estamos certos de que o compreenderão, que somente respeitando a nossa neutralidade poderão sentir-se garantidos a gozar os benefícios que a terra dadivosa e o povo hospitaleiro, tradicionalmente amigo dos que aqui trabalham, lhes dispensam espontaneamente. (...) voltamos a nossa atenção para o trabalho cotidiano, tendo em vista o sossego dos nossos lares e a felicidade e glória do nosso país. (...) precisamos prestar obediência ao supremo governante da República. Prestigiando-o, reunindo-nos em torno dele, poderemos garantir a nossa paz e a nossa riqueza.¹⁶⁴

O aspecto fundamental que o excerto evidencia é o clamor no que tangia à unidade interna, necessária na medida em que a guerra parecia se espalhar e ameaçar todos os

¹⁶³ O pessimismo passara a ser visto pelos colaboradores como uma das táticas da guerra. No dia 11 de novembro de 1941, se lia, no texto não assinado, que: “(...) pelo exposto, parece que vai ganhando terreno entre os contendores, inclusive da Alemanha, a estratégia e tática do pessimismo. Daqui por diante, os críticos deverão ter cautela com os termos ‘grave’, ‘sério’, ‘alarmante’, ‘afetivo’, ‘inquietos’, ‘pavoroso’, ‘catastrófico’. Termos esses sujeitos a interpretações várias e interessantes...”. Variações sobre o pessimismo. In: *O Estado de S. Paulo*, 11 nov. 1941, p. 16.

¹⁶⁴ Neutralidade. In: *O Estado de S. Paulo*, 11 jun. 1940, p. 14.

povos. Vale destacar que esse discurso pela disciplina civil foi característico do jornal ocupado pelo regime varguista e marcava a ruptura fundamental entre o matutino antes e depois da ocupação.¹⁶⁵

A França era para o Brasil, além de um paradigma político, um guia intelectual e espiritual. As influências do pensamento francês remontavam a longa data e não parece demais afirmar que, a partir do século XIX, os franceses deixaram uma marca importante na história brasileira. Nos primeiros movimentos em torno da idéia de república, os ideais apresentados para romper com a Monarquia eram os da nação européia. Segundo José Murilo de Carvalho:

Entre os propagandistas, o entusiasmo pela França era inegável. A proximidade do centenário da Revolução de 1789 só fazia aumentá-lo. Silva Jardim pregava abertamente a derrubada do Antigo Regime no Brasil, fazendo-a coincidir com o centenário. Não se esquecia de incluir o fuzilamento do Conde D'Eu, o francês, a quem destinava o papel do infeliz Luís XVI, numa réplica tropical do drama de 1792. O entusiasmo não podia ser melhor expresso do que nas palavras de um oficial da Marinha, recordando em 1912 os tempos da propaganda: 'Todas as nossas aspirações, todas as preocupações dos republicanos da propaganda eram de fato copiadas, das tradições francesas, nas menores coisas das nossas lutas políticas lembrávamos a França. A Marselhesa era nosso hino de guerra, e sabíamos de cor os episódios da grande revolução. Ao nosso brado: 'Viva a República' seguia-se quase sempre o de 'Viva a França'. (...) *A França era a nossa guiadora*, dela falávamos sempre e sob qualquer pretexto.'¹⁶⁶

O excerto acima denota, com profunda precisão, de que maneira a história francesa, seus ideais e sua cultura estavam ligados ao Brasil admitindo-se que a França era o paradigma a ser seguido para a instalação do regime republicano. Como a vitória alemã na França era já uma questão "de horas ou de dias",¹⁶⁷ o sucesso dos avanços germânicos e a iminente queda de Paris repercutia com intensidade no cenário internacional. No Brasil, o presidente, ao discursar a bordo do couraçado Minas Gerais, a onze de junho de 1940, fez

¹⁶⁵ Para uma abordagem dessa questão, ver o trabalho de iniciação científica que comparava as representações da Alemanha e dos Estados Unidos nesse período: COSTA, Alexandre Andrade. *As representações da Alemanha e dos Estados Unidos por meio do jornal O Estado de S. Paulo (1937-1942)*. Assis: Relatório de Iniciação Científica (Departamento de História – Universidade Estadual Paulista/Campus de Assis/Fapesp) sob a orientação da professora Dra. Tânia Regina de Luca, 2006.

¹⁶⁶ CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas. O imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 12-13, grifo nosso.

¹⁶⁷ Esse foi o título do texto publicado a 13 de junho de 1940: "Questão de horas ou de dias". In: *O Estado de S. Paulo*, 13 jun. 1940, p. 01.

uma análise da situação na qual fazia um libelo aos regimes totalitários enquanto mostrava que as democracias eram sistemas ultrapassados.

O discurso se tornou ainda mais relevante em virtude de um outro pronunciamento realizado no dia anterior nos Estados Unidos, oportunidade em que Roosevelt prometeu auxílio às democracias em luta contra o nazismo,¹⁶⁸ enquanto o brasileiro asseverava que

(...) marchamos para um futuro diverso de quanto conhecíamos em matéria de organização econômica, social ou política, e sentimos que os velhos sistemas e fórmulas antiquadas entram em declínio. Não é, porém, como pretendem os pessimistas e os conservadores empedernidos, o fim da civilização, mas o início tumultuoso de uma era nova. Os povos vigorosos, aptos à vida, necessitam seguir os rumos das suas aspirações, em vez de se deterem na contemplação do que se desmorona e tomba em ruínas. É preciso, portanto, compreender a nossa época e remover o entulho das idéias e dos ideais estéreis.¹⁶⁹

As palavras de Getúlio Vargas repercutiram tanto no cenário externo quanto no interno. Para os comentaristas, “o tom de suas palavras denunciaram a vontade firme de fazer um Brasil sempre respeitado e forte. A oração constituiu, no fundo e na forma, nova orientação da oratória diplomática brasileira”.¹⁷⁰

Dentro do governo brasileiro havia posições conflitantes, que refletiam a dicotomia existente no cenário internacional. Oswaldo Aranha, Ministro das Relações Exteriores, defendia o alinhamento com os Estados Unidos, enquanto Eurico Gaspar Dutra, Ministro da Guerra, e o general Góis Monteiro pendiam para a Alemanha. Oswaldo Aranha tentou, então, matizar o discurso do presidente brasileiro. Segundo Stanley Hilton,

(...) parte da solução encontrada por Aranha para superar a tempestade foi combinar, sem dúvida só depois de consultar o chefe do executivo, outra reunião algumas horas depois com os líderes militares, Caffery e o Coronel Miller. Nesse encontro de duas horas, Aranha reafirmou a fidelidade do Brasil ao pan-americanismo e à amizade tradicional com os Estados Unidos, mas frisou que receber ajuda para o reaparelhamento das forças armadas era o passo indispensável a qualquer compromisso específico sobre a defesa comum. Para reforçar as declarações do

¹⁶⁸ Apoio que não chegou a tempo de salvar a França da catástrofe. Antes da derrocada final, Paul Reynaud enviou telegramas a Roosevelt pedindo que os Estados Unidos intervissem na guerra em favor dos aliados. No entanto, ainda era cedo para os americanos e, além disso, havia eleições marcadas para novembro e o presidente, candidato, não queria imiscuir-se no conflito europeu temendo, possivelmente, um retrocesso no pleito.

¹⁶⁹ *O Estado de S. Paulo*, 12 jun. 1940, p. 03.

¹⁷⁰ A posição do Brasil. In: *O Estado de S. Paulo*, 15 jun. 1940, p. 12.

chanceler, Vargas repetiu a Caffery que seu discurso visara apenas alertar o povo brasileiro para as grandes mudanças da vida moderna e com isso justificar medidas para reforçar o país militar e economicamente. Disse inclusive que divulgaria uma nota naquele sentido, o que fez, através do DIP, no dia 13.¹⁷¹

A historiografia tradicional interpretou esse discurso como uma ameaça aos norte-americanos, que relutavam em auxiliar o Brasil nos seus principais objetivos.¹⁷² De acordo com essas interpretações, essa atitude se coadunava com a política do “duplo jogo”¹⁷³ ou da equidistância pragmática¹⁷⁴ adotada pelo presidente. Contudo, para além de uma análise de viés economicista, e relacionando o momento político em que ele foi proferido, o que se percebe é que todo o pronunciamento tinha como finalidade justificar os regimes de cunho autoritário e sinalizar que o Estado Novo estava em sintonia e em harmonia com os vencedores europeus.

As conseqüências simbólicas da queda de Paris foram enormes. Mário de Andrade, em carta a seu amigo, Sérgio Milliet, ao se referir a mais recente conquista alemã afirmava que:

(...) a Alemanha, acabe ou não vencendo esta luta de princípios, acaba de nos dar um dos mais sublimes exemplos de genialidade dirigida, de aplicação específica da inteligência humana. E se tenho horror ao nazismo, e mesmo o considerando uma etapa de evolução social, se nem agarrado serei nazista em mim, não tenho não só forças mas nenhum argumento mais para desaconselhar a um moço de 25 anos pra menos, a adoção dos princípios nazistas, racistas e comunistas e o diabo. Eles estão com a razão. E o que é mais: *estão com a verdade fatal*.¹⁷⁵

O impacto da conquista alemã foi de uma amplitude tão elevada que, segundo Júlio de Mesquita Filho,

¹⁷¹ HILTON, Stanley. *Oswaldo Aranha. Uma biografia*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1994, p. 334-335.

¹⁷² Segundo Ricardo Antônio Silva Seitenfus, os objetivos brasileiros à essa época eram basicamente dois: armas para o Exército e a construção de uma usina siderúrgica. SEITENFUS, Ricardo Antônio Silva. *O Brasil de Getúlio Vargas e a formação dos blocos: 1930-1942. O processo do envolvimento brasileiro na Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1985.

¹⁷³ Para Roberto Gambini, “pode-se dizer que a mensagem velada no discurso de Vargas é uma promessa de aliança se os EUA fornecessem armamentos, e uma ameaça de aproximação da Alemanha caso o pedido não fosse atendido”. GAMBINI, Roberto. *O duplo jogo de Getúlio Vargas*. São Paulo: Símbolo, 1977.

¹⁷⁴ MOURA, Gerson. *Autonomia na Dependência: a política externa brasileira. (1935-1942)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

¹⁷⁵ DUARTE, Paulo. *Mário de Andrade por ele mesmo*. São Paulo: Edart, 1971, p. 333.

(...) logo após o início da guerra, nos mandava dizer, em carta, que ainda conservamos em nosso arquivo, o inesquecível amigo Otelo Franco, cujas relações com o General Góis Monteiro eram de todos conhecidas. Respondendo às linhas que lhe escrevíamos do exílio, Otelo procurava demonstrar-nos que o nosso entusiasmo pela Democracia e a fé que depositávamos na vitória final das potências que a defendiam eram o fruto de nossa ignorância em questões militares, nas quais seria exímio o seu chefe e mestre Góis Monteiro. Para este, se houvesse bom-senso e visão real das coisas, não restaria ao Brasil senão conduzir-se de modo a que, na hora inevitável do triunfo nazi-fascista, não nos víssemos na triste condição a que estava fadada a aliança Inglaterra-Estados Unidos, em face do poderio imenso que representavam a Alemanha, a Itália e o Japão. E que tal era o pensamento não apenas da trilogia Góis Monteiro-Dutra-Campos, os três principais assessores do ditador prova-lo-ia Oswaldo Aranha, alguns anos mais tarde, em Santos, diante de um grupo que se formara à volta do Brigadeiro Eduardo Gomes, quando o ilustre brasileiro ali se encontrava para tomar parte num meeting em favor da sua candidatura a Presidência da República, no estádio do Santos Futebol Clube. Éramos umas seis ou oito pessoas em torno do grande democrata brasileiro e comentávamos, exatamente, a atitude do chefe da delegação do Brasil à Conferência de Lima, com base no trabalho a que aludimos e que abre este volume. Inesperadamente, chegou-se ao grupo o sr. Oswaldo Aranha que, ouvindo-nos afirmar ter sido intenção de Getúlio Vargas, em determinados momentos e a conselho dos dois generais que o assessoravam, passar-se na hora oportuna para o campo nazi-fascista, interveio na conversa para asseverar: - Está você muito mais próximo da verdade do que imagina. As coisas chegaram a um tal ponto, depois do esmagamento dos exércitos franceses, que Getúlio resolveu convocar o Ministério para que se decidisse a entrada do Brasil na guerra, ao lado de Hitler e Mussolini. Getúlio encontrou decidido apoio em Góis Monteiro e Dutra, mas estes acharam conveniente que se verificasse, antes da decisão final, quais eram as reservas de petróleo existentes no País, pois tinham a certeza de que se aderíssemos ao Eixo não poderiam os Estados Unidos, já em franca cooperação com a Inglaterra, deixar de impedir qualquer fornecimento de combustíveis ao Brasil. feito o levantamento das reservas, viu-se que eram tão reduzidas que não dariam para mais de três meses. E só por isso não fomos à guerra. Para nos atermos à verdade, diremos que o sr. Oswaldo Aranha, desde o início do seu revelador depoimento, afirmou ter sido a sua única voz a levantar-se veementemente contra os planos do chefe do governo e de seus conselheiros militares.¹⁷⁶

No que concernia à queda da capital francesa, estabelecendo um paralelo com a carta de Mário de Andrade, nota-se quão díspares foram as apreensões do fato e a maneira como era apresentado aos leitores.¹⁷⁷ Enquanto o escritor paulista representava parte da

¹⁷⁶ FILHO, Júlio de Mesquita. *Política e Cultura*. São Paulo: Martins, 1969, p. XIII-XIV.

¹⁷⁷ No que concerne à queda da França, o proprietário do jornal, exilado, manifestou-se pesaroso somente no âmbito privado. Em carta a sua esposa, Julio de Mesquita escreveu, de Buenos Aires, numa carta datada de 17 de junho de 1940: “A França capitulou! (...) Ao ouvir a espantosa notícia, tive a sensação de que me havia

intelectualidade brasileira que chorava a destruição da Nação que simbolizou a cultura e a ilustração, os responsáveis pela publicação, colocando à parte as emoções, assinalavam, resignados, que “neste último século e meio, o destino da grande capital tem sido esse mesmo.”¹⁷⁸

As fraquezas da Alemanha também foram apontadas freqüentemente pelos responsáveis pela publicação. Além disso, os colaboradores assumiram, no que se referia àquela nação, uma postura crítica ao explicar e apontar os enganos cometidos pelos leigos. Assim, durante todo o período estudado, observam-se as críticas feitas à Alemanha como um processo contínuo e crescente que aumentava de intensidade quando as vitórias desta nação pareciam se estabelecer e ampliar. Um exemplo desse fato ocorreu a vinte de junho, quando o colaborador ensinava que, “(...) Toda gente imagina que Adolf Hitler foi o inventor do exército que vem alcançando tantas vitórias. Pois não foi: a sua grande tarefa foi a de elevar a forte potência o que, em pequena escala, fizera o general von Seeckt”.¹⁷⁹

Outro aspecto que mereceu destaque nos comentários do matutino foi a questão da frente interna na Alemanha que, durante a Primeira Guerra Mundial atuou de maneira decisiva para a capitulação. A vinte e um de junho, sumarizando esse problema, o articulista lembrava que “desde o começo da presente guerra, o Führer não se tem cansado de proclamar, em seus discursos: ‘Nunca mais teremos um 09 de novembro de 1918.’ Isto significa que ele dá excepcional importância ao trabalho de Himmler, chefe da Gestapo.”¹⁸⁰

A França tombara. Dias depois, um dos textos não assinados anunciava o início da “segunda etapa”, desde logo denominada “a mais importante” e que marcaria a luta entre a Alemanha e a Inglaterra: “é deste embate final que dependem a sorte da Europa e a abertura de novas perspectivas quanto aos destinos do mundo”.¹⁸¹ A luta nos céus da Inglaterra, de certa forma, trouxe novo alento aos que acreditavam na força das democracias. Para os colaboradores, mais uma razão para continuar oferecendo aos leitores uma análise do

chegado à pele um cabo de alta-tensão! Fiquei estarecido e sem compreender. A França capitulou! Eu podia esperar tudo, tudo. Menos isso!”. IN: MESQUITA, Ruy (org). *Op. cit.*, p. 169.

¹⁷⁸ O espírito novo da França. In: *O Estado de S. Paulo*, 18 jun. 1940, p. 01.

¹⁷⁹ Os pequenos exércitos. In: *O Estado de S. Paulo*, 20 jun. 1940, p. 14. A atuação de von Seeckt foi realmente de suma relevância para a reestruturação do exército alemão que não poderia ultrapassar 100 mil homens segundo as imposições do Tratado de Versalhes.

¹⁸⁰ Planos estratégicos. In: *O Estado de S. Paulo*, 21 jun. 1940, p. 12.

¹⁸¹ Planos ilusórios. In: *O Estado de S. Paulo*, 26 jun. 1940, p. 14.

cenário internacional que favorecesse os Aliados minando, por esse meio, a possibilidade de que eles sucumbissem não à tentação autoritária.

No Brasil, enquanto os exércitos alemães derrotavam os franceses, os responsáveis pela publicação concitavam à união e à disciplina. No dia onze de junho, afirmava-se:

A nossa posição de país neutro, entregue ao estudo e resolução de problemas particulares a sua própria vida, não nos permite que nos embrenhemos num labirinto de fatos que poderia ao invés de aplacar, animar controvérsias e avivar inimizades. (...) Se até aqui a posição de neutralidade era aconselhável, doravante ela se torna imprescindível. (...) Os estrangeiros que conosco trabalham devem compreender, e estamos certos de que o compreenderão, que somente respeitando a nossa neutralidade poderão sentir-se garantidos a gozar os benefícios que a terra dadivosa e o povo hospitaleiro, tradicionalmente amigo dos que aqui trabalham, lhes dispensam espontaneamente. (...) voltamos a nossa atenção para o trabalho cotidiano, tendo em vista o sossego dos nossos lares e a felicidade e glória do nosso país. (...) precisamos prestar obediência ao supremo governante da República. Prestigiando-o, reunindo-nos em torno dele, poderemos garantir a nossa paz e a nossa riqueza.¹⁸²

O texto referia-se à grande colônia de italianos que residia em São Paulo e que poderia sofrer algum tipo de coação devido à entrada da Itália na guerra ao lado da Alemanha, no preciso momento em que o colapso dos exércitos gauleses era já irremediável. Nesse período, as relações do Brasil com os Estados Unidos sofreram um leve abalo devido ao discurso proferido pelo presidente Getúlio Vargas no dia onze em que criticava as democracias e tecia elogios aos regimes de força. O discurso foi recebido no âmbito internacional como uma mensagem de apoio aos totalitários e, no que se referia à democracia, parecia se tratar de uma réplica ao pronunciamento do líder norte-americano, no dia anterior.¹⁸³ No dia quinze, todavia, após o trabalho do Ministro das Relações Exteriores, Osvaldo Aranha, noticiava-se no comentário que:

(...) O sr. Cordell Hull, um dos maiores estadistas norte-americanos, não hesitou em afirmar à imprensa do seu país a solidez da amizade entre o Brasil e os Estados

¹⁸² Neutralidade. In: *O Estado de S. Paulo*, 11 jun. 1940, p. 14.

¹⁸³ Henry Kissinger transcreveu um trecho desse discurso que reproduzimos aqui a título de comparação: “On this tenth day of June, 1940, In this University founded by the first great American teacher of democracy, we send forth our prayers and our hopes to those beyond the seas who are maintaining with magnificent valor their battle for freedom. In our American unity, we will pursue two obvious and simultaneous courses; we will extend to the opponents of force the material resources of this nation; and, at the same time, we will harness and speed up the use of those resources In order that ourselves in the Americas may have equipment and training equal to the task of any emergency and every defense”. In: KISSINGER, Henry. *Op. cit.*, p. 386.

Unidos: ‘Nunca – foram as suas palavras – as relações entre os governos brasileiro e norte-americano estiveram mais sólidas e mais íntimas.’¹⁸⁴

¹⁸⁴ A posição do Brasil. In: *O Estado de S. Paulo*, 15 jun. 1940, p. 12.

2.2) A batalha da Inglaterra

Há prognósticos dantescos e apocalípticos. Fala-se na destruição de Londres, no arrasamento de fortalezas e nas chamas imensas que dominarão o país inteiro. (...)

Diante da grandeza apavorante desses acontecimentos, ainda por vir, as pávidas criaturas, que se encontram a distância, sentem-se infinitamente pequenas. Não devem ter a filancia de julgá-los de antemão. E quem sabe se não surgirá uma surpresa, que amesquinhe ainda mais a pobre espécie humana?¹⁸⁵

Dizia eu, há tempos, a você, que a situação que enfrenta hoje a Inglaterra se assemelha muito à em que se viu ela diante de Napoleão vitorioso. (...) Com uma pequena diferença, porém: e esta é que nem Hitler pode, de longe, comparar-se a Napoleão, nem Pitti foi um Churchill.¹⁸⁶

Júlio de Mesquita Filho

¹⁸⁵ Dentro de poucos dias. In: *O Estado de S. Paulo*, 17 jul. 1940, p. 14.

¹⁸⁶ Carta de Julio de Mesquita Filho a Marina Mesquita, datada de 15 de julho de 1940, In: MESQUITA, Ruy (org). *Op. cit.*, p. 189-190.

Com a derrota da França, a Inglaterra estava só na luta contra os exércitos vencedores. Foi nesse período que, conforme Henry Kissinger, Roosevelt adotou um posicionamento que, na prática, equivalia ao abandono da neutralidade.¹⁸⁷ No dia seis de setembro, um articulista lembrava uma profecia de Walter Rathenau, relacionada ao contexto internacional:

Em 1924, mais ou menos na ocasião em que Hitler se distinguiu numa revolta contra a social-democracia, o infelizmente político alemão assim se manifestou sobre a crise do continente: ‘Como na Grécia antiga, debatemo-nos numa espécie de guerra de Peloponeso, em benefício dos novos romanos, que são os habitantes dos Estados Unidos...’ Que digam da sua justiça sobre estas palavras os modernos Tucídides...¹⁸⁸

As comparações da situação do cenário internacional em 1940 e em 1917, ano em que os norte-americanos intervieram na guerra voltaram à cena. Para os colaboradores, com o auxílio aos ingleses,

(...) os Estados Unidos deixaram de manter a rigorosa neutralidade, que era o ideal dos seus estadistas. (...) Nem Woodrow Wilson, que declarou a guerra a Guilherme II, teve tantos poderes como o presidente de agora. (...) Não há a censurar os Estados Unidos por traçarem novos rumos a sua política externa. Se a força é o índice de superioridade e de civilização, explica-se perfeitamente que os seus dirigentes procurem, com toda rapidez, adestrar os habitantes para o que der e vier. (...) Aos espíritos de escol, inclinados às coisas do espírito, não agrada, sem dúvida, uma demonstração nesse sentido. Mas outros espíritos, também de escol, porém mais práticos, já se persuadiram de que se torna mister acabar, de uma vez para sempre, com o velhíssimo preconceito de que, para salvar o mundo, existem raças predestinadas.¹⁸⁹

E os paralelos entre as duas contendidas não cessaram. Com a vitória de Franklin Delano Roosevelt para mais um quadriênio e com a garantia de cooperação dos norte-americanos, o articulista indagava:

(...) No futuro a sua assistência, como prometeu o governo de Washington, assumirá proporções maiores. (...) Tais as disposições dos contendores. Os dois grupos adotaram a tática de produzir em escala ascendente e vertiginosa. (...) Como poderá ela – a Alemanha – competir com os Estados Unidos e a Inglaterra juntos? Da outra vez, o general Luddendorf ficou surpreso com os efeitos da entrada dos norte-

¹⁸⁷ Para Henry Kissinger, “On June 10, 1940, as France was falling to the Nazi Invaders, Roosevelt abandoned formal neutrality and came down eloquently on the side of Great Britain”. In: KISSINGER, Henry. *Op. cit.*, p. 386.

¹⁸⁸ A duração da guerra. In: *O Estado de S. Paulo*, 06 set. 1940, p. 14.

¹⁸⁹ As reações inesperadas. In: *O Estado de S. Paulo*, 22 out. 1940, p. 16.

americanos no conflito. (...) Infelizmente, um dos beligerantes, pelo seu chefe responsável, insistiu e insiste em aferir o grau de civilização pelo fabrico e acúmulo de artefatos mortíferos. A breve trecho esse beligerante verá o resultado dessa maneira de encarar as relações entre os povos e os problemas políticos e sociais de todo o Universo. Os outros países, com mais recursos naturais, e com exércitos de operários especializados, não de revelar que, nesse terreno, não se acham inferiores aos que só tiveram a vantagem, cada vez mais precária, de preparar-se com muitos anos de antecedência.¹⁹⁰

A ajuda enviada pelos estadunidenses efetivou-se de acordo com a nova lei de neutralidade que o presidente norte-americano promulgara após várias derrotas sofridas pelo dirigente norte-americano no Congresso.¹⁹¹ De acordo com o articulista,

(...) O presidente Roosevelt acaba de descobrir uma fórmula que não contrariando a intransigência inicial, atende plenamente aos desejos do Império visado pelo Terceiro Reich. Os artigos serão enviados depois do pagamento de um sinal razoável; a Grã-Bretanha compromete-se a devolver esses artigos assim que a guerra terminar, pegando somente aqueles que forem destruídos. (...) Foi desta forma que há vinte e quatro anos, se tornou evidente a beligerância dos Estados Unidos. (...) Repetir-se-á a história em 1941? (...) Talvez que o trabalho de sapa, em que os teutos são exímios, conforme demonstraram em vários lugares, muito concorra para uma tensão irremediável entre as duas potências.¹⁹²

A última assertiva revela muito do que os colaboradores esperavam para o próximo ano. No que concernia aos alemães, os textos insistiam em apresentar ao leitor uma série de atentados que ocorriam nos Estados Unidos e que consideravam não ser mera coincidência. Isso se deu principalmente após a reeleição do presidente Roosevelt e da consolidação da política de colaboração anglo-norte-americana. A lei que regulamentava esse auxílio foi sancionada a doze de março e, no dia subsequente, o articulista assim analisava a questão:

Nos Estados Unidos foi anteontem sancionada pelo presidente Roosevelt, a lei de amplos poderes, para conceder auxílios à Inglaterra e a outras democracias. (...) O pensamento de um dos candidatos, já no seu posto pela terceira vez, era conhecido de sobejo; ele achava que se devia auxiliar as potências de outro hemisfério que não queriam submeter-se aos totalitários. Os seus concidadãos elegendo-o, implicitamente aprovaram a sua política externa.

¹⁹⁰ Produção Intensiva. In: *O Estado de S. Paulo*, 13 nov. 1940, p. 16.

¹⁹¹ Segundo Henry Kissinger, “The Congress did not act until after the European war had actually started. Indicating the strength of the isolationist mood, Roosevelt’s proposal had been defeated three times in the Congress earlier in the year”. In: KISSINGER, Henry. *Op. cit.*, p. 385.

¹⁹² O auxílio dos Estados Unidos. In: *O Estado de S. Paulo*, 20 dez. 1940, p. 16.

A união entre as democracias que resistiam aos avanços totalitários no Ocidente, estabelecida essencialmente pelo mar, caracterizou a outra frente de combate que a guerra conhecia: a batalha do Atlântico. Como essa era a principal via de ligação entre os povos do novo e do velho mundo, o objetivo alemão era impedir que os ingleses recebessem dos estadunidenses os alimentos e as armas prometidas. No dia vinte e um de março de 1941, o colaborador escreveu:

(...) Devido à ajuda dos Estados Unidos, a batalha da Grã-Bretanha converteu-se na batalha do Atlântico, de muito maior envergadura que as travadas na França. (...) Enfim, a batalha do Atlântico não se revestirá dos mesmos aspectos das que serviram de filão estupendo para a propaganda do poderio incontrastável do Reich. Ela vai ser áspera, trágica, morosa, enervante. Tal como as lutas de usura, das trincheiras e fortificações e que se assimilaram no conflito anterior. (...) E nestas condições, não atinamos com a confiança ilimitada que os teutônicos depositam nessa campanha. Os seus homens do mar são valorosos e peritos, mas o seu povo da retaguarda está habituado a triunfos e não a delongas incertas e acabruhadoras...¹⁹³

Em virtude da firme decisão de apoiar as democracias em luta contra os totalitarismos, o presidente norte-americano, apontado como ingênuo e pueril no início da publicação, afirmava-se como um grande estadista. No dia vinte e quatro de junho, dois dias após a investida alemã contra a União Soviética, o colaborador escreveu que:

(...) A mensagem de Roosevelt, dirigida ao Congresso, é de uma firmeza maior que a do presidente Wilson. O chefe dos Estados Unidos pede aos representantes que não se intimidem com o desafio de uma potência, cujo mentor supremo ele aponta como cogitando de expandir-se para fora do velho continente. E quem lucra com o fato é a Grã-Bretanha.¹⁹⁴

Aos que clamavam por uma declaração de guerra norte-americana aos países que compunham o campo totalitário, os responsáveis pela publicação lembravam:

(...) Não foram poucos os que esperavam para já é já uma solene declaração de guerra por parte da grande República. (...) E para que uma solene ‘declaração de guerra’? Isso constitui, hoje, um formalismo anacrônico. Consoante, Luddendorf, a declaração de guerra era um estorvo para os exércitos alcançarem os seus objetivos.¹⁹⁵

¹⁹³ Pessimismo e confiança. In: *O Estado de S. Paulo*, 21 mar. 1941, p. 16.

¹⁹⁴ A campanha marítima. In: *O Estado de S. Paulo*, 24 jun. 1941, p. 01.

¹⁹⁵ Declarações de guerra. In: *O Estado de S. Paulo*, 13 set. 1941, p. 16.

O crescente prestígio do presidente Roosevelt tanto no âmbito nacional quanto internacional motivou o periódico a publicar excertos do livro que veio a lume, em 1933, intitulado *My boy Franklin*. Esse prestígio, como demonstrou Henry Kissinger, devia-se à atuação do presidente estadunidense no que se referia às batalhas políticas travadas no campo interno e externo. De acordo com o ex-secretário de Estado:

All great leaders walk alone. Their singularity springs from their ability to discern challenges that are not yet apparent to their contemporaries. Roosevelt took an isolationist people into a war between countries whose conflicts had only a few years earlier been widely considered inconsistent with American values and irrelevant to American security. After 1940, Roosevelt convinced the Congress, which had overwhelmingly passed a series of Neutrality Acts just a few years before, to authorize ever-increasing American assistance to Great Britain, stopping just short of outright belligerency and occasionally even crossing that line. Finally, Japan's attack on Pearl Harbor removed America's last hesitations. Roosevelt was able to persuade a society which had for two centuries treasured its invulnerability of the dire perils of an Axis victory. And he saw to it that, this time, America's involvement would mark a first step toward permanent international engagement. During the war, his leadership held the alliance together and shaped the multilateral institutions which continue to serve the international community to this day.¹⁹⁶

A publicação dos trechos começou em vinte e seis de outubro de 1941, sob o título *Meu filho Franklin* ao qual os responsáveis pela publicação acrescentaram: “Relato feito por Mrs. James Roosevelt, mãe do presidente dos Estados Unidos, a Isabel Leighton e Gabrielle Forbush”.

Por meio da leitura dos fatos da infância, da adolescência, do casamento do presidente, os leitores formavam dele uma imagem de homem responsável, disciplinado, mas, concomitantemente, sorridente.¹⁹⁷ Enquanto no Ocidente a colaboração anglo-norte-americana ganhava corpo, no Oriente, a situação do Japão se complicava.¹⁹⁸ Os japoneses

¹⁹⁶ KISSINGER, Henry. *Op. cit.*, p. 370.

¹⁹⁷ As peculiaridades da personalidade de Roosevelt já haviam sido notada por Emil Ludwig. No dia 06 de julho de 1938, referindo-se ao livro do escritor, o comentário assinalava: “Emil Ludwig acaba de publicar uma biografia de Franklin Delano Roosevelt que vem suscitando vivos comentários na imprensa dos Estados Unidos. (...) Ludwig vê no bom humor de Roosevelt uma arma muito especial do Exército norte-americano e que os estadistas europeus raramente empregam”. O Roosevelt de Ludwig. In: *O Estado de S. Paulo*, 06 jul. 1938, p. 14.

¹⁹⁸ Segundo Henry Kissinger, “(...) Roosevelt took up the challenge of Japan. In response to Japan's occupation of Indochina In July 1941, he abrogated America's commercial treaty with Japan, forbade the sale of scrap metal to it, and encouraged the Dutch government-in-exile to stop oil exports to Japan from the Dutch East Indies (present-day Indonésia). These pressures led to negotiations with Japan, which began in October 1941. Roosevelt instructed the American negotiators to demand that Japan relinquish all of its conquests, including Manchuria, by invoking America's previous refusal to “recognize” these acts. Roosevelt

estavam em luta com a China desde 1937 sem, no entanto, conseguir impor totalmente o seu domínio que, de qualquer forma, os norte-americanos não reconheciam como legítimo.

Para Luiz Alberto Moniz Bandeira, os Estados Unidos tomaram uma série de medidas que

(...) visaram estrangular economicamente o Japão, que, não mais podendo importar matérias-primas fundamentais para a sua indústria, sobretudo petróleo, só tinha como alternativa ou retirar as tropas da China e da Indochina ou buscar fontes de matérias-primas em outras partes, através da invasão, o que provocaria a guerra contra os Estados Unidos.¹⁹⁹

Ao explanar a situação japonesa e suas relações com o país do presidente Roosevelt, o colaborador do matutino, Conde Emmanuel de Bennigsen, que escrevia costumeiramente no jornal, asseverava:

A julgar pelos telegramas, as conversações nipo-americanas teriam chegado a um impasse. Exige o Japão o reconhecimento de sua influência na China e os Estados Unidos recusam aceitá-la. É preciso observar que os norte-americanos se acham na impossibilidade de aceitar tal imposição por motivos não somente econômicos mas ainda morais. Abandonar Chiang-Kai-Chek depois de tê-lo incitado, durante quatro anos, a continuar a luta, depois de tê-lo ajudado por todos os meios possíveis seria um ato desleal. (...) O resultado da guerra na frente russo-alemã depende atualmente, em grande parte, do auxílio que os russos possam receber, da América. A maior parte desse auxílio deverá ser enviada via Vladivostok, mas isso se tornará impossível no caso do Japão atacar a Rússia.²⁰⁰

A guerra entre japoneses e norte-americanos não era uma surpresa para os responsáveis pela publicação.²⁰¹ No dia nove de dezembro, comentando o ataque nipônico a Pearl Harbor, o articulista asseverava que desta feita o mundo todo se envolvia na contenda.²⁰² Todavia, a entrada dos japoneses no conflito estava associada a intenções obscuras que eles esclareceram a dez, da seguinte maneira:

must have known that there was no possibility that Japan would accept". In: KISSINGER, Henry. *Op. cit.*, p. 392.

¹⁹⁹ BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. *Op. cit.*, p. 115,

²⁰⁰ BENNIGSEN, Conde Emmanuel de. O Japão e a guerra. In: *O Estado de S. Paulo*, 01 out. 1941, p. 16.

²⁰¹ No dia trinta de julho de 1939, comentando as relações entre os dois países, dizia o colaborador: "Os Estados Unidos acabam de denunciar o Tratado de 1911 com o Japão. (...) A denúncia do Tratado pode ser encarada como uma declaração de guerra econômica ou o prelúdio de uma guerra militar". E concluía: "Hoje, porém, não se pode enxergar além do que diz a notícia. De há muito que deixou de ser atividade inteligente prever o futuro". "Política norte-americana". In: *O Estado de S. Paulo*, 30 jul. 1939, p. 40.

²⁰² Segundo Moniz Bandeira, "o ataque de Pearl Harbor, em 07 de dezembro de 1941, proporcionou a Roosevelt o pretexto que ele esperava para vencer a resistência dos isolacionistas e lançar os Estados Unidos, abertamente, no conflito contra o Eixo. O Brasil não mais poderia conservar-se neutro." In: BANDEIRA, Moniz. *Presença dos Estados Unidos no Brasil. Dois séculos de história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978, p. 282.

Sem dúvida que o ataque do Japão aos Estados Unidos e à Inglaterra teve por objetivo encobrir ou disfarçar a paragem das operações teutônicas na frente leste. (...) É de presumir que desta feita a Alemanha, pelas suas autoridades, deve considerar 'local' o conflito no Extremo Oriente. Propalou-se mesmo que ela não declarará guerra à nação norte-americana. Lançou o Japão na contenda e aguardará, aparentemente impassível, os seus resultados. Não convirá romper com a democracia deste continente. (...) Haja o que houver, na República norte-americana operou-se uma metamorfose digna de registro. (...) Os Estados Unidos, em poucos minutos, como a Inglaterra em 10 de maio de 1940, estabeleceram uma frente coesa. (...) E os cidadãos eminentes da República, não vão, de certo, persuadir-se de que o Império Nipônico é o único inimigo: por detrás dele encontra-se o inimigo maior e mais perigoso, que o arrastou à voragem.²⁰³

A partir de Pearl Harbor, os articulistas referiam-se ao conflito como mundial. Esse momento marcou, para eles, a passagem de uma guerra européia para uma universal, quando todos os continentes estavam efetivamente envolvidos. Segundo eles, opondo-se ao ideal totalitário que, arrogantemente, anunciara o estabelecimento de uma nova ordem sob a égide da Alemanha, “o pan-americanismo, opondo-se a cobiçosos decadentes, será uma autêntica nova ordem, fecundada na liberdade e na justiça econômica.”²⁰⁴ Havia, por parte dos responsáveis pela publicação, uma tentativa de estabelecer uma identificação entre os interesses norte-americanos com o resto da América.²⁰⁵ Identificação que, se encontrava respaldo na reação à ofensiva nipônica deveria, por conseguinte, unificar o multifacetado sistema político do continente.

A derrota francesa expunha a Inglaterra ao perigo de lutar sozinha contra a Alemanha que até, o momento, só conhecera vitórias. Entre junho e julho, havia grande expectativa em relação à invasão das Ilhas Britânicas, último reduto dos ideais democráticos. Todavia, a arremetida não acontecia e a ausência de luta cedia lugar às especulações dos mais variados matizes, inclusive um possível final da guerra por meio de um acordo entre as duas nações.

Derrotada a França, a Alemanha encetava mais uma “ofensiva de paz” no intuito de impor no continente a sua hegemonia. Para os colaboradores, era essa uma opção ilusória,

²⁰³ Objetivos secretos. In: *O Estado de S. Paulo*, 10 dez. 1941, p. 01.

²⁰⁴ A união americana. In: *O Estado de S. Paulo*, 16 dez. 1941, p. 20.

²⁰⁵ Um exemplo onde isso fica evidenciado é o texto que comenta o ataque nipônico à base norte-americana no Havá. No dia 09 de dezembro de 1941, se lia que: “A América aceitou o desafio. Como também aceitaram os países componentes da A.B.C.D e da América Central”. O mundo em guerra. In: *O Estado de S. Paulo*, 09 dez. 1941, p. 08.

pois uma paz nesses termos não garantiria a segurança dos demais povos, como também significaria apenas uma trégua, bem como a que foi consumada em 1919, pelo Tratado de Versalhes, ao qual todos se referiam com um certo rancor.

As imagens construídas acerca da Inglaterra demonstravam o perigo em que seus ideais se encontravam, mas também concluíam que o país não abandonaria a luta. Esta, como mostrara o colapso francês, se travava tanto no front interno quanto no externo. Nesse sentido, se na França a quinta coluna participou de forma ativa concorrendo para a derrota, na Inglaterra, estes elementos foram extirpados. Como exemplo, pode-se elencar a repressão às atividades da quinta coluna, uma vez que os britânicos tomaram severas medidas contra aqueles que a praticavam, prendendo grandes nomes da aristocracia que propugnavam um acordo com o país do chanceler germânico.²⁰⁶

Nos quadros, concedia-se grande destaque para a radical transformação vivida pelos britânicos em um período muito curto e conturbado de sua história. Antes da conflagração, aos ingleses sobravam críticas e advertências em virtude de sua política morosa e de apaziguamento. Contudo, no momento em que todas as circunstâncias indicavam o triunfo de sua rival, eis que, no entendimento dos articulistas, os britânicos recobram a fibra e modificaram a situação em que se encontravam. Tal transformação foi um dos principais fatores que contribuíram para a primeira inflexão do conflito europeu. A grandiloquência utilizada na construção dos comentários indica o quanto os autores apostavam em mudanças.²⁰⁷ A seis de julho se lia que:

²⁰⁶ A 03 de julho de 1940, o colaborador assinalava que “não faz muitos dias, falando a respeito dos rumores de paz, dissemos que, na Inglaterra, pululavam os adeptos de um acordo com a Alemanha. Assinalamos o fato, não por derrotismo, senão para prevenir os leitores. (...) Na semana passada, a polícia prendeu a esposa de Oswald Mosley, formosa dama que foi sempre figura de realce nos meios aristocráticos. Apanharam-na em flagrante, a distribuir folhetos em que concitava os ingleses a trabalharem pela paz e a combater os judeus – tal qual um nacional socialista impenitente. (...) tais atividades sub-reptícias não são de hoje nem de ontem. Elas se observaram em todos os tempos. Quando Napoleão fazia os aprestos para atacar a ilha e, Guilherme Pitt se agastava, neurótico e renitente, no tomar medidas de defesa, o grande Lord Byron dedicava odes ao general corso que pôs em polvorosa a Europa e o mundo. (...) não nos admira que Bernard Shaw esteja mordazmente satisfeito. A um confidente, declarou o notável escritor: Os britânicos serão admiráveis nas atrocidades! Pelo exposto, se depreende que se revestirá de aspectos épicos o tremendo duelo entre os dois adversários. “O grande duelo”. In: *O Estado de S. Paulo*, 03 jul. 1940, p. 01. Note que o texto fala ainda sobre a prevenção aos leitores, atitude que não deve ser confundida com “derrotismo”.

²⁰⁷ Além de elevar a resistência inglesa à comparação com o que aconteceu na França durante a conflagração anterior, os colaboradores utilizaram um outro exemplo da História para comparar com a situação da Inglaterra nesse período. Ao se referir à luta naquele país, o jornalista escreveu que: “O Canal da Mancha, foi

Alguns psicólogos dizem que ‘a cólera dos fleumáticos é mais perigosa que a dos violentos’. Afigura-se-nos que a opinião não é despropositada. Para designar a energia com que os ingleses capitulada a França, resolveram combater o seu inimigo, aquele conceito tem o seu fundamento. É deveras sensacional que a Inglaterra, depois de uma prudência e uma morosidade irritantes, se transfigurasse de uma hora para outra. (...) Não se pode deixar de admirar esta decisão magnífica de um povo que enfrenta a maior crise da sua história. Antes: Eis que isolada, sem perspectiva de auxílios, e ameaçada de uma investida sem precedentes, a nobre nação se ergue, afoita e destemerosa, enfrentando a adversidade com resolução inabalável.²⁰⁸

Durante esse período, os responsáveis pela publicação compararam a atitude da Inglaterra à decadência do espírito combativo francês. Ao realizarem esse exercício, o intuito era o de mostrar que os britânicos não se comportariam da maneira como seus aliados que, na visão dos colaboradores, quase não ofereceram resistência. Um incidente entre as esquadras convulsionou ainda mais as relações entre as antigas aliadas. Após a derrota da França, a possível incorporação dos seus navios à frota alemã era tida como ameaça à sobrevivência da Inglaterra. Foi nesse contexto que Winston Churchill emitiu a ordem de atacar os navios gauleses caso eles não se rendessem. Em seu livro de memórias, o primeiro-ministro assim relatou o fato:

La posible adición de la escuadra francesa a la alemana y la italiana – con la amenaza del Japón cerniéndose, además, en el horizonte – planteaba a la Gran Bretaña mortales peligros y afectaba gravemente a la seguridad de los Estados Unidos. (...) A toda costa, arrojando cualquier riesgo, y de una manera u otra, teníamos que procurar que la armada francesa no cayera en malas manos, que tal vez pudiesen emplearla para labrar nuestra ruína. El Gabinete inglés de Guerra no titubeó. Los ministros que, una semana antes, se habían ofrecido de todo corazón, a ayudar la Francia, llegando a proponerle estatuir con ella una nacionalidad común, ahora resolvieron tomar todas las medidas preventivas que fuesen precisas. Esta era la resolución más ominosa, anti-natural y terrible en que yo haya intervenido jamás. (...) estaba en juego la vida de nuestro estado y la salvación de nuestra causa. Era un caso de tragedia griega...²⁰⁹

uma espécie de Salamina, e os defensores do Reino Unido se guindaram à altura, dos heróis gregos de outrora, dirigidos por Temístocles...” IN: França e Romênia. In: *O Estado de S. Paulo*, 18 dez. 1940, p. 14.

²⁰⁸ A decisão inglesa. In: *O Estado de S. Paulo*, 06 jul. 1940, 14.

²⁰⁹ CHURCHILL, Winston. *Memórias. La Segunda Guerra Mundial*. Barcelona: Los Libros de Nuestro Tiempo, 1949, vol II/01 (Su hora mejor), p. 285-286.

Para os colaboradores, esse conflito era “esperado”, uma vez que o Direito Internacional desaparecera daquele continente. Ao traçar um paralelo entre os dois povos, os comentários intitularam os britânicos de “povo verdadeiramente imperial”²¹⁰ e ressaltaram que se a Grã-Bretanha não vencesse a guerra, “cremos que não oferecerá o espetáculo de uma submissão fatalista e inglória”.²¹¹

Havia outro fator responsável pela reação inglesa diante da ameaça alemã no entendimento dos responsáveis pela publicação: Winston Churchill. O político britânico foi constantemente elogiado por sua firmeza de decisão e, comparado aos líderes britânicos do passado, se destacava como superior.²¹² A dezesseis de julho, estabelecendo paralelos entre ele e o chanceler alemão, dizia o articulista:

(...) o discurso de Winston Churchill, no domingo último, é um atestado de firmeza e de esperança. Não há nessa peça, um trecho supérfluo: cada período, cada frase, têm um informe e um conceito, que requer reflexão. O verbalismo caiu muito. (...) A diferença entre os dois condutores, o britânico e o germânico, está no seguinte: o primeiro faz uso da palavra para, simultaneamente, preparar os seus patrícios e desenvolver uma ação imediata; o segundo orientou os seus adeptos durante oito anos e recolheu-se á discrição logo que o plano do seu partido começou a ser executado. (...) Dirigir uma nação em paz e bonança e sem empecilhos de maior está no alcance de qualquer um, dotado de vontade e inteligência mediana; mas para dirigir um povo ‘debaixo de fogo’, segundo expressão de certo revolucionário, nem sempre aquelas qualidades são suficientes. Veja-se o que sucedeu a Paul Reynaud. Era um homem à altura da situação. E de repente falhou.²¹³

No excerto evidencia-se de que maneira os articulistas construíram uma imagem de superioridade da Inglaterra: recorrendo às comparações com a situação enfrentada pela França. Assim, ao traçar um paralelo entre Winston Churchill e Adolf Hitler, o responsável pelo texto não assinado relembra que Paul Reynaud falhara em situações semelhantes e enfatiza a dificuldade de se conduzir uma nação inteira “debaixo de fogo”.

Entre agosto e outubro de 1940, a Alemanha iniciou o bombardeio de Londres e do litoral da Inglaterra no intuito de derrotar os britânicos e forçar as conversações sobre a

²¹⁰ Mais surpresas...In: *O Estado de S. Paulo*, 11 jul. 1940, p. 01.

²¹¹ Previsões e realidades. In: *O Estado de S. Paulo*, 12 jul. 1940.

²¹² No dia 12 de julho de 1940 o colaborador assinalava, em texto não assinado, que: “(...) Jamais o mundo viu uma Inglaterra tão tenaz e valorosa. Nem mesmo a de Guilherme Pitt se compara com a de hoje”. Previsões e realidades. In: *O Estado de S. Paulo*, 12 jul. 1940, p. 01.

²¹³ As palavras de Churchill. In: *O Estado de S. Paulo*, 16 jul. 1940, p. 14.

paz.²¹⁴ Apesar de uma ofensiva em grande escala que envolvesse marinha, exército e aeronáutica, como ocorreu na Noruega, não tomasse corpo, os ataques aéreos alemães permaneceram oscilando de intensidade. Os ataques foram repelidos pela *Real Air Force* e, pela primeira vez, houve bombardeios sobre Berlim, a primeira represália sofrida pelo regime nazista.

As conseqüências e objetivos da guerra aérea foram analisados em diversas situações pelos responsáveis pela publicação. À medida que as batalhas se desenvolviam, os articulistas apresentavam ao leitor as estratégias de ataque e defesa criando, na maioria das vezes, uma imagem negativa acerca daquela arma que os contemporâneos imputavam grande impacto, mas que os colaboradores insistiam em mostrar como apenas mais um meio de combate que não teria papel decisivo na contenda.

Dessa forma, os comentários traziam explicações que evidenciavam as medidas adotadas pelos ingleses para rechaçar a maioria dos reides germânicos, provando que estes poderiam ser repelidos e que a estratégia defensiva tinha possibilidades de êxito, diminuindo o impacto que a “quinta arma” ganhava na guerra européia. Outra forma de posicionamento crítico dos colaboradores era mostrar ao leitor que o poder destruidor da aviação se voltava não contra os objetivos militares, mas contra os civis. A dezenove de setembro, se afirmava que:

(...) a aviação é uma arma do terror, que visa os inermes e não os pontos estratégicos defendidos por forças regulares. Imaginem os leitores: numa batalha moderna, com tantas divisões e recursos mecânicos, pereceram apenas de um lado, duzentos e cinquenta homens! Não deixa de ser extraordinário.²¹⁵

Quando os alemães postergaram a invasão do território inglês indefinidamente, pareceu que os britânicos haviam conseguido uma primeira vitória. Todavia, Winston Churchill preferiu não celebrá-la nestas condições uma vez que acreditava que a guerra atual era fortemente travada também no campo psicológico e, portanto, ao invés de incitar

²¹⁴ A dezoito de agosto, afirmando que os atacantes seguiam os mesmos critérios das ofensivas terrestres, o colaborador indagava: “Terão em mente algum Plano Schlieffen do ar?”. “Guerra e fome”. In: *O Estado de S. Paulo*, 18 ago. 1940, p. 30.

²¹⁵ Respingando... In: *O Estado de S. Paulo*, 19 ago. 1940, p. 16.

comemorações precipitadas, ele recomendava em seus discursos “severa disciplina e vigilância”.²¹⁶

A resistência inglesa e a veloz transformação de sua atuação no cenário internacional foram objeto de análise a vinte e um de setembro. Mais do que demonstrar que conseguiram deter Hitler e seus ambiciosos projetos, o colaborador demonstrava que era possível a uma democracia, sem prejuízos de nenhuma espécie, suportar e vencer os mais complexos e desafiadores problemas. Afirmava-se que:

(...) Os fenômenos extraordinários se operam em período tão reduzido que para outros povos realísticos não daria para coisa alguma? Realizou-se aquilo que alguns sociólogos consideram um mito nas democracias: estabeleceu-se uma disciplina consciente, vigilante e penosa. E não foi preciso impor o silêncio e a sistematização absolutos que tanto afetam a dignidade humana. Nem tampouco, por exemplo, se absterem os infelizes relapsos, mal conduzidos ou mal intencionados. Nestes três meses, em todo o grande país, não se teve notícia de uma fraqueza entre os chefes das forças armadas ou de uma rebeldia flagrante das classes trabalhistas. *Será isto decadência?*²¹⁷

A última assertiva desse texto que termina em um questionamento revela muito do embate travado entre duas concepções políticas que estavam diretamente envolvidas na construção das representações do que se passava nessa época. Após apresentar os elementos que provam que era possível a uma democracia suportar os mais difíceis desafios sem prescindir das liberdades que caracterizam o regime liberal, o colaborador dialogava com o leitor, indagando se isso seria decadência.²¹⁸

Em outubro, a ofensiva aérea contra a Inglaterra completava três meses sem atingir, todavia, os objetivos do Alto Comando Militar Alemão. Para os colaboradores, a resistência britânica significava a primeira inflexão no ritmo constante de vitórias alemãs. Alguns textos utilizavam a cultura do país do chanceler alemão para demonstrar que suas pretensões não se realizavam facilmente como se supunha. É o caso daqueles que citavam

²¹⁶ Idem.

²¹⁷ Disciplina sob o fogo. In: *O Estado de S. Paulo*, 21 set. 1940, p. 16, grifo nosso.

²¹⁸ Vale lembrar que o discurso pronunciado por Getúlio Vargas a onze de junho, quando a queda da França era já iminente, se fundamentava na idéia de que: “marchamos para um futuro diverso de quanto conhecíamos em matéria de organização econômica, social ou política, e sentimos que os *velhos sistemas e fórmulas antiquadas entram em declínio*.” Dessa forma, a pergunta que o colaborador lançou ao leitor era, em última análise, uma resposta ao discurso do presidente brasileiro. Os regimes liberais, que o periódico defendia abertamente, não estavam em declínio. Não, o inglês, pelo menos, apontado como “o último baluarte na Europa conflagrada, da liberal-democracia”.

filósofos alemães, como Hegel e Nietzsche e também os que comentavam os efeitos da música do compositor Richard Wagner sob a população germânica.²¹⁹

A cinco de outubro, o articulista escreveu que: “ainda não é desta vez que se confirmará o maravilhoso ‘Crepúsculo dos Deuses’. Sonho acalentado por Wagner e Bakhunin. (...) Pelo sim, pelo não, os britânicos esperam, sempre, a invasão das suas ilhas...”²²⁰ Apesar dos avanços tecnológicos, os articulistas insistiam nas comparações com os eventos da Primeira Guerra Mundial. Principalmente no que concernia à aviação, elevada à categoria de arma decisiva no conflito que se travava, eles tinham uma postura muito cética e crítica.

A dez de outubro eles escreveram que, “(...) Sempre encaramos com algum ceticismo, os alarmes de calamidades sobre a ação dos aeroplanos”.²²¹ A dezessete, se analisava o bombardeio alemão sob Londres sob a seguinte ótica:

(...) Mas os reides e combates aéreos, em virtude da sua repetição, muito se assemelham às lutas de trincheiras da guerra anterior. Banalizaram-se de tal forma que os neutros e mais afastados já não os encaram com o mesmo horror. As tragédias freqüentes também fatigam os que, de longe, seguem o curso macabro das refregas, travadas nos céus e no litoral da Grã-Bretanha.²²²

A atuação dos pilotos da *Real Air Force* no combate aos aviadores da *Luftwaffe* foi louvada pelos colaboradores. Na época, acreditava-se que os alemães possuíam uma superioridade gigantesca no que concernia ao número de aparelhos.²²³ Um comentário citava a cifra de 20.000 aparelhos alemães contra apenas 1 500, britânicos.²²⁴ Entretanto, a

²¹⁹ Sobre o compositor, o colaborador dizia: “(...) bem disse Emil Ludwig num dos seus últimos livros: ‘A música bulhenta de Wagner estragou com a mentalidade da geração teutônica hodierna.’ Os nacionalistas, sem intentos artísticos, cultuam a memória do notável compositor”. “Jutlântia e Escandinávia”. In: *O Estado de S. Paulo*, 12 abr. 1940, p. 14.

²²⁰ Mais ilusões perdidas... In: *O Estado de S. Paulo*, 05 out. 1940, p. 14.

²²¹ O embate principal. In: *O Estado de S. Paulo*, 10 out. 1940, p. 16.

²²² Os casos de somenos. In: *O Estado de S. Paulo*, 17 out. 1940, p. 14.

²²³ Posteriormente, Basil Liddell Hart, militar britânico e autor de vários livros sobre o período, mencionou que: “The superiority of the Luftwaffe over the Royal Air Force was not so great as was generally imagined at the time. It was unable to maintain a continuous attack by wave after wave of massed bombers as the British public had feared, and the number of its fighters was not much more than that of the British”. In: LIDDELL HART, B. H. *History of the Second World War*. London: Papermac, 1992, p. 96.

²²⁴ As cifras foram reproduzidas no comentário intitulado “Mais semana menos semana”. In: *O Estado de S. Paulo*, 10 set. 1940, p. 01. Vale lembrar que, para os articulistas, essas cifras era motivo de contestação. Os números expostos foram divulgados por um jornal totalitário. Assim, os responsáveis pelos textos reconheciam que havia uma superioridade alemã, mas afirmavam que os ingleses poderiam reverter essa situação. Mais tarde, atribuiu-se aos alemães, 72.000 aviões.

despeito dessa desproporção de forças, o articulista ensinava, a vinte e quatro de outubro, que:

O ‘domínio do ar’ não se obtém por via de inexperientes e de ‘amigos de aventuras’, obtém-se por meio de lidadores hábeis, capazes, resolutos. Quer-nos parecer que está nesse escolhido e heróico corpo de aviadores a razão de magnífica resistência da Grã-Bretanha. O poder da aviação estaria na qualidade dos pilotos e não na quantidade de aviões.²²⁵

No trecho acima, nota-se de que maneira as análises da situação contribuíam para as imagens da guerra. Neste contexto, segundo os colaboradores, apesar da maior quantidade de aviões, a Alemanha não conseguia impor seu jugo devido à qualidade dos pilotos da *Royal Air Force*. Assim, os acontecimentos eram o ponto principal para a representação dos países em luta e suas conseqüências levavam à construção de uma imagem da contenda, muitas vezes comparada com a anterior.²²⁶ Enquanto reinava a indecisão na luta entre a Alemanha e a Inglaterra e a invasão das ilhas fora adiada, os textos que voltaram a atenção para a União Soviética reafirmavam o juízo de que ela era uma das incógnitas da presente guerra.

No intuito de demonstrar a sua força aos outros beligerantes e de conquistar relevantes posições nos Bálcãs, a outra potência denominada de incógnita pelos responsáveis pela publicação, a Itália, a 28 de outubro, data do aniversário de instauração do regime fascista, invadiu a Grécia.

Entre outubro de 1940 e junho de 1941, todas as atenções voltaram-se para a frente balcânica, onde se desenvolviam as mais emblemáticas batalhas.²²⁷ Para os italianos, o conflito com a Grécia era a oportunidade de mostrar ao mundo que não só a Alemanha possuía um forte exército e era uma grande potência. Todavia, os gregos, bem como os finlandeses, aceitaram a luta e ofereceram grande resistência à invasão, colocando em risco o prestígio que os italianos lutavam para obter. A Alemanha permanecia imóvel enquanto via sua aliada se bater violentamente nos Bálcãs. Para os colaboradores essa atitude era

²²⁵ O domínio do ar. In: *O Estado de S. Paulo*, 24 out. 1940, p. 16.

²²⁶ É preciso dizer que havia a esse respeito uma indecisão dos colaboradores. Muitos textos apresentavam argumentos que tentavam provar que não havia muitas diferenças entre os dois conflitos enquanto outros tantos comentários elencaram as principais distinções entre eles.

²²⁷ Essa região, devido à história da Primeira Guerra Mundial era tida como o “barril de pólvora” da Europa. Nos comentários, contudo, os articulistas mostraram que, inversamente ao que ocorrera na conflagração anterior, quando a Europa fora balcanizada, os Bálcãs é que foram europeizados, sofrendo as pressões e as conseqüências das tentativas de conquista germano-russo-italianas.

incompreensível, uma vez que a ofensiva italiana já demorava demais para surtir os efeitos esperados. Assim, a vinte e sete de novembro, o colaborador, lembrava que:

(...) se os teutônicos não atravessarem já a Bulgária ou a Iugoslávia afim de atacar a Grécia, o prestígio político e militar do eixo ficará bastante abalado nos Bálcãs. Para as democracias, o caso não teria tanta importância mas, para os regimes que não falham nunca ele se reveste de aspectos bem delicados”.²²⁸

A seis de abril, os alemães iniciaram a investida contra a Iugoslávia e a Grécia. A dez, explicando a tática utilizada pelos exércitos invasores, o articulista asseverava:

(...) Os invasores dos Bálcãs já fizeram duas ‘cunhas’: uma na Trácia Oriental, afim de afastar a Grécia da Turquia; e a outra no vale de Vardar, destinada a separar os helênicos dos seus vizinhos do norte e tentar uma junção com os italianos que se acham no litoral da Albânia. Para os críticos militares semelhantes feitos, alcançados pelos alemães devem representar já a derrota dos seus inimigos na península. (...) Os simpatizantes das democracias, devem concluir pelo pior. (...) Destarte haverá o ‘novo Dunquerque’, não para os italianos, como alguns previam, senão para os sérvios e croatas.²²⁹

A onze de abril, o colaborador escreveu que:

Nos Bálcãs continuam os êxitos militares dos alemães. (...) Não há monte e vales, não há linhas fortificadas, que não transponham. (...) A ‘guerra relâmpago’ é de tal forma que, no momento de saírem estas regras, é bem possível que os invasores já tenham logrado alcançar os seus objetivos principais.²³⁰

Apesar do cenário cada vez mais desfavorável para os aliados, os colaboradores insistiam na vitória final daqueles lembrando a história da conflagração anterior. A vinte e três de abril, o articulista afirmava:

(...) parece que a depressão se alastra no velho continente, repercutindo mesmo neste hemisfério. Nesse ponto, a nossa insensibilidade se mantém. Fomos da geração que, por desventura, seguiu os inúmeros e enervantes episódios do conflito, que alguns se obstinam em apresentar como diferente do atual. De agosto de 1914 a 11 de novembro de 1918, os aliados somente tiveram derrotas. Quase todas as manhãs, se despertava com a sensação de que o mundo, ia desmoronar. (...) Guilherme II era proclamado ‘gênio’ pelos seus áulicos, como o ‘Führer’ o é pelos seus correligionários. E de súbito, tudo foi por água abaixo...Pode ser que, em 1941 ou 1942, os acontecimentos se desenrolem de forma diferente. Mas confiamos nas forças novas do Universo, afastados de um continente cheio de raças e classes, que

²²⁸ Conferências, pactos e adesões. In: *O Estado de S. Paulo*, 27 nov. 1940, p. 16.

²²⁹ “Cunhas” e “tenazes”. In: *O Estado de S. Paulo*, 10 abr. 1941, p. 16.

²³⁰ Nos bastidores da guerra... In: *O Estado de S. Paulo*, 11 abr. 1941, p. 14.

há um século e meio se extenuam em querelas sangrentas e mesquinhas. A Europa do Centro e do Ocidente tão cedo não se erguerá. Nós vimos como ela ficou em 1919.²³¹

O avanço alemão para a península balcânica tinha outra conseqüência de grande relevância: uma possível ameaça à União Soviética. Os russos se mantinham equidistantes do conflito enquanto os ingleses arcavam com as derrotas sofridas na região. No comentário publicado a sete de maio, o colaborador, afirmava que os militares germânicos eram seguidores de Napoleão, e Londres e Berlim representavam Atenas e Esparta. E continuava: “Londres ou o Império Britânico, goza desta vantagem: na retaguarda conta com as democracias jovens e ricas que não se dispõem aceitar tutelas de uma potência que, após 1919, foi exatamente auxiliada por elas...”²³²

Enquanto nos Bálcãs os ingleses fugiam para a ilha de Creta²³³ juntamente com os representantes do governo grego, na Europa um acontecimento turvou ainda mais a situação: o vôo de Rudolph Hess, líder do Partido Nacional-Socialista, para a Inglaterra. O fato foi analisado pelos colaboradores que contaram assim aos leitores o que acontecera:

Rudolf Hess, o terceiro Führer da Alemanha, desceu anteontem em pára-quadras na Escócia, sendo hoje prisioneiro da Inglaterra. Fuga ou loucura? Os britânicos admitem a primeira hipótese, os alemães a segunda. E os neutros desconfiados, que não esquecem dos hábeis trabalhos de sapa, aventam uma terceira, a de uma armadilha. (...) Neste incidente, o que se evidencia é a fragilidade de ‘organismos’ tidos como os mais sólidos e robustos da Europa. (...) Luddendorf, o apologista da guerra total, o intransigente, o terrível, aconselhou o ex-kaiser a abdicar. E ele mesmo retirou-se para a Suécia, confiando o encargo de suportar as vicissitudes da derrota ao velho marechal Hindenburg. (...) não comparamos a retirada de Luddendorf à fuga ou loucura de Rudolf Hess. (...) Mas os sistemas totalitários estão sujeitos a essas mesmas ‘surpresas’ desagradáveis, e com esta agravante: o seu arcabouço, em face delas, ruirá, mais depressa do que se imagina. O Partido Nacional-Socialista, periodicamente expurgado como o Comunista da Rússia era apontado como a espinha dorsal da Alemanha do presente. Se o seu mentor e inspirador, Rudolf Hess, se viu na contingência de abandona-lo é porque existe ‘qualquer coisa de estragado em seu seio.’ (...) Faça o que quiser – Hitler – não nos parece que possa encobrir uma situação difícil do seu Império, não no que se refere aos problemas militares, senão no que se prende às deficiências de víveres e outros produtos indispensáveis aos seus habitantes.²³⁴

²³¹ Egito e Oriente Próximo. In: *O Estado de S. Paulo*, 23 abr. 1941, p. 16.

²³² Cálculos e prognósticos. In: *O Estado de S. Paulo*, 07 maio 1941, p. 16.

²³³ Ver mapa, anexo.

²³⁴ O fato do momento. In: *O Estado de S. Paulo*, 14 maio 1941, p. 16.

Em meio às vitórias germânicas, o vôo de um dos Führers para a Inglaterra foi interpretado pelos colaboradores como um sinal de que havia algo de errado com o “Império do Centro”, denominação que os responsáveis pela publicação designavam a Alemanha. Dessa forma, os articulistas usaram desse argumento para sustentar a idéia de que apesar das vitórias, a Alemanha não estava em tão boas condições como fazia crer a sua propaganda.²³⁵ A quinze de maio, o colaborador interpretava de que maneira a defecção de Rudolf Hess contribuía justamente para desmistificar essa arma manuseada por Joseph Goebbels e seus discípulos:

O sr. Goebbels não deve estar satisfeito. Ele, o herói da propaganda, não poderia imaginar que um dos seus correligionários destruísse, em seis horas de vôo, quase toda a sua obra. Sempre lhe rendemos homenagem, mas sem exageros. (...) Não, o ilustre sr. Goebbels vive horas amargas e tristes. O seu terceiro superior hierárquico, Rudolf Hess, deixou-o numa situação que, por dilatados anos, jamais se esquecerá. Porque forneceu à Inglaterra, a inimiga da Alemanha atual, os elementos para a maior, a mais extraordinária das propagandas. E sejamos francos. Na Grã-Bretanha, ainda não se tinham organizado serviços eficazes dessa natureza. (...) O chefe do nacional-socialismo preso num hospital, mesmo que não faça revelações representa uma garantia. (...) Os povos do velho continente encontravam-se nas condições psicológicas de há cento e trinta anos atrás, durante as guerras napoleônicas.²³⁶

A batalha travada na ilha de Creta tinha uma grande relevância estratégica para os combatentes. Nessa campanha, os alemães encetaram uma ofensiva contra uma formação semelhante a das ilhas britânicas, o que revestia o ataque à ilha mediterrânica de uma experiência paradigmática.²³⁷ A vinte de maio teve início a invasão. Os colaboradores insistiam nas comparações da situação atual com a história antiga:

É indubitável que, nestes últimos dias, os germânicos lograram vantagens de polpa, assim no ar como nos mares. (...) Para obterem a supremacia, os romanos antigos, que de fato eram fortes e jovens, conheceram inúmeras derrotas na segunda guerra Púnica. Por duas vezes a Cidade Sagrada, que tanto iria contribuir para a civilização, foi ameaçada bem de perto pelas hostes de Aníbal, o ‘grande bárbaro.’

²³⁵ Sobre esse assunto os colaboradores publicaram, no dia 23 de março de 1941, um comentário sobre a ajuda norte-americana à Inglaterra no qual instruíam os leitores a interpretarem corretamente as notícias vindas do exterior. Neste texto se lia que: “(...) Para raciocinar os leitores precisam por de banda os adjetivos e participios bombásticos dos comunicados; levem em conta apenas os sujeitos e os verbos. (...) A Alemanha está preocupada em mostrar, ao seu povo, que os ‘auxílios’ da América ‘virão tarde demais’ ou que ‘não serão eficazes’. Portanto, compreendem-se os exageros da sua propaganda, que adotou nova tática”. A nova tática da propaganda. In: *O Estado de S. Paulo*, 23 mar. 1941, p. 40.

²³⁶ A maior propaganda. In: *O Estado de S. Paulo*, 15 maio 1941, p. 16.

²³⁷ Antony Beevor, em seu livro, Creta, narra detalhadamente os embates que se travaram nessa ilha do mediterrâneo, essencial para a Inglaterra. Ver BEEVOR, Antony. *Creta: batalha e resistência na Segunda Guerra Mundial 1941-1945*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

(...) Na refrega atual, que no momento empolga a humanidade inteira, os britânicos estão a imitar melhor os latinos.²³⁸

Para eles, os esforços alemães, como, por exemplo, construir uma grande aviação, não significava superioridade sobre os britânicos. A vinte e nove de maio, lia-se que:

Pode – a Alemanha – multiplicar os seus aeroplanos, que, em qualquer hipótese, terão uma ação restrita ao continente. Eles devem destruir edifícios, afundar barcos desprotegidos e ceifar vidas inocentes. Nunca, porém, alcançarão impor uma ‘ordem’ ou uma ‘diretriz’ ao mundo inteiro. E nem sequer ao continente. O Império Britânico, sem grandes exércitos, resistiu e resiste às arremetidas.²³⁹

É interessante notar que concomitantemente a estes comentários que enfatizavam o heroísmo e o poder de resistência britânico havia no periódico a publicação de uma série de textos intitulada de “Teu filho não voltará mais!”. Essa série, escrita pelo Major e depois Tenente-Coronel Affonso de Carvalho, diretor da Revista *Nação Armada*, *Revista Civil-Militar consagrada à Segurança Nacional*, traçava um panorama da situação europeia durante o conflito que se estendia à quase todo o continente. Nela, o autor elogiava as conquistas alemãs enquanto depreciava os erros franceses e a resistência inglesa.²⁴⁰

É sintomático que essas duas publicações estabelecessem uma tensão entre os comentários e os artigos escritos pelo diretor da revista citada, uma vez que os textos eram publicados no mesmo dia, um na última e outro na primeira página, respectivamente. Descreveram-se as consequências da vitória alemã em Creta a trinta e um de maio. Para o colaborador, elas “serão deploráveis para os aliados. Os seus inimigos ficarão com uma base magnífica para os seus futuros reides aéreos contra o Egito e o canal de Suez”.²⁴¹

Nesse momento, a guerra chegara ao Oriente Médio, com a invasão inglesa no Iraque e na Síria e na África, com a atuação do general Wawell na conquista das colônias

²³⁸ Um juízo desairoso. In: *O Estado de S. Paulo*, 28 maio 1941, p. 16.

²³⁹ As duas batalhas. In: *O Estado de S. Paulo*, 29 maio 1941, p. 14.

²⁴⁰ Uma das ironias de Affonso de Carvalho contra os ingleses, por exemplo, foi publicada no dia 17 de abril de 1941. No artigo publicado pelo matutino ele afirmava: “(...) E o leão de Goering. É mais um leãozinho que um leão. O marechal da Aeronáutica é freqüentemente presenteado com objetos os mais extravagantes. Um dia recebeu um casal de autênticos leões. (...) Curiosa muito curiosa a decadência hodierna dos leões. Nos cinemas é conhecido um leão que aparece como símbolo de uma empresa de filmes. Mostra uma cara zangada, dá uns roncões...e nada mais. (...) Os povos fortes sempre tiveram a sina de enfrentar leões. De Cartago para cá, os leões foram perdendo aquela ferocidade, que fazia tremer as florestas. Hoje, as crianças brincam com os leões. E a continuar essa decadência, ainda poderemos ver o leão roncando apenas, como nos filmes, e apenas ameaçando”. CARVALHO, Afonso de. *Teu filho não voltará mais!* (VIII). In: *O Estado de S. Paulo*, 17 abr. 1941, p. 01.

²⁴¹ Vitória alemã em Creta. In: *O Estado de S. Paulo*, 31 maio 1941, p. 14.

italianas. A Alemanha não conseguira dobrar os britânicos numa guerra de nervos nem tampouco quebrando o espírito de resistência da população londrina com uma intermitente guerra aérea.

Dessa forma, era necessário encontrar outros caminhos que fizessem com que Londres se rendesse. O ataque alemão na península balcânica foi o primeiro passo. O segundo e mais violento se deu no leste, na direção em que, segundo um colaborador, o rei Carlos XII, da Suécia, apontava, sinalizando aos suecos de onde vinha o perigo.

2.3) A invasão da União Soviética

A cruzada contra o comunismo não requer o sacrifício de países menores e distantes, de regimes insuspeitos e nem o de potências liberais e capitalistas, como os Estados Unidos e a Grã-Bretanha. Verdade seja que estas deliberaram prestar auxílio ao império eslavo. Pois que esse auxílio fosse contrariado nos sítios onde ele se positivasse mais ostensivamente. À Alemanha, à França de Darlan e Laval competia inutilizar os reides cada vez mais mortíferos dos aeroplanos ingleses. E competia destruir o material, que porventura o seu inimigo comum, a União Soviética, recebesse da América do Norte. Assim, justificava-se plenamente a cruzada contra o comunismo. E o resto do Universo, agradecido e contrito, não hesitaria em erguer loas aos modernos e épicos líderes.²⁴²

(...) Não cremos na aliança de dois regimes, que se assemelham apenas nos métodos de repressão e não nos fins que colimam.²⁴³

²⁴² As contradições da paz. In: *O Estado de S. Paulo*, 15 ago. 1941, p. 16.

²⁴³ As relações teuto-russas, IN: *O Estado de S. Paulo*, 25 jan. 1941, p. 02.

A postura anticomunista do *O Estado de S. Paulo* já levava os responsáveis pelo periódico a apoiar o então presidente Getúlio Vargas a reprimir as agitações que ficaram conhecidas pejorativamente como *Intentona* e contribuíram para a fundação do Estado Novo uma vez que este utilizou o terror pelo comunismo para legitimar o golpe. Além disso, a idéia de que o Brasil deveria cerrar fileiras com os norte-americanos na luta que se avizinhava simbolizava a convergência de interesses que, desde a fundação da República, unia o *matutino* à corroboração do pan-americanismo e, posteriormente, da política da boa vizinhança. A força da tradição ganha destaque aqui por conta da intervenção sofrida pelo periódico e que supostamente, teria de modificar não só a estrutura, mas também e principalmente os ideais pelos quais o jornal propugnava. Abaixo, demonstra-se como a permanência desses preconceitos e posturas tradicionais se coadunava com o contexto interno e externo.

Desde o início da guerra, a Alemanha e a União Soviética foram apresentadas como potências que agiam conjuntamente no cenário internacional. Assim, o pacto assinado por Ribbentrop e Molotov a 23 de agosto de 1939 foi interpretado como expressão da ausência de qualquer princípio ideológico no que se referia ao campo das relações internacionais. Para o articulista, tratava-se de insistir que os dois países agiam em causa própria independentemente das ideologias que professavam.²⁴⁴ Todavia, no que concernia à aliança entre os totalitarismos,²⁴⁵ os colaboradores mostravam-se céticos. Em diversas oportunidades os responsáveis pela publicação levantaram dúvidas acerca da colaboração

²⁴⁴ No dia 25 de junho de 1941, o texto não assinado assim se referia ao assunto: “(...) Queria dizer – Hitler – que não passavam de lérias a democracia e o fascismo e o comunismo. Realmente, assim era e é: e estava nisso a explicação para as híbridas alianças assinadas e revogadas na Europa, nestes vinte meses de guerra. Para apreciar os fatos de leste, fazemos nossa a frase do chanceler teutônico, com pequenas modificações: ‘Há sonho e necessidade e nada mais’. O sonho é a obcecação das conquistas, que não se realizam sem o trigo e o petróleo. Antigamente, os dirigentes escolhidos entre os melhores cidadãos conheciam a difícil arte de disfarçar os seus intentos. Hoje esses dirigentes, em particular os do Reich, são de uma puerilidade confrangedora. Em cada palavra, em cada gesto, deixam transparecer tudo que as suas mentes engendram”. Ideologias e mistérios. In: *O Estado de S. Paulo*, 25 jun. 1941, p. 16.

²⁴⁵ Há uma grande discussão na historiografia quanto a denominar o regime soviético de totalitário. Antes do XX Congresso do Partido, no qual Krushev denunciou os excessos stalinistas, essa afirmação seria impossível. Todavia, o historiador alemão Ernst Nolte lembra que “el término totalitarismo ya era de uso común como concepto equivalente a bolchevismo”. IN: NOLTE, Ernst. *La guerra civil europea. 1917-1945. Nationalsocialismo y bolchevismo*. México: Fondo de Cultura Económica, 1994, p. 106-107.

entre os dois países e argumentavam que, muito possivelmente, em breve, os interesses que os moviam se chocariam.²⁴⁶

Depois da conquista da Finlândia, a Rússia voltara à sua atitude enigmática de antes do conflito enquanto a Alemanha aumentava os seus domínios conquistando a Noruega, a Dinamarca, a Bélgica, a Holanda, o Luxemburgo e a França. Todavia, após o colapso francês, os exércitos germânicos não atacaram com todo o seu poderio a última democracia do continente, a Inglaterra. Ao invés de uma operação conjunta das três armas, iniciaram uma série de bombardeios aéreos na intenção de quebrar o poder de resistência britânico e forçá-los a pedir a paz.

Na visão dos colaboradores, como isso não aconteceu, a guerra foi estendida a outros cenários. Entre eles destacavam-se o Oriente Médio, onde os alemães tentavam destruir o controle que os ingleses detinham em países como o Iraque, por exemplo, e os Bálcãs, onde objetivavam ameaçar as rotas de abastecimento que passavam pelo Mediterrâneo. A política de cerco estabelecida pela Alemanha não surtiu o resultado esperado. Assim, Hitler iniciou a invasão das terras que desde o *Mein Kampf* ele descrevera como o espaço vital do qual seu povo necessitava.

Como evidencia o excerto que abre esse capítulo, os colaboradores não acreditavam na união entre as duas potências. Enquanto o país do chanceler Hitler representava o totalitarismo de direita que os articulistas criticavam diuturnamente, o regime inaugurado por Lênin significava uma ameaça à própria continuidade da civilização ocidental. O choque entre esses dois regimes não constituiu uma surpresa para os jornalistas que escreviam os comentários. A conquista do leste era para os alemães a única solução para dois problemas fundamentais que a guerra trouxera: a fome e o abastecimento das máquinas movidas a petróleo.

As terras férteis da Ucrânia e o combustível do Cáucaso eram, assim, um objetivo militar mais do que significativo no que concernia à invasão iniciada a 21 de junho de

²⁴⁶ Sobre o histórico de colaboração entre esses dois povos, V.K., um dos autores que mais contribuiu para o entendimento das questões relativas ao Oriente, assinalou que: “Quando, há vinte anos, procurava provocar na Alemanha uma revolução socialista e, depois, apoderar-se de Varsóvia para dilacerar à ponta de baioneta o Tratado de Versalhes, Lênin obedecia a um plano muito claro e, ao mesmo tempo, perfeitamente racional: a Rússia, grande país agrícola não podia realizar uma profunda transformação social senão colaborando com a Alemanha, isto é, com o país mais altamente industrializado da Europa e no qual a classe operária e os técnicos constituíam a maioria da população ativa”. K., V. Os limites da colaboração germano-russa. In: *O Estado de S. Paulo*, 17 mar. 1940, p. 32.

1941. A previsibilidade da guerra entre os dois regimes apareceu a vinte e cinco de junho da seguinte maneira:

(...) Quem nos dá a honra de nos ler, de certo se lembra do que escrevemos e repetimos sobre os inúmeros episódios, trágicos ou pícaros, que se desenrolaram dessa data em diante. Sempre fomos de parecer que chegaria o dia em que os elogios trocados entre os chefes totalitários, da direita e da esquerda, se converteriam em impropérios. E as proclamações já divulgadas, que cederam os embates a leste, confirmam a nossa fácil previsão. (...) Estamos a espera apenas de que venha a capítulo a chapa do Ministério da Propaganda do sr. Goebbels, mais ou menos neste tom: 'Marchamos contra o comunismo, nocivo e sanguinário'. Nas horas embaladoras em que sonhou fundar o Império do Oriente, Napoleão proferiu a seguinte frase: 'a Europa é uma toca de toupeiras'. O grande corso foi injusto: no seu tempo viviam gênios, como Goethe, Beethoven, Bertholet. Mas os dominadores do Reich, que agora se voltam para o Oriente, parecem julgar que não a Europa, senão o mundo, não passa de uma 'cova de toupeiras'.²⁴⁷

No mesmo dia, o articulista apresenta ao leitor quais eram os objetivos da Alemanha na luta contra os russos:

Por ora, ainda não se deve opinar sobre operações militares na frente leste. (...) A invasão entrou hoje no seu quarto dia e apenas territórios recentemente soviéticos, como Polônia e Estados Bálticos foram alcançados. O objetivo, como não se ignora, é a Ucrânia. (...) Se respigamos o que veio a público é porque a propaganda não perde o mau vício de se adiantar. Ela é uma vanguarda nociva aos próprios líderes que pretende servir. Fala na maravilha da rapidez, com um entono enervante. Como essa maravilha produz efeitos nos países adrede preparados para a derrota, entende de explorá-la com insistência. Exploração prematura, que não merece elogios dos neutros. (...) Queria dizer – Hitler – que não passavam de lérias a democracia e o fascismo e o comunismo. Realmente, assim era e é: e estava nisso a explicação para as híbridas alianças assinadas e revogadas na Europa, nestes vinte meses de guerra. Para apreciar os fatos de leste, fazemos nossa a frase do chanceler teutônico, com pequenas modificações: 'Há sonho e necessidade e nada mais'. O sonho é a obcecação das conquistas, que não se realizam sem o trigo e o petróleo. Antigamente, os dirigentes escolhidos entre os melhores cidadãos conheciam a difícil arte de disfarçar os seus intentos. Hoje esses dirigentes, em particular os do Reich, são de uma puerilidade confrangedora. Em cada palavra, em cada gesto, deixam transparecer tudo que as suas mentes engendram.²⁴⁸

O avanço alemão deu-se de forma avassaladora. Nos primeiros dias e meses de guerra, os germânicos avançaram vários quilômetros dentro do território governado por Stalin. Vale ressaltar que o dirigente soviético foi avisado da invasão várias vezes e por

²⁴⁷ A invasão da Rússia. In: *O Estado de S. Paulo*, 25 jun. 1941, p. 01.

²⁴⁸ Ideologias e mistérios. In: *O Estado de S. Paulo*, 25 jun. 1941, p. 16.

distintas fontes – uma delas o próprio Winston Churchill – e nada fez para conter os avanços iniciais. A guerra germano-russa propiciava aos colaboradores lembrar mais um episódio histórico que marcou a história daquela nação: a invasão de Napoleão em 1812. No dia vinte e seis de junho, em meio às impressões e às confusas notícias que chegavam da frente de combate, o articulista recordava:

(...) Mas ao menos os russos provam que não desprezaram as lições recentes e antigas. As recentes provocaram os colapsos de várias nações ocidentais; e as antigas, a derrota completa de Bonaparte até ali invencível. É de presumir que as últimas lições sejam mais em mente dos comandados por Stalin. Não faz dois meses, de Moscou informaram que os oficiais soviéticos foram aconselhados a reler as histórias das campanhas napoleônicas de 1812...²⁴⁹

A história, como vimos, foi mobilizada pelos responsáveis, que traçavam paralelos entre a situação da Europa daquele tempo com os mais remotos povos e civilizações. Nesse caso, o que estava em foco eram as similaridades entre as invasões que ocorreram na Rússia em 1812 e em 1941. Ao refletir sobre o assunto, o articulista concluía que:

(...) *Sem dúvida que a história se repete, como pregam os apologistas das frases feitas. Mas não é de crer que se repita tão escandalosamente.* (...) Por amor à imparcialidade, pois jamais esta folha admitiu o comunismo, credo incompatível com a nossa democracia e a nossa civilização cristã, consideramos também a capacidade do novo beligerante para as ações na retaguarda.²⁵⁰

Outro elemento decisivo na visão dos responsáveis pela publicação e que na conflagração anterior praticamente decidira o conflito era questão da retaguarda. Dessa forma, como a Alemanha possuía um dos maiores partidos comunistas da Europa, a luta contra a capital do comunismo era também, para os articulistas, um embate contra os agentes da Internacional.²⁵¹ Além disso, os alemães possuíam uma extensa frente interna

²⁴⁹ Os remoques de Bernard Shaw. In: *O Estado de S. Paulo*, 26 jun. 1941, p. 16.

²⁵⁰ Ações na retaguarda. In: *O Estado de S. Paulo*, 28 jun. 1941, p. 14, grifo nosso.

²⁵¹ Os colaboradores insistiram na tese de que, na Alemanha, a retaguarda tinha um peso diferente do que nos outros países. Ao explicarem as condições da defecção germânica durante a Primeira Guerra Mundial, os articulistas mostravam ao leitor qual o papel que a Rússia desempenhou nesse processo. No dia 16 de abril de 1941, o responsável pelo texto não assinado asseverava que: “(...) Lênin não esqueceu o que prometera. Logo que pode, inundou o Primeiro Reich de livros e panfletos, concitando os operários a pegar em armas contra os poderes constituídos. E, no dia 09 de novembro de 1918, desmoronava a poderosa máquina bélica de Guilherme II. Foi de tal sorte o efeito dos livros e panfletos que o marechal Luddendorf, em suas memórias – nunca será demais repetir! – confessou entre irônico e amargo: ‘Não foram os aliados que ganharam a guerra; foram os comunistas russos, que ajudamos a tomar conta do poder...’”. *A luta no escuro*. In: *O Estado de S. Paulo*, 16 abr. 1941, p. 16.

uma vez que as suas conquistas territoriais também eram alvo de sabotagens e, posteriormente, de movimentos de resistência cada vez mais ativos e armados.

O comentário intitulado “Máquinas e homens” analisou a situação sob a impressão do choque cruento que ocorria a leste. O articulista dizia que:

Nas últimas vinte e quatro horas, não se travou uma batalha convincente na frente Oriental, que agora empolga tanta gente. (...) teremos que esperar a ação do tempo, ‘o milagroso alquimista’, como opinaria nosso Machado de Assis. E a expressão vem muito a propósito: está em jogo a ‘alquimia dos algarismos’. Anteontem, foi divulgado o comunicado do alto comando teutônico, que despertou, em todas as esferas, não interesse, mas assombro. A primeira leitura, dá vontade de exclamar, como certa personagem de Eça de Queiroz: ‘Irra, que é demais!...’ Machado de Assis, Eça de Queiroz... Relevemo-nos a citação dos escritores, que nos deliciaram na adolescência. Em meio de tantas destruições, não faz mal nenhum um pouco de amena literatura. É um derivativo, como outro qualquer. (...) Se isto é metafísica, não nos cabe culpa alguma, e sim aos mentores da Europa, que professam filosofias perigosas. (...) Pelos documentos em questão, verifica-se que as máquinas, as de terra e do espaço, figuram em plana superior. Tanques, carros blindados e aviões foram arrasados em número respeitável... (...) Os desvalidos e as cidades foram os mais sacrificados. E sem subestimar o valor dos antagonistas vitoriosos e vencidos, concluímos que a guerra moderna deixava incólumes as forças, adestradas para as lutas. (...) É de presumir que muito mais de cinco milhões de soldados se estendam em linha de batalha, desde o Oceano Atlântico até o Mar Negro (na frente leste). (...) O que nos continua a admirar é que em empresas tão ‘aniquilantes’, as massas de lidadores, atacando ou defendendo-se consigam escapar aos tiros, aos explosivos, às granadas...²⁵²

Essa era outra característica da guerra que deu margem a vários comentários: as diminutas baixas nos exércitos envolvidos na contenda. Em virtude da experiência do conflito precedente, no qual milhares de soldados perderam a vida, os responsáveis pela publicação não compreendiam como os números mais elevados se referiam às máquinas destruídas e não aos mortos em combate. Por isso eles concluíam que a guerra atual eliminava os fracos e poupava os homens treinados para a luta, ou, muitas vezes, desqualificavam os números apresentados pelos comunicados alemães ou soviéticos.²⁵³

A tendência às comparações da situação coeva com as que passaram à História, às vezes, transformava o texto numa série encadeada de metáforas que exigiam do leitor atenção e conhecimento histórico. Assim sendo, pode-se imaginar que o leitor que

²⁵² Máquinas e homens. In: *O Estado de S. Paulo*, 02 jul. 1941, p. 14.

²⁵³ Vale destacar que, essa postura guardava relação com a assumida durante a Primeira Guerra Mundial, quando Júlio de Mesquita elogiava a sinceridade e objetividade britânicas contra os intentos da propaganda germânica.

recortava ou simplesmente lia o periódico detinha o conhecimento necessário para acompanhar o raciocínio do colaborador ou ainda que este escrevia para pessoas que acreditava serem “medianamente cultas”. A cinco de julho, por exemplo, os acontecimentos foram assim relacionados:

Em alguns círculos, muito a puridade, se escarnece dos críticos, que estabeleceram, e ainda estabelecem, comparações entre as duas guerras, a de 1914 e 1939. verdade é que nesses círculos predominam os totalitários. Por que essa atitude? Porque dizem, os fatos de hoje se desenrolam de modo diferente. Os tanques e os aeroplanos provocaram uma revolução na tática e na estratégia. A máquina e a rapidez deram um cunho original e desastroso às lidas entre os povos e classes. O que, na última conflagração era a última palavra, não passa agora de autêntica velharia. (...) As fortalezas e os campos entrincheirados quase não resistiam às investidas. (...) O valor individual dos combatentes era relativo, e somente as massas, compactas e disciplinadas, venciam e arrasavam os escolhos oferecidos por antagonistas mal avisados. Tais argumentos não convenciam e não convencem. (...) Sabemos que estamos a repisar. Que querem, porém? Para refutar os convencidos, e seus amigos temos de empregar os seus próprios métodos. Mas a verdade é que os totalitários, ultra-modernistas, reincidem nas comparações. Pior ainda: reincidem nas imitações. (...) Tenhamos presente o ataque à Rússia, iniciado em 22 de junho. Nele, os germânicos procuram seguir a mesma estratégia que deu cabo da França em dez ou quarenta dias. (...) Não é necessário ser mestre na arte ou ciência de um von Moltke para verificar que os teutos procuram executar com ou sem perícia, o famoso ‘Plano Schlieffen’, que produziu efeito no Ocidente. (...) Moscou é a Paris da frente leste. O Berezina é como se fosse outro Marne, propício aos gauleses há vinte e cinco anos, e fatal em junho de 1940...²⁵⁴

A guerra entre Rússia e Alemanha rearranjara também as relações entre os povos envolvidos direta ou indiretamente no conflito.²⁵⁵ O Brasil, ainda mantendo estrita neutralidade, manifestou-se ao estalar a guerra germano-soviética. Como apontava Marina Mesquita, “o governo, quando a Rússia entrou na guerra, publicou uma nota dizendo que na contenda russo-alemã o governo do Brasil não era neutro, mas contra a Rússia. Todo

²⁵⁴ As linhas ‘Weygand’ e ‘Stalin’. In: *O Estado de S. Paulo*, 05 jul. 1941, p. 14.

²⁵⁵ De acordo com Ernst Nolte, após a invasão da URSS, “se encontrava Hitler, y con él muy pronto todo el fascismo, en guerra contra dos grandes enemigos el bolchevismo y la democracia, es decir, el sistema liberal de partidos, sin la posibilidad de aprovecharse de las simpatías de una de las partes y hacer la guerra en paz. Las contradicciones debían resolverse ahora en el nivel último y más decisivo, en el cual, a la larga, no podían darse ventajas político-organizativas ni técnico-militares, pues ambos bandos luchaban con el mismo esfuerzo totalitário. (...) Si el fascismo, como habría de resultar, se firmó con esta acción su propia sentencia de muerte, actuó, no obstante, de acuerdo con su esencia y confirmó su carácter histórico, al obligar a las fuerzas hasta entonces opuestas a unirse em contra suya”. IN: NOLTE, Ernst. *Op. cit.*, p. 189.

mundo no Rio passou a beber vodca como sinal de protesto”.²⁵⁶ A Inglaterra moveu-se imediatamente para leste no intuito de realizar uma aliança com Moscou, objetivo no qual foi bem sucedida. Pelo acordo, ambos os países se comprometiam a não selarem a paz em separado – como ocorrera com a França. Outro país que tinha relevância capital nessa conjuntura era o Japão. Com a atenção voltada para os problemas japoneses, os articulistas tinham de criar o rearranjar suas concepções políticas acerca de um novo possível beligerante inserindo-o em um dos campos em luta.

Pressionado pelos Estados Unidos a renunciar às suas conquistas na China, o país se via na contingência de lutar contra os anglo-americanos no Pacífico ou auxiliar os alemães em uma guerra contra os russos, inimigos do Japão desde 1905. Para os colaboradores, todavia, aos japoneses também não era interessante que os alemães, se expandissem para o Oriente.²⁵⁷ Percebe-se, assim, como as relações internacionais do período eram volúveis e como elas oscilavam entre complexos interesses. A delicada situação japonesa apareceu no comentário do dia nove de julho da seguinte forma:

(...) Portanto, vencida a Rússia, não será de admirar que a Alemanha atual, que tanto se preocupa com raças e espaço vital, se delibere a promover uma cruzada santa contra os povos do Extremo Oriente. Por outro lado, não convém a Tóquio aproximar-se da União Soviética. Porque esta é sua inimiga natural.²⁵⁸

Como se vê, a atitude do Japão estava diretamente relacionada aos resultados que a guerra germano-russa proporcionavam. Os responsáveis pela publicação mostraram, em distintos momentos, que os nipônicos só se engajariam em uma luta contra os eslavos se a Alemanha vencesse, vertiginosamente, os obstáculos que levavam à Moscou.²⁵⁹ Dessa

²⁵⁶ Marina Mesquita a Julio de Mesquita Filho, datada de 15 de julho de 1941, In: MESQUITA, Ruy (org). *Op. cit.*, p. 276.

²⁵⁷ Alguns articulistas escreveram comentários em que idealizavam satiricamente um encontro germano-nipônico às margens do Ganges. No dia primeiro de agosto de 1941, por exemplo, se lia que: “Perguntaram a Bonaparte, quando este ainda freqüentava o Colégio Militar: ‘Como procederá se, em meio da batalha, faltar armas e munições aos seus soldados?’ E ele respondeu, sem tartamudear: ‘Irei busca-las ao campo inimigo.’ (...) Há muita lenda em tudo o que diz respeito a esse guerreiro. (...) Dois meses antes do ataque à Rússia, os chefes do Kremlin pediam, aos generais dos seus exércitos, que tivessem presente a campanha de 1812. (...) Como se estivessem sob a égide de Alexandre I. eles e seus soldados combatem tenazmente, e, na retaguarda, destroem tudo que possa ser útil aos antagonistas. Não deixam nada de pé, nem mesmo um poste de fios telegráficos. São os comunicados alemães que o informam. (...) À laia de pilhéria vaticinamos o encontro, às margens do Ganges, dos totalitários europeus e asiáticos”. Tema cediço. In: *O Estado de S. Paulo*, 01 ago. 1941, p. 16.

²⁵⁸ A atitude do Japão. In: *O Estado de S. Paulo*, 09 jul. 1941, p. 14.

²⁵⁹ Essa possibilidade era um dos destaques do comentário publicado a 22 de junho de 1941, no qual o colaborador ponderava que: “(...) Se os germânicos se aproximarem de Moscou, o Japão, a Manchúria e o

forma, como a invasão alemã parou a poucos quilômetros da capital russa, os japoneses contemporizaram e voltaram sua atenção para o Oceano Pacífico e para os sonhos de expansão imperialista.

As sabotagens retaguarda alemã e nas regiões conquistadas não tardaram.²⁶⁰ Insuflados pela propaganda aliada e pelo desejo de liberdade, grupos de resistência de vários países iniciaram uma longa guerra de guerrilhas contra as tropas de ocupação. A vinte e dois de julho, o articulista destacava esse fato lembrando, porém, que “a campanha não é nova. Ela vem desde que começou o conflito, isto é, desde o ataque à Polônia”.²⁶¹ As represálias também não demoraram a suscitar a preocupação e o assombro dos articulistas. Dois dias depois, intitulado de “A guerra obscura”, o artigo expunha:

(...) Sim as sabotagens degeneraram em represálias hediondas. Nunca, como agora, se fuzilou ou se enforcou tanto como no Velho Continente. (...) Nórdicos e meridionais, unidos na comunhão dos sacrifícios erguem-se contra o terrorismo de dirigentes tresloucados que, por seus escribas, se apresentam como deuses infalíveis. (...) Os exércitos mantêm-se disciplinados, na vitória e na derrota. Os invencíveis sonham com novas façanhas, e os outros marcham para os campos de concentração, sem mugir nem tugar. (...) O marechal Luddendorf, nas suas ‘Memórias’ e nos discursos posteriores, chamou a atenção dos seus ‘alunos’ para os perigos da mistura que, em momentos dados, se estabelece entre combatentes e não combatentes, que aguardam curiosamente os desfechos. Para esse estrategista, foi essa mistura, e não os aliados que apressou a queda do ‘Primeiro Reich’. Hoje, a tarefa apresenta-se mais gigantesca. Não se procura destruir este ou aquele Império, mas extirpar uma mentalidade, nociva e anormal, que cogita de abarcar o Universo inteiro.²⁶²

A última assertiva revela, de forma inquestionável, o posicionamento do jornalista responsável pelo texto. A luta não era somente contra “Reichs”, mas sim contra uma “mentalidade”, o que elevava o problema a outro nível. Não bastava, dessa forma, vencer o país ou Estado em questão. Essa “mentalidade” deveria ser massacrada, “extirpada” para que o “Universo inteiro” voltasse à paz.

governo fantoche de Pequim não de declarar guerra à Rússia. Sempre temos curiosidade de saber com que palavras o sr. Goebbels descreverá um possível ‘Dunquerque soviético!’. Não se riam os leitores. Alguns correspondentes de guerra destacados em Berlim, narram que, em círculos dali, se considera fácil a conquista da Sibéria”. Declarações de guerra. In: *O Estado de S. Paulo*, 22 jun. 1941, p. 32.

²⁶⁰ Vale lembrar que ao se referir à luta na retaguarda e a reação do país que ocupava essas áreas, os responsáveis pela publicação utilizavam palavras como “escuro” e “obscuro”, que expressavam a amplitude e a violência dos combates travados nesses locais.

²⁶¹ A indústria pesada e o trigo... In: *O Estado de S. Paulo*, 22 jul. 1941, p. 18.

²⁶² A guerra obscura. In: *O Estado de S. Paulo*, 24 jul. 1941, p. 16.

Por outro lado, pode-se questionar a que “mentalidade” o articulista se referia. A guerra germano-russa se constituiu em um desafio para as interpretações dos colaboradores uma vez que a despeito de toda tradição anticomunista do matutino, os comentários exibiam uma incontestável negação à Alemanha e a tudo o que ela representava. Além disso, o governo brasileiro não era neutro no que se referia a esse conflito. Entre a Alemanha e a União Soviética, o Brasil apoiava a primeira, emitindo, via DIP, ordens para que os russos fossem dura e constantemente criticados.²⁶³ Os colaboradores criaram, por meio dos comentários, um espaço por meio do qual o ideal democrático continuava a reverberar nas páginas do matutino mesmo depois da ocupação. Entretanto, diante dessa luta, parecia haver, pela primeira vez, uma sintonia entre as ordens emitidas pelos censores e a escritura dos textos. Foi somente nesse período que os interesses defendidos pelo Estado brasileiro e pelos colaboradores convergiram, auxiliando na formação de uma atmosfera desfavorável aos interesses soviéticos.²⁶⁴ A quinze de agosto, outro comentário conclamava pela união de todas as forças para a derrota final do comunismo. No texto se lia que:

Vai para um mês que, em vários lugares, se fala em paz. Os alemães estavam ‘na iminência de ocupar Moscou, Leningrado e Kiev’, e as agências informam que havia um trabalho nesse sentido. (...) Assestando as bases da colaboração do seu Estado com a Alemanha, indiretamente Pétain deu vulto à ameaça ao hemisfério ocidental, isto é, a toda a América; a do Norte, a do centro e a do Sul. (...) Corre que o chanceler teutônico fará novas propostas de paz, em nome da Europa continental, integrada na ‘nova ordem’. Se os visados repelirem tais propostas, dar-se-á a

²⁶³ Segundo José Inácio de Melo Souza, “para o DIP, a avançada das tropas germânicas se transformara num passeio: permitia-se um telegrama da Reuters anunciando a destruição de uma divisão soviética e 100 tanques; proibiam-se quaisquer telegramas da UP comunicando ‘vantagens russas’. As vitórias russas ‘com números exagerados’ estavam igualmente vetadas. Em julho as proibições destinavam-se a qualquer declaração de dirigente soviético. Para o DIP, ‘Stalin não existe para o Brasil e assim como as suas não podem ser publicadas declarações de estadistas russos’. Este clima de ‘passeio guerreiro’ do qual o DIP participava, culminou com a determinação do dia 11 de julho. O DIP advertiu à imprensa paulista de que o Brasil ‘não é neutro em relação é guerra teuto-russa. É contra a Rússia. Não permitir a mínima propaganda russa (expressão textual, para uso interno do Serviço de Controle: ‘Fuzilem a Rússia, impiedosamente...’)”. SOUZA, José Inácio de Melo. *O Estado contra os meios de comunicação (1889-1945)*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2003, p. 192-193.

²⁶⁴ Depois da ocupação havia uma tensão entre a parte editorial e os comentários publicados em destaque pelo periódico. (Para um exemplo, por meio de imagem, ver, anexo, a figura 05). Enquanto na primeira os redatores designavam o ditador Getúlio Vargas de “preclaro chefe da Nação”, enalteciam a ordem e conclamavam à disciplina, recorriam à tradição católica do Brasil, mostrando claramente que o jornal mudara de mãos, nos artigos assinados ou não a liberdade de interpretar os acontecimentos internacionais proporcionava possibilidades de críticas aos totalitarismos e de defesa do ideal democrático, que direta ou indiretamente, se relacionavam ao Brasil. Nesse sentido, pode-se concluir que mesmo ocupado, esse quadro do matutino se constituiu em um espaço de contestação dos totalitarismos e das ditaduras enquanto propugnava a vitória das democracias – no campo internacional – e o retorno desse regime no país em que o jornal ocupado era publicado.

marcha para o extremo ocidente. E Vichi concordará com tudo, não negando mesmo o seu valioso apoio em favor da disciplina e da civilização. (...) Existe, numas e noutros, uma contradição, em que os dois incidem, lamentavelmente. Para defender a disciplina e a civilização da Europa, sob a égide da Alemanha, era natural que o Führer e Pétain se unissem fortemente não contra os anglo-saxões, mas contra a Rússia. Convinha que ambos, e mais os seus inúmeros aliados, concentrassem as suas forças na frente leste. A cruzada contra o comunismo não requer o sacrifício de países menores e distantes, de regimes insuspeitos e nem o de potências liberais e capitalistas, como os Estados Unidos e a Grã-Bretanha. Verdade seja que estas deliberaram prestar auxílio ao império eslavo. Pois que esse auxílio fosse contrariado nos sítios onde ele se positivasse mais ostensivamente. À Alemanha, à França de Darlan e Laval competia inutilizar os reides cada vez mais mortíferos dos aeroplanos ingleses. E competia destruir o material, que porventura o seu inimigo comum, a União Soviética, recebesse da América do Norte. Assim, justificava-se plenamente a cruzada contra o comunismo. E o resto do Universo, agradecido e contrito, não hesitaria em erguer loas aos modernos e épicos lidadores. Não se justifica, porém, que, por amor àquela disciplina e àquela civilização, se ponha de sobreaviso gente que não tem culpa dos atos de certas personalidades responsáveis pelo desencadeamento da presente guerra...²⁶⁵

Ainda que nos primeiros artigos sobre a guerra no leste os responsáveis pela publicação tenham adotado uma estratégia de apresentação que privilegiava as dificuldades que os alemães enfrentariam nesse conflito, com as seguidas vitórias das forças invasoras, os colaboradores, pautados em uma tradição de crítica ao comunismo, voltaram a expressar o desejo de que essa ideologia e seus líderes fossem derrotados.²⁶⁶ Pela destruição do regime instaurado pela Revolução de 1917 os articulistas matizavam as críticas ao regime colaboracionista francês e insinuavam: se os aliados insistissem em auxiliar os russos, que as forças franco-germânicas frustrassem essa ajuda, combatendo-os em nome da civilização ocidental. De acordo com o texto, uma ameaça a distantes países não se justificava quando todos falavam em salvar a civilização e quando o maior perigo vinha do leste.²⁶⁷ Assim,

²⁶⁵ As contradições da paz. In: *O Estado de S. Paulo*, 15 ago. 1941, p. 16.

²⁶⁶ Stanley Hilton destacou o papel da censura na luta contra o comunismo no Brasil nesse período. Para ele, “censorship was another important weapon in the crusade against bolshevism. The police department, in charge of monitoring the press until January 1940, sought to suppress anything that might be construed as favorable to Russia or communism – at the same time that it blessed articles that attacked the Soviet Union. The hostility demonstrated by the major dailies toward the USSR thus reflected not only editorial, but official, sentiments”. In: HILTON, Stanley. *Op. cit.*, 1991, p. 169.

²⁶⁷ Os jornalistas escreveram, no dia anterior a esse comentário, um outro texto no qual concluíam: “Tem-se a impressão de que o herói de Verdun quer conservar em suspenso, uma ameaça ao hemisfério ocidental. Ameaça que se pode traduzir nestes termos: se os Estados Unidos não remeterem víveres, o almirante Darlan permitirá que as colunas blindadas, estacionadas em Baiona e cercanias, marchem rumo da Península Ibérica, de Portugal e ilhas adjacentes, e a esquadra do mesmo almirante Darlan, no Mediterrâneo, se encarregaria de

todos deveriam se unir para acabar com o regime russo recebendo, os vencedores, os agradecimentos do “resto do Universo”.

Para os colaboradores, a Alemanha deveria se unir aos vários povos que dominava para destruir a União Soviética, encarnação do mal. Além de concitar o regime colaboracionista francês a auxiliar nessa empresa, outro comentário trouxe uma nova sugestão. No dia doze de setembro, o jornalista afirmava:

(...) Ora, o Reich empenha-se numa luta gigantesca contra um Império, que se encontra sob um regime renegado pela civilização cristã. Seria mais louvável e heróico que os seus condutores estimulassem os exércitos, que se fixaram na frente leste. E cremos que os seus esforços com esse propósito haviam de ser levados em conta pelos povos, que representam aquela civilização.²⁶⁸

Mais uma vez, os colaboradores expunham o desejo de que o país do chanceler Hitler derrotasse o comunismo e que se tal ocorresse, que os países que compunham a civilização ocidental reconheçam esse esforço.²⁶⁹ No dia 10 de outubro de 1941, os responsáveis pela publicação explicavam aos leitores quais os caminhos que se abriam para a humanidade diante do embate que se travava:

Os totalitários inventaram a nova ordem. A princípio, ela devia implantar-se no velho continente. (...) Em fins de setembro de 1940, Berlim consultou os diplomatas aliados e, sem mais preâmbulos, proclamou que a nova ordem se estenderia a todo o planeta. (...) Em suma: temos diante de nós uma ‘nova ordem’ política, preconizada por potências totalitárias, e um ‘mundo diferente’, preconizado pelas democracias. A ‘nova ordem’ política e social já se sabe como se manifestará; e o ‘mundo diferente’ constitui uma esperança. E isto de alimentar esperanças, é mais próprio do homem do que viver em contínuos choques, como acreditam os filósofos da indústria pesada...²⁷⁰

Neste excerto evidencia-se o quanto o problema soviético era complexo para as explicações dos articulistas. O autor desse texto não assinado apresentou a luta entre totalitarismo e democracia de cujo resultado julgava que surgiria uma “nova ordem” ou um

transportar, para a África, as forças que hão de ocupar Marrocos e Senegambia, nas costas do Atlântico. Não foi esse o intento do preclaro chefe? Oxalá. Mas a conclusão a tirar das suas palavras, é aquela mesma, que sobremodo afetará países não envolvidos”. Nos dois extremos. In: *O Estado de S. Paulo*, 14 ago. 1941, p. 16.

²⁶⁸ A história pode repetir-se. In: *O Estado de S. Paulo*, 12 set. 1941, p. 16.

²⁶⁹ Outras idéias para a derrota do comunismo foram apresentadas pelos colaboradores. No dia 19 de novembro de 1941, se lia, no texto não assinado, que: ““(…) Não atinamos porque não se pretende armar os prisioneiros franceses que sobem a um milhão e oitocentos mil homens para eliminar mais depressa a frente oriental...”. Mediterrâneo ou Atlântico Sul. In: *O Estado de S. Paulo*, 19 nov. 1941, p. 16. É importante lembrar que, na luta contra a Rússia, os alemães contaram com tropas espanholas, italianas, romenas, eslovacas, húngaras e finlandesas.

²⁷⁰ Um mundo diferente. In: *O Estado de S. Paulo*, 10 out. 1941, p. 16.

“mundo diferente”. Mas pode-se questionar, em qual dos campos se situara a União Soviética, uma vez que, em última análise, esse país seria derrotado ou mesmo por que era considerado tão inferior pelo autor, que não merecia qualquer classificação. O que abre a interessante questão de saber que lugar ele reservava para a União Soviética.

Ao se referirem às batalhas que se travavam na frente oriental, os articulistas escreveram que “designaremos por ciclópicas, pois que gigantescas já não lhes cabem mais”.²⁷¹ Para os autores dos textos, a guerra não era entre países. Segundo eles,

Hoje em dia, a luta não é entre potências limítrofes, e sim entre continentes. A Alemanha fez a unidade européia à sua maneira. E não podendo atravessar o Atlântico, por causa do baluarte das ilhas britânicas, rumou para a Ásia afim de esmagar os que, direta ou indiretamente, tentam impedir a execução dos seus planos. (...) O conflito evoluiu muito em favor de um beligerante afortunado, que não se contenta apenas com um continente, senão com dois ou mais.²⁷²

O Japão, que deixara de receber o petróleo norte-americano e que já havia entrado em choque com os interesses britânicos no continente asiático, se encontrava, no entendimento dos colaboradores, em uma encruzilhada. As suas perspectivas eram atacar os impérios que o ameaçavam ou aceitar, abrir mão da pretensão de se consolidar como uma potência. Na verdade, era essa a condição que britânicos e norte-americanos cobravam dos japoneses em relação à China, por exemplo.

A crescente tensão entre nipônicos e norte-americanos culminou no ataque à base de Pearl Harbor, no Pacífico. Esse ataque inaugurava uma nova fase da guerra, que deixava de ser exclusivamente européia e se tornava mundial. Como lembrava o colaborador ainda em outubro desse ano, “às vezes as operações longínquas se ligam e se entrelaçam”.²⁷³ No caso do ataque japonês à base norte-americana, os fios que se interligavam afetaram as relações internacionais de todo o planeta.

Para os alemães, o ataque era um indício de que não haveria uma intervenção nipônica na União Soviética e que, dessa forma, eles lutariam sozinhos. Para os britânicos, o ataque selava, agora formalmente, uma aliança entre as maiores democracias do mundo contra os totalitários da direita. Para os norte-americanos, era o início da caminhada rumo ao status de superpotência. No entendimento dos colaboradores, a lógica ausente desde o

²⁷¹ Um momento oportuno. In: *O Estado de S. Paulo*, 12 out. 1941, p. 32.

²⁷² A hora do Japão. In: *O Estado de S. Paulo*, 16 out. 1941, p. 18.

²⁷³ No reino das surpresas. In: *O Estado de S. Paulo*, 07 out. 1941, p. 18.

início de 1938, voltara ao mundo. Quando a Alemanha declarou guerra aos Estados Unidos, o articulista afirmou:

Finalmente, a Alemanha declarou guerra aos Estados Unidos. Esclarece-se a situação do ponto de vista político e militar. Era preciso que não vingasse a dubiedade. Foi na cauda do aliado. (...) Veio a guerra dos continentes e a Alemanha se eclipsa diante da grandeza trágica dos fatos da Ásia. Parece exausta.²⁷⁴

Pelo comentário, pode-se concluir que os articulistas insistiam, ao apresentar o conflito ao leitor, na divisão entre democracia e totalitarismo. A dubiedade não vingou porque com a declaração de guerra, a situação estava, com exceção da União Soviética, definida: Itália, Japão e Alemanha contra Inglaterra, Estados Unidos e a Rússia, atacada pelos germânicos. Na verdade, a realidade se mostrou mais complexa do que a polarização simplista entre democracia e totalitarismo. Assim, desse ponto em diante, os colaboradores teriam de realizar constantes esforços para apreender e apresentar aos leitores como a União Soviética era aliada das democracias mesmo sendo um regime totalitário e como eles mesmos, sempre se mostraram anticomunistas convictos lidaram com essa imposição: a aliança entre os Aliados e os comunistas. A publicação de mapas da União Soviética que serviam para assinalar em que regiões a luta era travada e também contribuiu para demonstrar quanto os soviéticos lutaram para reconquistar seus territórios, aumentando o conhecimento que os leitores tinham daquela nação que, até então, era hostilizada em quase todas as esferas da sociedade brasileira.

Todavia, se no cenário internacional a dubiedade se desvanecera, a luta dos responsáveis pela publicação continuava na esfera da política interna, em que o presidente Getúlio Vargas oscilava entre o comprometimento com a causa aliada, que os artigos do periódico defenderam antes mesmo da guerra.

O ataque nipônico a Pearl Harbor e as dificuldades da Alemanha em terminar a guerra no leste serviram de estímulo aos articulistas para relembrar mais uma vez os tempos de 1812 e para comparar a situação de 1941 com a da conflagração anterior. A dezenove de dezembro se lia que:

Em novembro de 1812 começou a retirada de Napoleão das estepes, em novembro de 1918, começou a retirada dos teutos, a pouca distância de Paris; em novembro de 1940, os totalitários começaram a experimentar reveses. Sem dúvida tratava-se de

²⁷⁴ As grandes perdas navais. In: *O Estado de S. Paulo*, 12 dez. 1941, p. 16.

meras coincidências, que não obedeciam nem obedecem aos imperativos da lógica. (...) Neste último mês mudou ou não mudou o cenário? A guerra não se desenvolve num ritmo muito diferente? Não é preciso sutileza de dialética para responder, pela afirmativa, às perguntas formuladas. (...) Na frente leste, o ataque final contra Moscou foi bem até certa altura. Os eslavos recuaram defendendo-se sempre. (...) Mais ao sul, Timochenko abatia os invasores em Rostov, posição chave do Cáucaso. O sucesso animou o general Zukhov, que transformou os contra ataques táticos em uma contra-ofensiva estratégica. Inúmeras aldeias e pontos básicos não mencionados foram retomados. (...) Os críticos de mais de quarenta anos, escreveram como se estivessem diante de um Marne, em ponto maior. E os românticos inveterados estabeleceram um paralelo entre essa retirada, que se esboçava, e a do corso General, há cento e tantos anos.²⁷⁵

As previsões dos colaboradores para a Alemanha eram as piores. Segundo eles, “muita coisa indica que o ano de 1942 será, para eles, como o ano trágico de 1918”.²⁷⁶ O inverno russo paralisara as ações das tropas germânicas que se retiravam para posições defensivas.²⁷⁷ Enquanto isso, o Japão ampliava seus domínios na Ásia ao invadir as regiões que lhe forneceriam as matérias primas das quais o país era carente.

A entrada dos Estados Unidos no conflito mobilizou as forças não só norte-americanas, mas também da grande maioria dos países do continente.²⁷⁸ E o Brasil tinha uma enorme relevância nesse cenário, não só em virtude de suas significativas fontes de matérias-primas como também em virtude de sua posição geográfica. Se, durante o período em que os alemães conquistaram praticamente todo o continente, os articulistas mantiveram postura extremamente cética e crítica, a ampliação da guerra com a entrada de outras potências favoreceu a idéia de que a história estava mesmo a repetir-se.

Mas havia uma outra e fundamental razão para essa postura. Com a participação dos norte-americanos, os colaboradores acreditavam que o Brasil deveria adotar uma posição que se coadunasse com a sua história diplomática e tradição nas relações internacionais. E

²⁷⁵ Coincidências e realidades. In: *O Estado de S. Paulo*, 19 dez. 1941, p. 01.

²⁷⁶ Quantidade e qualidade. In: *O Estado de S. Paulo*, 20 dez. 1941, p. 18.

²⁷⁷ Stanley Hilton, ao descrever a reação que os sucessos defensivos soviéticos causavam no Brasil, assinalou que “Soviet success in stopping the initial German invasion short of Moscow, coupled with the rapid consolidation of the American-Russian alliance following Pearl Harbour, seemingly gave strong impetus to Communist activities at home, a development scrutinized with mounting disquiet by the army high command in the early months of 1942. In a memorandum to Vargas late in February, Dutra declared that communism was one of the main problems facing the army, and by midyear, after months of newspaper headlines about the heroism of the Red Army, his sensitivity to perceived leftist propaganda seemed to reach new levels”. In: HILTON, Stanley. *Op. cit.*, 1991, p. 180-181.

²⁷⁸ Uma das exceções é a Argentina que, somente entrou na guerra ao lado dos Aliados em 27 de fevereiro de 1945, quando a derrota do Eixo era iminente. Além daquele país, o Chile, o Uruguai, o Peru, o Paraguai, a Venezuela e o Equador também se imiscuíram somente nos últimos momentos da luta.

essa tradição, ia ao encontro da causa das democracias, em luta contra os totalitarismos e colocava, portanto, em xeque o regime inaugurado pela Carta de 1937.

**Capítulo III: *O Estado de S. Paulo*: o debate em torno do pós-guerra
(1942-1945)**

3.1) O colapso totalitário e a luta pela redemocratização

O que mais aflige a egolatria, sem dúvida, a egolatria totalitária no momento presente, é saber que terminada esta guerra com a vitória inglesa, não haverá outro imperialismo britânico senão o que existiu até 1941 e que, em vez de afirmar seu domínio e sua força, o programa na Comunidade Britânica será o de diferentes ações de independência e liberdade, de acordo com *a nova era do renascimento democrático que se aproxima*.²⁷⁹

Tudo leva a crer que a fera do nazismo já está mortalmente ferida e se aproxima da
agonia.²⁸⁰

A França será mais uma vez a França, purificada pelo infortúnio, mais amiga, mais ardente, mais espontânea e mais reforçada, menos desejosa de uma vida fácil, mais atenta aos seus deveres, mais uma vez zelosa em servir ao ideal que, há 150 anos, ela deu ao mundo. Esse ideal – que é o objetivo da guerra de nossos aliados – pode ser sintetizado numa única palavra – DEMOCRACIA.²⁸¹

²⁷⁹ SANCHEZ, Luiz A. O imperialismo britânico, IN: *OESP*, 14 ago. 1943, p. 12, grifo nosso.

²⁸⁰ BENNIGSEN, Emmanuel de. Virá a paz? IN: *OESP*, 02 mar. 1943, p. 12.

²⁸¹ TORRES, Henry. A epopéia americana na África do Norte. In: *OESP*, 18 nov. 1942, p. 10, grifo no original. Henry Torres, segundo a nota introdutória a seu texto, era um “nome sobejamente conhecido no Brasil, pois foi professor das Faculdades de Direito do Rio e São Paulo, advogado e jornalista eminente, diretor do Jornal ‘Voiz de France’, que se edita em Nova York”.

O período compreendido entre 1942 e 1945 guarda muitas reviravoltas no que se refere tanto ao cenário externo quando interno. Durante esses anos, as vitórias alemãs eclipsaram-se diante de uma coalizão mundial que, aos poucos, conseguiu derrubar o regime inaugurado por Hitler em 1933. Batalhas como a de Stalingrado, Kursk, a invasão da Normandia, os bombardeios aéreos sob as cidades alemãs e as bombas atômicas lançadas sob o já derrotado Japão completaram o quadro de destruição e sofrimento que se iniciara em 1939 e que marcaria o século vinte como sendo o da violência.

No Brasil, pressionado pelos norte-americanos que entraram na guerra após o ataque japonês a Pearl Harbor, o presidente Getúlio Vargas não tinha meios para continuar com a hesitação que caracterizara os anos anteriores. Em agosto de 1942, declarou guerra aos totalitarismos acompanhando os Aliados na contenda que se alastrou por todo o globo. A participação direta no conflito teve conseqüências imediatas para o Estado Novo que, com a derrota da Alemanha, sucumbiu com a deposição de Getúlio Vargas em outubro de 1945.

Nesse sentido, pretende-se realizar uma análise sistemática dos comentários publicados para tentar apreender quais foram as estratégias utilizadas pelos colaboradores para escrever acerca dos acontecimentos e batalhas que decidiram o conflito nestes anos. Além disso, por meio da comparação entre o número de artigos assinados e não assinados, poderemos concluir se a redação continuou com a preponderância da escrita que se verificou durante a primeira parte desta pesquisa ou se a intervenção do periódico foi exposta efetivamente com a participação brasileira na contenda.

Mudança na fonte, transformações sociais, reviravoltas no teatro da guerra, revelações de atos desumanos, deposição de Getúlio Vargas, vitória dos princípios de 1789: são esses alguns problemas com os quais nos defrontaremos nessa fase. Mais do que compreender como os articulistas vivenciaram todos esses fatos, trata-se de evidenciar de que forma os rastros deixados por eles, por meio de seus textos, revelavam a força e a amplitude dos fios que interligavam todas as nações do globo num conflito que se denominara total.

Entre 07 de abril de 1940 e 30 de novembro de 1942, a direção jornalística e econômica da empresa ficou a cargo de Abner Mourão. Na edição de 01 de dezembro de 1942, contudo, seu nome passou a figurar como Diretor da Redação, o cargo de Diretor Presidente foi ocupado por Gabriel Monteiro da Silva, o de Diretor Superintendente por Pelágio Lobo e o de Diretor Gerente por Francisco de Castro Ramos. Entretanto, tal arranjo não perdurou.

Afastado da presidência para assumir o cargo de Diretor do Departamento de Municipalidades, o nome de Gabriel Monteiro da Silva não constava no matutino a partir de primeiro de julho de 1943; até 17 do mesmo mês, o nome de Francisco de Castro Ramos foi centralizado junto ao cabeçalho e os de Pelágio Lobo e Abner Mourão ocupavam as extremidades esquerda e direita, respectivamente.

No dia subsequente, pela primeira vez, figurou o nome de Sud Mennucci,²⁸² como Diretor Superintendente enquanto Pelágio Lobo, alçado a Diretor Presidente, teve o nome colocado no centro da página logo acima do de Francisco de Castro Ramos. Abner Mourão permaneceu como Diretor da Redação na extremidade superior direita. Ainda em 1943 ocorreu a mudança definitiva: no dia 03 de dezembro, o nome de Sud Mennucci foi retirado e ficaram como responsáveis pela publicação do periódico até 1945: Pelágio Lobo, como Diretor Presidente, Francisco de Castro Ramos, como Diretor Gerente e Abner Mourão, responsável pela Redação.

Pelágio Lobo era natural de Campinas, onde nasceu, em 1888. Foi memorialista, historiador, biógrafo, conferencista, jornalista, advogado, membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, da Sociedade Paulista de Escritores e do Clube Piratininga. Sua atuação na direção do periódico ocorreu no mesmo momento em que se observam as mudanças nos comentários no que concerne à assinatura, pois foi a partir de 1943 que, após alternadas publicações, os textos não assinados desapareceram, dando lugar aos que indicavam autoria. Essas modificações guardavam profunda e direta relação com as que ocorriam nos órgãos responsáveis pela imprensa brasileira nesse período.

²⁸² Sud Mennucci era um intelectual que trabalhara no periódico quando este era dirigido por Julio de Mesquita. Segundo Paulo Duarte, ele, juntamente com Correa de Melo e Breno Ferraz do Amaral eram “redatores de categoria”. In: DUARTE, Paulo. *Op. cit.*, 1977, v. 06, p. 299. Talvez essa relação progressiva explique a curta passagem de Sud Mennucci pelo periódico nesse momento.

A 29 de julho de 1943, dias após a saída do Major Coelho dos Reis da direção geral do DIP, na qual fora substituído pelo capitão Amílcar Dutra de Menezes que dirigiu o órgão até 1945, o jornal publicou um texto nas *Notícias do Rio* em que o nome do ex-diretor do *Jornal do Comércio*, Mário Guastini, figurava como o de redator-chefe d'*O Estado de S. Paulo* e como Diretor de Divisão de Imprensa do DEIP de São Paulo.

O DEIP (Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda) fora criado, segundo Silvana Goulart, pelo decreto lei número 2. 557, de 04 de setembro de 1940 e tinha por objetivo “estender a função do DIP aos Estados, contando com a colaboração de seus governos”.²⁸³ O DEIP em São Paulo, ainda segundo a mesma autora, fora instituído por Adhemar de Barros, pelo decreto lei número 11.849, de 13 de fevereiro de 1941, subordinado diretamente ao interventor.

Candido Mota Filho foi o escolhido para ocupar o cargo de Diretor Geral do DEIP paulista. No jornal publicado no dia 11 de junho de 1942, ao descrever o processo que classificou de “padronização da imprensa”, J. S. escreveu:

Cândido Mota Filho, mestre de direito e mestre no jornalismo, escreveu e disse, na inauguração festiva do DEIP as melhores palavras que já ouvi como justificativa da criação desses órgãos de propaganda estatal, ainda mal compreendidos das minorias azedas (ilegível) e das maldizentes neurastenias.²⁸⁴

O “mestre de direito e mestre no jornalismo” permaneceu na diretoria geral até 05 de maio de 1944. O novo diretor geral foi apresentado aos leitores, por meio de um texto não assinado, no dia subsequente:

O ‘Correio da Noite’ publica hoje a seguinte nota: Tendo o professor Candido Mota Filho, solicitado exoneração desse cargo, *acaba de ser designado pelo Interventor Fernando Costa o sr. Mario Guastini, diretor da Divisão de Imprensa e Propaganda e Rádio-Difusão daquele Departamento para responder pelo expediente da Diretoria Geral.* O ato do chefe do Executivo Paulista teve os melhores aplausos nos altos círculos administrativos do País e em particular nos meios jornalísticos, onde o sr. Mario Guastini é figura de grande projeção. Redator de *O Estado de S. Paulo* e antigo diretor do ‘*Jornal do Comércio*’, o distinto confrade sempre se revelou um jornalista vibrante com um acervo de excelentes serviços prestados a S. Paulo e ao Brasil. Chamado para exercer tão elevado posto, o Governo de S. Paulo veio de premiar por seus justos títulos em operoso e inteligente colaborador da atual administração bandeirante.²⁸⁵

²⁸³ GOULART, Silvana. *Op. cit.*, p. 77.

²⁸⁴ Notícias do Rio. Padronização da Imprensa. IN: *OESP*, 11 jun. 1942, p. 01.

²⁸⁵ A direção do DEIP de São Paulo, IN: *OESP*, 06 maio 1944, p. 14, grifo nosso.

A modificação na direção geral do DEIP estadual refletiu no jornal visivelmente. Foi a partir dessa época, na qual a vitória aliada era já incontestável, que a política interna voltou à cena com flagrante destaque. Os textos que Mario Guastini publicava ao lado das *Notas e Informações* gradualmente cresceram em virulência na defesa da manutenção do governo do presidente Getúlio Vargas contra as pretensões oposicionistas desde o final de 1943 cada vez mais articuladas.

No que se refere às características dos quadros não houve nenhuma alteração ou inovação.²⁸⁶ Permaneceram no centro da página e eram compostos pela aglutinação de duas ou três colunas aparecendo, em efêmeras ocasiões, na parte inferior. No período estudado, ou seja, de 02 de dezembro de 1942 a 31 de agosto de 1945, publicaram-se 865 quadros, dos quais, 37 sem subscrição e 828 assinados.²⁸⁷ Nota-se que, em relação à fase anterior, apesar da alternância entre assinados e não assinados permanecer até 20 de agosto de 1943, quando foi publicado o último comentário sem assinatura, as estatísticas inverteram-se vertiginosamente, pois, se elas eram antes de 82,30% (sem definição de autoria) e 17,70% (definidos) nessa etapa, passaram a 95, 72% (com autoria) e somente 4, 28% (sem definição).

Enquanto na primeira fase o número de comentários assinados constituiu-se em minoria, agora formaram a essência do material estudado. Nota-se que as notícias vindas das agências de informação ainda mantiveram seu espaço na publicação tendo, assim, permanecido o critério de transcrever textos de jornalistas estrangeiros de renome, como Geneviève Tabouis, por exemplo, que apareceu nos dois momentos.

Todavia, a predominância nas publicações com autoria definida coube a colaboradores brasileiros e estrangeiros aqui exilados. Entre os primeiros, destacava-se o nome do Tenente-Coronel Lima Figueiredo, responsável por 06 séries e 112 artigos. É interessante notar que o Exército sempre manteve um colaborador no jornal: primeiro com o Major, depois, Tenente-Coronel Affonso de Carvalho, com 24 textos, e, em seguida, Lima

²⁸⁶ Os mapas constituem uma exceção, pois se tornaram cada vez mais específicos com a inserção dos símbolos e bandeiras dos países em conflito. Para uma visualização, ver anexos.

²⁸⁷ A totalidade dos comentários publicados nesta etapa segue, em anexo.

Figueiredo.²⁸⁸ Na tabela abaixo, apresenta-se o rol completo dos colaboradores, em função do número de vezes que escreveram no matutino.

Merecem especial atenção dois outros nomes, que estão presentes também na primeira fase da pesquisa: Luiz Amador Sanchez, apresentado “ex-diplomata espanhol” e um dos professores de espanhol da Universidade de São Paulo, e Conde Emmanuel de Bennigsen, emigrado russo residente na capital paulista. Entre abril de 1938 e dezembro de 1941, eles publicaram 15 e 16 comentários enquanto entre janeiro de 1942 a agosto de 1945, somaram são 36 e 317, respectivamente.

Pode-se afirmar que, após 20 de agosto de 1943, data em que aparece o último comentário sem assinatura, quatro colaboradores tomaram para si ou foram designados a descrever o cenário internacional: Conde Emmanuel de Bennigsen, Rogério P. Sampaio, S. Harcourt-Rivington e Lima Figueiredo. Dentre eles, é possível estabelecer outra divisão: os dois últimos publicaram inúmeros comentários em forma de série enquanto os dois primeiros escreviam sobre assuntos diversos, muitas vezes, dialogando entre si. Essas divergências de pontos de vista entre os dois autores é sintomática pois evidencia que neste espaço havia lugar para as dissonâncias enquanto nas outras páginas o pensamento seguia, inexoravelmente, os porta-vozes do governo varguista.

A tabela dois, anexa, elenca todas as séries publicadas e evidencia a preponderância destes dois colaboradores, pois, dos dezenove títulos, o economista inglês S. Harcourt-Rivington foi responsável por cinco e o Tenente-Coronel Lima Figueiredo por seis séries. Isso demonstra uma total modificação no que se refere à primeira fase da pesquisa, uma vez que, naquele período, a grande maioria dos textos não levavam assinatura, estratégia que se coadunava com uma tradição do jornal de imputar esses textos ao jornal como um todo.

Outra mudança sensível foi a que ocorreu nas séries: antes, elas foram extraídas de livros publicados àquela época; nesse segundo momento, deu-se o inverso, as séries foram criadas pelos autores e, posteriormente, foram publicadas nesse formato. Como exemplo, pode-se citar o livro de Lima Figueiredo sobre o Japão, resultado da compilação de seus

²⁸⁸ Vale lembrar ainda que ambos faziam parte da diretoria de duas revistas de grande relevância nesse período: *A Nação Armada*, dirigida por Affonso de Carvalho, que congregava elementos de variados setores da sociedade civil e militar e *A Defesa Nacional*, da qual Lima Figueiredo era um dos diretores, juntamente com o Coronel Renato Batista Nunes e os tenentes-coronéis Djalma Ribeiro e Batista Gonçalves. Ver tabela dos colaboradores, anexa.

comentários publicados no *O Estado de S. Paulo*.²⁸⁹ Assim como na fase anterior, as séries guardavam profunda relação com o momento em que foram publicadas.

Os textos escritos por S. Harcourt-Rivington tinham, na grande maioria das vezes, cunho econômico, enquanto os de Lima Figueiredo voltavam-se para os problemas do oriente, notadamente os japoneses.²⁹⁰ Nas séries publicadas por S. Harcourt-Rivington, o Brasil desempenharia um papel fundamental no futuro e seria, segundo ele, o que os norte-americanos foram no século XIX.²⁹¹ Percebe-se que os autores preocupavam-se com assuntos que estavam associados ao cenário internacional – no caso de Lima Figueiredo as séries cobrem o período de auge e decadência do poderio nipônico – e com projeções acerca do futuro – as séries do economista inglês S. Harcourt-Rivington sobre o Brasil e sobre a paz são o melhor exemplo dessa perspectiva.

Entre 1943 e 1945, os principais temas abordados pelos colaboradores ligavam-se ao pós-guerra. A Alemanha e o Japão foram representados como derrotados enquanto Estados Unidos e União Soviética apareceram como as superpotências vencedoras. O papel da Inglaterra, na visão dos colaboradores, diminuía muito nessa segunda fase, tendo seu momento heróico marcado pela resistência nos anos de 1940-1941. A entrada do Brasil na guerra a partir de agosto de 1942 não foi assunto dos comentários, que se voltavam para a Europa e para o Pacífico, mas seu futuro foi analisado por uma das séries publicadas pelo

²⁸⁹ Falar do texto de Mario Guastini, o Japão por dentro...

²⁹⁰ Em um texto publicado em agosto de 1944, sobre sua relação com o Japão, dizia o militar brasileiro: “Quando, ainda menino, eu cursava o Colégio Militar do Rio de Janeiro, em 1915, recebi como prêmio um livro intitulado ‘Leituras Militares’. (...) Nele, havia páginas dedicadas exclusivamente aos bravos soldados e marinheiros japoneses. Várias e sucessivas leituras foram feitas e, após cada uma delas, mais eu admirava Oyama, Nogui e Tojo. Na formação da minha intelectualidade esses homens entraram como heróis de larga projeção no cenário universal. (...) E assim, ao ser distinguido pelo Governo com um posto em Tóquio, afim de observar o incidente sino-japonês, senti uma alegria inenarrável, como se eu tivesse conquistado o impossível. (...) Empolguei-me, quero ser sincero, gostei do Japão. E, em discurso, afirmei: ‘Parto daqui mais saudosos do que quando deixei minha pátria, onde deixei minha família, meu chefe e meus amigos, porque ao afastar-me do Brasil eu sabia que, algum dia, regressaria e, ao Japão, tenho certeza, jamais retornarei’. (...) Afinal chegou o dia do inopinado ataque a Pearl Harbour e do massacre de gente de raça branca em Hong Kong e Cingapura. Da minha memória fugiram a lembrança dos dias felizes que vi no Japão; passei a odiar os políticos vesgos e os militares estultos, que, sonhando com a hegemonia, na Ásia, lançaram o país num abismo insondável, destruindo o halo de uma história plurissecular”. FIGUEIREDO, Lima. Eu e o Japão, IN: *OESP*, 27 ago. 1944, p. 01.

²⁹¹ O artigo, publicado na edição de sete de abril de 1944, sentenciava que: “O Brasil é agora a chave econômica da paz e da prosperidade mundiais. Estou convencido que esse país será chamado a tomar decisões de caráter mundial, as quais terão o poder de modificar para sempre sua posição entre as nações. Vou ainda mais longe. Na minha opinião, como consequência, o Brasil dominará o mundo na nova era de desenvolvimento mundial na mesma proporção que os Estados Unidos o fizeram no período compreendido entre 1880 e o início da guerra. (...) Sem a menor sombra de dúvida, este é o século do Brasil”. RIVINGTON, S. Harcourt. O futuro do Brasil – Nos planos da paz, IN: *OESP*, 07 abr. 1944, p. 01.

jornal. Enquanto nos textos publicados em destaque evitava-se ao máximo escrever sobre o país e seus problemas políticos, esse debate ocorre nas *Notícias do Rio* e nos artigos que Mario Guastini inseria ao lado das tradicionais *Notas e Informações*.

Observe-se que as representações construídas acerca do cenário internacional passavam, inexoravelmente, pelas mãos de pelo menos um dos representantes da ditadura: Abner Mourão era o diretor da Redação enquanto Mario Guastini ocupou os cargos de redator-chefe, diretor de Divisão do DEIP e, a partir de maio de 1944, era ele o diretor geral desse órgão. Assim, o regime varguista não apenas ocupou o periódico e o transformou em um porta-voz, mas o inseriu dentro da própria estrutura da censura uma vez que os responsáveis pelo matutino foram alçados aos cargos máximos do aparelho repressivo. Dessa forma, as mudanças efetuadas nos comentários, nessa fase, não podem ser entendidas somente como reflexo da mudança do curso da guerra nos campos de batalha, porque também sinalizava uma maior interferência no que concernia às análises que os colaboradores publicavam.

A derrota alemã no sul da Rússia e no continente africano que em fins de 1942 se delineava visivelmente, apesar de não ser definitiva, acabou com o mito da invencibilidade da *Wehrmacht* e mostrou que os Aliados poderiam vencer o inimigo. Esses fatores fizeram com que alguns dos colaboradores acreditassem que desse momento em diante a Alemanha estava definitivamente perdida e que ela não seria mais capaz de empreender outra ofensiva com sucesso.

O otimismo era um dos sintomas dessa apreensão da realidade que se iniciara em 1943. Nos primeiros dias de janeiro desse ano o Conde Emmanuel de Bennigsen afirmava: “podemos dizer, sem risco de nos enganarmos, que a vitória já está assegurada aos aliados, porém, não devemos esperar que Alemanha peça a paz de um dia para o outro. (...) poderemos esperar a ruína da Alemanha até o fim de 1943”.

É imprescindível ressaltar o quanto essas modificações representavam de diferente no que se referia ao andamento da guerra. Apenas alguns meses atrás, o Eixo dominava a África e em Stalingrado, os colaboradores acompanhavam os combates não por bairros ou setores, mas rua a rua e cada derrota russa era sentida universalmente. Agora, o autor não só atestava a melhora da condição dos Aliados para o combate, mas assegurava que até o final do ano a Alemanha estaria vencida.

O *turning point* não se verificou somente nesses fronts. Também no continente europeu, onde a Alemanha mantinha severa vigilância, os movimentos de resistência amplificaram sua atuação, causando sérios transtornos aos alemães. O método utilizado pelos franceses nessa luta contra o conquistador foi comentado por Denise Davey, da Interamericana, no dia 23 de janeiro:

(...) o campo de batalha francês não foi totalmente abandonado. Cerca de meio milhão de cidadãos franceses continua combatendo calmamente, trabalhando subterraneamente. (...) O exército clandestino divide-se em duas unidades combatentes, a saber: uma ativa e outra passiva, que dedica a maior parte de seu tempo à propaganda. (...) Existe, porém, um novo aspecto. Cada escavação dispõe de uma pedra para marcação de pontos presa à parede e na qual se vê um curioso friso feito de sinais algébricos. Um sinal “mais” significa um soldado alemão morto. Se o sinal é duplo, significa que o morto era oficial. Um sinal “menos” significa a morte de um soldado do exército clandestino. As trincheiras estão cheias de símbolos.²⁹²

A atuação dos movimentos de resistência em países como a França e a Iugoslávia,²⁹³ onde essa luta teve uma violência mais acentuada parecia comprovar a assertiva de um dos colaboradores que, em 1942, comparando a situação atual com a de 1918 afirmava que naquela data, a contestação partiu do centro para a periferia e que nesse momento, a resistência perfazia um sentido inverso, saindo das margens do sistema para o centro.²⁹⁴

Em fevereiro a batalha de Stalingrado estava praticamente terminada²⁹⁵ e o saldo era extremamente negativo para os germânicos não só em soldados e material, mas

²⁹² DAVEY, Denise. As lutas subterrâneas em França. IN: *OESP*, 23 jan. 1943, p. 12.

²⁹³ Os colaboradores deram ampla cobertura ao movimento iugoslavo e às lutas entre as duas facções rivais naquele país, os partidários de Tito e os de Mikailovitch.

²⁹⁴ Num texto sem autoria definida, se asseverava que “(...) A ação das retaguardas tende a disseminar-se. Em 1918, o movimento dos sacrificados foi do centro para a periferia, isto é, de Berlim para o resto do Império, chegando às trincheiras. Há indícios de que na presente guerra, o movimento irá da periferia para o centro”. O medo da retaguarda, IN: *OESP*, 05 mar. 1942, p. 16.

²⁹⁵ Antony Beevor, sobre a batalha o final da batalha, assinalou que “é improvável que o fim tenha sido inesperado, ou mesmo repentino, mas os defensores russos achavam difícil acreditar que terminara a batalha de Stalingrado. Quando pensavam nela e lembravam os mortos, sua própria sobrevivência os espantava. De cada divisão enviada pelo Volga, não mais que uma centena de homens sobreviveu. Em toda a campanha de Stalingrado, o Exército Vermelho sofrera 1 milhão e 100 mil baixas, das quais 485. 751 haviam sido fatais. (...) As macabras provas do combate não desapareceram com muita rapidez. Depois que o Volga descongelou na primavera, encontraram-se calombos de pele enegrecida, coagulada na margem do rio. O general De Gaulle, quando parou em Stalingrado a caminho do norte para Moscou, em dezembro de 1944, ficou impressionado ao descobrir que corpos continuavam sendo desenterrados, mas isso continuaria por várias décadas. Quase toda obra de construção na cidade revelava restos humanos da batalha”. BEEVOR, A. Stalingrado: o cerco fatal. Rio de Janeiro: Record, 2008, pp. 448, 461-462.

principalmente no que se refere à moral dos soldados e da população civil alemã, que J. Sarmiento de Beires, assim caracterizava: “a opinião pública e a psicologia coletiva sempre viveram na ilusão de uma invencibilidade tabu, que os acontecimentos se estão encarregando de destruir”.²⁹⁶

Alguns dos números e detalhes da derrota foram publicados a 04 de fevereiro em um dos comentários que não identificavam autoria: “a imprensa mundial noticiava a prisão de vinte e quatro generais, inclusive um marechal, e cerca de 2. 500 oficiais do exército alemão no setor da fortaleza do Volga”.²⁹⁷

Hitler “considerava a conquista da grande cidade como um ponto de honra” e o sexto exército cercado em Stalingrado teve todos os pedidos para recuar negados pelo Führer. Foi nessa localidade ainda que o chanceler alemão mobilizou contra Von Paulus um elemento simbólico: antes do fim, nomeou-o marechal, colocando sobre ele todo o peso que essa nomeação significava uma vez que até o momento nenhum Marechal do Reich alemão capitulara diante do inimigo.²⁹⁸

O efeito que o fracasso na captura da cidade fez-se sentir rapidamente no mundo todo.²⁹⁹ Notou-se uma elevação do prestígio da União Soviética que realizara aquilo que muitos consideravam improvável: vencer as divisões mecanizadas alemãs. Todavia, os

²⁹⁶ BEIRES, J. Sarmiento de. A batalha da Tunísia, IN: *OESP*, 07 fev. 1943, p. 12.

²⁹⁷ Rússia-Finlândia, IN: *OESP*, 04 fev. 1943, p. 01.

²⁹⁸ Estratégia de aventura, IN: *OESP*, 06 fev. 1943, p. 12. O colaborador caracterizava de aventureira a estratégia da Wehrmacht na Rússia.

²⁹⁹ No país vencedor, conforme Antony Beevor, “As divisões de Stalingrado foram distribuídas a diferentes exércitos e frentes, a fim de levantar ainda mais o moral. Stalin logo foi nomeado marechal da União Soviética pelo Presidium do Soviete Supremo da URSS, um toque marginalmente mais modesto que o próprio Napoleão coroando a si mesmo. A história da guerra de repente foi refeita. Os desastres de 1941 passaram a parecer como se fossem todos parte de um astuto plano concebido por Stalin. Seu retrato e nome haviam sido mantidos fora da imprensa durante os períodos ruins, mas agora ‘o grande capitão do povo soviético’, o gênio organizador de nossas vitórias voltava ao primeiro plano. Todos os desastres e todos os males eram atribuídos a outros, um tanto como os cortesãos eram os culpados na época czarista. Iliá Ehrenburg, com surpreendente cinismo, observou que o povo ‘precisava acreditar’. Até os prisioneiros do Gulag escreveram ao Grande Pai do Povo, convencidos de que ele iria intervir para corrigir um terrível erro judiciário, impensável sob o comunismo. (...) Na Grã-Bretanha, o rei Jorge VI encomendou uma Espada de Stalingrado a ser forjada para presentear a cidade”. BEEVOR, Antony. *Op. cit.*, p. 458-459. Uma interessante descrição a respeito da evolução, no que se referia aos títulos dos governantes russos, foi exposta por Moshe Lewin. De acordo com ele: “(...) O título de ‘czar’ – o equivalente russo para o *Kaiser* alemão e o *Caesar* latino – tirado de *Ivan, o terrível*, era mais imponente; adotado por alguém como ele, chegava a soar ameaçador. Finalmente, Pedro, o Grande, optou por *Imperador* como o mais prestigiado de todos. Seus sucessores mantiveram toda uma lista de títulos, começando com *Imperador*. Stalin queria encontrar seu lugar nessa lista de precedências. Como não havia nada acima de ‘imperador’, entretanto, se definiu como ‘generalíssimo’ – título que nenhum czar nunca usou”. LEWIN, Moshe. *Op. cit.*

colaboradores não deixaram de lembrar ao leitor que até nessa vitória soviética, as democracias desempenharam um papel fundamental. No dia 17 do mesmo mês, lia-se que

(...) o famoso ‘General Inverno’ não é pois o melhor cabo de guerra como se fazia crer. As derrotas das divisões germânicas na frente oriental não foram decretadas somente por esse aliado. Muito mais forte que ele e que maiores danos vem causando às divisões totalitárias que invadiram o território russo se nos afigura a cooperação anglo-americana. (...) Aos exércitos das Nações Unidas, devem os russos um grande favor, nesta luta de vida ou de morte que vem sustentando contra as hostes de Hitler. Graças a essa ampla e poderosa cooperação, os soldados soviéticos podem realizar com êxito sua missão na atual campanha militar.³⁰⁰

A luta contra a União Soviética passara de guerra de agressão para guerra defensiva no discurso dos alemães. Essa modificação, a qual se referia aos objetivos do conflito foi apontada pelos colaboradores a 06 de março, quando um articulista demonstrou que “é de notar que nos seus últimos discursos, os dirigentes nacional-socialistas afirmaram que visam ‘apenas’ salvar o mundo do perigo da ameaça russa, quando no auge do avanço de suas forças que pelas estepes soviéticas, acentuavam, cinicamente, que queriam obter espaço vital para o povo do grande Terceiro Reich”.³⁰¹

Até aquele momento o foco no que concernia à guerra estava concentrado na técnica e nas estratégias técnicas utilizadas pelos beligerantes com destaque para a Alemanha e suas vitórias no período de 1938-1941. A transformação do clima que envolvia o andamento da conflagração levou o ex-diplomata espanhol Luiz Amador Sanchez a reabilitar a figura dos heróis românticos e a contrapor os dois soldados que travavam o embate atual:

(...) já se disse que passou a época do herói romântico da guerra cavalheiresca, do soldado generoso. Se passou mesmo, essa época deve voltar porque estamos vendo que esse soldado romântico e entusiasta é que pode vencer o soldado máquina inventado por Hitler. Os exércitos do ‘passo de ganso’ são exércitos oprimidos com ferro e aço, desprovidos de alma, incapazes de perceber a alegria de morrer por sua aventura gloriosa. As milícias que parecem improvisadas nas tropas coloniais inglesas cantam hinos e canções desconhecidas pelas ‘panzerdivisionen’ e pela

³⁰⁰ O inverno na frente oriental, IN: *OESP*, 17 fev. 1943, p. 01. Alguns dos números relativos ao auxílio norte-americano constam da obra de Hellmuth G. Dahms. De acordo com este autor, “até fins de agosto de 1943 os americanos tinham fornecido aos soviéticos, pelo acordo de empréstimo, 6207 aviões, 5389 dos quais haviam chegado ao seu destino. Até mais ou menos a mesma época o número de caminhões e jipes americanos entregues à União Soviética elevava-se a 138.000. Somavam-se navios, tanques e canhões, 912 000 toneladas de aço, 1500 mil toneladas de mantimentos e grandes quantidades de outros materiais bélicos”. DAHMS, Hellmuth Günther. *Op. cit.*, p. 254.

³⁰¹ Objetivos alemães, IN: *OESP*, 06 mar. 1943, p. 01.

infantaria alemã pois estas só ouvem o eco surdo de suas próprias máquinas e os discursos do ‘führer’.³⁰²

Nessa segunda etapa nota-se uma mudança também no que concerne ao papel que os colaboradores atribuíam à aviação. Durante a primeira fase da pesquisa, que cobria os anos de vitória da Alemanha, eles escreveram comentários os quais assinalavam que o poder aéreo não poderia ser decisivo. Nesse momento, em que as derrotas do Eixo acumulavam-se, os responsáveis pela publicação não só definiam a arma aérea como decisiva, mas afirmam ser ela imprescindível para a finalização da contenda.³⁰³

A escalada de ataques aéreos ao continente dominado pela Alemanha foi constantemente ressaltada pelos jornalistas, que chegaram a desejar que ela se elevasse e atingisse cada vez mais cidades alemãs. No dia 30, por exemplo, o leitor encontrava: “a Real Força Aérea britânica efetuou, no sábado, o seu 59º ataque à capital do Reich. (...) Nada menos de mil toneladas de bombas explosivas e incendiárias foram lançadas em Berlim, por 500 aparelhos de bombardeio da R.A.F.”³⁰⁴

A certeza na vitória levou os colaboradores a analisar os possíveis problemas que as Nações Unidas enfrentariam no pós-guerra. No dia 24 de julho, R. P. Samps, ao distinguir as tarefas dos homens incumbidos dos negócios da guerra daqueles que tratavam da política, assinalava que

(...) à medida que as tropas aliadas, metódica e seguramente, vão ganhando terreno na Sicília, tornando cada vez mais grave a posição das forças do Eixo, que a defendem, os governantes responsáveis pela futura organização do mundo demonstram maior interesse pelo estudo das providências que deverão ser adotadas, tendo em vista a solução dos numerosos problemas decorrentes da terrível conflagração atual. (...) Se aos militares cabe o sacrifício de derramar o sangue nos campos de batalha, numa prova de altíssima renúncia, a bem de seus semelhantes, aos homens de Estado, deve ser reservada a tarefa não menos importante de reajustar as relações internacionais, de reequilibrar a máquina administrativa, de dar-lhe funcionamento harmonioso, numa correspondência o mais possível perfeita

³⁰² SANCHEZ, Luiz Amador. As tropas coloniais inglesas. IN: *OESP*, 13 mar. 1943, p. 12.

³⁰³ O economista inglês S. Harcourt-Rivington, ao escrever sobre a evolução da aviação enquanto arma, afirmou: “(...) Desde 1939, o tamanho, a velocidade e o alcance, a altura máxima em vôo e a segurança dos aviões fizeram progressos tão notáveis que os aparelhos de antes da guerra mais parecem espécimes de museu. Hoje em dia, nenhum desenvolvimento parece estar fora do círculo da probabilidade imediata. Os aviões poderão, em breve, subir e descer verticalmente, sustentar-se imóveis no ar como beija-flor, voar para a frente e para a retaguarda e ser de mais fácil manejo do que o mais moderno dos automóveis”. RIVINGTON, S. Harcourt. Princípios fundamentais da paz – O controle da aviação, IN: *OESP*, 17 mar. 1944, p. 01.

³⁰⁴ Atividade aérea, IN: *OESP*, 30 mar. 1943, p. 01. Ver gráficos, em anexo.

com as necessidades dos povos. (...) Que se estudem exaustivamente os meios de encontrar para os homens um regime de fraternidade e paz porque se mostram tão ansiosos. O autor relembra os equívocos cometidos depois da Primeira Guerra e entende que agora há mais estudo e vigilância.³⁰⁵

Duas outras questões que surgiram, já em 1943, no que se refere ao problema do pós-guerra e que adquiririam dimensões de ampla repercussão no futuro foi o dos planos para a Alemanha derrotada e o das fronteiras russo-polonesas. No primeiro caso, pode-se citar dois exemplos de como esses planos variavam na intensidade: a quinze de outubro, comentando o desenvolvimento da guerra na frente do Dnieper, disse R. P. Samps:

(...) são às dezenas, os projetos planos relativos à vida da Alemanha de após-guerra. Uns trazem em seu bojo excesso de idéias de vingança, outros, excesso de liberalismo. Ninguém, porém, negará que é justo, justíssimo que se obriguem os jovens alemães que praticaram os atos de destruição que hoje se observam a repará-los pelo seu próprio trabalho.³⁰⁶

Um outro exemplo foi o que escreveu S. Harcourt-Rivington, economista inglês, o qual assinou vários textos publicados nesse período. Para ele, para garantir a legalidade, era necessário estabelecer medidas no que tangia à educação, à prevenção e à correção. Como referentes à educação ele recomendava revisar livros “principalmente os de história”, filmes, etc; à prevenção elencou o desarmamento, a ocupação do Ruhr, dentre outras; quanto à correção, afirmava que:

(...) as punições poderão assumir tal caráter que servirão de exemplo salutar. Os convictos das brutalidades que desgraçaram esta era deverão experimentar um pouco de sofrimento físico que tão malignamente infligiram às suas vítimas inofensivas. Deverão, pois, ser açoitados. Os agressores potenciais deverão sentir que as nações civilizadas não admitem a bestialidade nem mesmo em tempo de guerra.³⁰⁷

No segundo caso, conseqüência dos progressos da contra-ofensiva russa na frente oriental, assumia relevância palpável a questão das fronteiras entre a Rússia e a Polônia. Não se pode esquecer que as relações entre os dois países não foram das mais cordiais

³⁰⁵ SAMPS, R. P. Regimes de após-guerra, IN: *OESP*, 24 jul. 1943, p. 01.

³⁰⁶ SAMPS, R. P. A frente do Dnieper, IN: *OESP*, 15 out. 1943, p. 14. Em outubro de 1944, o conde Emmanuel de Bennigsen comentava outro plano: “já sabemos que a ocupação da Renânia, que durou oito anos depois da Primeira Grande Guerra foi insuficiente para prevenir a segunda, e podemos afirmar que desta vez uma ocupação de pelo menos vinte ano é necessária”. BENNIGSEN, Emmanuel de. Últimos planos para o futuro da Alemanha, IN: *OESP*, 04 out. 1944.

³⁰⁷ RIVINGTON, S. Harcourt. Princípios fundamentais da paz VI – Garantias. IN: *OESP*, 29 out. 1943, p. 01.

mesmo antes da eclosão da guerra. Na verdade, a tensão entre eles foi mesmo uma das causas do conflito uma vez que a recusa polonesa em permitir que os russos passassem por seus territórios no caso de uma agressão alemã foi a razão principal para o malogro das negociações franco-anglo-soviéticas em agosto de 1939.

Dessa forma, o interesse em observar como seriam resolvidos os problemas fronteiriços entre as duas nações era justificado pela história pregressa e poderia mostrar como, se vitoriosa, a União Soviética desempenharia seu papel no concerto político internacional. Publicado no dia 18 de novembro, o comentário de Rogério P. Sampaio assim apresentava a questão:

(...) Ainda há poucos dias, um porta-voz russo declarou que as forças de seu país deveriam percorrer uns 450 quilômetros afim de chegar às fronteiras da Polônia. Ora, como as tropas soviéticas já estão a 150 quilômetros da linha demarcatória dessa nação, linha anterior ao pacto Ribentropp-Molotov, conclui-se que os russos se referem à nova fronteira decorrente daquele pacto e segundo a qual cerca de metade do território polonês passou para a União Soviética. (...) Não quer isso dizer que se possa admitir que o território da Polônia venha a ser retalhado, cousa que repugna as mentalidades sãs. Um povo de tradição, de cultura, com tantas contribuições para a civilização como o polonês, têm o direito de viver livremente. Se tal não acontecer, depois desta guerra, é porque não as conseguiu, com os sacrifícios que as Nações Aliadas ora fazem aquilo que todos pensam está sendo obtido. (...) Pregando – a Rússia – como tem feito o princípio da defesa intransigente da sua história, de sua civilização, estão automaticamente reconhecendo aos outros países idênticos direito. Eis porque se deve aguardar o momento oportuno para analisar se valeu ou não a grande luta que estão sustentando, no que concerne aos verdadeiros interesses dos povos.³⁰⁸

As relações russo-polonesas possuíam uma característica que ia além dos campos de batalha: ela trazia o leitor à mais pura realidade. Nesse momento, os colaboradores do jornal e boa parte do mundo, acreditavam que a guerra se travava por um ideal, que, uma vez vitorioso, traria a paz perpétua e a harmonia entre as nações. Como demonstrou no texto acima, Rogério P. Sampaio, ao discorrer sobre o assunto, mostrou que os russos pareciam testar os limites dessa luta e desse ideal, lançando essas assertivas para verificar que tipo de reações elas provocariam entre os Aliados. A última oração do comentário revela que, para o autor, esse problema fronteiriço servia como medida para validar os sofrimentos que a guerra trouxera e de sua solução dependeria uma aceitação de que a

³⁰⁸ SAMPAIO, Rogério P. O problema das fronteiras. IN: *OESP*, 18 nov. 1943, p. 01.

guerra fora dura, mas justa. Qualquer solução contrária, segundo ele, conspurcaria o real significado que a contenda adquirira.

Outro aspecto da guerra que transpareceu nas páginas do jornal foi a questão dos crimes cometidos pelos alemães na Alemanha e nos territórios ocupados. Trabalho forçado e extermínio foram aspectos desses crimes os quais apareceram no matutino entre junho e novembro de 1943. No que concerne ao primeiro, analisando a magnitude do problema na Alemanha, escreveu Philip Carr que:

(...) o Reich não está disposto apenas a combater até o último soldado e sim até o último operário de armamentos e de munições dos seus aliados e das nações subjugadas. (...) o Reich obrigou homens e mulheres das nações conquistadas a trabalhar na manufatura de munições e outros suprimentos. Algumas vezes, esses operários permanecem na própria pátria e são empregados nas fábricas locais, adaptadas para melhor servirem aos desígnios alemães. Contudo, os alemães descobriram que se torna mais fácil mantê-los na submissão, se os operários são deportados em massa, para a Alemanha, deixando na pátria suas esposas e famílias. Realizaram-se, assim, verdadeiras trocas maciças de populações operárias. (...) De um modo igual, de cada quatro operários trabalhando atualmente na Alemanha, um é estrangeiro, e mais de 06 milhões de estrangeiros, homens e mulheres, trabalham na indústria de guerra e na agricultura. (...) Em agosto de 1942, o sr. Sauckel, encarregado da distribuição da mão-de-obra e dos suprimentos na Alemanha, baixou um decreto especial, dando poder aos grandes funcionários alemães nos países ocupados para recrutar estrangeiros, e esses funcionários não hesitaram um usar seu poder. Cerca de um ou dois milhões de poloneses, uma parte trabalhando na terra e outra nas indústrias e nas minas, bem como 250 mil belgas estão incluídos entre os contingentes de trabalhadores estrangeiros.³⁰⁹

Em relação ao segundo aspecto, as informações prestadas pelos colaboradores eram muito detalhadas estando o foco no território polonês e no método utilizado pelos germânicos para matar:

(...) O efeito dos últimos acontecimentos sobre o moral alemão tornou-se tão assinalado que o chanceler Hitler se viu obrigado a reforçar ainda mais o seu domínio sobre a população civil alemã e européia. Para isso, nomeou Himmler ministro do interior do Reich, com poderes arbitrários sobre a vida de todos os cidadãos não incluídos nas forças armadas. (...) Essa nomeação evidencia que o

³⁰⁹ CARR, Philip. Trabalho forçado na Alemanha. IN: *OESP*, 22 jun. 1943, p. 01. Na entrevista concedida por Fritz Sauckel a Leon Goldensohn,, ele explicou que “Os 5 milhões de trabalhadores estrangeiros recebiam o mesmo tratamento dos alemães. É preciso distinguir entre o tratamento de Himmler e o meu tratamento da mão de obra estrangeira. Havia cerca de 2 milhões de trabalhadores voluntários; os outros 3 milhões vieram para a Alemanha por lei. Perguntei o que ele queria dizer com ‘por lei’. ‘Bem, os franceses, por exemplo, tinham um governo e fizeram essas pessoas virem para a Alemanha’. GOLDENSOHN, Leon. *As entrevistas de Nuremberg: conversa de um psiquiatra com os réus e as testemunhas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 261.

Führer sabe que cresce entre seus compatriotas uma revolta surda contra os métodos de seu governo. (...) Em virtude da autoridade sem limites dada a Himmler, a sua ‘Geheime Staats Polizei’, universalmente conhecida como Gestapo possui hoje poderes verdadeiramente despóticos. (...) A autonomia da Gestapo está assim, completa. (...) Seus membros não devem fidelidade se não ao Führer. Seu trabalho consiste em aniquilar toda e qualquer oposição ao regime nazista. (...) As funções da Gestapo foram, pela primeira vez, enunciadas na lei do Reich, número 2034 de 1936 (?). (...) Executa – a Gestapo – as deportações, os confiscos de propriedades, de toda a espécie e estabelece alemães nas fazendas e firmas expropriadas. Incumbe-se ainda do extermínio total da população israelita. A ‘Gestapo’ organizou um sistema de terrorismo nunca antes conhecido na história. Sua característica fundamental é uma crueldade fria e super-refinada além de um prazer sádico na prática da opressão. A Gestapo executa o assassinio em massa por meio de gás letal, em câmaras especiais, e em ‘trens da morte’, por meio da ação da cal viva. (...) *O próprio Himmler declarou o objetivo de sua organização com as seguintes palavras:* ‘A nossa tarefa consiste em germanizar. Não é apenas levar a língua alemã e as leis do Reich aos povos que habitam as áreas que conquistamos, mas assegurar a vida somente aos povos de origem genuinamente teutônica’.³¹⁰

A oração em destaque permite levantar a hipótese de que o autor inglês se referia ao discurso, ou a partes dele – o que se afigura mais provável – que Heinrich Himmler realizou, em seis de outubro desse ano, na reunião dos Reichsleiter e Gauleiter em Posen, no qual ele falou acerca da solução final do problema judaico.³¹¹

³¹⁰ RIVINGTON, S. Harcourt. Himmler e a sua Gestapo, IN: *OESP*, 19 nov. 1943, p. 01, grifo nosso.

³¹¹ Nesse discurso, ele afirmava: “(...) desejo falar agora, a esta audiência plenamente restrita, a respeito de uma questão que vocês, meus colegas de partido, consideram, há muito tempo, uma questão banal, mas a qual se tornou, para mim, o fardo mais pesado de minha vida – a questão dos judeus. Todos vocês concordam, prazerosamente, com o fato de que não há mais judeus em suas províncias. Todos os alemães, com mui poucas exceções, compreendem perfeitamente bem que nós não poderíamos ter resistido aos bombardeios e às tensões do quarto, ou talvez no futuro, do quinto e até mesmo do sexto ano de guerra, se a praga ainda estivesse presente em nosso meio político. Era fácil falar a breve frase: ‘Os judeus devem ser exterminados’, mas as exigências que recaem sobre aqueles que têm de colocá-la em prática são as mais árduas e mais difíceis do mundo. (...) Peço a vocês que escutem, mas que nunca comentem o que eu estou dizendo hoje aqui. Nós fomos defrontados pela seguinte pergunta: ‘E quanto às mulheres e crianças?’ E eu decidi, também aqui, procurar encontrar uma solução inequívoca. Pois achei que não era justo exterminar – significando aqui matar ou mandando matar – os homens e deixar que seus filhos crescessem para se vingarem nos nossos filhos e netos. A difícil decisão tinha que ser tomada, e ela consiste em fazer com que essas pessoas desaparecessem da face da terra. A ordem resultante dessa decisão era, para a organização incumbida de executá-la, a mais difícil que já havia recebido...Acho que posso dizer que ela foi executada sem prejudicar as mentes ou os espíritos de nossos homens e de nossos líderes. O perigo era grande e estava sempre presente. Pois a diferença entre as duas alternativas...tornar-se cruel e insensível e não respeitar mais a vida humana, ou tornar-se meigo e deixar-se vencer pela fraqueza e por colapsos nervosos...a distância entre Cila e Caríbde é surpreendentemente pequena. (...) cuidem de guardar essa informação somente com vocês. Mais tarde, talvez, nós decidiremos se o povo alemão deve saber disso ou não. Mas eu acho que é melhor, para nós como um todo, assumamos a responsabilidade...responsabilidade pela realização de uma façanha, e não pela concepção de uma idéia...depois levando conosco para o túmulo...”. SERENY, Gitta. *Albert Speer: sua luta com a verdade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998, p. 549-551

A organização do mundo de após-guerra e o futuro político das nações representaram um dos problemas centrais das análises dos colaboradores do jornal ocupado. A 05 de março de 1944, o conde Emmanuel de Bennigsen analisou a divisão do mundo entre duas correntes que se destacavam nesse período: o individualismo e o coletivismo. Segundo ele, o resultado desse embate era imprevisível e não era novo, uma vez que “o antagonismo entre e ao mesmo tempo a influência recíproca entre o indivíduo e as massas existiram e existirão sempre”.³¹²

Na política, o final do conflito prometia, ainda segundo os colaboradores, uma segunda divisão, uma cisão em dois campos ideológicos rivais. No dia 02 de dezembro, analisando o futuro da Itália, um jornalista afirmava que

(...) os quatro anos de ocupação alemã destruíram muitas idéias de outrora e deixaram os povos subjugados numa encruzilhada entre as ideologias mais opostas. Não raro isso foi benéfico porque foram principalmente destruídos preconceitos antiquados...(...) Enquanto escrevo estas linhas o General De Gaulle se encontra em Moscou, onde, como se afirma na imprensa aliada, deverá discutir a questão dos blocos europeus regionais. Neste caso, encontramos-nos diante de duas concepções políticas que dividem a Inglaterra e a Rússia. A política inglesa deseja a formação de dois blocos, que deveriam confrontar-se, é verdade, amigavelmente, na Europa Ocidental e Oriental. Ao contrário, Moscou opôs-se a tal separação dos atuais aliados, receando, ao que parece, que o sistema possa transformar-se numa reconstituição do “cordon sanitaire” contra a URSS, dos primeiros anos após a paz de Versalhes.³¹³

Com a derrota do Eixo aproximando-se cada vez mais rapidamente, o Conde Emmanuel de Bennigsen passara a realizar uma espécie de balanço dos principais problemas que afetavam o mundo àquela altura.³¹⁴ Em 1943, o emigrado russo já se questionava se não seria mais adequado denominar os Estados Unidos e a Rússia de superpotências e, a 18 de janeiro, ao analisar a situação dos norte-americanos no após-guerra, concluía ele:

(...) A situação nos Estados Unidos é por enquanto muito complicada. As diversas tendências estão numa luta tão encarniçada como não se observou no país desde a

³¹² BENNIGSEN, Emmanuel de. Grandes homens. IN: *OESP*, 05 mar. 1944, p. 36.

³¹³ BENNIGSEN, Emmanuel de. O futuro da Itália, IN: *OESP*, 02 dez. 1944, p. 01.

³¹⁴ Em um dos comentários, assinalou o jornalista russo: “com a libertação dos países ocidentais do jugo alemão, chegou para o capitalismo a hora do grande balanço. (...) penso que a ‘revolução espiritual’ tomará, ao realizar-se na Europa, um rumo evolucionário na maioria dos países que sofreram realmente da guerra e poderá ter complicações perigosas nos países para os quais a guerra e a revolução foram idéias abstratas”. BENNIGSEN, Emmanuel de. A revolução espiritual, IN: *OESP*, 11 jan. 1945, p. 01.

guerra de secessão, e é impossível predizer qual será o seu resultado. Mas é a primeira vez que o capitalismo encontra uma séria oposição de princípios, e o povo começa a ter novas idéias, que subsistirão depois dessas eleições e que certamente terão uma grande importância no destino do país.³¹⁵

A relação desse emigrado russo com o progresso material e intelectual norte-americano era pautada nas críticas e na desconfiança de que os Estados Unidos não sairiam da guerra sem modificações fossem elas de caráter social ou econômico. A avaliação que o conde Emmanuel de Bennigsen fazia das massas estadunidenses também não era das mais positivas, principalmente se comparada aos elogios gratuitos que teceu à França, nação que considerava superior.

Os colaboradores elogiaram as táticas e estratégias utilizadas pelos soviéticos durante as campanhas de inverno do ano anterior. Segundo eles, a “sinuosa” técnica militar empregada pelo Alto Comando do Exército Vermelho confundia os alemães, que passaram de inovadores a conservadores no que se referia aos estratégias militares. Rogério P. Sampaio, ao estudar os movimentos do Exército soviético, sentenciava que:

(...) Os êxitos do exército russo, desde Stalingrado para cá, dão-nos o exemplo de uma força de movimentos que, se fazem concomitantemente e, ao longo de extensa frente de milhares de quilômetros. Em muitas ocasiões, fica-se admirado de observar movimentos aparentemente impossíveis, ante a necessidade que se vislumbra de ordens rápidas para que tais ações se possam desenvolver. (...) Apesar da complexidade da organização do exército soviético, fatos inerentes a um grande corpo, e ainda aumentada pelo que se passa na esfera civil cuja influência não deixa de ser muito forte, especialmente num Estado onde o governo tomou a seu cargo a direção de todos os negócios importantes – verifica-se que essa força é dotada da capacidade de realizar movimentos autênticos, tendo por base apenas a observação da diretiva geral da campanha. Os chefes de corpos de exército dispõem de uma grande liberdade de ação, que somente se coaduna com a direção geral das operações de guerra, ante a experiência que vem tendo, há muito tempo, de autonomia de ação dentro da orientação geral. Até na nomenclatura, o que se nota no exército russo é muitas vezes diferente do que se passa nos outros países. Assim, a palavra ‘frente’ que para nós significa uma certa área geográfica, representa, para os soviéticos especialmente um grupo de forças combatentes ligados ao nome do General que o comanda. E é interessante verificar que, para os russos, tal se reveste de uma significação especial, que é a de encorajar o espírito dessas tropas mediante a nomeação de seus oficiais e soldados que se destacaram no campo das operações.³¹⁶

³¹⁵ BENNIGSEN, Emmanuel de. As eleições presidenciais nos Estados Unidos, IN: *OESP*, 18 jan. 1944, p. 01.

³¹⁶ SAMPAIO, Rogério P. Forças armadas russas. IN: *OESP*, 09 mar. 1944, p. 01.

O entendimento que os responsáveis pela publicação tiveram a respeito das táticas da União Soviética lembram a situação inglesa na fase anterior. Comparada ao pragmatismo alemão e à agilidade que as decisões são tomadas em uma ditadura, uma vez que não se faz necessário chancela de nenhum outro poder exceto o do ditador no processo de tomada de decisões, os colaboradores mostraram que os ingleses souberam transformar sua democracia rapidamente em um regime que mantinha a liberdade e, concomitantemente, agia celeremente. No caso soviético, ocorre processo semelhante, mas inverso: apesar do regime stalinista ser ditatorial, há nos regimentos do Exército, segundo o autor, liberdade de ação, o que facilita as decisões que têm de ser tomadas no calor da batalha, enquanto os alemães aferram-se às ordens vindas de Berlim, perdendo com isso tempo e iniciativa.

À medida que a guerra parecia caminhar para um desfecho favorável aos Aliados, os colaboradores voltaram suas vistas à questão dos criminosos de guerra. Nos textos que tratava desse assunto, a postura variava entre duas concepções distintas: uma responsabilizava todo o povo alemão pelos crimes enquanto a outra imputava às personalidades que estavam no topo da hierarquia governista a culpa pelos excessos cometidos nos territórios ocupados e na própria Alemanha. É importante ressaltar que essa divisão estava em harmonia com a indecisão entre os líderes das potências aliadas sobre esse assunto porque durante muito tempo eles não chegavam a um acordo sobre o tema.³¹⁷

Em dezembro de 1943, os soviéticos realizaram, por conta própria, o primeiro julgamento de criminosos de guerra de que se teve notícia. O jornal publicou, a 28 de janeiro, um comentário de Rogério P. Sampaio, no qual o colaborador concluía:

(...) se existe problema que jamais pode ser já não se diga resolvido, mas simplesmente encarado com certa unanimidade de vistas é o relativo à punição dos indivíduos considerados criminosos internacionais, isto é, responsáveis por atos e acontecimentos perniciosos na órbita das relações entre os Estados soberanos. (...) O que acima vai dito relaciona-se diretamente com a decisão tomada pelo aliado, em uma das suas conferências de punir rigorosamente os responsáveis pelos crimes que vem sendo cometidos na ordem internacional, desde o início da guerra. De acordo com a orientação ali adotada resolveram os russos ter a iniciativa que se concretizou nos processos contra autores de crimes praticados em Karkhov, durante a ocupação. O processo já se verificou há várias semanas com a condenação e enforcamento dos quatro acusados. Foi exatamente na manhã de 19 de dezembro passado que quatro corpos balançaram no ar, expostos ao vento gelado que soprava do norte, através da

³¹⁷ Stalin, por exemplo, estava determinado a condenar à morte mais de 50.000 técnicos alemães.

praça do Mercado de Karkhov. Foram eles os primeiros homens processados e executados de acordo com a declaração aliada. (...) Outros processos, como o de Karkhov, deverão ocorrer, não como satisfação da vingança, mas como início de um período de distribuição de justiça, na ordem internacional, tão necessária, do ponto de vista preventivo.³¹⁸

No 25 de março, o conde Emmanuel de Bennigsen, ao analisar esse problema, assinalava que:

(...) Sobre Hitler recai uma grande parte da responsabilidade pelo que aconteceu na Europa após 1936, mas *não se deve esquecer que ele era o produto da mentalidade alemã capaz de se desenvolver somente no seio alemão e que o povo desse país não pode ser libertado da sua parte de responsabilidade*. Hitler não é um Napoleão nem um Frederico II, para encobrir com sua personalidade os erros de todos, que por enquanto ele domina.³¹⁹

A questão da responsabilidade dos crimes de guerra é um tema controverso também na historiografia relativa ao período. Para citar apenas um exemplo da complexidade que envolve esse problema, pode-se recordar do livro de Daniel Goldhagen, *Os carrascos voluntários de Hitler*, publicado em 1996, no qual o autor demonstrava ser partidário da idéia segundo a qual todos os alemães sabiam o que estava acontecendo e foram culpados pelos crimes cometidos contra judeus. Segundo ele, “se não existisse Alemanha, não existiria o Holocausto”.³²⁰ O livro gerou uma intensa polêmica no mundo todo enquanto os principais estudiosos do assunto desqualificavam a tese do autor questionando suas fontes e seu procedimento.³²¹

O dia “D”, 06 de junho, data em que os aliados iniciaram a invasão do continente europeu pelas praias da Normandia, consubstanciava uma grave ameaça aos exércitos alemães. Com a Itália fora da guerra e a exigência da rendição incondicional, os germânicos lutavam sozinhos contra uma coligação que reunia os países mais poderosos do mundo. Segundo o jornalista russo, os germânicos “poderão ainda concentrar suas reservas entre o

³¹⁸ SAMPAIO, Rogério P. Direito Penal Internacional, IN: *OESP*, 28 jan. 1944, p. 01.

³¹⁹ BENNIGSEN, Emmanuel de. Ainda sobre os erros dos alemães, IN: *OESP*, 25 mar. 1944, p. 16, grifo nosso.

³²⁰ GOLDHAGEN, Daniel J. *Os carrascos voluntários de Hitler*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 14.

³²¹ Dentre os principais estudiosos que avaliaram negativamente o livro de Daniel Goldhagen, pode-se citar Norman Finkelstein e Ian Kershaw.

mar e Paris e poderão oferecer uma resistência encarniçada nas linhas de fortificações, existentes ali, mas o seu destino já está selado”.³²²

No leste, a guerra sofrera uma total inversão, com os soviéticos vencendo em todos os setores, recuperando o território ocupado durante os primeiros anos de guerra contra Hitler. O chanceler alemão, teria dito, de acordo com Emmanuel de Bunnigsen que

(...) os russos teriam que servir de esterco para a evolução dos alemães e estes terríveis anos provaram que essas não eram palavras vãs. Isso explica também o ódio que provocaram os invasores na Rússia e a firme decisão de fazê-los pagar caro todos os sofrimentos que provocaram. E é o sentimento não só dos dirigentes de Moscou, mas principalmente dos que foram submetidos diretamente a exações, e torturas as mais diversas.³²³

Como as previsões não se cumpriram, ao invés de um *Drang nach Osten*, o que se assistia era o movimento contrário. No dia 02 de agosto, ao estudar as conseqüências da aproximação soviética das fronteiras do Reich, o jornalista soviético afirmou:

(...) a rapidez do avanço russo em direção de Varsóvia fez supor que essa invasão começaria do lado da Silésia do Norte e de Posen; mas a tomada de Sharil e de Premyal tornou possível também a ocupação simultânea da Prússia Oriental e do Sul da Silésia. Assim, o que o General Fullen considerava, há dez dias, como o alvo principal da ofensiva russa, a conquista da Galícia, transformou-se na operação atual, mais grandiosa do que tudo o que se viu até agora na história militar. (...) A situação militar na frente russa (eu gostaria tanto de poder dizer: a frente comum eslava!) é tal que pode somente baixar ainda mais o moral dos alemães. (...) Já se afirmou que os últimos êxitos russos significou o fim do ‘Drang nach Osten’ que cede o passo ao ‘Drang nach Westen’ dos eslavos, talvez este realmente se realize, porém será pacífico e não bélico.³²⁴

Com todas as perspectivas favoráveis aos exércitos das Nações Unidas, os colaboradores levantaram um problema novo: o da terceira guerra mundial. A primeira vez que se tratou desse tema foi em primeiro de julho. Naquele dia, o mesmo homem de imprensa, afirmava:

(...) É possível, entretanto, que os alemães já prevejam o desastre definitivo do Reich e planejam, para o futuro, uma nova guerra. Alguns jornalistas aliados até indicam para estas datas precisas, entre 1960 e 1970. Não devemos ter ilusões: qualquer que seja o povo vencido, ele conserva sempre a idéia da ‘revanche’. (...) Os alemães compreendem perfeitamente, que só poderão ganhar a Terceira Grande Guerra (se ela vier algum dia!) se eles conseguirem dividir os seus atuais

³²² BENNIGSEN, Emmanuel de. A segunda frente, IN: *OESP*, 13 jun. 1944, p. 01.

³²³ BENNIGSEN, Emmanuel de. Três anos de martírio, IN: *OESP*, 27 jun. 1944, p. 14.

³²⁴ BENNIGSEN, Emmanuel de. Na fronteira alemã, IN: *OESP*, 02 ago. 1944, p. 12.

adversários em dois campos hostis. (...) Em 1919, a Alemanha não tinha amigos com os quais contar em caso de uma nova guerra, mas vinte anos mais tarde, alguns pequenos povos estavam prontos a ligar a sua sorte à dela e a maioria dos povos europeus tinha perdido a confiança nos vencedores de 1918. Quem pode garantir que, do mesmo modo, em 1960 ou 1970, o mundo não se encontre numa situação completamente diferente da de 1945 e 1946? (...) O principal é não guardar ilusões de que os alemães abandonarão com boa vontade os seus sonhos de 1914 e de 1939 sobre a hegemonia mundial. Não devemos deixar-nos impressionar por lindas idéias altruístas, mas imprudentes diante de um adversário tão poderoso e inteligente.³²⁵

O excerto mostra que, depois de duas guerras mundiais, para o colaborador, a Alemanha deveria sempre ser vista com cautela se não tratada com firmeza. Mesmo que seus líderes futuros apelassem para princípios conciliatórios as Nações Unidas deveriam sempre desconfiar de seu propósito ulterior, que estaria sempre condicionado a uma pretensão de hegemonia mundial.

Essa idéia foi mobilizada ainda outras vezes durante 1944, ano em que Lima Figueiredo assegurava que o Japão sofreria a “primeira derrota em 2600 anos”. A responsabilização dos criminosos de guerra foi um tema candente nesse período em que, com a aproximação dos exércitos soviéticos e a libertação de algumas localidades no leste, se conheciam cada vez mais detalhes da opressão nazista. Um dos colaboradores, ao comentar a tragédia ocorrida na cidade de Varsóvia, na Polônia, contava:

(...) ainda agora, o que ocorreu em Varsóvia está enchendo de tristeza a todo o mundo. Segundo os telegramas, cerca de quatrocentos mil habitantes da capital pereceram em consequência da bárbara repressão germânica, que visou, não os elementos militares, mas a toda a população civil, que foi praticamente exterminada. Independentemente das razões que levaram o general polonês comandante a sublevar-se ante a aproximação das tropas russas, razões que motivam muitas dúvidas acerca de sua legitimidade no que concerne aos verdadeiros interesses do povo polonês, fica-se a pensar com imensa tristeza *nessa disposição dos nazistas para a barbárie*, justamente numa ocasião em que ninguém, de bom senso, pode admitir a possibilidade de sua vitória no presente conflito.³²⁶

O fim da guerra trouxera mais uma característica dos nazistas, apontada pelos colaboradores do jornal, representada pela oração em destaque no trecho supracitado. Essa “disposição” de que fala o autor do comentário se tornava cada dia mais clara na medida em que as revelações acerca dos campos de concentração eram conhecidas. Em outra

³²⁵ BENNIGSEN, Emmanuel de. Realidades e planos abstratos, IN: *OESP*, 01 jul. 1944, p. 12.

³²⁶ SAMPAIO, Rogério P. Guerra e propaganda. IN: *OESP*, 05 out. 1944, p. 01, grifo nosso.

oportunidade, ao transcrever um depoimento, o conde Emmanuel de Bennigsen, citando uma fonte inglesa, contou que

(...) um correspondente norte-americano relatou ultimamente no ‘Times’ as cenas que viu no célebre campo de concentração de Majdanec, perto de Lublin, onde três enormes fornos de incineração destruíam diariamente centenas de corpos de executados, envenenados por gases tóxicos. Nesse relatório, o jornalista cita um detalhe horroroso: no depósito dos calçados, tirados dos corpos de executados, ele encontrou mesmo calçados de crianças. É evidente que no caso da execução desses ‘inimigos do Reich’ todos, desde o comandante do campo até o último guarda devem compreender a criminalidade da sua conduta e deverão por isso pagar caro. Mas o caso de Majdanec não é único, sabemos que o mesmo aconteceu nas prisões do protetorado tcheco e nos campos de concentração alemães. No Parlamento inglês foi frisado ultimamente que no campo de Buchenwald foram recentemente assassinados sete mil alemães, considerados adversários do nazismo.³²⁷

Viu-se, no discurso citado acima, Heinrich Himmler confessar que decidiu assassinar também as crianças porque não poderia admitir que elas viessem a vingar seus pais. O que o texto expõe é a extensão dos assassinatos em massa que, segundo o colaborador, não ocorria somente em Majdanec, mas também em outras regiões do Reich.

Em dezembro de 1944, um dos colaboradores, ao escrever sobre os problemas tanto militares quanto políticos daquele momento, afirmava que “os alemães conseguiram defender com êxito suas fronteiras e somente o avanço russo na Hungria apresentava para eles um perigo imediato”.³²⁸ Além desse aparente sucesso na defesa, os germânicos reuniram forças e material para aplicar nos aliados do Ocidente um último susto: a ofensiva das *Ardennes*. Sob o comando de Von Rundstedt, a *Wehrmacht*, de início, venceu algumas batalhas, mas perdeu seu ímpeto inicial pouco depois. No fim do mês, consequência possivelmente das apreensões acerca do fim, um dos articulistas publicou o seguinte trecho: “Em certos telegramas foi relatada cena trágica do afastamento de Hitler por Himmler, Goebbels e Rundstedt, do alto comando, que, doravante será confiado a este último”.³²⁹

Como se sabe, o fim do sonho de hegemonia européia do ditador alemão não ocorreu dessa maneira. Em agosto de 1943, um texto intitulado “Como morrem os líderes

³²⁷ BENNIGSEN, Emmanuel de. Os criminosos de guerra. IN: *OESP*, 24 out. 1944, p. 01.

³²⁸ BENNIGSEN, Emmanuel de. Problemas de guerra e de política, IN: *OESP*, 14 dez. 1944, p. 01.

³²⁹ BENNIGSEN, Emmanuel de. A ofensiva de Von Rundstedt, IN: *OESP*, 23 dez. 1944, p. 01. Para uma análise da extensão dos boatos e do colapso do Terceiro Reich ver BEEVOR, Antony. *Berlim 1945: A queda*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

fascistas”, cujo conteúdo antecipava quase fielmente o modo como aconteceria, para os integrantes do Eixo, o final da tragédia que se iniciara em 1939:

(...) numerosos líderes da Alemanha nazista têm sido vítimas de morte violenta. Alguns têm morrido pacificamente e outros desaparecendo como por encanto e para sempre, sem que jamais houvesse qualquer explicação para tais fatos. (...) Heydrich, na Tchecoslováquia, foi o mais notório deles. Outros, porém, o tem seguido e em número muito maior do que as autoridades alemãs ousam revelar. (...) Refiro-me, de preferência, aos casos nos quais o nazismo tem desviado os próprios rebentos, casos em que membros proeminentes do Partido têm sido abertamente assassinados pelos agentes do governo; ou encontrando a morte em misteriosos e oportunos acidentes de automóvel, ou ainda morrido simplesmente, sem que jamais se tenha ouvido falar deles. A lista de tais casos tem início muito tempo antes da atual guerra. Houve, por exemplo, o famoso ‘expurgo’ de 1934, com o assassinio de personalidades proeminentes como o general Schleicher, antigo chanceler do Reich, e sua esposa, o capitão Roehm, um dos maiores amigos de Hitler (que o matou com as próprias mãos) e diversos outros generais, provavelmente 300 pessoas ao todo. (...) Entre os militares de proeminência que têm morrido repentinamente e não em ação, figuram o general Von Fritsch, comandante chefe das forças alemãs no início da atual guerra, que, naquela ocasião, ou foi morto traiçoeiramente pelos agentes da SS ou suicidou-se ao saber que estava marcado.³³⁰

Não se pode esquecer que, entre as Nações Unidas, existia um embate que silenciosamente havia se instalado, fazendo que com houvesse uma disputa velada pelas regiões antes ocupadas pelos germânicos e pela influência e hegemonia a ser exercida na Europa do pós-guerra. Essa disputa, que crescia à medida que a derrota do Eixo se aproximava, foi responsável por inúmeros atritos entre as Nações Unidas, principalmente entre a Rússia e a Inglaterra. O próprio termo “Nações Unidas”, utilizado pelos colaboradores, denota que entre elas havia somente o inimigo em comum.³³¹ A resistência alemã surpreendeu os colaboradores do jornal que acreditavam na derrocada assim que os exércitos soviéticos se aproximassem das fronteiras do Reich. A 20 de fevereiro, o mesmo jornalista russo asseverava que “a ‘fortaleza Alemanha’ é o último ponto de defesa, e continuar a luta depois que o inimigo entrou neste último reduto, por mais heróico que seja, não tem mais cabimento”.³³²

³³⁰ CARR, Philip. Como morrem os líderes fascistas, IN: *OESP*, 11 ago. 1943, p. 01.

³³¹ O marechal de campo inglês Montgomery, vencedor da batalha de El Alamein, na África, narra esses problemas em seu livro de memórias. Para detalhes ver MONTGOMERY, Bernard. *Memórias do Marechal de Campo Visconde Montgomery de Alamein*. Rio de Janeiro: Ibrasa, 1960.

³³² BENNIGSEN, Emmanuel de. Assuntos militares, IN: *OESP*, 20 fev. 1945, p.16.

Outro tema estudado pelos escritores foi a composição heterogênea da Wehrmacht no que concernia aos combatentes. Desde 1944, os responsáveis pela publicação acentuaram que apesar de possuir material faltavam homens à Alemanha. Esse aspecto da luta surgiu no matutino em março. Emmanuel de Bennigsen, sobre esse tema, assinalava:

(...) o número dos prisioneiros feitos pelos aliados nessa ofensiva também é significativo, em comparação com o número das tropas que podiam estar defendendo este setor. Entre tais prisioneiros, há rapazes de 18 anos, ao lado de velhos de 55, aglomerados nas mesmas divisões, não somente de ‘Volksturm’ ou das ‘Volksgranadiere’, mas também nas dos veteranos que não podem mais oferecer, desse modo, a mesma energia demonstrada nos primeiros anos de guerra.³³³

A estratégia de defesa dos alemães se assemelhava à dos russos quando da invasão do seu território em 1941: defender-se utilizando os rios como barreira natural. Assim, o Oder e o Elba foram uma das últimas esperanças dos alemães na luta contra a invasão russa e norte-americana. Presos nessa “fortaleza” entre os dois rios, coube aos germânicos suportar a pressão exercida por ambas as frentes até o colapso final. No dia 17 de março, escreveu o conde Emmanuel de Bennigsen que “a linha Siegfried foi vencida em toda sua parte norte, mas os alemães estão ainda concentrados atualmente atrás de dois grandes rios: o Reno e o Mosela, cuja passagem será muito difícil (...)”.³³⁴

O avanço soviético através do leste tinha por objetivo atingir Berlim enquanto os norte-americanos, demonstrando uma inexperiência e uma ingenuidade gritantes, desviaram-se dessa rota afirmando que a capital do Reich não era mais importante nem política nem estrategicamente. Após uma desesperada e desorganizada resistência a capital foi invadida e ocupada pelos soldados do exército vermelho, que saquearam lojas e casas e violentaram mulheres.³³⁵

No dia 06 de maio, Rogério P. Sampaio ao analisar a situação, escreveu:

(...) considera-se terminada a tremenda conflagração que durante cinco anos e meio abalou toda a Europa. (...) Agora, no momento em que o regime nazista desaparece, e como ele o Reich como Estado organizado, verifica-se que a Alemanha não soube ou não pode escapar a um aniquilamento desnecessário e não condizente com os elementares deveres de um governo responsável. O regime nazista, através da sua

³³³ BENNIGSEN, Emmanuel de. Assalto à Alemanha, IN: *OESP*, 07 mar. 1945, p. 01.

³³⁴ BENNIGSEN, Emmanuel de. Na Fortaleza Alemanha, IN: *OESP*, 17 mar. 1945, p. 01.

³³⁵ Antony Beevor, ao analisar esse tipo de crime, o estupro, falou em “pilhagem carnal” e citou inúmeros casos e fontes que expõem as múltiplas faces desse comportamento das tropas soviéticas. Para mais detalhes, ver BEEVOR, Antony. *Berlim 1945: A queda*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

nefasta propaganda afirmou sempre que jamais haveria a repetição dos fatos que, em 1918, levaram a nação a solicitar e assinar um armistício. Realmente assim sucedeu. Os exércitos nazistas lutaram até o fim numa demonstração de firmeza e selvageria que espantou a todo o mundo. (...) Os líderes que a conduziram à destruição e à derrota desapareceram tragicamente...³³⁶

Como previra o mesmo Rogério P. Sampaio, o fim dos líderes nazistas foi, em sua grande maioria, trágico. Hitler cometeu suicídio com sua esposa, Eva Braun; Goebbels, ministro da Propaganda, que fora responsável pela criação desse poder de manipulação que os colaboradores estudaram desde o início do conflito, matara-se juntamente com sua mulher, depois de envenenarem os seis filhos; Himmler também suicidara com veneno bem como Hermann Goering que, condenado à morte por enforcamento no Tribunal de Nuremberg, conseguiu dar fim à própria vida. Quando foi anunciada a capitulação dos exércitos alemães, a 08 de maio, o mesmo jornalista escreveu, analisando a guerra:

(...) desde o primeiro dia, a guerra foi total, como a conceberam os alemães, de modo a não distinguirem objetivo militar de outro puramente terrorista. (...) É agora o momento para trabalhar em prol da eliminação do espírito que prevaleceu na Alemanha de Hitler, na Itália de Mussolini, no Japão Imperialista, espírito que os levou a considerar obra viável a da conquista do mundo.³³⁷

Esse espírito, de que falou Rogério P. Sampaio, no caso alemão, era o prussiano, que antes do fim da contenda já havia sido apontado como o principal inimigo do mundo civilizado. Por conta dele é que os aliados vencedores falavam em “reeducação do povo alemão” para a sociedade democrática e alguns colaboradores, não obstante céticos quanto à essa tarefa, apontavam como necessário o “saneamento da Alemanha”. Um dos articulistas apontou, em comentário publicado a 24 de junho:

(...) o general Einsenhauer acaba de dar uma entrevista à imprensa na qual trata da punição dos criminosos de guerra. Há um ponto, em suas declarações, que merece ser cuidadosamente examinado, porquanto indica claramente o rumo a seguir nessa grande tarefa de saneamento da Alemanha. Afirma o comandante supremo das forças expedicionárias aliadas que ‘há indícios de que o povo alemão, em geral, ignorava as atrocidades verificadas nos campos de concentração, embora não devam merecer muito crédito as declarações das altas autoridades alemãs, segundo as quais também desconheciam esses fatos. Essa distinção é importantíssima porque, de um lado, livra a generalidade do povo germânico da responsabilidade de tais crimes,

³³⁶ SAMPAIO, Rogério P. A vitória dos Aliados, IN: *OESP*, 06 mai. 1945, p. 20. Para citar somente dois exemplos, dois dos principais líderes alemães, Hitler e Josef Goebbels, cometeram suicídio.

³³⁷ SAMPAIO, Rogério P. Paz na Europa, IN: *OESP*, 08 maio 1945, p. 01.

acentua a necessidade de punição exemplar par aos membros graduados da máquina administrativa e de guerra nazistas.³³⁸

A responsabilização de todos os alemães ou de parte deles envolvidos nos crimes de guerra não era consenso entre os aliados. Ao estudar o assunto, a 05 de abril, o conde Emmanuel de Bennigsen dizia

(...) acerca da responsabilidade dos criminosos é necessário uma classificação definitiva por um acordo entre os aliados, daqueles que devem ser considerados criminosos, porque parece, nem todos tem a mesma concepção. (...) É evidente que nem todos os alemães que participaram dos crimes cometidos nos países ocupados serão incluídos no grupo dos criminosos (por exemplo os soldados dos pelotões de execução), apesar do que a participação em tais atos deixa marcados para sempre os seus executores. (...) Os campos de concentração da Alemanha ou de Majdanec não são os únicos a testemunhar a bestialidade dos invasores alemães. (...) Medidas para combater essa anomalia psicológica deverão ser tomadas imediatamente, mas confesso que não sei se o termo exato para isso é mesmo reeducação.³³⁹

Dentre as principais modificações no que tange às representações construídas pelos colaboradores está a transformação da União Soviética que, na primeira fase da pesquisa era mostrada como aliada da Alemanha no campo totalitário e que, em virtude das reviravoltas da guerra, passou ao campo aliado compondo o que os colaboradores chamaram de Nações Unidas. Mapas inseridos diariamente nas páginas do jornal colocaram ao alcance do leitor brasileiro a grandeza do país invadido em 1941, seus rios, suas cidades mais importantes, suas linhas defensivas e ofensivas demarcando, com uma suástica, a área ocupada pela Alemanha e com o símbolo da União Soviética, a foice e o martelo, as regiões sob o domínio russo. É interessante notar que, à medida que os avanços ocorriam, os símbolos aumentavam ou diminuíaam de tamanho demonstrando qual beligerante avançara e qual recuara no conflito.³⁴⁰

Todavia, havia um aspecto da atividade soviética no campo das relações internacionais que ainda mantinha sérias suspeitas acerca dessa mobilização por um mundo novo e melhor: as relações russo-polonesas. Elas foram o barômetro utilizado pelos colaboradores para medir o grau de intensidade que a nova potência desejava imprimir no cenário externo. Em março, ao se referir ao ressurgimento do imperialismo, após descartar o britânico, o francês e o norte-americano, disse Emmanuel de Bennigsen:

³³⁸ SAMPAIO, Rogério P. Os criminosos nazi-fascistas, IN: *OESP*, 24 jun. 1945, p. 32.

³³⁹ BENNIGSEN, Emmanuel de. Medidas inadiáveis, IN: *OESP*, 05 abr. 1945, p. 01.

³⁴⁰ Para uma visualização, ver anexos.

(...) a situação da Rússia é entretanto bem diferente: é o único país que pode ser acusado atualmente de imperialismo no sentido antigo da palavra. Realmente desde 1939 esse país manifestou abertamente o desejo de recuperar os territórios perdidos entre 1918 e 1920, na sua fronteira ocidental. (...) O antagonismo das ‘Weltanschauungen’ russa e norte-americana, das suas concepções gerais, não pode entretanto ser menosprezado e pode ainda provocar conflitos graves. Todavia, não será o imperialismo territorial que os provocará mas a impossibilidade final de conciliar essas duas ideologias.³⁴¹

Com a vitória sobre a Alemanha, a União Soviética atingira o máximo do seu poder e representava, segundo um dos colaboradores, uma, das duas escolhas possíveis no campo ideológico naquele período. Segundo esse jornalista,

(...) atualmente afirma-se que a guerra foi ganha pelos russos e pelos norte-americanos. O papel dos ingleses, que foi tão importante em 1940-1941 diminuiu até o mínimo depois da entrada em guerra dos dois outros ‘grandes’ e fato estranho, não só em terra, como também no mar, onde a Inglaterra sempre dominou seus rivais. (...) Assim, os países europeus tem que escolher entre os Estados Unidos e a Rússia. Mas os norte-americanos se encontram apenas temporariamente na Europa e por isso cabe à Rússia o papel de protetor principal dos países menores e da paz na Europa.³⁴²

Quando o conflito terminou, o que se redesenhava no campo das relações internacionais, pelo que se lê no excerto acima, era uma outra polarização, também ideológica. Se, durante a primeira fase dos comentários, os colaboradores apontavam que o mundo se dividia entre democracias liberais e totalitarismos nesse momento, cindiram o futuro político entre os Estados Unidos e a Rússia, cada um com sua “*Weltanschauung*”, ou seja, visão de mundo. Um aspecto dessa nova realidade poderia ser visualizado nos planos para a organização geopolítica do leste europeu, que foram expostos pelo artigo do mesmo autor, que assim os apresentou:

(...) de acordo com as notícias chegadas de Moscou de de Varsóvia, já há unanimidade acerca da provável organização de uma federação ou de um bloco de nações eslavas. (...) Será uma organização que pouco cederá, mesmo economicamente, aos Estados Unidos, porque, quase absolutamente autárquica, disporá de uma indústria que em breve poderá atingir a importância da norte-americana. (...) As notícias norte-americanas já comunicaram que a indústria alemã sofreu muito menos dos bombardeios aéreos do que se esperava, e que 70% dela estão intactos, em média. Assim, na parte oriental da Alemanha, que sofreu muito

³⁴¹ BENNIGSEN, Emmanuel de. O imperialismo atual, IN: *OESP*, 08 mar. 1945, p. 01.

³⁴² BENNIGSEN, Emmanuel de. Antes da paz definitiva, IN: *OESP*, 12 maio 1945, p. 14.

menos dos bombardeios, a situação deve ser ainda mais favorável, para os donos eslavos.³⁴³

Não obstante, a guerra entre o Japão e os Aliados continuou. Em janeiro desse ano, um dos colaboradores fez menção a uma invenção que poderia revolucionar as estratégias de guerra e combate. No texto, publicado a 24, o jornalista dizia: “enfim, fala-se muito de uma força enorme do futuro – a da decomposição do átomo para a utilização do qual parece faltar somente um aparelhamento apropriado que pode, entretanto, ser inventado de um dia para outro, e que dará aos inventores egoístas e inescrupulosos, uma força militar nunca vista”.³⁴⁴

É interessante notar que as pesquisas para a obtenção da bomba tiveram uma relevância fundamental para a necessidade de Stalin ocupar Berlim primeiro que os Aliados. O líder soviético interessava-se particularmente pelos projetos desenvolvidos e pela matéria prima guardada na Alemanha uma vez que a União Soviética não possuía urânio suficiente e sabia que os norte-americanos estavam na dianteira dessas pesquisas. Esse é ainda um dos fatores que comprovam que a guerra fria começara antes mesmo da outra terminar.³⁴⁵

No dia 07 de agosto, uma manchete do jornal noticiou a “invenção e as experiências da bomba atômica”. No texto da redação, o resumo da situação foi assim explicado aos leitores: “Em comunicados oficiais hoje publicados em Washington e Londres, o presidente dos Estados Unidos e o Primeiro Ministro da Inglaterra anunciaram ao mundo a utilização da bomba atômica contra uma cidade japonesa – O novo engenho é mais poderoso que vinte mil toneladas do explosivo T.N.T”.³⁴⁶

A 09, Lima Figueiredo, ao fazer o necrológio do Japão como potência mundial, assim se referiu ao caráter simbólico da declaração de guerra da União Soviética ao Império do Micado: “a data de nove de agosto era uma efeméride negra na história russa, pois marcava o dia da humilhação do russo ao japonês, ao procurá-lo para assentar as condições de paz em 1905”.³⁴⁷ Seis dias depois, tinha-se como manchete a notícia: “Terminou ontem

³⁴³ BENNIGSEN, Emmanuel de. Federação eslava, IN: *OESP*, 14 jul. 1945, p. 01.

³⁴⁴ BENNIGSEN, Emmanuel de. Será possível o desarmamento? IN: *OESP*, 24 jan. 1945, p. 01.

³⁴⁵ Para mais informações acerca dos projetos atômicos soviéticos e alemães a essa época ver BEEVOR, Antony. *Berlim 1945: A queda*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

³⁴⁶ Anunciadas a invenção e as experiências da bomba atômica, IN: *OESP*, 07 ago. 1945, p. 01.

³⁴⁷ FIGUEIREDO, Lima. Era uma vez o Japão...IN: *OESP*, 12 ago. 1945, p. 01.

a Segunda Guerra Mundial com a rendição incondicional do Japão às quatro potências aliadas”.

No comentário, assinado por Emmanuel de Bennisen, a constatação de que a violência das bombas atômicas fora desnecessária foi assim expresso pelo autor: “o fim da guerra contra o Japão chegou muito antes do que se esperava, tendo sido a rendição apressada pela destruição de Hiroshima e Nagasaki por meio das bombas atômicas. (...) mesmo sem o emprego dessas bombas, a sorte do Japão estava selada”.³⁴⁸

Após a destruição dos inimigos nos campos de batalha, era necessário, segundo os colaboradores uma união em torno da idéia da paz que só seria mantida com a colaboração de todas as potências. O pós-guerra assistiu, ainda segundo os responsáveis pelos comentários, ao retorno de uma força, de um poder que perdera muito da sua representatividade: a opinião pública.³⁴⁹ Ela teria, segundo eles, um papel fundamental na nova organização do mundo, pois que os líderes tinham de ouvir seus apelos, principalmente contra os interesses individuais em detrimento do coletivo.

Pelo exposto, pode-se concluir que, durante essa última fase, a escrita dos comentários ficara a cargo, principalmente de estrangeiros e houve uma modificação o que concerne ao período anterior: os textos perderam o seu aspecto pedagógico. Ainda que se possa relacionar essa mudança ao desenvolvimento da guerra, é interessante notar que isso ocorre justamente no momento em que Abner Mourão passa a Diretor da Redação. Assim, conclui-se que sua atuação guarda relação com as sutis modificações que os comentários apresentaram no período mesmo que elas sejam incomparavelmente menores se comparadas às que efetuara quando interveio nos editoriais do matutino, entre 1940-1942.

³⁴⁸ BENNIGSEN, Emmanuel de. Paz no Oriente, IN: *OESP*, 15 ago. 1945, p. 01.

³⁴⁹ No dia dezenove de agosto, ao elencar as lições da guerra, escreveu Rogério P. Sampaio: “(...) Os governos se veem, agora, obrigados a dar a opinião pública uma atenção que ainda há poucos lustros lhe negavam. São indícios bons, reveladores de um progresso real na grande obra de preservação da paz que só às massas de povo interessa e que, portanto, somente dele pode partir e frutificar”. SAMPAIO, Rogério P. Lições da guerra, IN: *OESP*, 19 ago. 1945, p. 01.

3.2) O Brasil e o futuro

O grande problema hoje no Brasil é o primado da ordem. Daí derivam todo o mais que é necessário para nos reintegrarmos plenamente no regime democrático representativa. A guerra modificou por completo a face política e social das coisas.³⁵⁰

³⁵⁰ MUNIZ, Heitor. O primado da ordem, IN: *OESP*, 06 abr. 1945, p. 04.

No segundo momento da pesquisa, as principais temáticas relativas ao Brasil encontravam-se dispersas por todo o periódico. Dentre os autores que mais trataram do tema somente dois, Lima Figueiredo e S. Harcourt-Rivington, escreveram sobre a situação política do Brasil. Com as modificações na direção do jornal e no âmbito do DIP e dos DEIPS, as notícias sobre a política interna passaram a ocupar outros lugares do matutino, com destaque para a seção *Notícias do Rio*, os quadros publicados por Mario Guastini, à página 03, ao lado das tradicionais *Notas e Informações*, e os artigos de Heitor Muniz, sobre a manutenção da ordem.

No caso da primeira, vale lembrar que desde que o país se engajara na luta contra o Eixo ela sofrera uma modificação no sentido de orientar a opinião pública para a disciplina e a união em torno da figura do presidente Getúlio Vargas. Os discursos transmitidos aqui guardam profunda relação com os editoriais desse período, pois, em ambos há uma visível preocupação com a questão da ordem e da manutenção do regime.

Escritos por pseudônimos, as *Notícias do Rio* não demonstraram, contudo, a mesma intensidade na crítica aos opositores do regime instaurado em 1937 como os escritos do redator-chefe Mario Guastini. Nos textos assinados por ele, principalmente pós 1943, momento em que se iniciou um processo de reorganização da luta pela redemocratização, a oposição foi tratada de maneira impiedosa, tendo ele utilizado, na descaracterização dessas forças, de ironias e paródias nada lisonjeiras.

Durante o primeiro semestre de 1942 vários navios brasileiros foram torpedeados por submarinos alemães.³⁵¹ Alguns em navegação de cabotagem. A reação da opinião pública fora de grande comoção e exigiu-se do governo a declaração de guerra à Alemanha e à Itália. As tensões chegaram ao clímax em agosto, quando o número de torpedeamentos aumentou. No dia 19, J.S. escreveu, nas *Notícias do Rio*:

³⁵¹ Wagner Camilo Alves elenca os nomes dos navios brasileiros postos à pique: “em fevereiro e março, cinco navios brasileiros foram afundados (Cabedelo, Buarque, Olinda, Arabutã e Cairu), todos ao largo da costa atlântica dos Estados Unidos. Entre maio e julho, sete navios foram perdidos (Parnaíba, Gonçalves Dias, Alegrete, Pedrinhas, Tamandaré, Piave e Barbacena), todos afundados no Caribe ou mares imediatamente adjacentes. A maior parte deles foi perdida às ilhas de Trinidad e Barbados, extremo sul, portanto, da região caribenha. Em agosto foram destruídos os primeiros navios nacionais no litoral do país (Baependi, Araraquara, Aníbal Benévolo, Itagiba, Arará e a barcaça Jacira), causa imediata para a declaração de guerra brasileira à Alemanha e Itália. Após a formalização de sua beligerância, o Brasil ainda perderia mais doze navios até fins de outubro de 1943 (Osório, Lages, Antonico, Porto Alegre, Apalóide, Brasilóide, Afonso Pena, Tutóia, Pelotaslóide, Bagé, Itapagé e Campos)”. ALVES, Wagner Camilo. *Op. cit.*, p. 169-170.

(...) não há classificação para os atentados de ontem, para a infâmia de assaltos a navios do Brasil que navegavam em águas brasileiras a caminhos de portos nacionais. Nenhuma necessidade militar determinou os torpedeamentos. Foi um ato bárbaro de sadismo. (...) Não se conheceu detalhes do drama. Sabe-se apenas – e isto é saber muito – que o Brasil sofreu a maior afronta da sua história. *A invasão holandesa, os ataques dos piratas dos tempos do corso legalizado, a luta cavalheiresca das cisplatinas, o imperialismo delirante de Lopes, tudo isso que nos lançou às armas e nos deixou sair com honra e grandeza dos acampamentos onde provocações nos haviam conduzido, é explicável, dentro da lógica da história. O assalto de ontem não se compreende. Está fora de sentido humano. É crime de loucos cujo castigo não pode ser a reclusão pela material impossibilidade de segurar todo o perigoso bando: é investida de matilha de cães hidrófobos contra o qual é mister congregar todas as energias, e associar todas as vontades, até a sua destruição definitiva.* (...) A natural indignação do povo deve, neste instante de dramática ansiedade, ter a significação de um toque de reunir. Fiquemos, sem dúvidas sem hesitações à volta de Getúlio Vargas. Ele comandará. De sua autoridade deve partir o grito de ‘às armas’, se assim o reclamar a energia da desafronta.³⁵²

A 23, a manchete anunciou o estado de beligerância entre o Brasil e a Alemanha e a Itália e enfatizava por quem o país lutava: “Pela América, Pela humanidade”.³⁵³ A partir da entrada do Brasil na guerra, os colaboradores escreveram textos que tinham por finalidade converter a história das relações internacionais do Brasil de antes do conflito e do reconhecimento do estado de beligerância numa coerente defesa dos princípios democráticos. Portanto, tem-se de reescrever e desenvolver uma série de estratégias que mostrem que o país é uma democracia e que luta contra os totalitarismos europeus e asiático não por oportunismo, mas por princípio e tradição. Assim, a 25, o jornalista afirmou que

(...) desde que os acontecimentos europeus tomaram o plano inclinado para uma hecatombe mundial, o Brasil tomou o partido das nações e dos povos agredidos. Essa atitude não foi e não poderia ser definida por uma demonstração prática. Mas estava de acordo com a história brasileira, toda ela entretecida pelo sentimento de humanidade e pelo interesse altruístico. É uma tradição do nosso povo ter em conta o direito de viver, dos mais fracos. (...) Os países como o Brasil, com um passado nobre e heróico a zelar, têm, no próprio espírito que os coloca na vanguarda das nações civilizadas, a força e a energia bastantes para revidar o desafio. (...) Da mesma forma que soube defender esse patrimônio geográfico e histórico por séculos a fio, saberá conter a horda perniciososa dos que pretendem oprimir o mundo. (...) Não encontram o Brasil esmorecido e desarticulado. Mas uma nação unida e viril,

³⁵² Notícias do Rio – Toque de reunir, IN: *OESP*, 19 ago. 1942, p. 10, grifo nosso.

³⁵³ O Brasil em estado de beligerância com a Alemanha e a Itália, IN: *OESP*, 23 ago. 1942, p. 01.

pronta ao mais vigoroso revide e disposta a punir sem piedade os seus gratuitos agressores. (...) Não é preciso conclamar a reunião dos brasileiros. Esta união é sagrada, consolidou-se e, neste momento, esplendidamente se reafirma em torno do Estado Nacional e da grande figura do presidente Getúlio Vargas.³⁵⁴

Interessante é notar que desse momento em diante o adjetivo “novo”, caracterizador do Estado instaurado em 1937, já não era mais pertinente. Para os escritores do jornal, era condição *sine qua non* realçar a força da tradição e para isso eles mobilizaram inúmeras estratégias e figuras do passado brasileiro e, concomitantemente, adicionaram o termo “nacional” para transmitir a idéia de que o Brasil estava disciplinado e que vivia em “união sagrada”.³⁵⁵

Assim como se tornara imperativo moldar as estruturas do Estado para que se transmitisse a idéia de que ele sempre combatera pela causa Aliada reeditando a história das relações diplomáticas brasileiras, era necessário apresentar a figura do presidente Getúlio

³⁵⁴ Pelo restabelecimento do presidente Getúlio Vargas e pela sustentação do regime. IN: *OESP*, 25 ago. 1942, p. 01

³⁵⁵ Personagens históricos como Caxias, Tiradentes e Rui Barbosa foram alguns dos homens que surgiram nas páginas do matutino. Em maio de 1943, o jornalista responsável pelas notícias da capital, G.I.L., ao criticar o saudosismo na política, assinalava: “(...) O último discurso do senhor Marcondes Filho pronunciado por ocasião da solenidade comemorativa do aniversário do Presidente da República ultrapassa os limites das orações meramente laudatórias para se constituir numa síntese das diversas diretrizes doutrinárias do Estado Nacional e da obra política de seu fundador. Depois de salientar o alto significado da solenidade em que se reuniram o capital e o trabalho, associados ao respeito recíproco dos seus direitos e preocupados com a tarefa de reconstrução de uma grande Pátria, o orador responde às objeções do grupo melancólico da ‘hora da saudade’, que, no momento, canta as doçuras e belezas do antigo regime. Falando sobre a democracia, da primeira República e recordando a figura excelsa de Rui Barbosa, esses saudosistas nada mais fazem de que justificar, realçar ‘o vigor, a oportunidade, o realismo do Estado Nacional, estruturado pelo gênio do senhor Getúlio Vargas’. ‘O que caracteriza a democracia’, diz o orador, ‘qualquer que seja a fórmula adotada, é a preocupação dos interesses populares e o benefício do maior número e o atendimento os problemas coletivos’. ‘Não podemos julgar os regimes exclusivamente pelos pormenores de arquitetura e pelos arabescos intelectuais. Devemos julgá-los, sobretudo, pelo poder de realização, que é de realidades que um povo precisa viver e não de imagens e ornamentos jurídicos. E é justamente sob este aspecto que a democracia do Estado Nacional se sobrepõe à da Primeira República, porque nesta, que era privilégio de pequenos grupos oligárquicos, todos os trabalhadores estavam exilados da legislação e renegados pelos governos, enquanto agora o Estado Nacional – democracia política e social e econômica, democracia de fundo – reconheceu direitos e presta assistência a esses milhões de brasileiros tão dignos como os mais dignos. (...) Clamam os saudosistas a necessidade de voltarmos ao pensamento político de Rui Barbosa. Contradizem-se, porém, porque o nosso grande jurista ‘durante toda a vida foi um libelo calcinante contra a Primeira República’. (...) Foi justamente o pensamento de Rui Barbosa que nos levou ao repúdio do passado e nos aproximou do Estado Nacional. Na sua tarefa inglória os saudosistas pregam no deserto e levantam objeções contra o nosso nacionalismo. Baldado intento. Vão desejo de estabelecer confusões. O nosso nacionalismo não possui nenhum traço de agressividade, não se constitui em barreira à aproximação internacional. Ao contrário, o Brasil está integrado na vida continental e ninguém ignora mais do que ele, por seu esforço prodigioso, esforço de sangue e de trabalho, está colaborando a favor da América, na causa sagrada das nossas democracias”. Notícias do Rio – A hora da saudade, IN: *OESP*, 02 maio 1945, p. 24. Nesse caso, nota-se que os representantes da ditadura se apropriavam inclusive das figuras que os opositores do regime cultuavam no passado, como ocorria no caso de Rui Barbosa, apoiado pelo periódico em várias campanhas e oportunidades.

Vargas como o responsável pelas conquistas e acertos da política brasileira no campo internacional. Em virtude disso, os acontecimentos que envolviam o presidente, como o seu estado de saúde, sua vida pessoal, sua rotina de trabalho eram fatores que deviam ser do conhecimento dos leitores para que a união sagrada se tornasse ainda mais coesa e o presidente cada vez mais próximo do povo.

O local escolhido para se apresentar esses aspectos foi as *Notícias do Rio*. Antes, publicava-se nesse espaço comunicados governamentais, nomeações, afastamentos, conquistas e desafios do regime. Foi a partir do engajamento do Brasil no conflito que elas assumiram um caráter pedagógico, apologético e apelativo. No dia 29 de agosto, por exemplo, ao manifestar o apoio de São Paulo ao restabelecimento de Vargas, vítima de um acidente,³⁵⁶ o redator afirmava:

(...) Há doze anos que a nação se beneficia das suas qualidades excepcionais de administrador. Tudo devemos à sua inteligência, descortino, serenidade, brandura, tenacidade, às suas prodigiosas qualidades de estudo e de trabalho. Com tais excelsas virtudes, o dr. Getúlio Vargas há doze anos representa a Ordem para o Brasil. A esse propósito já dissemos, nestas mesmas colunas, que venerá-lo é venerar a harmonia nacional. Ele completa no seu gabinete, com a pena, a obra que Caxias, o soldado-símbolo, realizou nos campos de batalha, à frente dos companheiros de armas. Ser contra Getúlio Vargas, se isso ainda fosse possível à alma brasileira, seria colocar-se contra a Ordem. Seria colocar-se contra o Brasil, ou contra si mesmo. (...) O dr. Getúlio Vargas é menos Presidente da República que o chefe da família brasileira. Tem-se mostrado, como já o dissemos, o grande realizador da nossa democracia. (...) A história da perfeita harmonia nacional começou há cinco anos apenas, em 10 de novembro de 1937. O dr. Getúlio Vargas nesse grande dia, corporificou no sentir e na sua maneira de brasilidade e de brasileiramente agir. Cada nação tem uma forma de governo que representa a união, a colaboração material e espiritual de todos os seus filhos. A forma que corresponde às necessidades brasileiras é o Estado Nacional. O presidente Getúlio Vargas, com seus auxiliares, fez tudo isso que aí está. Fez ainda muito mais. Para contar a sua obra seria necessário um grande livro.³⁵⁷

³⁵⁶ A correspondência entre Júlio de Mesquita Filho e Marina Mesquita evidenciam uma outra percepção e desejo no que se referia ao acidente do ditador. Enquanto os próceres do regime rezavam pelo restabelecimento, Marina, desapontada, dizia: “Tive dois desapontos hoje pela manhã. O primeiro foi a sua carta de sábado continuar não chegando. O segundo, um retrato do GG no jornal de Chateau. Para rebater a boatada de ontem, veio o anão na cama (só o busto) recebendo umas crianças. A feição dele está meio alterada, mas o panorama jeitoso de gangrenas no queixo etc. já foi pela água abaixo. Como há mentiras nos regimes...democráticos!”. Carta de Marina Mesquita a Julio de Mesquita Filho, datada de 02 a 05 de junho de 1942, In: FILHO, Ruy Mesquita (org). *Op. cit.*, p. 339-340.

³⁵⁷ S. Paulo reafirmará hoje a união dos brasileiros em torno do presidente Getúlio Vargas. IN: *OESP*, 29 ago. 1942, p. 01.

Expresso no texto há a impossibilidade de rebelar-se contra a ordem depois da declaração de guerra, pois essa seria uma atitude antibrasileira. Se, durante o período de “neutralidade”, o regime de exceção era mantido pela repressão, durante a beligerância, foi sustentado pela idéia da união em torno do poder daquele que “fez tudo isso que aí está” e pela própria guerra. Vê-se que os responsáveis pela redação do jornal não perderam tempo em rearranjar e dar novos e tortuosos matizes às políticas que o Brasil praticava desde 1937. Como corolário de toda essa engenhosidade tinha-se o presidente como o “chefe da família brasileira”, aquele que provia e matinha a ordem não só política mas também moral. Por fim, rebelar-se contra esse estado de coisas era colocar-se “contra si mesmo”.

No que concerne à exposição da sua rotina de trabalho, um dos jornalistas publicou um texto, a 10 de abril de 1943, no qual buscava sensibilizar os leitores para a longa jornada de expediente a que o presidente se submetia contabilizando o número de papéis os quais ele analisava e assinava:

(...) o presidente Getúlio Vargas emprega todo o seu tempo no trato dos negócios públicos. Trabalha exaustivamente e com método. (...) Com referência ao estudo direto dos papéis pelo presidente Getúlio Vargas encontramos no relatório as seguintes observações: ‘Tomando como referência o número de decretos pessoais em 1942, que atingiu a 19 823, temos que, estimando em 1 minuto o tempo dispensado pelo presidente para leitura e assinatura de cada um, o tempo total para esse serviço acusou 19 823 minutos, ou seja, 330 horas, desprezadas as frações. Considerando o dia normal de trabalho como 6 horas, temos que tais atos tomaram ao presidente da República, no ano passado, 55 dias. Também as exposições do DASP sobre admissões, etc, de pessoal extranumerário, que no ano passado atingiram a mais de 2 300, tomaram muito tempo. Mostra ainda o relatório que, para acompanhar ‘pari passu’ o trabalho do chefe do governo, os funcionários da secretaria, desde o seu chefe sr. Luiz Vergara, as obrigam a 10 horas diárias de serviço ininterrupto’. Com estes dados, o público, que já conhece o esforço exaustivo do presidente e sua dedicação de todos os minutos, melhor aquilatará da sua prodigiosa capacidade de trabalho, saber que os papéis não param nas mãos de sua exa.³⁵⁸

A insistência que foi conferida à dedicação de Getúlio Vargas aos negócios públicos em detrimento de sua vida particular ganhou força e novos contornos trágicos com a notícia da morte de seu filho publicada no jornal ocupado no dia 23 de outubro do mesmo ano. Naquele dia, o jornalista explicava que:

³⁵⁸ Notícias do Rio - Os papéis não param nas mãos do presidente, IN: *OESP*, 10 abr. 1943, p. 14.

(...) o exercício de funções públicas impõe sacrifícios de toda a ordem. Sobreponde-se aos interesses e aos sentimentos pessoais o estadista muita vez sofre na própria carne para que sobre eles prevaleçam os interesses nacionais: em primeiro lugar, em quaisquer circunstâncias, os deveres para com a Pátria, relegando-se a segundo plano tudo aquilo que não diga respeito aos deveres funcionais. Em toda a sua longa trajetória política, o sr. Getúlio Vargas revelou-se sempre e invariavelmente um estadista absorvido pela causa pública, perfeitamente identificado com os cargos e funções ocupados procurando refletir o melhor possível o sentimentos e as aspirações do povo. Nunca fraquejou, em nenhuma oportunidade se deixou vencer pelos acontecimentos. (...) Nem mesmo quando a Providência nos seus insondáveis designios, o experimenta com duros golpes morais, modifica seu modo de ser. O ano passado deixa o filho dileto presa de grave enfermidade e voa para Natal, afim de conferenciar com o Presidente Roosevelt. Seus sentimentos de pai o impeliam para junto do leito do filho; mas os deveres funcionais o chamavam às confabulações de Natal. Entre as duas solicitações, não vacilou em atender à imposição do interesse nacional. O destino foi inexorável: a morte arrebatou-lhe o filho, modelo de um moço brasileiro, que se fizera estimado por todos pelas suas qualidades de simplicidade e de firmeza de caráter. O sr. Getúlio Vargas sabe compreender e cumprir, como chefe de governo, todas as responsabilidades de seu posto, dando o mais significativo exemplo para todos os servidores da Nação.³⁵⁹

A exposição de fatos dessa natureza demonstrava que a condição de presidente exigia um comprometimento total e cobrava um preço altíssimo do responsável pelo governo do país. A intenção, aqui, era mostrar que o presidente Getúlio Vargas se dispunha a pagar esse preço e, concomitantemente, e imprimir a essa atitude um viés paradigmático que se estenderia a todos os cidadãos num momento em que se conclamava a nação a se unir em virtude da guerra.

Figuraram também nas *Notícias do Rio* outros eminentes representantes do governo brasileiros, como os ministros da Guerra, Eurico Gaspar Dutra e o das Relações Exteriores, Osvaldo Aranha. Ambos tiveram seus perfis biográficos analisados por G.I.L., que mostrou, por meio deles, como o Brasil defendeu, desde o início, a causa aliada. No primeiro caso, as palavras do jornalista vangloriavam o trabalho de organização e disciplina imposto por Eurico Gaspar Dutra ao Exército Brasileiro:

(...) o general Eurico Gaspar Dutra afirmou-se um grande ministro não apenas pela capacidade organizadora que o personaliza mas, principalmente, pelo sentido de disciplina que o caracteriza e pela sobriedade de suas atitudes. (...) Sem ruído, sem clarinadas, como os verdadeiros organizadores, o ministro começou, num ritmo seguro e incessante, a tarefa de transformar o Exército do Brasil nessa poderosa força que aí está, a afirmar a sua pujança, a sua magnífica organização, a sua

³⁵⁹ Notícias do Rio – O espírito público do presidente Vargas, IN: *OESP*, 23 out. 1943, p. 14.

paridade com os melhores do Hemisfério Ocidental. (...) senhor de alto senso de seleção, soube o general Eurico Gaspar Dutra, nessa árdua jornada que foi a nossa reorganização bélica, rodear-se de oficiais brilhantes pelo espírito, pela cultura, pela noção do dever. Isso em todos os setores. À frente das unidades de elite, na metrópole, nas guarnições fronteiriças, no exterior junto às legações, ou participando de manobras e cursos especializados – e finalmente, a seu lado, com ele trabalhando, integrando seu seletíssimo gabinete. Aí trabalham oficiais superiores de cultura e capacidade de Cândido Caldas, *Lima Figueiredo*, Coelho dos Reis, Felisberto Batista Teixeira e outros tantos, seguidores fiéis dos salutareos exemplos do espírito titular. Razão portanto, e justíssima, há nesse preito de admiração dos brasileiros em torno do grande ministro Eurico Dutra, agora, quando a pátria de Lincoln e de Washington não esconde seu júbilo em recebê-lo e aplaudi-lo como um dos maiores soldados do Brasil.³⁶⁰

Oswaldo Aranha que desempenhara, verdadeiramente, desde o início da guerra um papel fundamental nas relações brasileiro-norte-americanas, propugnando uma aproximação com os Estados Unidos em contraposição àqueles que viam na Alemanha um melhor parceiro não só comercial como estratégico, teve seu trabalho reconhecido num texto publicado a onze de setembro:

(...) culto e dinâmico, sóbrio e incansável, o ministro Oswaldo Aranha conquistou de há muito admiração de todo o povo brasileiro, que se acostumou a admirar-lhe o entusiasmo sincero posto no (?) cumprimento de seus deveres e na obra de confraternidade dos povos da América. De fato, desde que se colocou à frente do Itamaraty, outro objetivo não teve o nosso (?) chanceler que o de trabalhar no sentido de irmanar ainda mais o Brasil aos seus irmãos do Hemisfério Ocidental, numa prática feliz e sincera de pan-americanismo sadio e construtor. Essa política do ministro Oswaldo Aranha resultou benéfica e honrosa para o país, pois, praticada com sinceridade e brilho, deu-nos a proeminência que hoje usufruímos merecidamente, como uma legítima compensação à nossa decisão, à retilínea conduta que desde muitos anos adotamos e fizemos questão de mantê-la intacta tanto nas horas sombrias como nos momentos luminosos. *O chanceler brasileiro, sob a orientação do Presidente Getúlio Vargas* foi o timoneiro seguro e enérgico que, de maneira alguma se descuroou do fiel cumprimento de suas responsabilidades, extremando-se, ao contrário, em se fazer atento ao máximo e atilado até onde sua plástica inteligência e formosa cultura, além da esplêndida queda para a ‘carrière’, o ajudaram. Bem depressa, no entanto, tão ilustre trabalhador teve o prêmio merecido, vendo seu nome projetar-se por todo o continente, revelando-o como um dos mais completos diplomatas desse lado do Atlântico. E teve mais. Teve a consagração não apenas dos seus patrícios, mas também, de maneira unânime, do grande povo da pátria de Washington e de Lincoln que nele vislumbrou e aplaudiu um amigo de todas as horas, um colaborador bem interessado e brilhante. (...) Sempre decidido e sincero, bateu-se desde o primeiro momento pela coesão das Américas, isso muito

³⁶⁰ Notícias do Rio – Um grande ministro, IN: *OESP*, 10 ago. 1943, p. 14.

antes que o insulto imperdoável nos caísse sobre a cabeça, partido dos governantes desabusados que, hoje, vergam ao peso da derrota inevitável. Que se rendam, homenagens, pois, porque justíssimas, na data de seu aniversário natalício a esse eminente e puro pan-americanista que é o chanceler brasileiro!³⁶¹

No trecho, percebe-se que, mesmo com tantas qualidades, o chanceler agia “sob a orientação” do presidente, o que mostra uma vez mais como as tentativas de elevação do regime e do “amigo de São Paulo” atingiram o grau máximo nesse período.³⁶²

Os textos que vinham da capital da República exprimiam ainda outras diretriz à política brasileira. A primeiro de abril, por exemplo, ao tratar da questão do integralismo e da espionagem, G.I.L. asseverava que:

(...) o longo inquérito da Delegacia Especial de Ordem Política e Social, ontem divulgado nas suas peças principais, coroou uma série de diligências, levadas a termo com rara habilidade pela polícia carioca. Hoje a opinião pública nacional conhece os nomes de mais alguns maus brasileiros, que cometeram a suprema vilania de se venderem aos nossos inimigos. (...) A quase totalidade dos acusados é de partidários do fascismo indígena. O fenômeno é mesmo em toda a parte. O totalitarismo se reveste das características de um internacionalismo da pior espécie. Aqui, como na Europa, seus adeptos esquecem-se de todos os sentimentos nobres e elevados. Patriotismo, lealdade, honra, são palavras cujo significado não chegam a compreender. Perdem a capacidade de raciocínio. O automatismo os envilece. E o pior é que, obcecados pela doutrina, desconhecem a sua vileza. Eis até onde leva a aberração do totalitarismo. Negando a personalidade humana, condenando a liberdade, o fascismo, seja de que espécie for, anula o homem, desce-o da sua dignidade de criatura raciocinante, transformando-o em simples peça da máquina do Estado. O totalitarismo – apologia da Força cega e do Instinto desarmado (?) constitui a maior aberração política de todos os tempos. Dominado a Alemanha, Itália e Japão, procurou alcançar com seus tentáculos o mundo todo. As forças vivas da civilização cristã acordaram, felizmente a tempo de opor firme barreira aos novos bárbaros mecanizados. A maior e mais difícil tarefa com que se defrontam as democracias não é propriamente ganhar a guerra. É destruir, até as últimas raízes, a estranha mentalidade totalitária, que criou os ‘quislings’ de toda a espécie.³⁶³

³⁶¹ Notícias do Rio – O nosso chanceler, IN: *OESP*, 11 set. 1943, p. 14, grifo nosso.

³⁶² No dia 24 de setembro, G.I.L. escrevera, nas “Notícias do Rio”, que: “(...) Já certa vez, em entrevista concedida à imprensa carioca, o ilustre interventor federal em S. Paulo afirmava que, em solicitando alguma coisa ao Presidente Vargas à terra bandeirante a obtinha invariavelmente, e de maneira completa, eficiente e farta. Seu Estado, disse ainda o sr. Fernando Costa, tinha na figura do Primeiro Magistrado da Nação um amigo sincero e um servidor deveras prestimoso”. Notícias do Rio – O amigo de São Paulo, IN: *OESP*, 24 set. 1943, p. 10.

³⁶³ Notícias do Rio – Integralismo e espionagem, IN: *OESP*, 01 abr. 1943, p. 01.

Essa concepção acerca do totalitarismo exposta pelo jornalista responsável pelas *Notícias do Rio* se assemelhava muito com as expressas por outros colaboradores do jornal que criticavam a perda da individualidade e o automatismo a que as pessoas são condenadas nesses regimes. Uma semelhante demonstração da concepção dos articulistas sobre esse problema apareceu no comentário que distinguia a mocidade americana da totalitária, em 12 de agosto:

(...) o nazismo e o fascismo se supuseram ao direito dos pais na educação dos filhos. Desde os primeiros anos, a criança torna-se propriedade do Estado, que passa a moldá-la a seu bel prazer, educando-a para a guerra, 'educando-a para a morte'. O principal objetivo da pedagogia totalitária consiste na anulação da personalidade. A disciplina substitui a liberdade. Ensina (?) uma única doutrina – a 'racial'; um único pensamento – e ditado pelo Estado senhor absoluto, criador exclusivo do direito. A mocidade nazi-fascista vive sob o império do pior dos fanatismos – o político. Não possui autonomia de raciocínio. Repete os 'slogans' da propaganda oficial, canta as mesmas canções guerreiras, marcha como um só homem, levanta o braço na saudação obrigatória. Seus gestos, suas atitudes, à força de repetidos desde a infância, tornaram-se verdadeiros hábitos. Esta mocidade, educada no desconhecimento completo da liberdade, representa um instrumento dos ditadores, para a consecução de seus objetivos de domínio, de imperialismo, de rapinagem. Os pedagogos totalitários, muito satisfeitos com os belos resultados obtidos com os seus processos educacionais, prognosticaram a decadência irremediável da mocidade democrática. Impossível conseguir dela um gesto de desprendimento, o menor dos sacrifícios em prol do bem comum. Seu único objetivo reside na satisfação dos seus prazeres egoísticos. Educada pela família de acordo com as velhas normas do liberalismo, a juventude das nações democráticas vivia em constante clima de desfibramento. O mundo moderno não suporta tal amolecimento hedonista. À mocidade fascista, criada na escola do sacrifício, estava reservada a tarefa de estabelecer a nova ordem, destinada a reger o mundo durante um milênio. Tudo isso era afirmado pelos educadores totalitários. Os ditadores totalitários levaram seus povos à guerra. Chegara o momento de se provar a supremacia da educação totalitária sobre a educação democrática. O repto foi aceito pela mocidade do mundo livre. Deixando as universidades, os escritores, os campos e as oficinas, os moços se apresentaram ao primeiro chamamento da Pátria. Falharam todos os prognósticos sombrios da propaganda totalitária. Conscientes, destemerosa, a mocidade democrática vive todos os perigos, suporta todos sacrifícios, é capaz dos mais nobres gestos de heroísmo e de desprendimento. Para servir a Pátria, para defender a civilização ameaçada, ninguém tem necessidade de anular a sua personalidade, de se perder na indistinção das massas. Tais considerações quase se tornam desnecessárias ante as provas diárias de heroísmo da mocidade do mundo livre, desde 1939.³⁶⁴

³⁶⁴ Notícias do Rio – Mocidade americana, IN: *OESP*, 12 ago. 1943, p. 14.

O excerto denota como o discurso oficial guarda profunda relação de similaridade aos que os colaboradores defendiam já antes da guerra eclodir. Naquele momento, os responsáveis pelos comentários esforçavam-se para demonstrar que as democracias não eram regimes fracos e que o totalitarismo representava uma involução no desenvolvimento político das nações enquanto o Estado Novo simbolizava o repúdio à democracia liberal.

A partir do envolvimento forçado do Brasil na guerra,³⁶⁵ é o Estado que tem de se reinventar para assumir a forma que ele defenderia nos campos de batalha. As tentativas de reafirmação que defendiam não só o Estado, mas também o presidente das críticas que eles recebiam internamente foram publicadas em conjunto com aquelas que descaracterizavam os opositores do regime. No dia 21 de abril, o mesmo jornalista, ao tratar da quinta-coluna, dizia:

(...) reveste-se de inconfundíveis características de quinta-colunismo a campanha saudosista que, no momento, se desenvolve em alguns órgãos de imprensa e em algumas rodas desta capital. Bem situados na vida, agarrados a rendosos cargos públicos, meia dúzia de cavalheiros dão-se, agora, ao luxo de aspirar uma volta ao pretérito. Não lhes faz bem a atmosfera de trabalho construtivo, de juventude e energia, que domina o presente. O passado constitui o seu clima. Entoando loas ao regime antigo, exaltando-lhe os homens, estes saudosistas visam um único objetivo: desmerecer o atual governo, negar-lhe o esforço de construção nacional, criticar seu programa administrativo e sua orientação política. Falta-lhes coragem, porém, para desafivelar a máscara para abrir o jogo. Inimigos disfarçados do Estado Nacional encontram no saudosismo o clima propício para desenvolver sua manhosa campanha. A técnica é a mesma de sempre: o 'diz-que-diz', a intriga, as meias palavras, as insinuações malévolas. Cedo, porém, se deixaram identificar. A opinião pública compreendeu-lhes o propósito de sabotagem da união nacional, deixando-os a falar sozinhos. O Brasil vive um momento decisivo da sua vida de nação soberana. Fiel aos princípios que nortearam a sua evolução histórica, seguindo os rumos ditados pela sua política internacional respondeu à afronta do eixo, colocando-se de corpo e alma ao lado das nações unidas, oferecendo recursos para a vitória da causa democrática. A união nacional tornou-se um imperativo para que se realize, integralmente, o nosso esforço de guerra. Toda e qualquer campanha visando dividir os brasileiros será obra de quinta colunismo, mesmo quando se mascarar dos mais altos e nobres propósitos. Os saudosistas que, no momento, entoam loas ao passado

³⁶⁵ Conforme Vagner Camilo Alves, “a própria formalização da beligerância brasileira, decisão de foro eminentemente interno, também deve ser vista como resultado natural de condicionantes exógenos, reflexo do desenvolvimento da guerra total naquele momento. As demandas alemãs para uma campanha submarina irrestrita contra a navegação aliada em todo o Atlântico, atingindo diretamente o Brasil, levavam em primeiríssima conta o nível de participação brasileira no conflito, como aliado dos EUA, e a oportunidade de atacar presas marítimas brasileiras e/ou navios cruzando o litoral do país. Tais ações, por sua vez, acabaram por fazer do envolvimento formal do Brasil na guerra uma consequência lógica”. ALVES, Vagner Camilo. *Op. cit.*, p. 198.

e pregam a volta ao país às fórmulas políticas superadas, realizam uma obra antipatriótica: a sabotagem da união nacional. É necessário que os apontemos ao desprezo dos brasileiros.³⁶⁶

As invectivas contra o passado coadunadas com as acusações de quinta-colunismo contra os opositores do regime foram armas que os responsáveis pelos textos usaram freqüentemente. Essas medidas ganharam força em virtude da mentalidade de guerra que o governo desejava imprimir uma vez que, como mostrou Roney Cytrynowicz, ela não representou para os brasileiros um evento marcante.³⁶⁷ Algumas vezes, o passado paulista foi mobilizado como arma, como ocorreu a 22 do mesmo mês:

O bandeirismo não representa somente um acontecimento histórico nacional. Sua tarefa não terminou com o estabelecimento das novas fronteiras geográficas. Manifestação a mais característica do dinamismo de um povo jovem, esse movimento, hoje como ontem, prosseguiu no seu imenso trabalho de construção de uma grande Pátria, pela conquista da hinterlândia, pelo deslocamento das nossas fronteiras econômicas, pelo aproveitamento dos nossos variados recursos naturais. (...) Característica essencial da juventude do nosso povo, o espírito bandeirante marca toda a evolução nacional. Constitui o Brasil moderno.³⁶⁸

Em outras oportunidades, esse passado foi apropriado e mobilizado pelos jornalistas contra as pretensões oposicionistas. No dia 02 de maio de 1945, G.I.L comentava:

(...) O último discurso do senhor Marcondes Filho pronunciado por ocasião da solenidade comemorativa do aniversário do Presidente da República ultrapassa os limites das orações meramente laudatórias para se constituir numa síntese das diversas diretrizes doutrinárias do Estado Nacional e da obra política de seu fundador. Depois de salientar o alto significado da solenidade em que se reuniram o capital e o trabalho, associados ao respeito recíproco dos seus direitos e preocupados com a tarefa de reconstrução de uma grande Pátria, o orador responde às objeções do grupo melancólico da ‘hora da saudade’, que, no momento, canta as doçuras e belezas do antigo regime. Falando sobre a democracia, da primeira República e recordando a figura excelsa de Rui Barbosa, esses saudosistas nada mais fazem de que justificar, realçar ‘o vigor, a oportunidade, o realismo do Estado Nacional, estruturado pelo gênio do senhor Getúlio Vargas’. ‘O que caracteriza a

³⁶⁶ Notícias do Rio. Sabotando a unidade nacional, IN: *OESP*, 21 abr. 1943, p. 12.

³⁶⁷ De acordo com o autor, “o lugar da Segunda Guerra Mundial na história e na memória coletiva da população de São Paulo, e do Brasil, tem sido, no entanto, marcado muito mais pela ausência do que por uma presença efetiva e consistente. A guerra, episódio central da história do século 20, não está presente na memória da cidade de São Paulo; ela não é celebrada coletivamente, não é lembrada. Os soldados que lutaram e os mortos não são reverenciados a não ser por pequenos grupos diretamente ligados a eles”. CYTRINOWICZ, Roney. *Guerra sem guerra: a mobilização e o cotidiano em São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Edusp, 2000, p. 17-18.

³⁶⁸ Notícias do Rio – Espírito bandeirante, IN: *OESP*, 22 abr. 1943, p. 10.

democracia’, diz o orador, ‘qualquer que seja a fórmula adotada, é a preocupação dos interesses populares e o benefício do maior número e o atendimento os problemas coletivos’. ‘Não podemos julgar os regimes exclusivamente pelos pormenores de arquitetura e pelos arabescos intelectuais. Devemos julgá-los, sobretudo, pelo poder de realização, que é de realidades que um povo precisa viver e não de imagens e ornamentos jurídicos. E é justamente sob este aspecto que a democracia do Estado Nacional se sobrepõe à da Primeira República, porque nesta, que era privilégio de pequenos grupos oligárquicos, todos os trabalhadores estavam exilados da legislação e renegados pelos governos, enquanto agora o Estado Nacional – democracia política e social e econômica, democracia de fundo – reconheceu direitos e presta assistência a esses milhões de brasileiros tão dignos como os mais dignos. (...) Clamam os saudosistas a necessidade de voltarmos ao pensamento político de Rui Barbosa. Contradizem-se, porém, porque o nosso grande jurista ‘durante toda a vida foi um libelo calcinante contra a Primeira República’. (...) Foi justamente o pensamento de Rui Barbosa que nos levou ao repúdio do passado e nos aproximou do Estado Nacional. Na sua tarefa inglória os saudosistas pregam no deserto e levantam objeções contra o nosso nacionalismo. Baldado intento. Vão desejo de estabelecer confusões. O nosso nacionalismo não possui nenhum traço de agressividade, não se constitui em barreira à aproximação internacional. Ao contrário, o Brasil está integrado na vida continental e ninguém ignora mais do que ele, por seu esforço prodigioso, esforço de sangue e de trabalho, está colaborando a favor da América, na causa sagrada das nossas democracias.³⁶⁹

Intitulado “A hora da saudade”, o texto comentava a oração do Ministro do Trabalho que justificava o Estado Novo utilizando-se da memória de Rui Barbosa e de sua luta. Vale lembrar que os antigos proprietários do jornal lutaram ao lado desse jurista na Campanha Civilista, que apoiaram abertamente durante a República Velha. Pelo exposto, observa-se que não havia limites entre plausibilidade e verdade no intuito de criar para o governo uma aparência democrática.

A participação do Brasil na guerra culminou no embarque de soldados brasileiros que lutariam ao lado dos norte-americanos e outros povos contra os alemães na Itália. A verdadeira batalha no que concernia ao Brasil era interna.³⁷⁰ As contradições do regime instaurado em novembro de 1937 e suas incompatibilidades com as estruturas de uma sociedade democrática minavam dia a dia o governo que, desde 1943, enfrentava uma oposição mais renhida e organizada.³⁷¹

³⁶⁹ Notícias do Rio – A hora da saudade, IN: *OESP*, 02 maio 1945, p. 24.

³⁷¹ Não se pode esquecer que o Manifesto dos mineiros foi lançado no final de 1943. Segundo Roney Cytrynowicz, “apenas em outubro de 1943 foi lançado o Manifesto dos Mineiros, em defesa da democracia, e a primeira declaração pública neste sentido, já em um contexto de primeira reestruturação partidária. Outras

Dessa forma, os alguns dos textos publicados no jornal pregavam uma maior unidade entre os brasileiros e pediam que a população se conscientizasse das várias restrições que a guerra trouxera, entre elas, políticas. Sobre essas restrições, num texto intitulado “A imprensa e o D.I.P”., G.I.L. dizia:

Vivemos numa época profundamente anormal em que se impõem medidas de salvação pública inadmissíveis em outras ocasiões. Em todos os setores da vida individual e coletiva surgiram restrições visando a salvaguarda dos princípios fundamentais da civilização ocidental, postos em perigo pela barbárie nazista. É a guerra com todos os seus horrores. Nunca a humanidade suportou angústia tamanha. Nunca viveu um período de tal responsabilidade, no qual se apresentou a inapelável escolha entre dois caminhos: o regresso à animalidade do paganismo totalitário, negação de todos os valores do espírito, ou a senda larga de um mundo renovado, reposto em bases de justiça, igualdade e fraternidade. (...) Os povos amantes da liberdade se impuseram pesadas restrições. Deixaram de gozar, momentaneamente, muitos dos direitos a que se acostumaram, para que sobreviva a civilização cristã e encontre atmosfera propícia ao seu constante aperfeiçoamento. (...) A Nação que não souber suportar, de ânimo alevantado este período, de sacrifícios não merece viver no mundo de amanhã. Será necessário enumerar as mil e uma restrições que a guerra impõe? São fatos diários que cada qual suporta e sabe muito bem aquilatar. Dentre todas as restrições criadas pela anormalidade do momento e impostas às democracias, talvez a mais notável seja a que se refere à livre manifestação de opinião e o censo das notícias pela imprensa. Velha conquista política, houve necessidade de restringir-lhe o âmbito, em nome de altas razões de segurança nacional justamente no sentido de salvá-la da morte. (...) Ao DIP, órgão de colaboração com a imprensa e de divulgação das coisas brasileiras, coube o encargo difícil e espinhoso de orientar os nossos jornais para que a sua atividade se moldassem pelos supremos interesses da defesa nacional. Por outro lado, a própria imprensa, num acordo tácito ditado pelo patriotismo, retirou do debate muitos temas políticos, reservando-se para discuti-los em ocasiões oportunas. (...) Assim, vivem governos que alicerçam sua força no livre consentimento do povo.³⁷²

No dia 25 de março, as *Notícias do Rio* explicitavam de que forma esses problemas surgiram na sociedade civil da época:

(...) os moradores e comerciantes da (ilegível) do Leblon, Ipanema e Copacabana, estão apelando para as autoridades afim de que seja suspenso o “black-out” naquela zona. (...) O certo, é que tudo isso exterioriza, realmente, a inexistência de uma verdadeira mentalidade de guerra. Sente-se, em semelhante apelo, um completo alheamento em relação a tudo o quanto de grave vai pelo mundo em eclosão. (...) diante disso, frente aos fatos, fácil é concluir que os moradores de Copacabana,

manifestações viriam apenas em 1945, como o I Congresso Brasileiro de Escritores (26 de janeiro de 1945), fundação da UDN em abril, até que Vargas recebesse o ultimato dos generais em outubro de 1945”. CYTRYNOWICZ, Roney. *Op. cit.*, p. 330-331.

³⁷² A imprensa e o D.I.P. IN: *OESP*, 28 maio 1944, p. 36.

Ipanema e Leblon, pelo menos estão alheios a realidade cruciante da guerra. Ou melhor, admitem francamente que Hitler e seus títeres já o diabo, que o conflito acabou e que toda a imensa zona litorânea onde tem seus negócios e suas residências, deve livrar-se do “black-out” e voltar a engalanar-se com o colar fosforescente de seus muitos milhares de glóbulos de luz. Não é outra coisa o que pedem em cartas enviadas ao jornal. E isso exatamente no dia seguinte a aquele em que, em Deodoro e na Vila Militar, desfilavam os soldados que se aprestam para tomar os rumos do campo de batalha. Decididamente, não existe ainda, como fora necessário, uma mentalidade de guerra. E é indispensável criá-la e mantê-la.³⁷³

A constatação de que não havia no Brasil uma mentalidade de guerra foi objeto da atenção do jornalista que se incumbia de transmitir as *Notícias do Rio*. Assim, além de citar esse exemplo ocorrido no Rio de Janeiro, ele explicou como o povo deveria entender a guerra na qual o Brasil estava empenhado:

(...) O inimigo é implacável, desumano e se acha munido do que a técnica possibilitou demais perfeito e eficiente. Com armas iguais para que se alcance a vitória definitiva sobre os novos bárbaros é mister que acreditemos fielmente nos valores morais e políticos pelo quais nos batemos. (...) servindo-nos de todos os meios oferecidos pela moderna técnica publicitária, precisamos desfazer todas as ilusões de uma guerra fácil, de uma guerra rápida que ainda persiste na mentalidade nacional e que o quintacolonismo solerte procura alimentar para amortecer o nosso esforço bélico. Precisamos lembrar o público que os compromissos contraídos com os nossos aliados impõem sacrifícios de toda a ordem: que se faz necessário um intenso trabalho coletivo pelo desenvolvimento da nossa produção destinado à guerra. (...) a nossa contribuição humana acha-se em vias de se concretizar, contingentes da FAB já se encontram nos Estados Unidos e na própria Grã-Bretanha em treinamento intensivo para entrar em luta nos céus europeus. A Força Expedicionária Brasileira ultima os preparativos para, ombro a ombro com os exércitos da Democracia, derrubar a fortaleza de Hitler.³⁷⁴

A proximidade com os exércitos que lutavam pela democracia parecia não ser problema para os responsáveis pelo jornal ocupado pela ditadura. Os malabarismos teóricos realizados por eles no intuito de apresentar o presidente Getúlio Vargas como um democrata de primeira hora tornaram-se freqüentes. Um exemplo dessa disposição para as mitificações políticas foi publicado a quatorze de outubro, quando G.I.L., ao explicar ao leitor as proezas do D.I.P, resumizava:

(...) Tendo nascido sob os cuidados do sr. Lourival Fontes, realmente cresceu para a vida e para a compreensão nacional debaixo das orientações do Major Amílcar

³⁷³ Notícias do Rio – Apelo inconsciente. IN: *OESP*, 25 mar. 1944, p. 16.

³⁷⁴ Notícias do Rio – Preparação psicológica da opinião pública, IN: *OESP*, 26 mar. 1944, p. 32.

Dutra de Menezes. (...) A sua ação hoje é intensa. Estado por Estado D.I.P. e D.E.I.P.S. começaram a ser feitos vasos comunicantes e não há como evitar uma referência à colaboração prestada a essa obra brasileira pelo D.E.I.P. paulista, na direção de um homem de imprensa que podendo alimentar muitas aspirações, apenas quer ser homem de imprensa – o sr. Mario Guastini. (...) A figura ímpar do Presidente Vargas, o democratismo dos seus pensamentos, o entendimento da evolução que promove, para se chegar, pelos caminhos da independência econômica e da inteligência política às formas realistas de representação, são agora vistas claramente por todo o Brasil.³⁷⁵

Dentre os colaboradores que se dedicaram ao estudo dos problemas brasileiros destacam-se Lima Figueiredo e o economista inglês S. Harcourt-Rivington. O militar brasileiro preocupava, num primeiro momento, com a manutenção do regime, como expôs num texto que publicou a 11 de março:

(...) a China, pela barreira de idéias levantadas entre os seus filhos, não se pode unir nem mesmo quando teve seu chão calcado e o seu povo escorraçado pelo bárbaro invasor. Que exemplo! Exemplo vivo do que pode esperar um país de vasta área, com a população acolchetada no litoral com riquezas inexploradas, com grandes e gordos rios navegáveis, com notável massa de ignorantes, com poucas reservas de rodovias e estrada de ferro, quando seus filhos começam a não se entenderem, procurando cada um prevalecer a idéia do seu partido, sem incomodar-se com parceiros aguçados que ameaçam a nau da Pátria. A experiência alheia é tão barata. Para que experimentar uma coisa que de antemão já sabemos ter conseqüências funestas? Melhor será que se tenha um mira o slogan – ‘Só a união faz a força’.³⁷⁶

Durante a campanha eleitoral de 1945, o jornal participou efetivamente da campanha de Eurico Gaspar Dutra. Lima Figueiredo escreveu, nesse período, uma série sobre a F.E.B. que tinha um sentido eminentemente político, uma vez que louvava as qualidades do general candidato como organizador do Exército brasileiro, vitorioso na guerra que se travara pela democracia. Em um dos textos que publicou logo após a série, ele explicitou essa ligação entre as competências do general no âmbito das questões militares e no futuro trato dos negócios públicos:

(...) o exército progrediu porque Eurico Dutra se dedicou a ele de corpo e alma trabalhando denodadamente, pela sua eficiência e aproveitando os momentos de folga ou repouso para meditar e refletir sobre seus problemas. O grande e magnífico trabalho que prestou à sua classe, de 1937 a 1945, é o penhor de quando poderá fazer pelo Brasil no dia em que o leme do Estado estiver nas suas mãos honradas.

³⁷⁵ Notícias do Rio – O D.I.P. e o Brasil. IN: *OESP*, 14 out. 1944, p. 10.

³⁷⁶ FIGUEIREDO, Lima. O exemplo da China, IN: *OESP*, 11 mar. 1945, p. 01.

Estejam certos os brasileiros que não lhe faltarão meios para vencer, pois que todas as virtudes e qualidades que exornam as grandes personalidades lhe são peculiares: lealdade, modéstia, inteligência, cultura, agudeza de percepção, visão, seriedade, resistência física, espírito público, patriotismo.³⁷⁷

Os artigos de S. Harcourt-Rivington possuíam uma amplitude ainda maior do que quaisquer dos outros colaboradores no que concernia ao futuro do Brasil e ao papel que o país desempenharia nos anos vindouros. Politicamente, ele defendeu o regime estadonovista ao afirmar que, apesar de algumas diferenças com as democracias anglo-saxônicas, o Brasil era uma democracia.³⁷⁸

Mas, segundo este autor, as maiores perspectivas para o Brasil se relacionavam ao campo econômico. Com os Estados Unidos, a União Soviética e a Europa envolvida com a guerra e suas conseqüências, o Brasil teria primazia no que dizia respeito à evolução da indústria e das exportações de produtos agrícolas. De acordo com ele:

(...) O Brasil é agora a chave econômica da paz e da prosperidade mundiais. Estou convencido que esse país será chamado a tomar decisões de caráter mundial, as quais terão o poder de modificar para sempre sua posição entre as nações. Vou ainda mais longe. Na minha opinião, como conseqüência, o Brasil dominará o mundo na nova era de desenvolvimento mundial na mesma proporção que os Estados Unidos o fizeram no período compreendido entre 1880 e o início da guerra. (...) Sem a menor sombra de dúvida, este é o século do Brasil.³⁷⁹

Os vários textos publicados pelo economista tinham por finalidade demonstrar as potencialidades do Brasil no pós-guerra não excluindo, contudo, o conteúdo político dessa iniciativa. O mesmo autor, na conclusão de outra série, publicada anteriormente, assim caracterizava o presidente brasileiro:

O sr. Getúlio Vargas é inquestionavelmente um dos ‘homens do momento’. (...) Sou inglês. Um economista de profissão. (...) Qualquer que seja o problema...Vargas encontra sempre a solução mais adequada para as mais diversas questões. (...) Nota-se aquele humanitarismo caloroso que caracteriza o primeiro ministro inglês, sr. Winston Churchill e o presidente Roosevelt, dos Estados Unidos. Nos negócios internacionais, o julgamento do Presidente Vargas não é menos seguro. Com um instinto agudo, vê o perigo e mantém um equilíbrio que indubitavelmente

³⁷⁷ FIGUEIREDO, Lima. O homem que cala, IN: *OESP*, 31 jul. 1945, p. 01.

³⁷⁸ A 20 de outubro, na série de S. Harcourt-Rivington, “O futuro do Brasil”: “(...) há no Brasil, realmente, funcionando na prática uma democracia a despeito da sua diferença, na estrutura geral, em relação às democracias americana e britânica”. RIVINGTON, S. Harcourt. O futuro do Brasil – Idéias e ideais do progresso humano, IN: *OESP*, 20 out. 1944, p. 01.

³⁷⁹ RIVINGTON, S. Harcourt. O futuro do Brasil – Nos planos da paz, IN: *OESP*, 07 abr. 1944, p. 01.

corresponde aos imediatos interesses do país. (...) O presidente Vargas é inquestionavelmente o mais notável estadista que este país já produziu. Nos dias que virão, quando suas obras e realizações puderem ser encaradas e estudadas desapaixonadamente, dentro da perspectiva mundial, tenho certeza de que os historiadores lhe darão o lugar que lhe cabe entre os cinco maiores estadistas da era atual.³⁸⁰

Além dos colaboradores que eram responsáveis pelos comentários, destacaram-se dois outros jornalistas na defesa dos ideais e princípios do regime estadonovista: Mario Guastini e Heitor Muniz. Os textos escritos pelo primeiro, alocados ao lado de *Notas e Informações* tinham uma essência eminentemente política e tinham por finalidade descaracterizar a oposição e seu candidato à presidência da República, Brigadeiro Eduardo Gomes.

A crítica era direcionada aos elementos denominados por eles de “liberais”. No dia 13 de março de 1945, por exemplo, o diretor geral do DEIP de São Paulo escreveu um artigo no qual comentou a iniciativa de Otaviano Alves Lima³⁸¹ que ao vender seus jornais, as “Folhas”, foi veementemente criticado por esses elementos. Segundo Mario Guastini, tal atitude:

(...) os apóstolos do liberalismo são tão tolerantes que chegam ao ponto de querer impedir possa um cidadão vender, ou por fora, seus bens, móveis ou imóveis. Isso, a Constituição de 1937, o Dip e os Deips nunca fizeram. Podem ser acusados, talvez, de terem, sempre que possível, ajudado certos “liberais” que somente agora deram para gritar a pureza dos seus...princípios! Mas, tais pândegos, se tem grandes orelhas possuem cauda não menos desenvolvida, que fica sempre de fora exposta a pisadelas nada agradáveis...³⁸²

Intitulado “União Doentes Nacionais” o artigo publicado por Mario Guastini, a 08 de agosto do mesmo ano, ridicularizava as pretensões da oposição liberal ao comentar a vitória das forças reacionárias na Inglaterra. Segundo ele:

(...) os gastos e interesseiros patronos da candidatura da oposição condenada ao fracasso no mesmo dia do lançamento, desandaram a falar grosso em torno das eleições na Inglaterra, dando a impressão de que foi a UDN a vencer o pleito. A “sua” pitoresca “democracia”, tão nossa conhecida, teria marcado o goal decisivo. (...) Afinal, graças a isso, ficou o Brasil inteiro sabendo estar o eleitorado da UDN na Grã-Bretanha.³⁸³

³⁸⁰ _____ . Homens do momento XXVI – Getúlio Vargas, IN: *OESP*, 03 set. 1943, p. 01.

³⁸¹ Proprietário da Folha da Manhã, vendida a 10 de março de 1945 a José Nabantino Ramos, Clóvis Queiroga e Alcides Meirelles. IN: <http://www.canaldaimprensa.com.br/canalant/54edicao/folha1.htm>, consultado em 13 ago. 2009.

³⁸² GUASTINI, Mario. Os famosos “liberais”, IN: *OESP*, 13 mar. 1945, p. 03.

³⁸³ _____ . “União Doentes Nacionais”, IN: *OESP*, 08 ago. 1945, p. 03.

Outra estratégia utilizada pelo redator-chefe do jornal ocupado foi apresentar as críticas da oposição como um sinal, uma prova de que o regime estadonovista não era outra coisa senão uma democracia, uma vez que havia espaços para contestação. Essa postura pode ser encontrada no seu artigo de 18 de abril de 1945, no qual sustentava:

(...) Fala o candidato opositorista em liberdade que alega não existir, quando suas próprias palavras testemunham o contrário. Se ela fosse realmente estrangulada, poderia um militar da ativa manifestar-se em tom menos protocolar ao endereço do chefe supremo das Forças Armadas de Terra, Mar e Ar? E poderíamos nós todos, jornalistas, escrever diariamente, dentro dos nossos pontos de vista, quanto bem entendêssemos? Evidentemente essa história de coação e restrição de liberdade não passa de história.³⁸⁴

No mesmo mês, Heitor Muniz, que foi diretor geral do DIP por dois dias, antes que o decreto-lei número 7. 582, de 25 de maio de 1945, o extinguisse, publicou dois artigos nos quais exprimia sua opinião acerca do problema da ordem. No primeiro deles, o jornalista asseverava que: “o grande problema hoje no Brasil é o primado da ordem. Daí decorrem todo o mais que é necessário para nos reintegrarmos plenamente no regime democrático representativo. A guerra modificou, por completo, a face política e social das coisas”. As modificações ocasionadas em virtude da guerra e a batalha pelo comando político do país foi analisada pelo jornalista com a finalidade de justificar as ações do regime no que concerne às eleições. De acordo com ele,

Devemos ter ainda em consideração a existência, entre os aliados, de vários governos que não saíram de eleições, como o governo da China, o governo do general De Gaulle, o governo de Benes, o governo polonês, holandês, grego, inglês, iugoslavo, belga, e vários outros que nem por isso deixarão de ser admitidos à Conferência de Paz. (...) O Governo poderia ter estabelecido para a eleição do presidente da República o sistema de eleição indireta seguido pela América do Norte e a ninguém seria lícito articular que não estivesse em companhia muito boa.³⁸⁵

Heitor Muniz também escreveu sobre as modificações previstas no funcionamento do sistema capitalista. Ao realizar um balanço da guerra, sobre esse tema ele afirmava que:

A humanidade sofreu muito nestes últimos anos, milhares de vidas preciosas se perderam nos campos de batalha, defendendo um ideal, há muitos lares infelizes, no mundo inteiro, pelos sacrifícios que fizeram, na maior hecatombe da história, para

³⁸⁴ GUASTINI, Mario. A entrevista do candidato da oposição, IN: *OESP*, 18 abr. 1945, p. 03.

³⁸⁵ MUNIZ, Heitor. O primado da ordem, IN: *OESP*, 06 abr. 1945, p. 04.

que depois de tudo isso os donos de *trusts*, de monopólios e de latifúndios continuem engordando pela exploração e as criaturas de todas as condições, homens e mulheres, velhos e crianças, permaneçam na servidão econômica, só conhecendo de sua passagem pela existência o capítulo das infelicidades humanas.³⁸⁶

Ao fazer a crítica dessas práticas que compõem o sistema capitalista, o autor citou, em outro artigo, as diversas leis criadas pelo presidente Getúlio Vargas na área trabalhista, demonstrando sua preocupação com o aspecto da justiça social e assinalava que “a lei contra os *trusts* tem o apoio do povo. Contra as maquinações ad plutocracia reacionária, é o próprio povo que a sustenta, dando o seu apoio ao Governo para que a mantenha com firmeza”.³⁸⁷

Ao perceber as modificações que vertiginosamente ocorriam tanto no campo das relações internacionais quanto nacionais, o presidente Getúlio Vargas fez um discurso no qual afirmava, textualmente, que não seria candidato a um novo mandato.³⁸⁸ Ao comentar essas transformações decorrentes da guerra, ele afirmou que:

(...) passou a época em que a igualdade política exclusiva bastava para assegurar o equilíbrio social. E quem negar na atualidade o primado dos interesses coletivos sobre os individuais é confessadamente um reacionário. (...) Mas a revisão de valores que se anuncia não poderá processar-se com o retorno ao individualismo desordenado que originou os ‘trusts’ e os monopólios nacionais e internacionais que é uma das causas da atual conflagração. Essa revisão deverá ser econômica pela forma e espiritual pelo conteúdo. (...) Enquanto eles – os brasileiros que lutam na Itália – dão a vida pela nossa grandeza não podemos afundar-nos na anarquia, sucumbir às paixões subalternas e estereis. (...) Não tenho interesses pessoais em causa, não tenho inimigos senão os que forem dos interesses da minha pátria; não cultivo ódio; não exercerei vinganças e nem praticarei violências. Marchemos, pois, com elevação de propósito, para o prélio pacífico das urnas, onde o povo escolherá soberanamente os seus dirigentes e seus representantes. (...) Nada reclamo para mim. Não sou candidato. (...) Tudo o que desejo é entregar, num ambiente de calma

³⁸⁶ _____. Trusts, monopólios e latifúndios, IN: *OESP*, 01 jul. 1945, p. 04. O discurso de Heitor Muniz se coaduna com a atividade política governista daquela época, de aproximação entre Getúlio Vargas e os comunistas. De acordo com Antônio Mendes de Almeida Júnior, “essa aliança tática entre o varguismo e os comunistas se solidifica após a decretação da lei antitruste (conhecida como ‘Lei Malaia’), que entraria em vigor em princípios de agosto”. ALMEIDA JÚNIOR, Antônio Mendes, “Do declínio do Estado Novo ao suicídio de Getúlio Vargas”, In: FAUSTO, Boris (dir). *Op. cit.*, p. 236.

³⁸⁷ MUNIZ, Heitor. Capitalismo reacionário, capitalismo progressista. IN: *OESP*, 28 jul. 1945, p. 06.

³⁸⁸ Na verdade, apesar desse discurso, é sabido que havia desconfianças de amplos setores da sociedade que temiam as manobras do presidente para continuar no poder. O apelo das massas, mobilizadas pelos comunistas, era um exemplo dessa apreensão que só terminou com a renúncia de Getúlio Vargas articulada pelo Exército. Para detalhes da crise que levou à queda do Estado Novo ver ALMEIDA JÚNIOR, Antônio Mendes, In: FAUSTO, Boris (dir). *Op. cit.*

e segurança a suprema direção do país a quem for legitimamente escolhido para substituir-me.³⁸⁹

Pelo excerto, não há como negar que o presidente possuía um senso de realidade muito acurado. Se lembrarmos do discurso por ele proferido a bordo do *Minas Gerais*, no qual, no momento de vitórias das forças do Eixo, declarou que os regimes liberais estavam em ruínas e só aos fortes pertenceria o porvir, o que se via era a percepção de que as democracias viviam o período mais crítico de toda a sua história e a tentativa de plasmar o Estado Novo no bojo desses regimes que venciam as batalhas militares e políticas.

Nesse segundo discurso, porém, ele reconheceu a mudança não só econômica, mas também espiritual na opinião pública e acentuou que os interesses coletivos deveriam suplantar os individuais na nova era que começaria no pós-guerra. Essa constatação, contudo, tinha uma conotação eminentemente política uma vez que, por meio das ações voltadas aos trabalhadores, ele tinha se colocado a favor desses interesses.

A vitória das Nações Unidas colocou fim ao Estado Novo. Ao contrário do que esperavam os “famosos liberais”, o país não elegeu o candidato da oposição. Pelo contrário. Assistiu-se ao movimento queremista e à vitória do general Eurico Gaspar Dutra, candidato da situação. Mais uma vez o projeto, a luta, a causa pela qual lutara Julio de Mesquita Filho e outros integrantes do *grupo do Estado* fora derrotada. Em dezembro de 1945, o jornal foi devolvido aos antigos proprietários, coroando de êxito uma dessas lutas. Após esses cinco anos de ocupação, que não são contabilizados na história do periódico, muita coisa mudou no Brasil e no mundo. O que se manteve nos discursos foi uma indelével indisposição contra o passado e o que simbolizou, para o país, não só o Estado Novo, mas sua figura central, Getúlio Vargas.

³⁸⁹ Discurso do presidente Vargas, IN: *OESP*, 13 mar. 1945, p. 01.

Conclusão

*Nos conflitos armados, antigos e modernos, vencem aqueles que têm capacidade para ser, ao mesmo tempo, bigorna e malho.*³⁹⁰

Durante a primeira fase da pesquisa, os comentários publicados diariamente, em sua grande maioria não assinados, estavam inseridos num projeto maior que era o da oposição liberal ao Estado Novo. Essa oposição teve em São Paulo um de seus mais atuantes representantes, Julio de Mesquita Filho, exilado do país em novembro de 1938 junto com outras personalidades políticas que integravam o grupo do Estado, como Paulo Duarte, por exemplo.

Nesse momento, não obstante o exílio do proprietário, os textos possuíam um viés pedagógico e procuravam alertar o leitor para os problemas candentes do cenário internacional cindindo o mundo em duas correntes totalmente opostas, democracia e totalitarismo. Eles simbolizavam a continuidade de um embate político travado desde o início da década de 1930 e que culminara com a derrota do projeto angariado pela forças aglutinadas no grupo do Estado que viam na possível eleição de 1938 e na vitória de Armando Salles de Oliveira a possibilidade de implementar seu projeto de Brasil. Em virtude da situação europeia, em que a Alemanha apostava na força contra a aliança anglo-francesa, os responsáveis pela publicação assumiram, desde o início, uma postura de defesa da democracia e dos países que representavam esse regime no campo externo.

Quando o periódico foi invadido, em março de 1940, esperava-se que a designação de um diretor que estava diretamente ligado ao Departamento de Imprensa e Propaganda e

³⁹⁰ Um triunfo dos aliados, IN: *OESP*, 07 jan. 1942, p. 01.

ao Presidente Getúlio Vargas modificasse radicalmente esse posicionamento expressado diuturnamente nos quadros inseridos com destaque gráfico. Todavia, isso não ocorreu. A historiografia relativa ao período estudado já demonstrou que o projeto Dipiano possuía falhas, fendas, por onde passavam as críticas ou sátiras ao presidente Getúlio Vargas e ao Estado Novo.³⁹¹ Entretanto, a peculiaridade do caso dos comentários está no fato de que ele não pode ser considerado uma excepcionalidade, pois quem publicava e dirigia o periódico após o 25 de março era o próprio Estado.

Em 1943 ocorreram significativas mudanças no que concerne à direção do jornal e à censura. Abner Mourão ocupou o cargo de Diretor da Redação enquanto Mario Guastini, passou a figurar como redator-chefe do jornal. O domínio desses dois jornalistas indica a complexidade das relações entre a imprensa e o poder no período, bem como sua articulação ao jogo político. Nos anos 1930, Abner Mourão, diretor do *Correio Paulistano*, e Mário Guastini, diretor do *Jornal do Comércio*, apoiavam a candidatura governista contra a Aliança Liberal. Entre os periódicos que cerraram fileiras junto à candidatura de Getúlio Vargas estava o jornal *O Estado de S. Paulo*.³⁹² Vê-se que, em alguns anos, inverteram-se os papéis: em virtude das batalhas políticas iniciadas em 1932, o *Estado*, antes partidário da revolução, terminou ocupado por aqueles que, àquele tempo, pugnavam pelos situacionistas.

Pelágio Lobo, por sua vez, foi designado Diretor Presidente e Francisco de Castro Ramos, Diretor Gerente. Com a criação dos DEIPS, ramificações do DIP nos Estados, Mario Guastini acumulou, a partir de 1944, quando da demissão de Candido Mota Filho, o cargo de redator-chefe e o de Diretor Geral do DEIP de São Paulo.

Nesse segundo momento, enquanto os comentários discutem o dia a dia da guerra, a partir da entrada do Brasil no conflito ao lado das Nações Unidas, os novos diretores iniciam uma campanha política em prol do Estado Novo justificando suas políticas e celebrando seus principais mandatários. Ao contrário do que a historiografia tradicional afirmava, foi na iminente ameaça de queda do regime que os responsáveis pela censura e

³⁹¹ O trabalho de Sheila Nascimento é um exemplo disso. GARCIA, Sheila do Nascimento. *Revista Careta: um estudo sobre humor visual no Estado Novo (1937-1945)*. Assis: Dissertação de Mestrado, 2005.

³⁹² Conforme SODRE, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999, p. 371.

pelos órgãos de imprensa iniciaram um esforço de apresentar ao povo brasileiro as conquistas e os feitos do Estado Novo e de seus principais líderes e não entre 1937-1942.

As *Notícias do Rio* e os artigos de Mario Guastini, publicados ao lado das tradicionais *Notas e Informações*, colocaram a política interna para o centro do debate acerca do futuro, tema recorrente, pois, o fim da guerra suscitava várias questões a respeito da organização política e econômica dos países. A luta pela redemocratização, que se iniciou em 1943 com a publicação do Manifesto dos Mineiros e que estava em sintonia com o movimento internacional de derrocada das ditaduras, era a principal ameaça à continuidade do regime e os ataques diários que o jornal publicava visavam combater esses elementos, denominados de saudosistas.

Quando a Alemanha foi finalmente derrotada em 1945, o governo estava já muito enfraquecido. O arcabouço da censura sofreu um duro golpe com o fechamento do DIP em maio deste mesmo ano. Novas eleições foram prometidas e o presidente Getúlio Vargas afirmou em discurso que nada desejava para si, o que não impediu que os ataques continuassem. Em campanha pelo candidato governista, Eurico Gaspar Dutra, os colaboradores e os diretores louvavam as qualidades do militar enquanto chamavam a oposição de “União Doentes Nacionais”.

Com a vitória do ex-Ministro da Guerra, uma vez mais Julio de Mesquita Filho, que se encontrava em prisão domiciliar desde 1943, viu seu projeto político ser, mais uma vez, derrotado. Todavia, assim como em 1932, ele pode se regozijar por ter reconquistado o jornal, devolvido em dezembro de 1945, e por ter participado ativamente da guerra pela redemocratização do Brasil. No discurso que pronunciou na ocasião da devolução do matutino, disse Julio de Mesquita Filho:

A nossa experiência dos homens e das coisas; o contato estreito que mantivemos durante cinco anos de exílio com os acontecimentos que antecederam a catástrofe de 1939; o rumo que aparentemente vão tomando as correntes do pensamento político dominante nos países que sofreram a ocupação alemã e naqueles que, intransigentemente partidários da democracia, acabaram por subjugar o nazi-fascismo, nos induzem a permanecer fiéis ao liberalismo. Sem dúvida, quando dizemos liberalismo não pretendemos referir-nos a um sistema rígido de princípios, mas ao conteúdo profundo do termo, à sua própria substância, isto é, ao que ele traduz de amor, tanto ao progresso moral, intelectual e social, como de decidida repulsa por todas as formas de poder absoluto, venha este de onde vier e vise o objetivo que visar. O liberalismo que pretendemos manter vivo nesta casa é portanto muito mais uma atitude. Atitude de compreensão e simpatia perante os fenômenos

sociais e as reivindicações que tendem a estabelecer na face da terra um direito que não seja a cristalização de privilégios de uma classe, seja esta qual for, mas que se inspire em um sentimento mais alto e mais amplo de justiça para todos. Em resumo: o liberalismo em que pensamos nada mais seria do que o liberalismo de Julio de Mesquita atualizado e que pugnará para que em nossa terra todos possam aspirar a um mínimo de bem estar econômico, compatível com a dignidade humana, e um máximo de desenvolvimento moral e cultural de acordo com a capacidade de cada um.³⁹³

Ao terminar essa pesquisa conclui-se que os comentários publicados na primeira fase, arma política contra o varguismo, contribuíram também para a formação de um ambiente que favoreceu a causa aliada durante a guerra ao insistir na força das democracias em detrimento da tentação totalitária, tão cara aos nossos governantes. Parte da luta político-ideológica que se travou nos anos 1930-1940, os textos permitem compreender a intensidade desses confrontos que galvanizaram vencedores e vencidos permanecendo, na memória dos últimos, até os dias atuais.

³⁹³ Discurso proferido por Julio de Mesquita Filho na ocasião que marcou a devolução do jornal aos seus antigos proprietários. IN: MESQUITA, Ruy (org). *Op. cit.*, p. 354.

ANEXOS

O ESTADO DE S. PAULO

QUARTA-FEIRA, 20 DE ABRIL DE 1938

ROOSEVELT E AS ELEIÇÕES

Dois e grandes temas dominam a política de "New Deal" e que são o problema da segurança econômica e o problema da segurança social. O primeiro é a questão da segurança econômica e o segundo é a questão da segurança social. O primeiro é a questão da segurança econômica e o segundo é a questão da segurança social.

O quarto item de uma irradiação feita por um grande jornalista de "New Deal" e editor da revista "The Nation" é a questão da segurança econômica e o segundo é a questão da segurança social.

Os temas dominam a política de "New Deal" e que são o problema da segurança econômica e o problema da segurança social. O primeiro é a questão da segurança econômica e o segundo é a questão da segurança social.

A situação europeia e a possibilidade de uma próxima guerra

PARIS, 19 (U. P.) — Uma situação europeia que se caracteriza por uma tensão constante e por uma possibilidade de uma próxima guerra.

A situação europeia é caracterizada por uma tensão constante e por uma possibilidade de uma próxima guerra. A situação europeia é caracterizada por uma tensão constante e por uma possibilidade de uma próxima guerra.

GENERAL FRANCO DECLARA QUE LUTA EM PRÓL DA PAZ NA EUROPA

General Franco declara que luta em prol da paz na Europa. O general Franco declara que luta em prol da paz na Europa.

A INTERVENÇÃO ESTRANGEIRA NA HESPAHIA

A intervenção estrangeira na Espanha. A intervenção estrangeira na Espanha. A intervenção estrangeira na Espanha.

INICIARAM-SE AS CONVERSACÕES PARA O ACCORDO FRANCO-ITALIANO

Iniciaram-se as conversações para o acordo franco-italiano. Iniciaram-se as conversações para o acordo franco-italiano.

INICIARAM-SE AS CONVERSACÕES PARA O ACCORDO FRANCO-ITALIANO

Iniciaram-se as conversações para o acordo franco-italiano. Iniciaram-se as conversações para o acordo franco-italiano.

INICIADOS OS DEBATES EM TORNO DO REARMAMENTO DOS EE. UU.

Iniciados os debates em torno do rearmamento dos EE. UU. Iniciados os debates em torno do rearmamento dos EE. UU.

ROMA, 19 (U. P.) — A Missão accion e proposta da França para abrir negociações imediatas com a Alemanha e a conquista da Espanha.

Roma, 19 (U. P.) — A Missão accion e proposta da França para abrir negociações imediatas com a Alemanha e a conquista da Espanha.

PRINCIPAIS PROBLEMAS A SEREM DISCUTIDOS

Principais problemas a serem discutidos. Principais problemas a serem discutidos.

REPORTARIO DA COMISSÃO DE MARINHA

Reportario da Comissão de Marinha. Reportario da Comissão de Marinha.

A ATITUDE DA FRANÇA

A atitude da França. A atitude da França.

OS ANTOJOS DAS NEGOCIAÇÕES

Os antojos das negociações. Os antojos das negociações.

REARMAMENTO DOS EE. UU.

Rearmamento dos EE. UU. Rearmamento dos EE. UU.

OS ANTOJOS DAS NEGOCIAÇÕES

Os antojos das negociações. Os antojos das negociações.

OS ANTOJOS DAS NEGOCIAÇÕES

Os antojos das negociações. Os antojos das negociações.

OS ANTOJOS DAS NEGOCIAÇÕES

Os antojos das negociações. Os antojos das negociações.

OS ANTOJOS DAS NEGOCIAÇÕES

Os antojos das negociações. Os antojos das negociações.

OS ANTOJOS DAS NEGOCIAÇÕES

Os antojos das negociações. Os antojos das negociações.

OS ANTOJOS DAS NEGOCIAÇÕES

Os antojos das negociações. Os antojos das negociações.

OS ANTOJOS DAS NEGOCIAÇÕES

Os antojos das negociações. Os antojos das negociações.

OS ANTOJOS DAS NEGOCIAÇÕES

Os antojos das negociações. Os antojos das negociações.

OS ANTOJOS DAS NEGOCIAÇÕES

Os antojos das negociações. Os antojos das negociações.

OS ANTOJOS DAS NEGOCIAÇÕES

Os antojos das negociações. Os antojos das negociações.

OS ANTOJOS DAS NEGOCIAÇÕES

Os antojos das negociações. Os antojos das negociações.

OS ANTOJOS DAS NEGOCIAÇÕES

Os antojos das negociações. Os antojos das negociações.

OS ANTOJOS DAS NEGOCIAÇÕES

Os antojos das negociações. Os antojos das negociações.

OS ANTOJOS DAS NEGOCIAÇÕES

Os antojos das negociações. Os antojos das negociações.

OS ANTOJOS DAS NEGOCIAÇÕES

Os antojos das negociações. Os antojos das negociações.

OS ANTOJOS DAS NEGOCIAÇÕES

Os antojos das negociações. Os antojos das negociações.

OS ANTOJOS DAS NEGOCIAÇÕES

Os antojos das negociações. Os antojos das negociações.

OS ANTOJOS DAS NEGOCIAÇÕES

Os antojos das negociações. Os antojos das negociações.

OS ANTOJOS DAS NEGOCIAÇÕES

Os antojos das negociações. Os antojos das negociações.

OS ANTOJOS DAS NEGOCIAÇÕES

Os antojos das negociações. Os antojos das negociações.

OS ANTOJOS DAS NEGOCIAÇÕES

Os antojos das negociações. Os antojos das negociações.

OS ANTOJOS DAS NEGOCIAÇÕES

Os antojos das negociações. Os antojos das negociações.

OS ANTOJOS DAS NEGOCIAÇÕES

Os antojos das negociações. Os antojos das negociações.

OS ANTOJOS DAS NEGOCIAÇÕES

Os antojos das negociações. Os antojos das negociações.

OS ANTOJOS DAS NEGOCIAÇÕES

Os antojos das negociações. Os antojos das negociações.

OS ANTOJOS DAS NEGOCIAÇÕES

Os antojos das negociações. Os antojos das negociações.

OS ANTOJOS DAS NEGOCIAÇÕES

Os antojos das negociações. Os antojos das negociações.

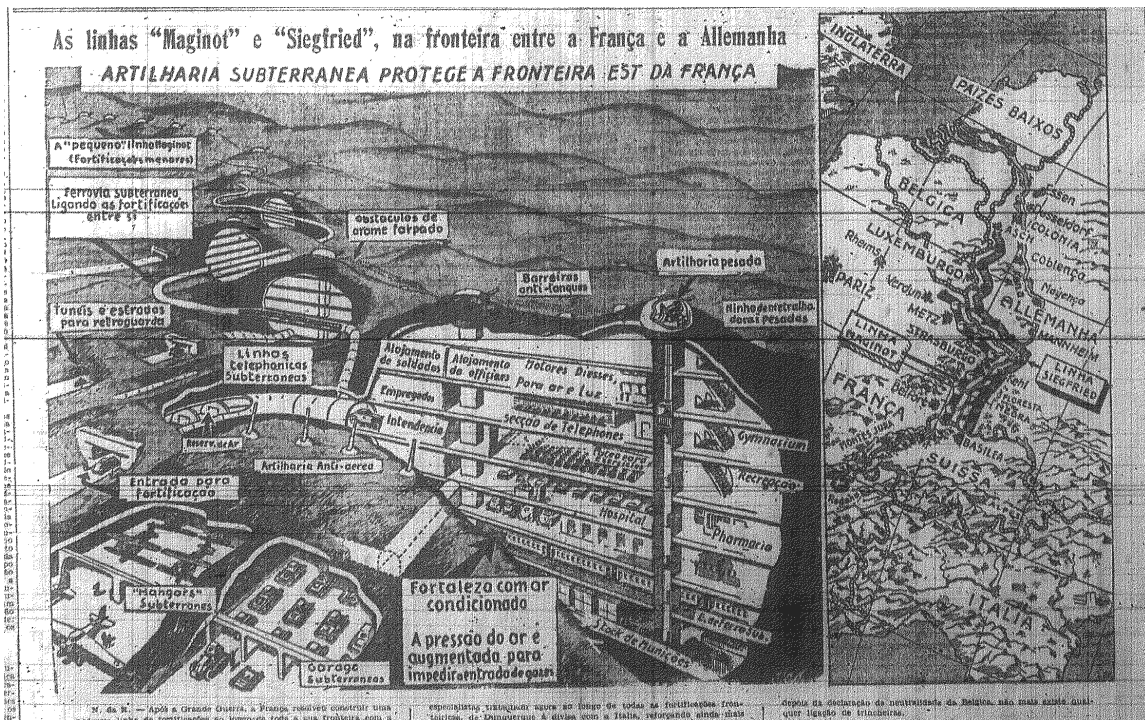


Figura 2: O Estado de S. Paulo, 12 out. 1938, p. 02. O símbolo maior da crença no poder defensivo francês: a Linha Maginot.

O ESTADO DE S. PAULO

DIRECTOR: LEO VAZ

JULIO MESQUITA (Director: 1891-1927)

REDACTOR-CHEFE: PLÍNIO BARRETO

ANNO LXV

SEXTA-FEIRA, 10 DE NOVEMBRO DE 1939

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA BOA VISTA, 150, 13.º ANDAR, SÃO PAULO, SP.

NUM. 21.51

O ATENTADO DE MUNICH IMPRESSIONA VIVAMENTE A NAÇÃO ALEMÃ

Teria sido conduzido por um porto albanês, o navio francês "Otoka" — O "City of Flint" recebeu ordens para regressar aos Estados Unidos

DECLARAÇÕES DO COMANDANTE GAINARD

LONDRES, 9 (Hoier) — Agência francesa. — O comandante G. Gainard, do navio francês "Otoka", declarou hoje que o navio não foi atacado por um submarino alemão, como se acreditava até agora. O navio foi atacado por um submarino francês, o "Otoka", que se dirigia para os Estados Unidos.

NAVIOS FRANCESES PERDIDOS POR UM SUBMARINO

LONDRES, 9 (Hoier) — Agência francesa. — O navio francês "Otoka" foi atacado por um submarino francês, o "Otoka", que se dirigia para os Estados Unidos. O navio foi atacado por um submarino francês, o "Otoka", que se dirigia para os Estados Unidos.

SEBASTIÃO SÓO ENVIADO PARA A PÁTRIA ALIADA

LONDRES, 9 (Hoier) — Agência francesa. — Sebastião Sôo, o primeiro-ministro português, foi enviado para a pátria aliada.

RECEBERIA O SUBMARINO "Otoka"

LONDRES, 9 (Hoier) — Agência francesa. — O navio francês "Otoka" recebeu ordens para regressar aos Estados Unidos.

CARREIRA DO SUBMARINO "Otoka"

LONDRES, 9 (Hoier) — Agência francesa. — A carreira do submarino "Otoka" foi revelada.

Preso sob palavra o ex-kronprinz Guithelme

PRONTEIRA ALEMÃ, 9 (Hoier) — Agência alemã. — O ex-kronprinz Guithelme foi preso sob palavra.

Sessão solene de reabertura da Universidade de Paris

PARIS, 9 (Hoier) — Agência francesa. — A sessão solene de reabertura da Universidade de Paris foi realizada.

Atentado contra Hitler

O atentado contra Hitler foi realizado em Berlim.

BERLIN, 9 (Via Bruxelles)

— (Hoier) — Agência francesa. — O atentado contra Hitler foi realizado em Berlim.

FELICITAÇÕES RECEBIDAS PELO SR. HITLER

Berlim, 9 (Hoier) — Agência alemã. — O Sr. Hitler recebeu muitas felicitações.

REPRUDERAM AS ATIVIDADES MILITARES NA FRENTE OCCIDENTAL

Combates extremamente violentos na frente de honre. Luta a grandes. Os franceses repuliram os alemães.

QUEDA DE UM AVIÃO ALEMÃO DE BOMBARD

PARIS, 9 (Hoier) — Agência francesa. — Um avião alemão de bombardeio caiu na França.

COMUNICAÇÃO OFFICIAL

PARIS, 9 (Hoier) — Agência francesa. — Comunicação oficial do governo francês.

CHANCELIER REPERTEU NA FRENTE

BERLIN, 9 (Hoier) — Agência alemã. — O chanceler Hitler reperteu na frente.

RECEBERIA O SUBMARINO "Otoka"

LONDRES, 9 (Hoier) — Agência francesa. — O navio francês "Otoka" recebeu ordens para regressar aos Estados Unidos.

RECEBERIA O SUBMARINO "Otoka"

LONDRES, 9 (Hoier) — Agência francesa. — O navio francês "Otoka" recebeu ordens para regressar aos Estados Unidos.

RECEBERIA O SUBMARINO "Otoka"

LONDRES, 9 (Hoier) — Agência francesa. — O navio francês "Otoka" recebeu ordens para regressar aos Estados Unidos.

RECEBERIA O SUBMARINO "Otoka"

LONDRES, 9 (Hoier) — Agência francesa. — O navio francês "Otoka" recebeu ordens para regressar aos Estados Unidos.

RECEBERIA O SUBMARINO "Otoka"

LONDRES, 9 (Hoier) — Agência francesa. — O navio francês "Otoka" recebeu ordens para regressar aos Estados Unidos.

RECEBERIA O SUBMARINO "Otoka"

LONDRES, 9 (Hoier) — Agência francesa. — O navio francês "Otoka" recebeu ordens para regressar aos Estados Unidos.

RECEBERIA O SUBMARINO "Otoka"

LONDRES, 9 (Hoier) — Agência francesa. — O navio francês "Otoka" recebeu ordens para regressar aos Estados Unidos.

RECEBERIA O SUBMARINO "Otoka"

LONDRES, 9 (Hoier) — Agência francesa. — O navio francês "Otoka" recebeu ordens para regressar aos Estados Unidos.

RECEBERIA O SUBMARINO "Otoka"

LONDRES, 9 (Hoier) — Agência francesa. — O navio francês "Otoka" recebeu ordens para regressar aos Estados Unidos.

A imprensa de Berlim accusa os estrangeiros do "Reich"

— Computado em 9 mortos e 63 feridos o numero de vítimas — Efectuadas numerosas prisões — Fracos os primeiros resultados do inquerito — Prevista a expropriação do chefe da "Gestapo" — "A primeira bomba em contra a ditadura alemã" — Immensa repercussão nos EE. UU.

FELICITAÇÕES RECEBIDAS PELO SR. HITLER

Berlim, 9 (Hoier) — Agência alemã. — O Sr. Hitler recebeu muitas felicitações.

REPRUDERAM AS ATIVIDADES MILITARES NA FRENTE OCCIDENTAL

Combates extremamente violentos na frente de honre. Luta a grandes. Os franceses repuliram os alemães.

QUEDA DE UM AVIÃO ALEMÃO DE BOMBARD

PARIS, 9 (Hoier) — Agência francesa. — Um avião alemão de bombardeio caiu na França.

COMUNICAÇÃO OFFICIAL

PARIS, 9 (Hoier) — Agência francesa. — Comunicação oficial do governo francês.

CHANCELIER REPERTEU NA FRENTE

BERLIN, 9 (Hoier) — Agência alemã. — O chanceler Hitler reperteu na frente.

RECEBERIA O SUBMARINO "Otoka"

LONDRES, 9 (Hoier) — Agência francesa. — O navio francês "Otoka" recebeu ordens para regressar aos Estados Unidos.

RECEBERIA O SUBMARINO "Otoka"

LONDRES, 9 (Hoier) — Agência francesa. — O navio francês "Otoka" recebeu ordens para regressar aos Estados Unidos.

RECEBERIA O SUBMARINO "Otoka"

LONDRES, 9 (Hoier) — Agência francesa. — O navio francês "Otoka" recebeu ordens para regressar aos Estados Unidos.

RECEBERIA O SUBMARINO "Otoka"

LONDRES, 9 (Hoier) — Agência francesa. — O navio francês "Otoka" recebeu ordens para regressar aos Estados Unidos.

RECEBERIA O SUBMARINO "Otoka"

LONDRES, 9 (Hoier) — Agência francesa. — O navio francês "Otoka" recebeu ordens para regressar aos Estados Unidos.

RECEBERIA O SUBMARINO "Otoka"

LONDRES, 9 (Hoier) — Agência francesa. — O navio francês "Otoka" recebeu ordens para regressar aos Estados Unidos.

RECEBERIA O SUBMARINO "Otoka"

LONDRES, 9 (Hoier) — Agência francesa. — O navio francês "Otoka" recebeu ordens para regressar aos Estados Unidos.

RECEBERIA O SUBMARINO "Otoka"

LONDRES, 9 (Hoier) — Agência francesa. — O navio francês "Otoka" recebeu ordens para regressar aos Estados Unidos.

RECEBERIA O SUBMARINO "Otoka"

LONDRES, 9 (Hoier) — Agência francesa. — O navio francês "Otoka" recebeu ordens para regressar aos Estados Unidos.

REPRUDERAM AS ATIVIDADES MILITARES NA FRENTE OCCIDENTAL

Combates extremamente violentos na frente de honre. Luta a grandes. Os franceses repuliram os alemães.

QUEDA DE UM AVIÃO ALEMÃO DE BOMBARD

PARIS, 9 (Hoier) — Agência francesa. — Um avião alemão de bombardeio caiu na França.

COMUNICAÇÃO OFFICIAL

PARIS, 9 (Hoier) — Agência francesa. — Comunicação oficial do governo francês.

CHANCELIER REPERTEU NA FRENTE

BERLIN, 9 (Hoier) — Agência alemã. — O chanceler Hitler reperteu na frente.

RECEBERIA O SUBMARINO "Otoka"

LONDRES, 9 (Hoier) — Agência francesa. — O navio francês "Otoka" recebeu ordens para regressar aos Estados Unidos.

RECEBERIA O SUBMARINO "Otoka"

LONDRES, 9 (Hoier) — Agência francesa. — O navio francês "Otoka" recebeu ordens para regressar aos Estados Unidos.

RECEBERIA O SUBMARINO "Otoka"

LONDRES, 9 (Hoier) — Agência francesa. — O navio francês "Otoka" recebeu ordens para regressar aos Estados Unidos.

RECEBERIA O SUBMARINO "Otoka"

LONDRES, 9 (Hoier) — Agência francesa. — O navio francês "Otoka" recebeu ordens para regressar aos Estados Unidos.

RECEBERIA O SUBMARINO "Otoka"

LONDRES, 9 (Hoier) — Agência francesa. — O navio francês "Otoka" recebeu ordens para regressar aos Estados Unidos.

RECEBERIA O SUBMARINO "Otoka"

LONDRES, 9 (Hoier) — Agência francesa. — O navio francês "Otoka" recebeu ordens para regressar aos Estados Unidos.

RECEBERIA O SUBMARINO "Otoka"

LONDRES, 9 (Hoier) — Agência francesa. — O navio francês "Otoka" recebeu ordens para regressar aos Estados Unidos.

RECEBERIA O SUBMARINO "Otoka"

LONDRES, 9 (Hoier) — Agência francesa. — O navio francês "Otoka" recebeu ordens para regressar aos Estados Unidos.

RECEBERIA O SUBMARINO "Otoka"

LONDRES, 9 (Hoier) — Agência francesa. — O navio francês "Otoka" recebeu ordens para regressar aos Estados Unidos.

RECEBERIA O SUBMARINO "Otoka"

LONDRES, 9 (Hoier) — Agência francesa. — O navio francês "Otoka" recebeu ordens para regressar aos Estados Unidos.

RECEBERIA O SUBMARINO "Otoka"

LONDRES, 9 (Hoier) — Agência francesa. — O navio francês "Otoka" recebeu ordens para regressar aos Estados Unidos.

RECEBERIA O SUBMARINO "Otoka"

LONDRES, 9 (Hoier) — Agência francesa. — O navio francês "Otoka" recebeu ordens para regressar aos Estados Unidos.

RECEBERIA O SUBMARINO "Otoka"

LONDRES, 9 (Hoier) — Agência francesa. — O navio francês "Otoka" recebeu ordens para regressar aos Estados Unidos.

RECEBERIA O SUBMARINO "Otoka"

LONDRES, 9 (Hoier) — Agência francesa. — O navio francês "Otoka" recebeu ordens para regressar aos Estados Unidos.

Figura 3: O Estado de S. Paulo, 10 nov. 1939, p. 01. Apesar de inserido na parte inferior da página, mantém-se a centralização do quadro.

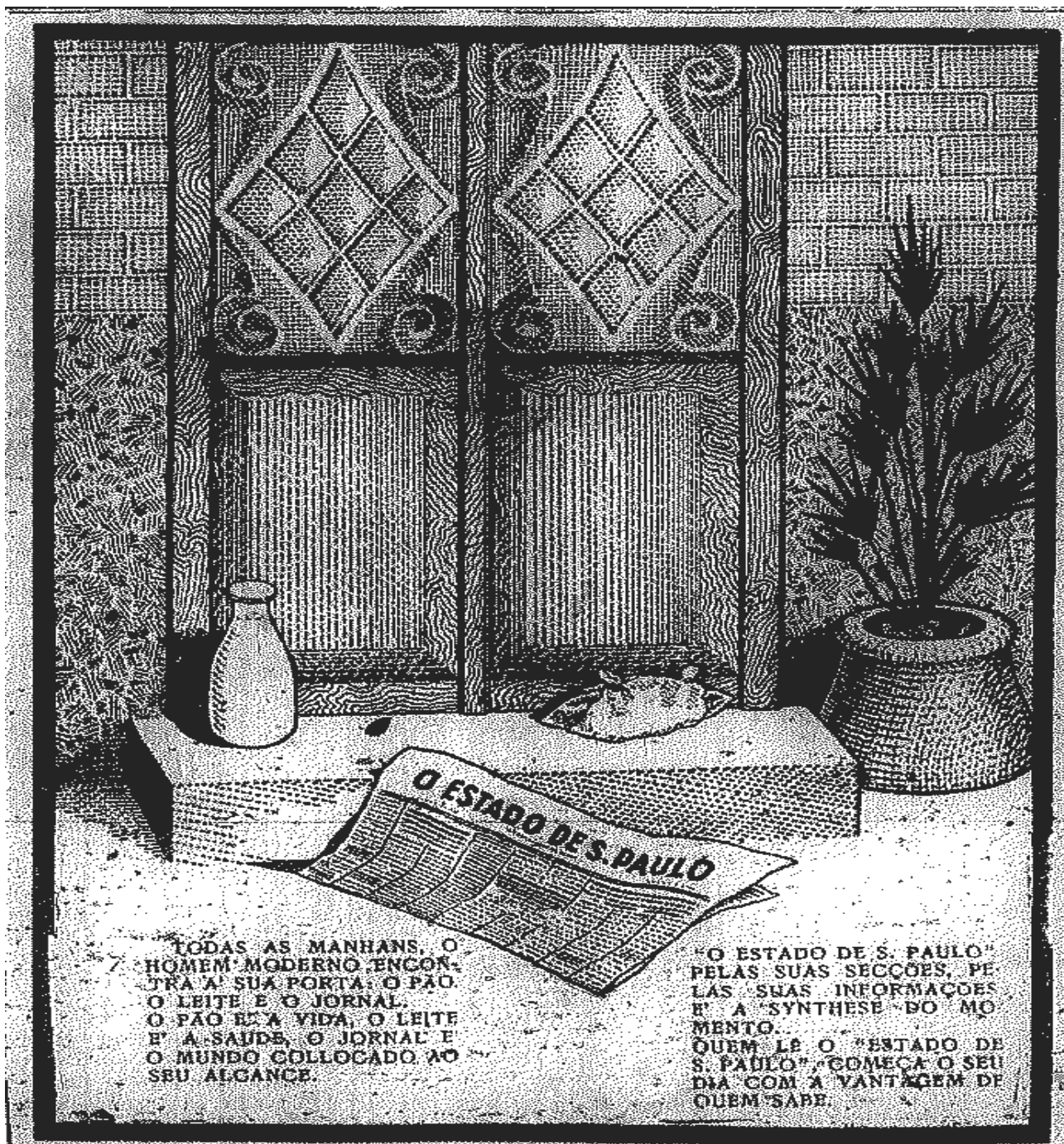


Figura 04: *O Estado de S. Paulo*, 25 dez. 1941, p. 01. No texto, inserido na imagem, nota-se a referência à “síntese” que o periódico realizava para o leitor.

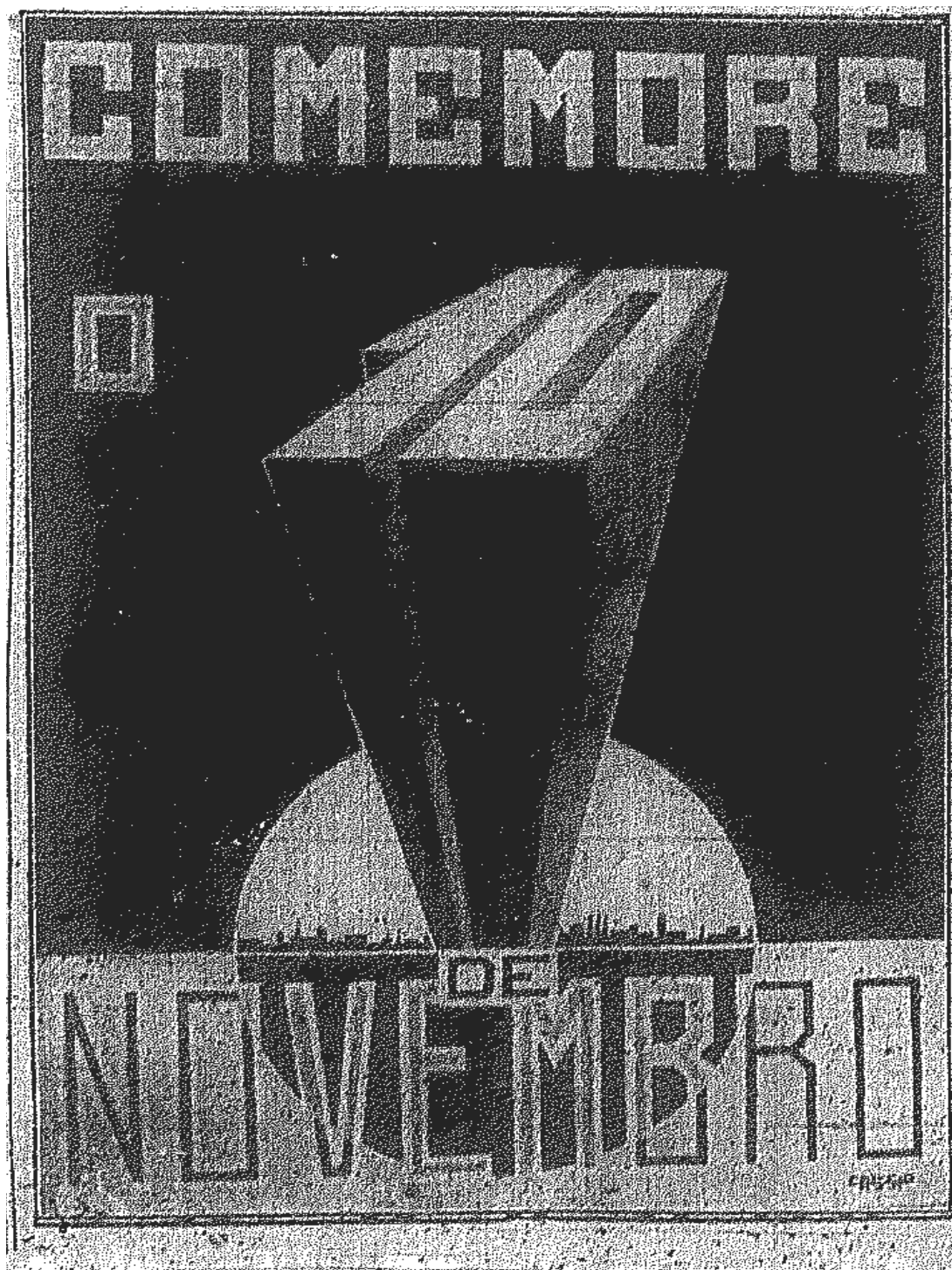


Figura 05: *O Estado de São Paulo*, 09 nov. 1941, p. 01. Em flagrante tensão com os comentários e com a história recente do jornal, a figura conclamava os leitores a comemorarem o aniversário do Estado Novo.

O primeiro fuzileiro de que algo se previu foi o som das sirenas. Inesperadamente se anunciou que, a bordo do navio, havia sido lançado o ataque. A maior parte dos habitantes da cidade, que a princípio acreditavam tratar-se de um alarme falso, não tardou em conhecer a verdade.

De ora em diante, será obrigatória a vigilância contra os incêndios e se tomarem medidas sobre "black-out" forçado durante a noite.

A catástrofe hoje pelas japonesas, mas não antes de ter dado a conhecer a situação ao comandante da base, o capitão japonês, o capitão Burd, depois de violento bombardeio através do rio Hawaigiro, e as 7 horas e 20 os aviões japoneses lançaram sobre a concessão britânica com a proclamação das forças terrestres e navais japonesas, a qual anunciavam a declaração de guerra entre o Japão, os Estados Unidos e a Grã Bretanha.

Mais ao sul, na costa chinesa, a base naval e aérea britânica de Hongkong foi atacada pelas japonesas, por terra, mar e ar. Avançaram a fronteira pelo menos uma divisão, as quais trespassaram com uma valente resistência por parte das tropas canadenses e britânicas.

Aviões japoneses procedentes das bases próximas do continente efetuaram dois ataques sucessivos ao meio, e a seguir lançaram uma chuva de bombas sobre Hongkong, especialmente na direção do centro da cidade. Anunciaram que até agora o inimigo foi derrotado em todos os ataques.

Os propósitos japoneses, de apoderar-se desde os primeiros momentos das rotas aéreas naturais que necessitam para poder continuar a guerra com esperança de êxito, foi

(Continua na 2.ª página)

Solidariedade do Brasil aos Estados Unidos

RIO, 8 ("Estado", via Vasp) — Comunica-nos o DIP:

"Depois da reunião ministerial que o Presidente da República promoveu, na manhã de hoje, no Palácio Guanabara, a Secretaria da Presidência forneceu a seguinte nota:

"O Presidente da República reuniu hoje o Ministério para examinar a situação internacional à vista dos últimos acontecimentos, ficando resolvido, por unanimidade, declarar solidariedade aos Estados Unidos, coerentes com os nossos compromissos continentais. O Governo confia que o povo brasileiro, fiel às suas tradições políticas, se mantenha sereno e vigilante, evitando demonstrações que possam perturbar a tranquilidade necessária ao trabalho e à vida do país".

documento mais recente de tal ordem, (informas, adições) e, etc. em como algum julgar que quer sereno do mundo, base casus de pronunciadas.

A INICIATIVA DAS HOSTILIDADES

WASHINGTON, 8 (U.) — Os japoneses tomaram na madrugada de domingo a iniciativa de bombardear o porto de Pearl Harbor, no Havaí.

O presidente Roosevelt compareceu pessoalmente ao ataque, dizendo que foram atacados todos os estabelecimentos militares norte-americanos do Oahu, na base de Pearl Harbor.

A nota da Casa Branca foi lida para os jornalistas na capital e o secretário do presidente Roosevelt, anunciou a seguinte situação.

Assim que a consciência de que, quando eram divulgadas as notícias acerca do ataque, o enviado japonês, o senhor Oshima, ministro do Japão, afirmou ao secretário de Estado, em discursos, as palavras com o sr. Cordell Hull.

Foi mais tarde anunciado oficialmente terem havido 184 mortos e um ferido entre as forças do exército, somente na ilha de Oahu, como resultado do bombardeio japonês, que foi o primeiro ataque de guerra tipo-americano.

DECRETADA A MOBILIZAÇÃO GERAL NOS E.U.

WASHINGTON, 8 (U.) — O Departamento de Guerra ordenou a mobilização geral dos Estados Unidos.

Perigo para o Havaí, o ataque foi lançado por um torpedeiro japonês que se dirigia para o porto de Pearl Harbor. A Legação de Honolulu.

Os observadores que se encontravam em Pearl Harbor, de onde se contava o progresso do Pearl Harbor, dizem que muitos dos aviões atacantes foram destruídos pelas baterias antiaéreas rapidamente por meio de fogo e por violentas explosões de canhões. Foram os primeiros ataques de aviação lançados contra o Havaí.

As explosões das bombas foram seguidas por incêndios que se espalharam rapidamente de Pearl Harbor e grandes níveis de fumaça se elevaram dos edifícios e do campo de aviação.

INCÊNDIOS EM HONOLULU

HONOLULU, 8 (U.) — Devido ao bombardeio aéreo desferido pelas japonesas, irromperam no centro da cidade diversos incêndios, que foram imediatamente apagados.

O governo declarou o estado de emergência e pediu a todos imediatamente postos em execução as medidas de defesa necessárias.

Entre os mortos, um correspondente dos serviços aéreos, encontraram-se dois japoneses.

De acordo com o correspondente do "U. S. G.", em Honolulu, 230 homens foram mortos, atingidos diretamente pelo ataque japonês.

Acrescenta ainda o correspondente que o navio americano "Oklahoma" foi atacado em Pearl Harbor, pela aviação japonesa.

NÚMEROSOS AVIÕES JAPONESES ATACADOS EM HAWAII

HONOLULU, 8 (U.) — O correspondente do "National Broadcast Corporation" nesta cidade forneceu os seguintes detalhes do

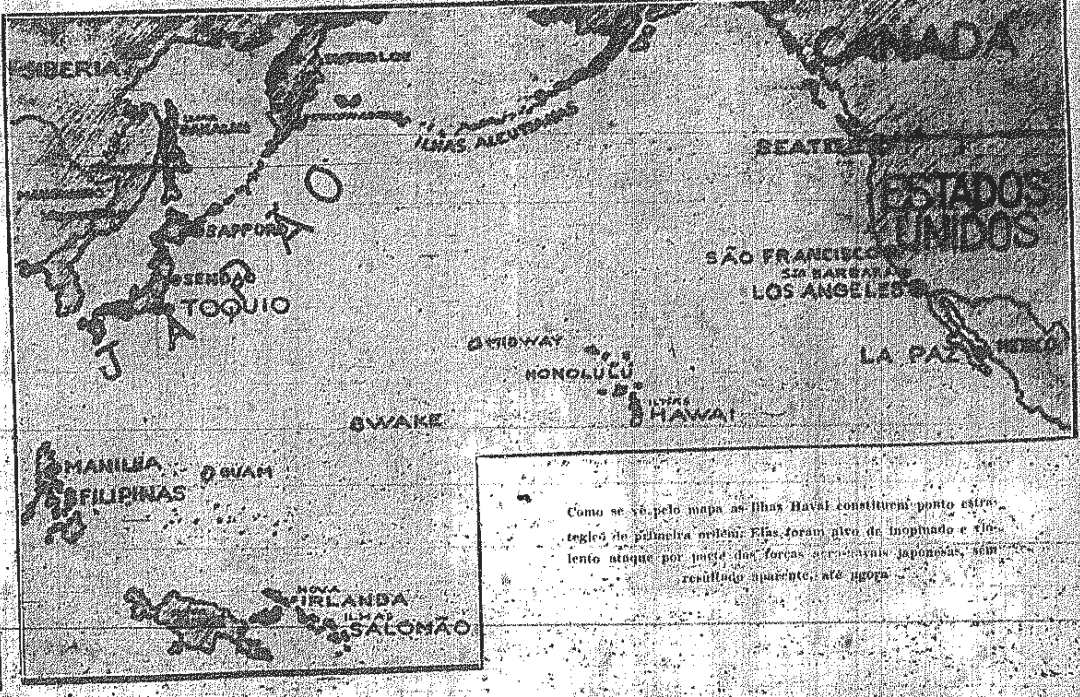
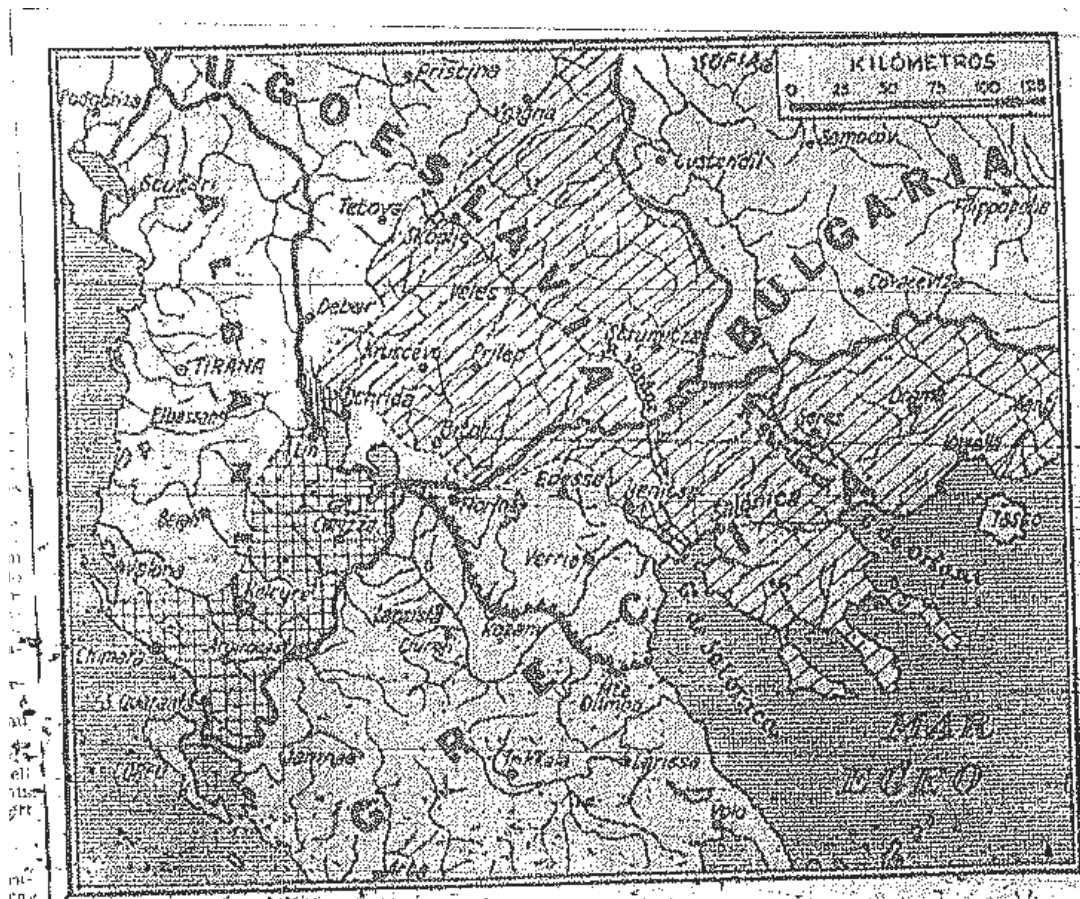


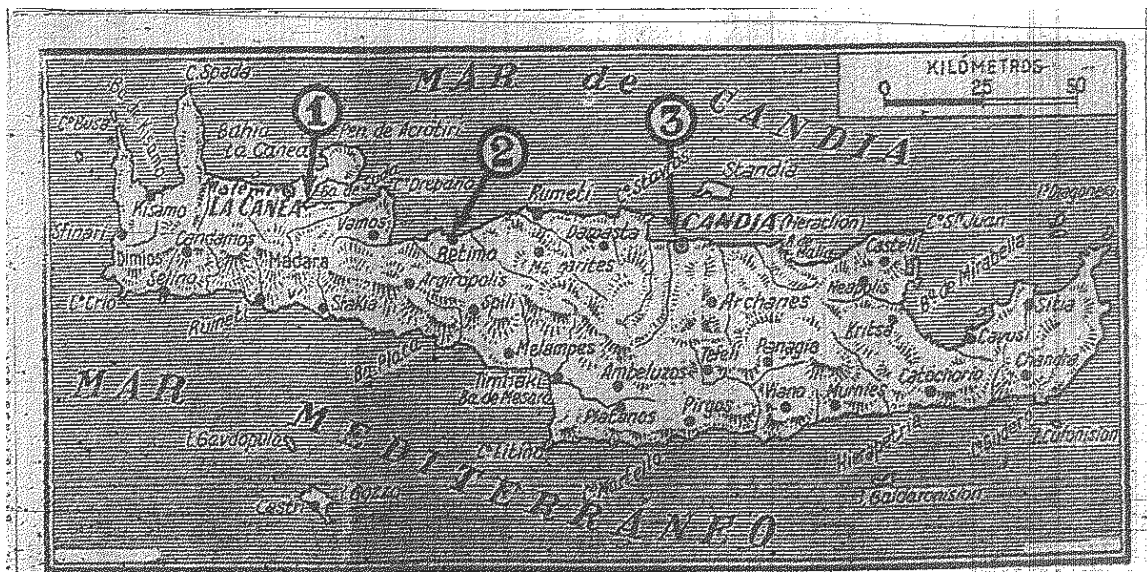
Figura 06: O Estado de S. Paulo, 09 dez. 1941. A legenda diz, "Como se vê pelo mapa as Ilhas Havaí constituem ponto estratégico de primeira ordem. Elas foram alvo de inopinado e violento ataque por parte das forças aeronavais japonesas, sem resultado aparente até agora". Acima, observa-se uma nota do DIP acerca da declaração de solidariedade do governo brasileiro aos Estados Unidos.



A disposição provável das forças beligerantes na frente balcânica. As linhas inclinadas correspondem ao avanço alemão. As verticais mostram as posições italianas. A zona quadriculada onde se acham os gregos na Albânia. O contato anglo-germano está assinalado pela que vai de Florina ao golfo de Salônica.

na m
"Rog
não p
ção de
seja. n
as ni
suas i
gítim
a De
Nos
dever
riednc
da te
c-mar
alta
iguac
quen
"Rei
que-
povei
"G
vos
trini
terri
O
depa
segi
tudi
trat
gurt
sus
pod
rebr
"E
tom
civ
e-l
er'n
lavi
nos
glt
"F
co-
obi
n
ao
abu
de
né
re
a
est
em
m
fu

Figura 07: *O Estado de S. Paulo*, 15 abr. 1941, p. 16. Na legenda se lê: "A disposição provável das forças beligerantes na frente balcânica. As linhas inclinadas correspondem ao avanço alemão. As verticais mostram as posições italianas. A zona quadriculada onde se acham os gregos na Albânia. O contato anglo-germano está assinalado pela que vai de Florina ao golfo de Salônica".



ILHA DE Creta. — No mappa estão assinalados os pontos de concentração d os paraquedistas alemães ao atacarem a ilha, onde conseguiram oferecer resistência ás forças defensoras. De Candia (3), Rethimo (2) e dos arredores d o Canea (1), os invasores foram, segundo os últimos telegrammas, destruídos dos após renhidos combates. Permanecem apenas em Malemi, a oeste do Canea.

Figura 08: O Estado de S. Paulo, 24 maio 1941, p. 14. A Ilha de Creta, cenário do embate entre ingleses e alemães.

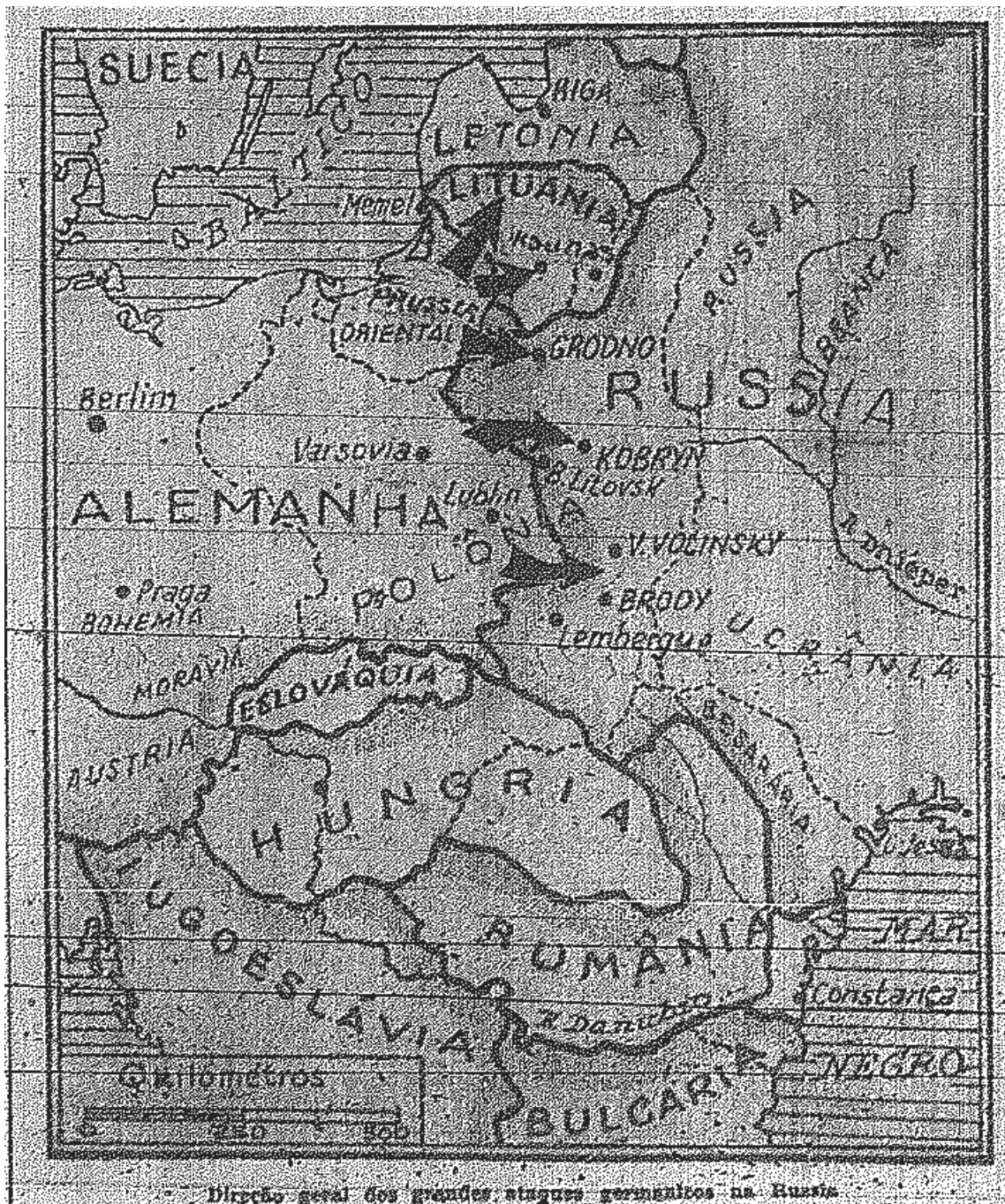


Figura 09: O Estado de S. Paulo, 28 jun. 1941, p. 01. A Operação Barbarossa. Na legenda, encontra-se: “Direção geral dos grandes ataques germânicos na Rússia”.

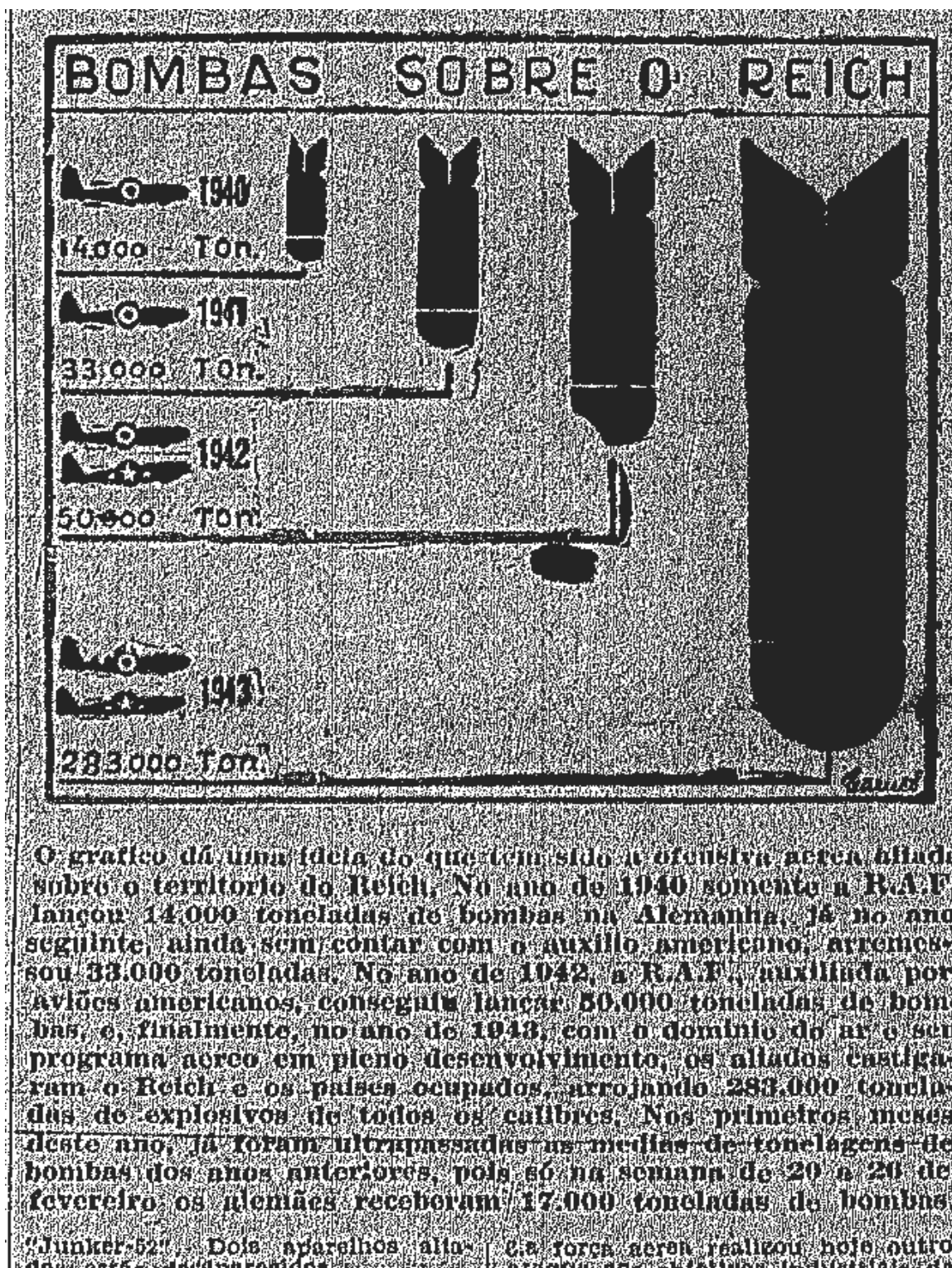


Figura 10: O Estado de S. Paulo, 10 mar. 1944, p. 01.



Figura 11: O Estado de S. Paulo, 01 abr. 1944, p. 16. O Brasil na guerra.

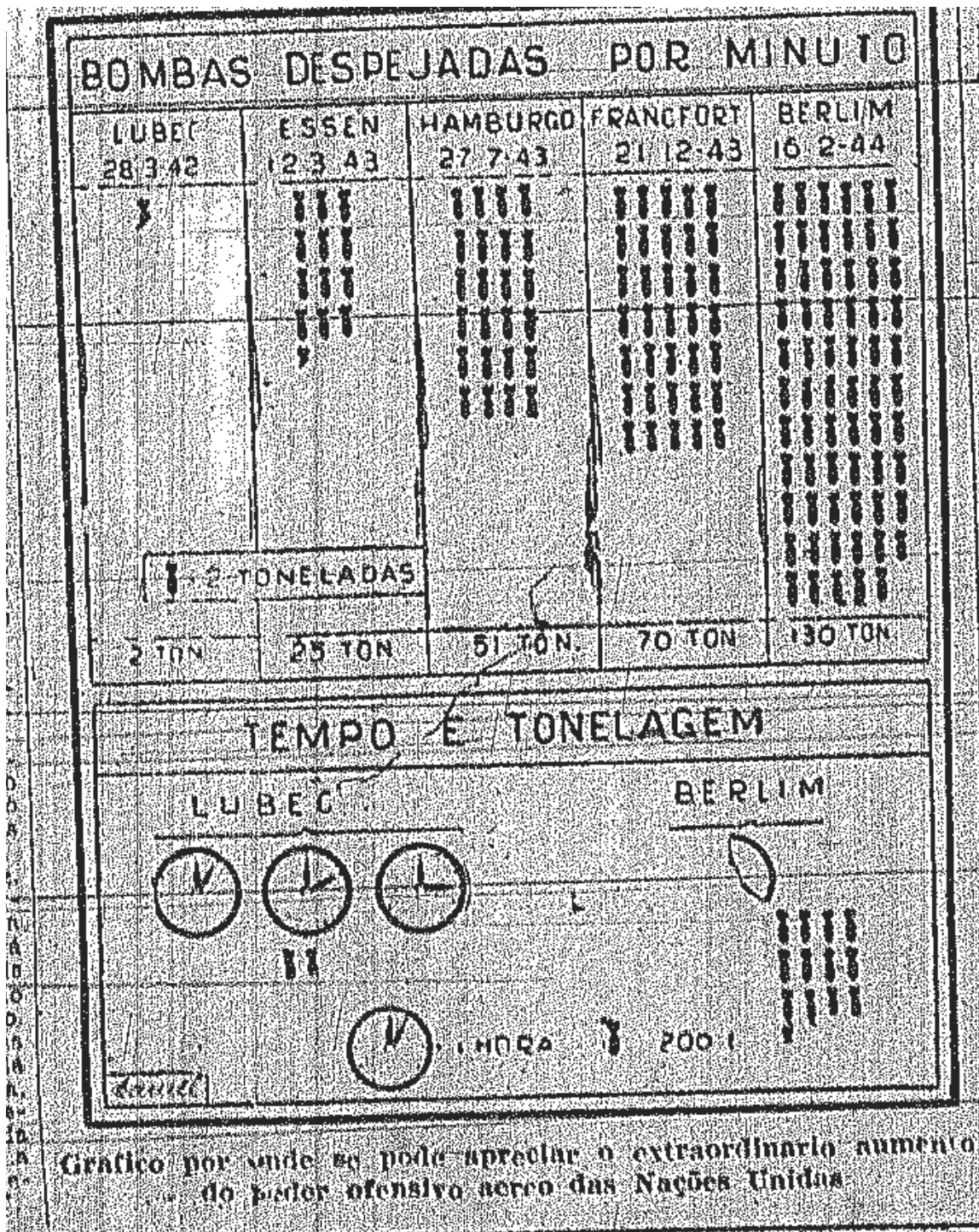


Figura 12: O Estado de S. Paulo, 14 abr. 1944, p. 02.



Figura 13: O Estado de S. Paulo, 13 abr. 1944, p. 01. Cerco aos alemães na Criméia.

A DIREÇÃO DO DEIP DE SÃO PAULO

Comentada na imprensa carioca a designação do Sr. Mario Guastini para responder pelo expediente da diretoria geral daquele Departamento

RIO, 5 ("Estado" — Pelo telefone) — O "Correio da Noite" publica hoje a seguinte nota:

"Tendo o Professor Candido Motta Filho, Diretor do DEIP de S. Paulo, solicitado exoneração desse cargo, acaba de ser designado pelo Interventor Fernando Costa, o Sr. Mario Guastini, Diretor da Divisão de Imprensa, Propaganda e Radio-Difusão daquele Departamento, para responder pelo expediente da Diretoria Geral. O ato do Chefe do Executivo paulista teve os melhores aplausos nos altos círculos administrativos do País e em particular nos meios jornalísticos, onde o Sr. Mario Guastini é figura de grande projeção. Redator de "O Estado de S. Paulo" e antigo diretor do "Jornal do Comercio", o distinto confrade sempre se revelou um jornalista vibrante, com um acervo de excelentes serviços prestados a S. Paulo e ao Brasil. Chamado para exercer tão elevado posto, o Governo de S. Paulo vem de premiar, por seus justos títulos, um operoso e inteligente colaborador da atual administração bandeirante."

Figura 14: O Estado de S. Paulo, 06 maio 1944, p. 14. Mario Guastini na chefia do DEIP de São Paulo.



Figura 15: O Estado de S. Paulo, 09 maio de 1944, p. 01. Bombardeio à Alemanha.



Figura 16: O Estado de S. Paulo, 08 jun. 1944, p. 01. As primeiras operações do “Dia D”.

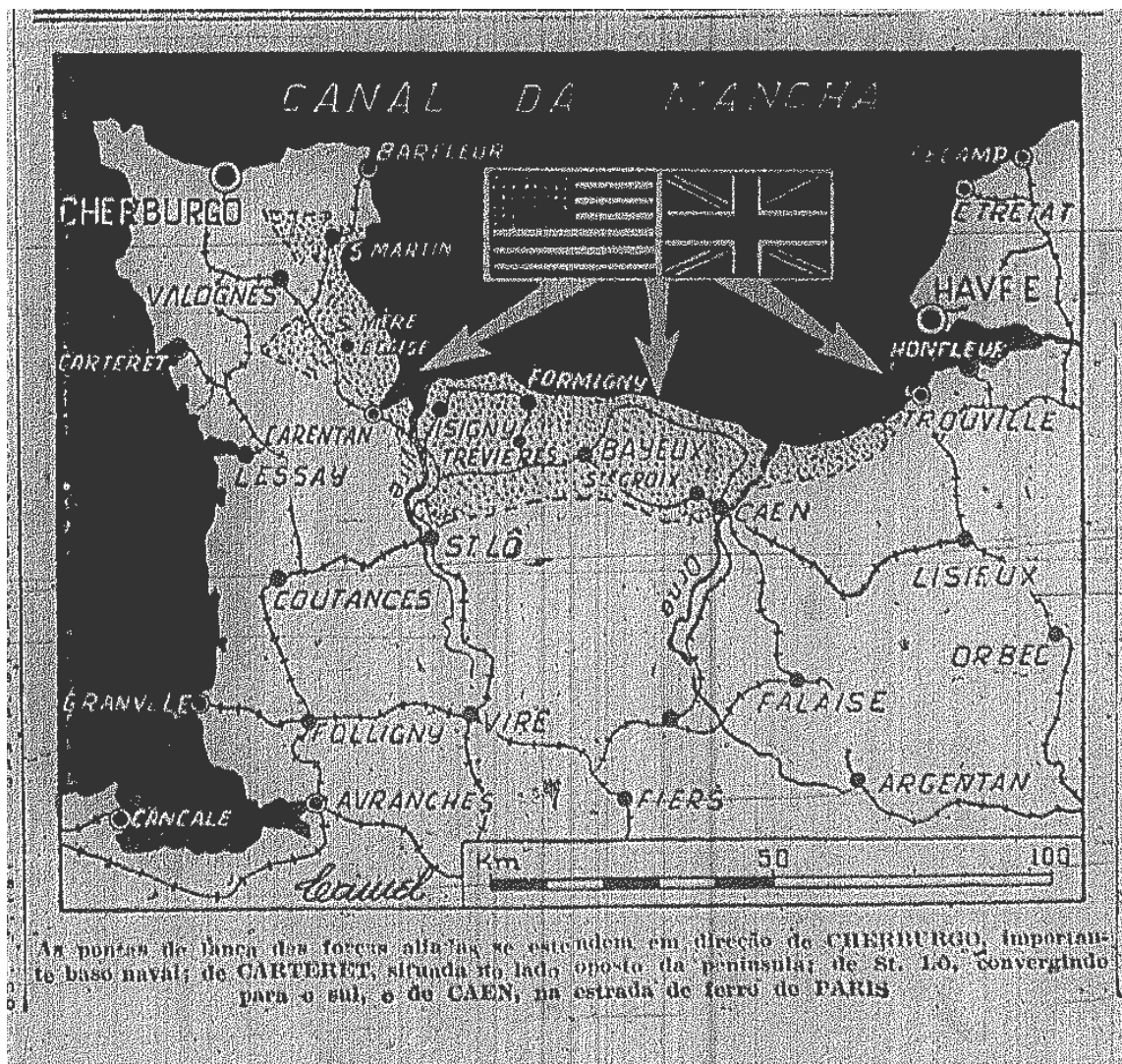


Figura 17: O Estado de S. Paulo, 11 jun. 1944, p. 01.

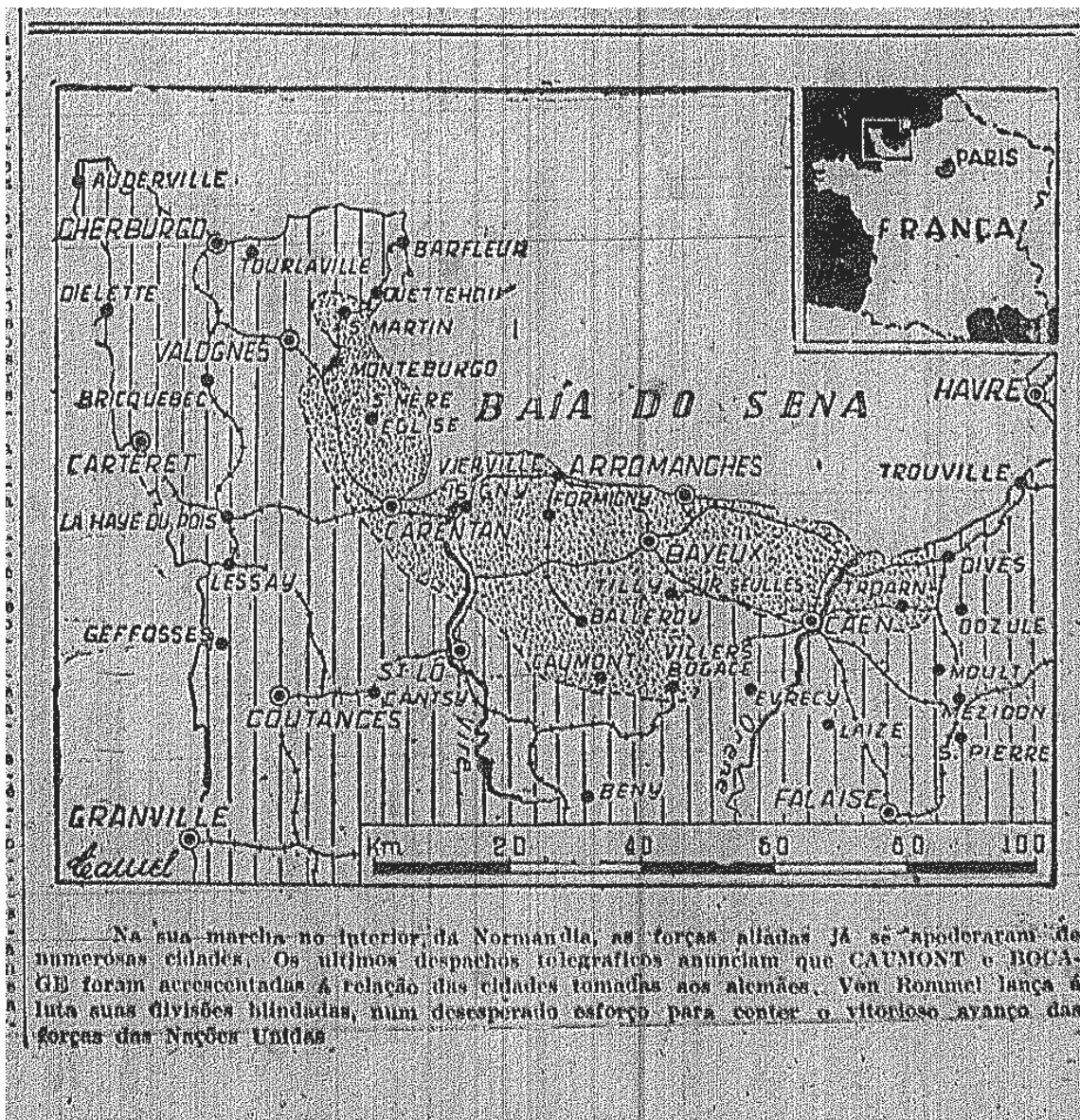


Figura 18: O Estado de S. Paulo, 15 jun. 1944, p. 01. A luta na Normandia.

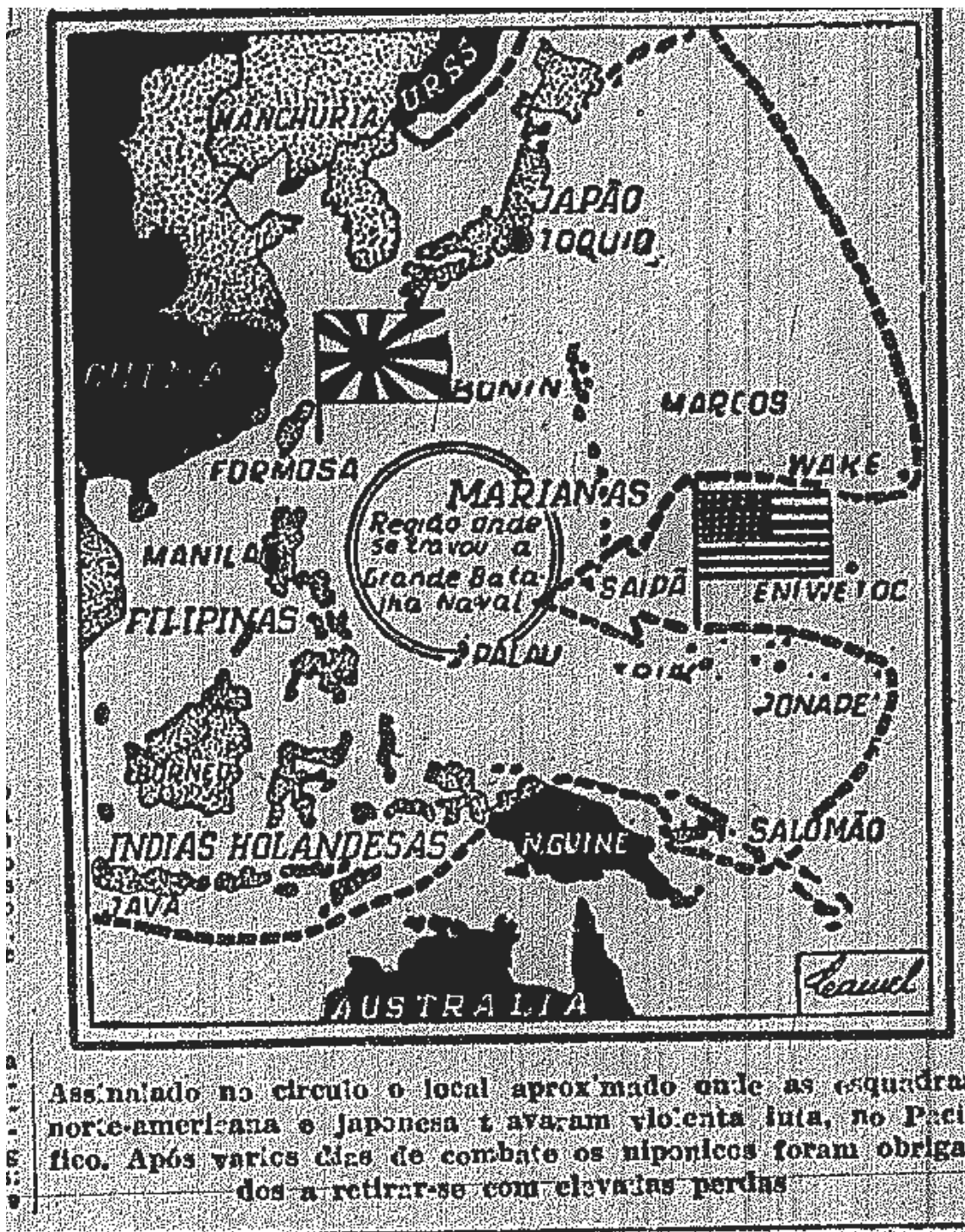


Figura 19: O Estado de S. Paulo, 28 jun. 1944, p. 02. A guerra no Oriente.



Figura 20: O Estado de S. Paulo, 25 jun. 1944, p. 01. Os símbolos aumentavam e diminuavam de tamanho indicando o vencedor na guerra que se travou no leste.

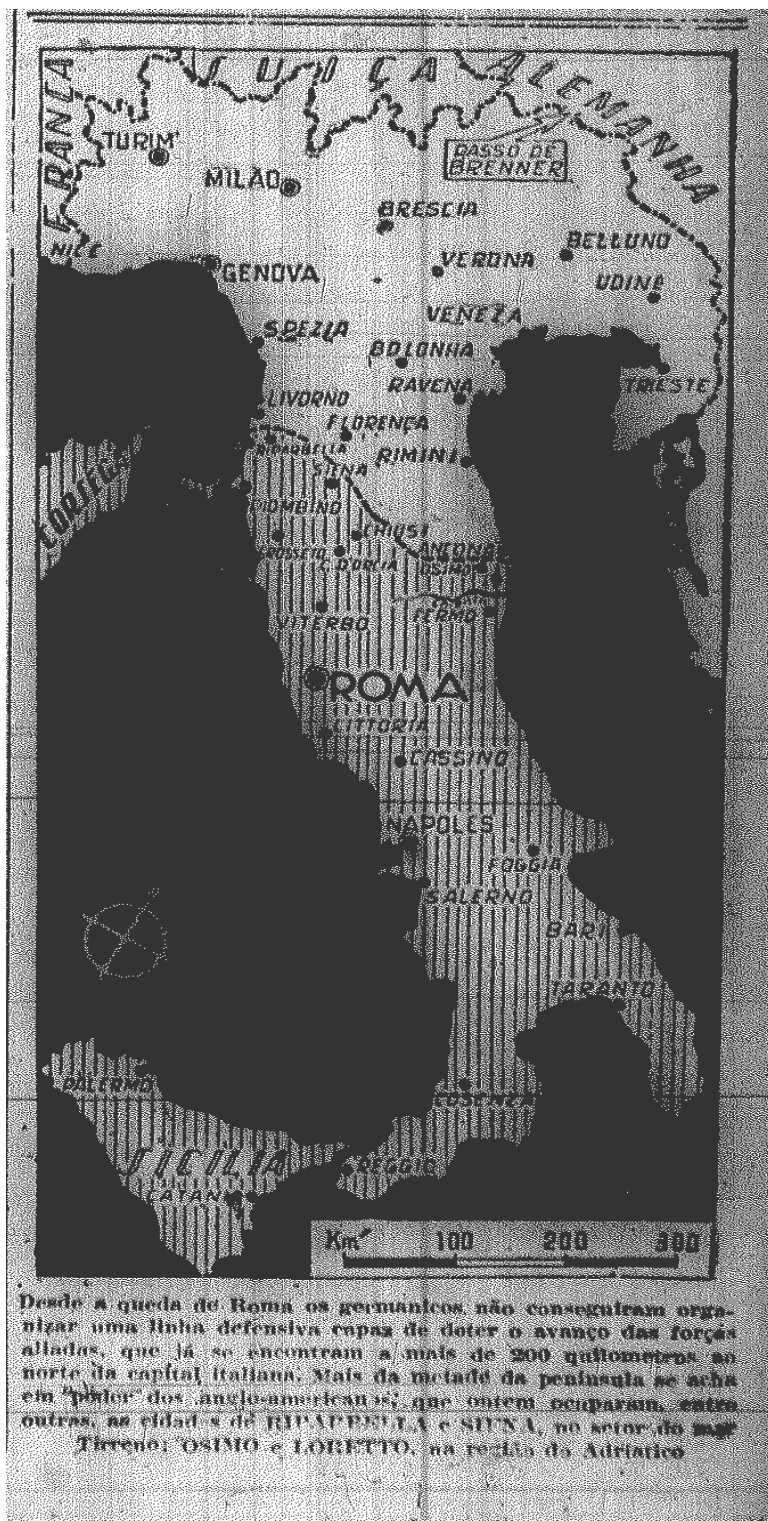


Figura 21: O Estado de S. Paulo, 04 jul. 1944, p. 01. A luta pela ocupação da Itália.

NOTÍCIAS DO RIO

UM EDITOR

RIO, 8 ("Estado" — Via Vasp)
 Quando se fizer a história literária do período que principia em 1930, chamado post-modernista, não se poderá esquecer um nome: José Olympio Pereira Filho. Sem nunca haver escrito um livro, ele se acha intimamente ligado ao movimento literário dos nomes d'at. como descobridor de valores novos, como divulgador dos nomes mais expressivos no romance, no conto, na poesia, no ensaio e nos domínios da sociologia e da história.

José Olympio desde criança acostumou-se ao ambiente das livrarias e das bibliotecas. Apurou a sua sensibilidade artística, nas convivências diárias com os homens de letras de São Paulo.

Em 1934, fundou no Rio a sua editora. Alguns capitais, uma larga experiência, grande cose de audácia, espirito de aventura se constituiram em fatores de uma vitória rápida e segura.

Depois da tentativa corajosa de Monteiro Lobato que, infelizmente, não encontrou clima propício, a ação de José Olympio iria abrir novos rumos à industria editorial no Brasil. E', sem lisonja, um autentico bandeirante. Seu exemplo fructificou. Atualmente, numerosas casas editoras trabalham intensamente e se multiplicam em empreendimentos de largo alcance cultural.

José Olympio, hoje como ontem, continua na vanguarda, estimulando vocações, apresentando nomes desconhecidos que, de pronto, se firmam no conceito da critica e do publico leitor.

Desnecessario salientar quanto devem as nossas letras ao seu trabalho fecundo e intelligente. Ba-

ta lembrar alguns nomes de romancistas, poetas e ensaistas — os mais expressivos da nossa literatura — que tiveram suas obras divulgadas pela sua Editora.

José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Amado Fontes, Lucio Cardoso, Octavio de Faria, José Americo de Almeida, Raquel de Queiroz, Lucia Miguel Pereira, Dinah Silveira de Queiroz, Dionello Machado e muitos outros romancistas se tornaram conhecidos através das edções de José Olympio.

O que aconteceu no setor do romance, iria se repetir na poesia, no conto, no ensaio. Lançando nomes novos ou consagrados, sem nenhuma preocupação de escola, atento somente à substancia artistica, José Olympio conseguiu congregor numeroso grupo de escritores dos mais representativos que possuímos no momento.

Em dez anos, sua casa nos deu 750 edções.

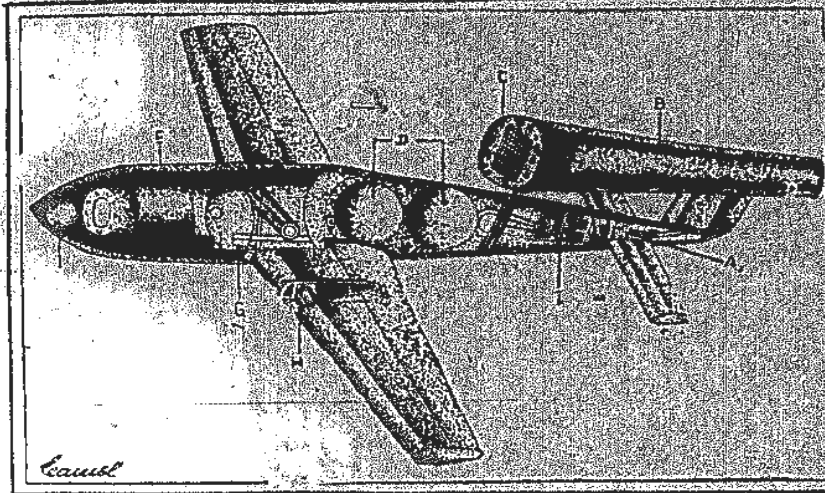
Deixando de parte as obras de divulgação, incluem-se nessa numero o que existe de mais importante surgido de 1934 até hoje.

Entre outras, torna-se necessario lembrar uma coleção — a "Documentos Brasileiros" — indice seguro do sentido cultural que José Olympio soube imprimir à industria do livro.

Depois de dez anos de intensa atividade, o editor bandeirante não descança sobre os louros colhidos. Amplia sempre o ambito dos seus empreendimentos. Deadobra-se em iniciativas novas. Por tudo isso, sem nunca haver escrito um livro, (não por lhe faltar dotes de cultura e sensibilidade artistica) José Olympio terá o seu nome ligado à historia de um dos mais movimentados periodos da nossa renovação literaria. — G. I. L.

Figura 22: O Estado de S. Paulo, 09 jul. 1944, p. 32. José Olympio assume a figura de "um legitimo bandeirante" no jornal publicado no nove de julho, inserido na página 32!

BOMBAS VOADORAS



A — Mecanismo de operações do leme e estabilizador. — B — Anelinho da propulsão tubular. — C — Orifícios dos jatos de petróleo. — D — Câmara de ar comprimida feita de material sintético. — E — Carga de 1.000 quilos de explosivo. — F — Composto metálico foto-elétrico. — G — Trilho de lançamento. — H — Principal viga do aço tubular que passa através do tanque de combustível. — I — Piloto automático, giroscópio e comando de altura e alcance.

Ha cerca de duas semanas, Londres e o sul da Inglaterra têm sofrido o ataque de uma nova arma nazista — a "bomba voadora" — que os comunicados oficiais do comando alemão designam por "V.1" (Vergeltungswaffe ein), isto é "arma da vingança número um".

A princípio, tais bombas apareciam pela manhã muito cedo e a tardinha. Depois passaram a vir em tempo indeterminado. Como não há precisão no seu comando para atingir o alvo, elas causam certos danos às populações civis e às instalações não militares.

As "bombas voadoras" apresentam-se em dois formatos: um de asas relativamente curtas, em ângulo quase reto; outras maiores e mais rápidas, com asas longas, dando mergulho longo e silencioso antes de explodirem.

A princípio eram carregadas apenas de explosivos. Agora, além disto, são armadas de bombas altamente incendiárias.

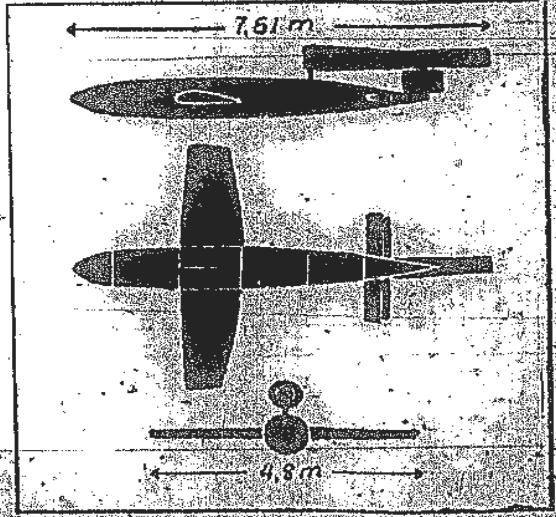
Segundo cálculos feitos em Londres, a "V.1" custa, numa produção em massa, 500 dólares cada uma, ou seja pouco mais que uma bomba comum de uma tonelada.

Consta que os alemães, depois das experiências com esta bomba, vão fabricar outra de muito maior velocidade, a "V.2".

A interceptação destas bombas voadoras tem apresentado grandes dificuldades. A Segunda Força Aérea Tática e Defesa Aérea da Grã-Bretanha, sob o comando dos generais da R.A.F. e ainda os seus mais rápidos aviões de combate inclusive o novo "Tempest" e a Ilm de caças, quantos e como puderem.

An que se verificou esse processo não deu resultados satisfatórios, pois os pilotos não conseguiram atingir a porcentagem (99%) julgada necessária pelo General Sir Frederick Pile, comandante em chefe do Comando Anti-Aéreo. Aviação se a idéia de usar como método eficaz, guias intersticiais e Ilm de pajalhar os movimentos das que, nas zonas de lançamento, se ocupam da tarefa dos "V.1" e "V.2". O que viria complicar a situação e provocar consequências supérfluas. Mas os governos aliados mantêm-se na firme resolução de não enveredarem por esse caminho. Momento porque essa arma refletiu o desespero que impelia os capitães dos nazistas numa causa evidentemente perdida.

Desde hoje que "Gleits" que podem proporcionar idéias da construção da "V.1".



Na primeira silhueta, a "bomba voadora" de perfil; na segunda, a parte inferior, na base, vista de frente.

Figura 23: O Estado de S. Paulo, 18 jul. 1944, p. 16. As "bombas sem piloto".

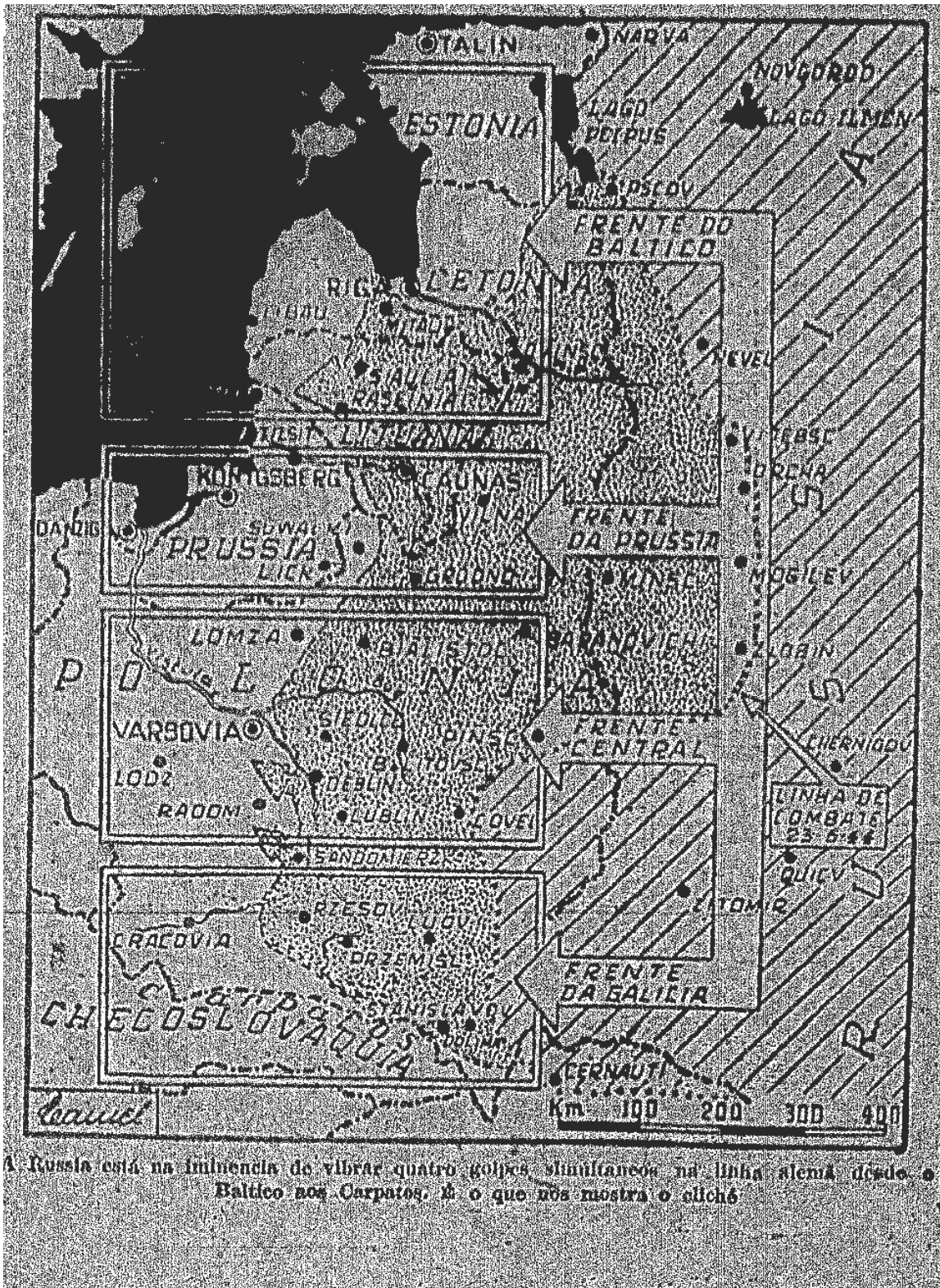


Figura 24: O Estado de S. Paulo, 15 ago. 1944, p. 02. O ataque soviético à Alemanha.



Figura 25: O Estado de S. Paulo, 22 ago. 1944, p. 02. A luta pela libertação de Paris.

Tabela I
Colaboradores e número de contribuição (20/04/1938 a
01/12/1942)

Colaborador	Número
Ralph Ingersoll	35
André Maurois	28
James Roosevelt	25
Major Affonso de Carvalho	24
Paul Frischauer	23
V. K; Emmanuel de Bennigsen	16
Luiz Amador Sanchez	15
Hermann Rauschning	10
H. R. Knickerbocker	06
Leland Stowe	05
A Duff Cooper; Edgar Anael Mowrer; Paul Vanorden Shaw; Fritz Thyssen	03
Alfred Tyrnauer; Charles Benedec; E. Pavlovitch; Maurice DUPONT ; Pierre Cot; Pierre Monbeig; W. H. Rings-Kell; Wickham Steed; Winston Churchill	02
Adgar Anael Mowrer; Andrew Barnes; Anthony Eden; A .S. F.; B. H. Liddell Hart; Cel. Frank Knox; Charles Brun; C. J.; Conde Sforza; Dyson Carter; E. Vila-Nova Santos; Frederich Dechner; Geneviève Tabouis; Helmut Klotz; Henry Ford; Major George Fielding Eliot; G. K. Morell; Henry Morgenthau Jr; Henry Torres; Henry A. Wallace; Howard French; Howard J. Beattle; J. A. Magalhães; James J. Tunney; Jean Champennois; Jean Grandt; Jean-Louis; John H. Craige; Kenneth T. Downs; Louis Marin; Luis Washington; Gen.Ladislau Sikorski; Marguerite Durand; Mato Voutchetich; Meeda Munro; Peroy Wimer; Peter C. Rodhes; Philip Noel Baker; Phyllis Brow; Phillip Carr; Pierre-Etienne Flandin; Reynolds Packard; Richard de Rochemont; Thomaz Wilson; Vex Kuel; Visconde Samuel; Yvon-Delbos	01
Total	280

Tabela II
Colaboradores e número de contribuições
(02/12/1942 a 31/08/1945)

Colaborador	Número
Não assinados	37
Conde Emmanuel de Bennigsen	307
Rogério P. Sampaio	128
S. Harcourt-Rivington	121
Lima Figueiredo	112
Luiz Amador Sanchez	36
R. P. Samps	30
Phillip Carr	18
Roger Bastide; Heitor Muniz	05
A. Piccarolo; Charles Landingham;	04
A. M. Newcomb; Orígenes Lessa; Vinício da Veiga;	03
A. Lunn; André Maurois; A. Severski; A. V. Alexander; G. Fielding; H. A. Wallace; Lord Halifax; Matias Arrudão; Mario Guastini; Summer Welles.	02
A. Schmidt; Abner Mourão; Arthur Graham; B, Quintino da Silva; Carlo Sforza; Clement R. Attlee; D. Davey; E. Thomas; Emilio Kirillos; Francisco C. Najera; Geneviève Tabouis; G.I.L.; Hanson W. Baldwin; Horace Sewell; J. Kobler; J. M. Pozas; J. Sarmiento de Beires; Luiz Quintanilha; Mena Barreto; Nelson W. Sodré; Otto Prazeres; P. Sebescen; Peter M.; R. Brandt; Richard Lewinson; W.A. Sinclair.	01
Total	865

Tabela III
Jornais citados pelos colaboradores

Jornal/Revista	País em que é publicado	Data
Gringoire	França	29/05/1938
Gazette de Lausanne	França	01/06/1938
La Prensa	Argentina	04/06/1938
L'illustration	França	05/07/1938
Revue de Paris	França	13/07/1938
Informazione diplomática	Itália	02/08/1938
Popolo d'Italia	Itália	02/08/1938
Berliner Tageblatt	Alemanha	02/08/1938
Berliner Illustrierte Zeitung	Alemanha	25/08/1938
Deutsche Berguarter Zeitung	Alemanha	25/08/1938
Mercure de France	França	30/08/1938
Daily Herald	Inglaterra	13/09/1938
Temps	França	30/09/1938
Deutsche Allgemeine Zeitung	Alemanha	30/09/1938
Journal de Genève	Suíça	15/10/1938
Quadrivio	Itália	18/10/1938
Vita Italiana	Itália	18/10/1938
Il Tevere	Itália	18/10/1938
Osservatore Romano	Itália	18/10/1938
Regime Fascista	Itália	18/10/1938
L'Humanité	França	13/11/1938
Populaire	França	13/11/1938
Herald Tribune	Estados Unidos	20/11/1938
New York Times	Estados Unidos	03/12/1938
Depache de Toulouse	França	08/03/1939
L'Epoque	França	08/03/1939
Kölnische Zeitung	Alemanha	25/03/1939
Daily Telegraph	Inglaterra	15/04/1939
Sunday Times	Inglaterra	23/04/1939
Observer	Inglaterra	23/04/1939
La Nación	Argentina	04/05/1939
Monitor	Estados Unidos	05/05/1939
L'Ordre	França	06/05/1939
Manchester Guardian Weekly	Inglaterra	07/05/1939
Observador Econômico e Financeiro	Brasil	10/05/1939
O Estado de S. Paulo	Brasil	05/05/1939

Jornal/Revista	País em que é publicado	Data
Posener Tageblatt	Alemanha	12/05/1939
Gazette de Kattowitz	Alemanha	12/05/1939
Frankfurter Zeitung	Alemanha	12/05/1939
Deutsche Rundschau in Polen	Polónia	12/05/1939
Deutsche Rundschau	Alemanha	12/05/1939
Der Oberschiesische Kurir	Alemanha (?)	12/05/1939
Neuer Lodziger Zeitung	Polónia	12/05/1939
Freie Presse	Alemanha	12/05/1939
Deutsche Nachrichten	Alemanha	12/05/1939
Der Aufbruch	Alemanha	12/05/1939
Europe Nouvelle	França	21/05/1939
New Statesman and Nation	Inglaterra	23/05/1939
News Chronicle	Inglaterra	29/10/1939
Militar Wochenblatt	Alemanha	09/11/1939
Marinha Russa	Rússia	15/11/1939
Der Angriff	Alemanha	18/11/1939
Deutsche Wirtschaft Zeitung	Alemanha	18/11/1939
Deutsche Volkswirt	Alemanha	18/11/1939
Tribuna	Itália	24/11/1939
Gotebors Handeistidning	Suécia	29/11/1939
Times	Inglaterra	22/12/1939
Epoque	França	22/12/1939
Volkischer Beobachter	Alemanha	09/01/1940
Deutsches Volksblatt	Alemanha	09/01/1940
The New Republic	Estados Unidos	16/01/1940
Le Peuple	Bélgica	25/01/1940
Le Soir	Bélgica	25/01/1940
Le Libre Belgique	Bélgica	25/01/1940
Telegraaf	Holanda	04/02/1940
Krasnaya Zvezda	Rússia	04/02/1940
Petit Parisien	França	04/02/1940
Financial News	Inglaterra	24/02/1940
Ordre	França	27/02/1940
Grande Revue	França	10/03/1940
Pravda	Rússia	17/04/1940
Current History	Estados Unidos	15/05/1940
La Nature	França	26/05/1940
Le Temps	França	31/05/1940
Al Istikal	Irã	31/05/1940
Estrela Vermelha	Rússia	15/11/1940
Nacional Tidende	Dinamarca	28/12/1940
National Zeitung	Alemanha	07/03/1941

Jornal/Revista	País em que é publicado	Data
Sunday Observer	Inglaterra	20/08/1941
Alcazar	Espanha	06/09/1941
Popolo di Roma	Itália	22/10/1941
Reader's Digest	Estados Unidos	11/11/1941

Tabela IV
Livros citados pelos colaboradores de
abril de 1938 a dezembro de 1942

Autor	Obra (s)
Emil Ludwig	Bismarck; Napoleão; Roosevelt e Julho de 1914
Basel Liddell Hart	The defense of Britain
Alfred Rosenberg	Pest in Russland; Der Bolschevismus als Aktion einer Fremden Rasse
Georges Clemenceau	Grandezas e misérias de uma vitória; Au soir de la pensée
Gustave le Bom	Psicologia dos tempos novos; Conseqüências psicológicas da guerra européia
Maurice Barres	Psicologia das multidões
Aldous Huxley	Contraponto
Luddendorf	Memórias
Hermann Rauschning	A revolução do nihilismo; Hitler me disse
M. Giraudoux	Pleins pouvoirs
John Gunther	Inside Europe; Inside Asia
Possony	Wehrwirtschafts des totalen Kriegs
Maquiavel	O príncipe
Spengler	A decadência do Ocidente; Der Mensch und die Technik
Anatole France	Sur le Pierre Blanche
André Maurois	A América do Norte em 1939
Josef Stalin	Leninismo
Raymond Poincaré	Os Bálcãs em fogo
Magdalena Chasios	A guerra e a bíblia
Edmund About	Grécia contemporânea
Camilo Castelo Branco	Vulcões de lama

Tabela V
Colaboradores e séries publicadas

Colaborador	Título da Série	Período
André Maurois	Cinco máscaras do amor	24/05/1942 a 13/12/1942
George Fielding Eliot	Cinco erros que mudaram a História	17/12/1942 a 18/12/1942
S. Harcourt-Rivington	Homens do momento	29/01/1943 a 03/09/1943
Emmanuel de Bennisen	Três problemas mundiais	15/07/1943 a 18/07/1943
S. Harcourt-Rivington	Princípios fundamentais da paz	17/09/1943 a 24/03/1944
Roger Bastide	Antes do Congresso de Brazzaville	19/01/1944 a 21/01/1944
S. Harcourt-Rivington	O futuro do Brasil	31/03/1944 a 20/10/1944
Lima Figueiredo	Alguma coisa do que disse o embaixador Grew a respeito do Japão	09/07/1944 a 16/07/1944
Lima Figueiredo	Los Angeles – 1938	03/09/1944 a 10/09/1944
Lima Figueiredo	Rumo à América do Norte	17/09/1944 a 24/09/1944
S. Harcourt-Rivington	A evolução da indústria	27/10/1944 a 09/02/1945
Lima Figueiredo	Primeiros dias no Japão	24/12/1944 a 07/01/1945
Lima Figueiredo	Relações da China com o Ocidente	14/01/1945 a 18/02/1945
S. Harcourt-Rivington	Transformações econômicas	16/02/1945 a 30/08/1945
Lima Figueiredo	Pequena história da vida econômica do Japão	01/04/1945 a 22/04/1945

Tabelas de organização dos quadros publicados

Tabela I (1938)

Dia	Mês	Ano	Pg	Título	Autor/Pseudônimo
20	04	1938	14	Roosevelt e as eleições	sem assinatura
23	04	1938	14	Os objetivos da diplomacia	sem assinatura
27	04	1938	14	Realismo e idealismo na América	sem assinatura
28	04	1938	14	As conversações franco-italianas	sem assinatura
01	05	1938	02	O balanço da situação internacional	sem assinatura
03	05	1938	18	Os italianos da Tunísia e as conversações franco-italianas	sem assinatura
04	05	1938	12	O Peru e o ABC	sem assinatura
06	05	1938	16	A Bolívia e o petróleo	sem assinatura
08	05	1938	32	Política externa dos Estados Unidos	sem assinatura
10	05	1938	16	As manobras dos eixos e o futuro da paz	sem assinatura
11	05	1938	16	A eleição na Colômbia	sem assinatura
13	05	1938	14	A Tcheco-Slovania: ponto nevrálgico da Europa	sem assinatura
14	05	1938	14	A Inglaterra e o Mediterrâneo	sem assinatura
18	05	1938	14	Epílogo de um drama: a SDN e a Etiópia	sem assinatura
19	05	1938	16	Roosevelt e Chamberlain	sem assinatura
20	05	1938	14	Em torno do caso Etíope	sem assinatura
21	05	1938	16	China e Japão	sem assinatura
22	05	1938	30	Os novos acordos europeus e a situação no Oriente	sem assinatura
24	05	1938	16	Um terceiro partido	sem assinatura
28	05	1938	16	Defesa naval norte-americana	sem assinatura
29	05	1938	02	A Europa escapa novamente à guerra	sem assinatura
01	06	1938	14	O estatuto dos sudetos e a autonomia	sem assinatura
02	06	1938	16	O problema de paz no Chaco	sem assinatura
04	06	1938	16	O Paraguai recusa a solução	sem assinatura
07	06	1938	02	O prazo marcado ao sr. Daladier	sem assinatura
08	06	1938	14	A 'política' realista de Chamberlain	sem assinatura
10	06	1938	14	Alemanha – Itália, Roma – Berlim ou Hitler – Mussolini?	sem assinatura
12	06	1938	36	Litígios territoriais	sem assinatura
17	06	1938	12	Problemas de Washington	sem assinatura
18	06	1938	16	A política da força	sem assinatura
19	06	1938	32	Os partidos políticos e a defesa das democracias	sem assinatura
23	06	1938	16	Nazismo nos Estados Unidos	sem assinatura
24	06	1938	14	O partido do francês mediano	sem assinatura
25	06	1938	14	Esportes internacionais	sem assinatura
29	06	1938	18	A América neste momento	sem assinatura
01	07	1938	14	Financiando a guerra sino-japonesa	sem assinatura
02	07	1938	14	Intercâmbios culturais	sem assinatura
03	07	1938	32	O alto comando militar na Alemanha	sem assinatura

Dia	Mês	Ano	Pg	Título	Autor/Pseudônimo
05	07	1938	16	O senado, moderador e salvaguarda das democracias	sem assinatura
06	07	1938	14	O Roosevelt de Ludwig	sem assinatura
12	07	1938	16	Diplomacia e opinião americanas	sem assinatura
13	07	1938	14	Teria estado o mundo na iminência de uma guerra a 21 de maio?	sem assinatura
15	07	1938	14	A autonomia que os sudetos desejam	sem assinatura
16	07	1938	14	As preocupações da Inglaterra	sem assinatura
17	07	1938	10	As democracias e a liberdade	sem assinatura
19	07	1938	14	Os racismos e a América	sem assinatura
22	07	1938	12	Matérias primas, populações e guerra	sem assinatura
28	07	1938	14	O pacifismo britânico	sem assinatura
30	07	1938	14	A tensão russo-japonesa	sem assinatura
31	07	1938	32	As agitações da Palestina	sem assinatura
02	08	1938	16	Tornar-se á a Itália anti-semita?	sem assinatura
06	08	1938	14	Hull e Cárdenas	sem assinatura
10	08	1938	14	As massas soviéticas e o Japão	sem assinatura
11	08	1938	14	O Oceano Pacífico torna-se guerreiro	sem assinatura
12	08	1938	12	Estaria a Alemanha abastecendo a Espanha republicana	sem assinatura
13	08	1938	14	‘Comer o chapéu...’	sem assinatura
14	08	1938	30	A ameaça aérea russa e o Japão	sem assinatura
16	08	1938	14	Roosevelt, eleições e cisão	sem assinatura
18	08	1938	16	A porfia nos ares	sem assinatura
20	08	1938	16	O desenvolvimento do exército de terra alemão	sem assinatura
21	08	1938	30	O Canadá e o pan-americanismo	sem assinatura
24	08	1938	14	O balanço da situação internacional	sem assinatura
25	08	1938	16	A Suíça, sentinela dos Alpes	sem assinatura
26	08	1938	02	A França na encruzilhada	sem assinatura
30	08	1938	16	Uma escola de ‘Führers’	sem assinatura
31	08	1938	14	O anverso da medalha mexicana	sem assinatura
03	09	1938	16	Por um triz, a guerra	sem assinatura
06	09	1938	16	SERVIÇO ESPECIAL DO ESTADO	sem assinatura
07	09	1938	18	Sem título	sem assinatura
08	09	1938	14	Sem título	sem assinatura
09	09	1938	14	Bluff ou ...?	sem assinatura
10	09	1938	16	Sem título	sem assinatura
11	09	1938	10	Sem título	sem assinatura
11	09	1938	32	O pretexto sudeto	sem assinatura
13	09	1938	18	A tática do plebiscito	sem assinatura
14	09	1938	16	Será a hora H?	sem assinatura
15	09	1938	14	Quadros sem título	sem assinatura
16	09	1938	14	Revolta ou plebiscito?	sem assinatura
18	09	1938	30	Revista da semana	sem assinatura
20	09	1938	18	O preço da paz	sem assinatura
21	09	1938	14	Os Estados Unidos e o Pacífico	sem assinatura
22	09	1938	16	A cobaia democrática	sem assinatura

Dia	Mês	Ano	Pg	Título	Autor/Pseudônimo
25	09	1939	32	Revista da Semana	sem assinatura
27	09	1938	16	Roosevelt telegrafou...	sem assinatura
28	09	1938	02	Para julgar bem	sem assinatura
28	09	1938	16	Assim falou Hitler	sem assinatura
29	09	1938	14	Mais uma tentativa	sem assinatura
30	09	1938	02	França e Tcheco-Slovania	sem assinatura
30	09	1938	14	Os vai-vens de Chamberlain	sem assinatura
01	10	1938	14	Paz permanente ou passageira?	sem assinatura
02	10	1938	32	Revista da semana	sem assinatura
04	10	1938	16	Lições para a América	sem assinatura
05	10	1938	14	O que propõe Washington	sem assinatura
06	10	1938	16	Povo, paz e publicidade	sem assinatura
07	10	1938	14	A opinião Argentina	sem assinatura
08	10	1938	16	Lição democrática	sem assinatura
09	10	1938	32	Revista da semana	sem assinatura
11	10	1938	18	As forças em luta	sem assinatura
12	10	1938	14	O discurso de Sarrebruck	sem assinatura
13	10	1938	14	Paz na América	sem assinatura
14	10	1938	14	O mundo e os judeus	sem assinatura
15	10	1938	14	O ponto de vista do sr. P. E. Flandin	sem assinatura
16	10	1938	30	Revista da semana	sem assinatura
18	10	1938	16	As causas do anti-semitismo italiano	sem assinatura
19	10	1938	14	Saber dizer não	sem assinatura
20	10	1938	16	As forças navais alemãs	sem assinatura
22	10	1938	16	Franqueza=Publicidade=Propaganda	sem assinatura
26	10	1938	14	As negociações tcheque-húngaras	sem assinatura
27	10	1938	14	A opinião inglesa e a Europa Central	sem assinatura
29	10	1938	14	Duas Inglaterra?	sem assinatura
05	11	1938	14	O direito e a realidade	sem assinatura
06	11	1938	32	Problemas pan-americanos	sem assinatura
08	11	1938	02	Conseqüências financeiras da crise européia	sem assinatura
12	11	1938	16	Trigo, café...e carne	sem assinatura
13	11	1938	30	O acordo anglo-italiano e a guerra de Espanha	sem assinatura
16	11	1938	12	A América hispana	sem assinatura
19	11	1938	14	Landon em Lima	sem assinatura
20	11	1938	32	O eixo liberal da paz	sem assinatura
26	11	1938	14	Os Oceanos e a América	sem assinatura
01	12	1938	16	A greve geral e a Inglaterra	sem assinatura
03	12	1938	16	Roosevelt e o Congresso	sem assinatura
04	12	1938	36	Roosevelt e 'La Prensa'	sem assinatura
10	12	1938	16	A fachada de Lima	sem assinatura
11	12	1938	36	O homem americano	sem assinatura
13	12	1938	18	A palavra do chanceler argentino	sem assinatura
23	12	1938	14	Nuvens em Lima	sem assinatura
24	12	1938	18	Solidariedade continental	sem assinatura
27	12	1938	14	A consolidação do sr. Daladier	sem assinatura

Tabela II (1939)

Dia	Mês	Ano	Pg	Título	Autor/Pseudônimo
01	01	1939	32	Posições mediterrâneas	sem assinatura
28	01	1939	02	A catástrofe no Chile	sem assinatura
03	02	1939	14	Os terremotos no Chile	sem assinatura
08	03	1939	14	As últimas convulsões espanholas	sem assinatura
14	03	1939	16	A união Tcheco-Slovena em perigo	sem assinatura
16	03	1939	14	A agonia de um Estado	sem assinatura
23	03	1939	14	Plenos poderes e ditadura	sem assinatura
24	03	1939	14	O que significa a ocupação do Memel	sem assinatura
25	03	1939	12	A economia da Alemanha e a absorção da Tcheco-Slovenia	sem assinatura
02	04	1939	32	A evolução da política polonesa	sem assinatura
05	04	1939	14	Um novo capítulo na história	sem assinatura
06	04	1939	14	Os três tratados do leste europeu	sem assinatura
07	04	1939	12	Washington e a crise europeia	sem assinatura
09	04	1939	28	A amizade ítalo-albãesa	sem assinatura
11	04	1939	12	A Albânia, a América e a paz	sem assinatura
12	04	1939	14	Balanço da situação	sem assinatura
13	04	1939	16	Textos ítalo-albaneses	sem assinatura
15	04	1939	14	Uma noite histórica	sem assinatura
16	04	1939	32	Palavras cruzadas	sem assinatura
18	04	1939	18	A mensagem de Roosevelt	sem assinatura
19	04	1939	14	A América e a tempestade	sem assinatura
21	04	1939	16	Gibraltar e Suez	sem assinatura
23	04	1939	32	A Inglaterra e a conscrição	sem assinatura
25	04	1939	16	Perguntas sem respostas	sem assinatura
26	04	1939	14	O caso Iugoslavo	sem assinatura
05	05	1939	14	Balbúrdia na Europa	sem assinatura
06	05	1939	14	Recuo geral?	sem assinatura
07	05	1939	32	O Japão e as democracias	sem assinatura
09	05	1939	16	Seriedade internacional?	sem assinatura
10	05	1939	14	Serão as trocas uma arma agressiva?	sem assinatura
11	05	1939	16	O Papa e a paz	sem assinatura
12	05	1939	16	A propaganda nazista na Polônia	sem assinatura
12	05	1939	16	A família real na América	sem assinatura
13	05	1939	14	Fala a França	sem assinatura
13	05	1939	14	Fala a Inglaterra	sem assinatura
14	05	1939	32	A verdadeira e a falsa unanimidade	sem assinatura
14	05	1939	32	O isolamento da Alemanha e da Itália	Sem assinatura
16	05	1939	18	O fator russo	Sem assinatura
16	05	1939	18	As negociações anglo-turcas	Sem assinatura
17	05	1939	14	‘A minha vontade’	Sem assinatura
18	05	1939	16	O isolacionismo da URSS	V. K.
20	05	1939	14	O problema da Palestina	Sem assinatura
21	05	1939	32	A Santa Sé, a paz e o Eixo	Sem assinatura
21	05	1939	32	O dilema da Bulgária	Sem assinatura

Dia	Mês	Ano	Pg	Título	Autor/Pseudônimo
23	05	1939	18	A nova Espanha	Sem assinatura
23	05	1939	18	Dois tratados em discussão	Sem assinatura
24	05	1939	14	Que sucederá em Dantzig?	Hermann Rauschning
24	05	1939	14	Carne Argentina e EEUU	Sem assinatura
26	05	1939	14	Um erro de prognóstico	Sem assinatura
27	05	1939	14	Defesa do continente	Sem assinatura
27	05	1939	14	Ameaça de guerra	Sem assinatura
30	05	1939	18	Submissão ou defesa armada	Sem assinatura
01	06	1939	16	O reerguimento da França	Sem assinatura
02	06	1939	16	As Ilhas Aaland	Sem assinatura
04	06	1939	32	Uma negociação laboriosa	V. K.
06	06	1939	18	O pacto teuto-dinamarquês	Sem assinatura
07	06	1939	14	O imperialismo francês	Sem assinatura
07	06	1939	14	Finanças alemãs	Sem assinatura
08	06	1939	18	As viagens do príncipe Paulo	Sem assinatura
10	06	1939	16	‘O rei do Canadá’	Sem assinatura
10	06	1939	18	O Japão e a URSS	Sem assinatura
11	06	1939	32	Solidariedade continental	Sem assinatura
13	06	1939	20	Sérvios e croatas	Sem assinatura
14	06	1939	16	Genebra em Washington	Sem assinatura
15	06	1939	14	A dúvida de Chamberlain	Sem assinatura
16	06	1939	14	Os países bálticos e a ‘garantia de Moscou’	Sem assinatura
17	06	1939	16	Comércio exterior dos países bálticos	Sem assinatura
18	06	1939	32	Japão e Inglaterra	Sem assinatura
20	06	1939	16	O bloqueio de Tientsin	Sem assinatura
21	06	1939	14	A resistência tcheque	Sem assinatura
22	06	1939	14	As aventuras do ouro tcheque	Sem assinatura
25	06	1939	32	Um documento sintomático	Sem assinatura
27	06	1939	18	Os vizinhos neutros da Alemanha	Sem assinatura
28	06	1939	14	O problema báltico	V. K.
29	06	1939	14	Mais elos na corrente	Sem assinatura
30	06	1939	14	Vaticínios desencorajadores	Sem assinatura
30	06	1939	14	Dantzig	Sem assinatura
01	07	1939	?	Ainda ruge o leão	Sem assinatura
02	07	1939	32	Preparativos de guerra	Sem assinatura
02	07	1939	32	A situação dos tcheques	Sem assinatura
04	07	1939	18	Finanças francesas	Sem assinatura
05	07	1939	14	Os Estados Unidos e as crises	Sem assinatura
06	07	1939	16	Roosevelt contra o congresso	Sem assinatura
07	07	1939	14	A política japonesa	Sem assinatura
09	07	1939	36	Os italianos e o Tratado de Londres de 1915	Sem assinatura
11	07	1939	18	As conversações de Moscou	Sem assinatura
12	07	1939	14	A força militar dos Soviets	Sem assinatura
13	07	1939	16	A propósito do ouro tcheque	Sem assinatura
14	07	1939	16	A opinião pública italiana	Sem assinatura
14	07	1939	16	Balanço da situação	Sem assinatura

Dia	Mês	Ano	Pg	Título	Autor/Pseudônimo
15	07	1939	16	A neutralidade dos Estados Unidos	Sem assinatura
15	07	1939	16	Trieste e Alemanha	Sem assinatura
16	07	1939	32	A propósito da lei de neutralidade	Sem assinatura
18	07	1939	18	Os Estados Unidos e a neutralidade	Sem assinatura
19	07	1939	16	O problema da Palestina	Sem assinatura
20	07	1939	16	Os alemães na Boêmia	Sem assinatura
21	07	1939	14	A política externa da Itália	Sem assinatura
22	07	1939	16	Roosevelt e Borah	Sem assinatura
23	07	1939	36	Na expectativa da guerra	Sem assinatura
25	07	1939	16	O novo Reichsbank alemão	Sem assinatura
26	07	1939	16	A Inglaterra e o Japão na China	Sem assinatura
27	07	1939	16	Roosevelt e o ano de 1941	Sem assinatura
28	07	1939	14	Dantzig – problema estratégico	Anthony Eden
29	07	1939	14	A situação política na Espanha	Sem assinatura
30	07	1939	40	Política norte-americana	Sem assinatura
01	08	1939	18	Gdynia e Dantzig	Sem assinatura
02	08	1939	14	Os senhores da Rússia atual	Sem assinatura
03	08	1939	18	Rússia e Japão	Sem assinatura
05	08	1939	16	O acordo anglo-japonês	Wickham Steed
06	08	1939	36	O Japão e seus vizinhos	Sem assinatura
09	08	1939	14	Alemanha e Polônia	Sem assinatura
10	08	1939	14	Sião	Sem assinatura
11	08	1939	14	A população da Rússia	Sem assinatura
12	08	1939	16	Relações italo-britânicas	Sem assinatura
13	08	1939	32	A questão da neutralidade	Sem assinatura
15	08	1939	16	Balanço da situação	Sem assinatura
16	08	1939	16	Nos Bálcãs	Sem assinatura
?	?	1939	?	A Mongólia	V. K.
18	08	1939	14	Dantzig e a ofensiva da paz	Sem assinatura
19	08	1939	16	Cabe à Polônia decidir	A Duff Cooper
20	08	1939	32	As imigrações do Tirol	Sem assinatura
20	08	1939	32	O lobo e o cordeiro	Sem assinatura
22	08	1939	16	Uma advertência ao Japão	Winston Churchill
22	08	1939	16	Os Bálcãs e a política do Eixo	Yvon-Delbos
24	08	1939	16	Que haverá em Moscou	Sem assinatura
25	08	1939	02	O pacto teuto-soviético	Sem assinatura
25	08	1939	03	As condições da guerra aérea	W. H. Rings-Kell
26	08	1939	02	As relações germano-soviéticas	Sem assinatura
26	08	1939	16	A Polônia e seu exército	Sem assinatura
26	08	1939	04	As condições da guerra aérea	W. H. Rings-Kell
26	08	1939	18	O novo regime de Dantzig	Sem assinatura
27	08	1939	32	As relações comerciais germano-soviéticas	Sem assinatura
27	08	1939	32	As possibilidades da frota aérea polonesa	Sem assinatura
29	08	1939	02	O ambiente de Moscou	Sem assinatura
29	08	1939	18	Mensagens salvadoras	Sem assinatura
30	08	1939	14	À hora undécima	Winston Churchill

Dia	Mês	Ano	Pg	Título	Autor/Pseudônimo
31	08	1939	14	Balanço da situação	Sem assinatura
01	09	1939	02	A hora final	Sem assinatura
01	09	1939	03	A guerra econômica teuto-poloneza	Sem assinatura
02	09	1939	06	A loucura	Sem assinatura
03	09	1939	04	Os recursos da Alemanha	Sem assinatura
03	09	1939	38	Reviravoltas da política alemã	H. R. Knickerbocker
05	09	1939	01	As forças britânicas	Sem assinatura
07	09	1939	01	As duas Alemanhas	Sem assinatura
08	09	1939	01	O balanço do “Reichsbank” e os indícios de inflação	Sem assinatura
09	09	1939	01	A guerra ainda não começou	Sem assinatura
10	09	1939	01	A ofensiva verbal de Göring	Sem assinatura
11	09	1939	04	Analogia da situação atual com a de 1914	Sem assinatura
12	09	1939	01	As duas incógnitas	Sem assinatura
12	09	1939	16	Confissões significativas	Sem assinatura
13	09	1939	01	Os Estados Unidos e a neutralidade	Sem assinatura
15	09	1939	01	A Alemanha, o carvão e a guerra	Sem assinatura
16	09	1939	01	Roosevelt e o Congresso	Sem assinatura
17	09	1939	01	A Conferência de Panamá	Sem assinatura
17	09	1939	28	Rússia e Japão	Sem assinatura
19	09	1939	01	A intervenção russa e o problema ucraniano	Sem assinatura
20	09	1939	01	O mistério italiano e os rumores de paz	Sem assinatura
20	09	1939	14	Os soviets e a Alemanha	Sem assinatura
22	09	1939	01	O renascimento do pan-eslavismo	Sem assinatura
23	09	1939	01	Roosevelt e a neutralidade	Sem assinatura
24	09	1939	01	A Conferência de Panamá	Sem assinatura
24	09	1939	30	Na terra e no mar	Sem assinatura
28	09	1939	01	Na Europa oriental	Sem assinatura
30	09	1939	01	A dissolução do Partido Comunista Francês	Sem assinatura
01	10	1939	10	As conversações de Moscou	Sem assinatura
01	10	1939	32	As verdadeiras razões de Stalin	Geneviève Tabouis
02	10	1939	01	Balanço da situação	Sem assinatura
03	10	1939	01	O provável destino da burguesia polonesa	H. R. Knickerbocker
04	10	1939	14	Palavras italianas	Sem assinatura
05	10	1939	01	O assassinio do sr. Calinesco	H. R. Knickerbocker
05	10	1939	16	Moscou e seus vizinhos	Sem assinatura
06	10	1939	01	O armamento dos navios mercantes	Sem assinatura
07	10	1939	01	Será violada a neutralidade da Holanda?	Kenneth T. Downs
07	10	1939	16	Fatos do dia	Sem assinatura
08	10	1939	01	Novo Império Austro-Húngaro	Alfred Tyrnauer
08	10	1939	30	A invasão da Polônia pela Rússia	Alfred Tyrnauer
10	10	1939	01	A morte de von Fritsch	H. R. Knickerbocker

Dia	Mês	Ano	Pg	Título	Autor/Pseudônimo
10	10	1939	18	As atitudes do sr. Hitler	Sem assinatura
11	10	1939	14	“Propostas de paz”	Sem assinatura
12	10	1939	01	Rússia e Finlândia	Sem assinatura
12	10	1939	14	Os limites de uma colaboração	V. K.
14	10	1939	01	Os neutros e a guerra	Sem assinatura
15	10	1939	02	A Alemanha e os países bálticos	Sem assinatura
15	10	1939	30	A ofensiva contra a Inglaterra	H. R. Knickerbocker
17	10	1939	01	Uma visita ao Sarre	Edgar Anael Mowrer
18	10	1939	01	O bloqueio da Alemanha	Sem assinatura
18	10	1939	14	Documentos ingleses	Sem assinatura
18	10	1939	14	Por ocasião da abertura, no Congresso norte-americano	Sem assinatura
19	10	1939	01	A linha “Maginot”	Edgar Ansef Mowrer
19	10	1939	16	As causas da invasão da Polônia	Conde Sforza
20	10	1939	01	Ofensivas pacifistas	Sem assinatura
20	10	1939	14	Fatores da vitória	Adgar Anael Mowrer
21	10	1939	01	A Rússia e os países do báltico	V. K.
22	10	1939	02	Rússia e Turquia	Sem assinatura
23	10	1939	01	Os três erros de Stalin	Pierre Cot
24	10	1939	06	De Berlim a Saad-Abad	Sem assinatura
24	10	1939	18	O acordo anglo-franco-turco	Sem assinatura
25	10	1939	01	A Turquia e a política das garantias	Sem assinatura
25	10	1939	14	Objetivos germânicos e realidades polonesas	Gen.Ladislau Sikorski
26	10	1939	01	O comunismo e a paz	Sem assinatura
27	10	1939	01	O caso do “City of Flint”	Sem assinatura
28	10	1939	01	O abastecimento da Alemanha	Sem assinatura
29	10	1939	01	“City of Flint”, Finlândia, Balcãs	Sem assinatura
30	10	1939	01	Meditações italianas	G. K. Morell
30	10	1939	01	A revisão da lei de neutralidade	Sem assinatura
01	11	1939	01	Dois meses de guerra	Sem assinatura
01	11	1939	14	O transporte das tropas inglesas	Sem assinatura
02	11	1939	01	A Europa “A”	E. Vila-Nova Santos
06	11	1939	01	A América e a guerra	A Duff Cooper
06	11	1939	06	A Mongólia	V. K.
07	11	1939	01	“Blitzkrieg”	Sem assinatura
08	11	1939	01	A Alemanha e o petróleo	Sem assinatura
09	11	1939	01	O abastecimento dos beligerantes	Sem assinatura
10	11	1939	01	O atentado contra Hitler	Verificar
10	11	1939	14	O “Intelligence Service”	Howard French
11	11	1939	01	Os países neutros	Verificar
11	11	1939	16	O acordo anglo-franco-turco	Pierre-Etienne Flandin
12	11	1939	01	Balanço da situação militar	Sem assinatura
13	11	1939	01	Sinceridade britânica	Sem assinatura
14	11	1939	18	Permutas de populações	Sem assinatura
15	11	1939	02	A neutralidade balcânica	Mato Voutchetich
15	11	1939	18	Rússia e Finlândia	Sem assinatura
16	11	1939	01	A organização modelar do exército suíço	Meeda Munro

Dia	Mês	Ano	Pg	Título	Autor/Pseudônimo
17	11	1939	01	As divisões de tanques e a defesa anti-tanque...	Helmut Klotz
17	11	1939	14	Chefes aliados	Sem assinatura
18	11	1939	01	Problemas econômicos do Reich	Sem assinatura
19	11	1939	32	Permutas de populações	Philip Noel Baker, Membro da Câmara dos Comuns.
21	11	1939	01	A Itália e os Bálcãs	Sem assinatura
22	11	1939	01	Guerra e comércio marítimo	Sem assinatura
23	11	1939	01	A mobilização norte-americana	Thomaz Wilson e Andrew Barnes
24	11	1939	01	Política italiana	Sem assinatura
25	11	1939	01	Rumânia e Alemanha	Sem assinatura
26	11	1939	32	A linha Maginot e a linha Siefried	Louis Marin, ex-Ministro da Guerra da França
27	11	1939	01	A guerra em Paris	Charles Benedec
28	11	1939	20	Controvérsias diplomáticas	Sem assinatura
29	11	1939	01	A frente interna na Alemanha	Sem assinatura
30	11	1939	01	Os Soviets e a Finlândia	Sem assinatura
01	12	1939	01	A guerra russo-finlandeza	Sem assinatura
02	12	1939	01	A guerra e a Ásia muçulmana	V. K.
04	12	1939	01	Rússia e Finlândia	Sem assinatura
06	12	1939	01	O poder da Finlândia	Sem assinatura
06	12	1939	14	O destino da Finlândia	Sem assinatura
08	12	1939	01	A Sociedade das Nações e a Finlândia	Sem assinatura
09	12	1939	01	O sistema defensivo francês	H. R. Knickerbocker
10	12	1939	36	O drama da Finlândia	V. K.
11	12	1939	02	Como a Holanda foi salva da invasão	Edgar Ansel Mowrer
12	12	1939	01	A Rússia em Genebra	Sem assinatura
13	12	1939	16	A situação na Finlândia	Sem assinatura
14	12	1939	16	A violência do golpe soviético e a resistência finlandesa	John H. Craige, oficial reformado da Marinha dos Estados Unidos
16	12	1939	01	A guerra na Finlândia	V. K.
18	12	1939	06	A construção da nova Europa	Pierre Cot, ex-Ministro da Aeronáutica da França
21	12	1939	01	Espionagem e contra-espionagem	Charles Benedec
22	12	1939	01	Os objetivos da guerra	Sem assinatura
24	12	1939	10	Índia, Inglaterra e Soviets	Sem assinatura
24	12	1939	32	Berlim julga Moscou	Sem assinatura
25	12	1939	01	A guerra e a moda	Marguerite Durand
25	12	1939	06	Bloqueio e contra-bloqueio	Charles Brun
28	12	1939	01	Palavras humanas	Sem assinatura
28	12	1939	02	Decreto-lei que cria o DIP	Sem assinatura
29	12	1939	01	Política japonesa	Sem assinatura
29	12	1939	14	Ação das patrulhas finlandesas à retaguarda das forças russas	Vex Kuel
31	12	1939	01	Os últimos ataques aéreos sobre Helsinki	Leland Stone

Tabela III (1940)

Dia	Mês	Ano	Pg	Título	Autor/Pseudônimo
01	01	1940	01	Retrospecto da política externa rumena...	Sem assinatura
03	01	1940	16	O pacto germano-soviético e a eclosão da guerra...	Jean Champennois
03	01	1940	01	Problemas económicos alemães	Sem assinatura
04	01	1940	01	Reportagem americana	Sem assinatura
05	01	1940	01	Medidas econômicas e impostos na Alemanha	Frederich Dechner
06	01	1940	14	Comentários a propósito da política alemã...	Howard J. Beattle
07	01	1940	28	Polônia heróica	Sem assinatura
09	01	1940	01	As minorias germânicas	Sem assinatura
10	01	1940	12	Cenas interessantes da guerra na Finlândia	Leland Stowe
10	01	1940	12	O poderio da Inglaterra e a guerra na Europa	A Duff Cooper
12	01	1940	01	As crianças e a Guerra	Phyllis Brow
12	01	1940	04	Guerra de fantasmas	Leland Stowe
12	01	1940	14	Os ingleses na guerra	Visconde Samuel
13	01	1940	01	Necessidade do auxílio à Finlândia	Leland Stowe
14	01	1940	30	Hore Belisha, Ciano e Czaky	Sem assinatura
16	01	1940	14	Os “conservadores” germânicos	Sem assinatura
17	01	1940	01	Pio XII e a paz	Peroy Wimer
17	01	1940	14	A guerra económica	Sem assinatura
18	01	1940	16	Riscos de guerra	Sem assinatura
20	01	1940	02,03	Hitler me disse	H. Rauschning
21	01	1940	01	A resistência finlandeza	V.K.
22	01	1940	06	A demissão de Hore Belisha	Wickham Steed
24	01	1940	16	A economia de Guerra	Sem assinatura
25	01	1940	?	A neutralidade belga	Sem assinatura
26	01	1940	12	Os últimos acontecimentos	Sem assinatura
30	01	1940	32	A demissão do sr. Hore Belisha	B. H. Liddell Hart
31	01	1940	14	Hitler me disse (III)	H. Rauschning
01	02	1940	14	Hitler me disse (IV)	H. Rauschning
01	02	1940	01	Os discursos dos srs Hitler e Chamberlain	Sem assinatura
02	02	1940	01	Hitler me disse (V)	H. Rauschning
02	02	1940	12	A provável vitória da Finlândia	V. K.
03	02	1940	01	Hitler me disse (VI)	H. Rauschning
04	02	1940	01	O petróleo da Galícia	Sem assinatura
04	02	1940	34	Documentos diplomáticos	Sem assinatura
04	02	1940	34	Hitler me disse (VII)	H. Rauschning
06	02	1940	08	Hitler me disse (VIII)	H. Rauschning
08	02	1940	01	Hitler me disse (Conclusão)	H. Rauschning
09	02	1940	01	A propósito da Conferência de Belgrado	Sem assinatura

Dia	Mês	Ano	Pg	Título	Autor/Pseudônimo
10	02	1940	01	Os inconvenientes das sessões secretas	Sem assinatura
10	02	1940	12	Um quartel general em um estábulo	Leland Stowe
22	02	1940	14	Onda de discursos	Luiz A Sanchez
23	02	1940	14	Aspectos coloniais	Pierre Mombeig
24	02	1940	14	Welles na Europa	Paul Vanorden Shaw
25	02	1940	32	O caso do Altmark	Maurice DUPONT
27	02	1940	01	Moscou e a solidariedade nórdica	Sem assinatura
27	02	1940	14	Inquietação escandinava	Sem assinatura
28	02	1940	01	O caso do Altmark	Júlio César de Faria
28	02	1940	01	A guerra moral	Sem assinatura
01	03	1940	16	O mito do poderio russo	V. K.
03	03	1940	32	A reeleição de Roosevelt	Paul Vanorden Shaw
07	03	1940	16	Os comboios marítimos	Sem assinatura
09	03	1940	01	Sete anos após...	Paul Vanorden Shaw
10	03	1940	32	A reconstrução da paz	Jean-Louis
12	03	1940	01	O drama finlandez	Sem assinatura
13	03	1940	02	A calma reinante na frente ocidental	Sem assinatura
13	03	1940	14	A Turquia e a situação no Oriente Próximo	Sem assinatura
14	03	1940	01	O acordo de Moscou	Sem assinatura
16	03	1940	01	Depois da paz de Moscou	Sem assinatura
17	03	1940	32	Os limites da colaboração germano-russa	V. K.
19	03	1940	14	Na expectativa	Sem assinatura
21	03	1940	01	Os mistérios da paz	Sem assinatura
21	03	1940	14	A demissão de Daladier	Sem assinatura
23	03	1940	12	O auxílio à Finlândia	Maurice Dupont
24	03	1940	?	A hora de Paul Reynaud	C. J.
25	03	1940	01	O novo gabinete francês	Sem assinatura
INTERVENÇÃO					
07	04	1940	24	A situação dos exércitos aliados...	Reynolds Packard
09	04	1940	01	A situação no norte e no sul da Europa	Sem assinatura
09	04	1940	02	As trocas comerciais entre a Grã-Bretanha...	Sem assinatura
10	04	1940	01	O drama da Escandinávia	Sem assinatura
11	04	1940	01	O novo campo de batalha	Sem assinatura
12	04	1940	01	Efeitos da indecisão	Sem assinatura
12	04	1940	14	Jutlândia e Escandinávia	Sem assinatura
14	04	1940	01	Lugar da Alemanha como potência naval	Sem assinatura
14	04	1940	30	Dispersão de forças	Sem assinatura
16	04	1940	14	Os resultados de uma proeza	Sem assinatura
17	04	1940	?	Atitude dúbia	V. K.
17	04	1940	12	Os auxílios dos aliados	Sem assinatura
18	04	1940	01	A luta na Escandinávia	Sem assinatura
18	04	1940	14	Os planos de Göring	Sem assinatura
19	04	1940	12	“Turistas” da primavera	A .S. F.
20	04	1940	01	A situação dos neutros	Sem assinatura

Dia	Mês	Ano	Pg	Título	Autor/Pseudônimo
20	04	1940	14	Atos e palavras	Sem assinatura
21	04	1940	28	A quinta coluna	Sem assinatura
24	04	1940	01	Narvik e Trondheim	Sem assinatura
24	04	1940	02	Unidades navais da potências europeias	Sem assinatura
24	04	1940	14	As operações na Noruega	Sem assinatura
25	04	1940	01	A Suécia ameaçada	Sem assinatura
25	04	1940	16	Novas ameaças	Sem assinatura
26	04	1940	01	Não seria “Bluff”?	Sem assinatura
26	04	1940	12	Abastecimento dos exércitos	Sem assinatura
27	04	1940	16	Imponderáveis burlescos	Sem assinatura
28	04	1940	14	A vez dos Balcãs	Sem assinatura
30	04	1940	18	A segunda batalha do Báltico	V. K.
01	05	1940	01	Documentos e mapas	Sem assinatura
01	05	1940	18	Compasso de espera	Sem assinatura
03	05	1940	10	Uma interrogação	Sem assinatura
04	05	1940	01	Dois grandes blocos	Sem assinatura
04	05	1940	16	Campanhas peninsulares	Sem assinatura
05	05	1940	01	Spengler e o atual conflito europeu	Sem assinatura
05	05	1940	32	Vitória da aviação	Sem assinatura
07	05	1940	16	Política inglesa	Sem assinatura
08	05	1940	01	Um pouco de história	Sem assinatura
08	05	1940	14	Sexto sentido dos neutros	Sem assinatura
09	05	1940	16	Discurso de Chamberlain	Sem assinatura
10	05	1940	01	Entre os Balcãs e o Oriente	Sem assinatura
10	05	1940	14	Alusões ferinas	Sem assinatura
12	05	1940	01	Invasão da Holanda e da Bélgica	Sem assinatura
14	05	1940	16	Paraquedas e quinta coluna	Sem assinatura
15	05	1940	01	Nos antigos campos de batalha	Sem assinatura
15	05	1940	14	A maior batalha da História	Sem assinatura
16	05	1940	01	Consciência do sacrifício	Sem assinatura
17	05	1940	01	Avanço pelas retaguardas	Sem assinatura
17	05	1940	14	Segredos e inventos de guerra	Sem assinatura
18	05	1940	01	No sudeste europeu	Sem assinatura
19	05	1940	01	Vinte e cinco anos depois	Sem assinatura
19	05	1940	30	Hora decisiva?	Sem assinatura
21	05	1940	01	Quatro fatos	Sem assinatura
21	05	1940	16	Mudança de chefes	Sem assinatura
22	05	1940	01	Momentos decisivos	Sem assinatura
22	05	1940	12	Manobras repetidas	Sem assinatura
23	05	1940	01	Forças visíveis e invisíveis	Sem assinatura
23	05	1940	16	Hipóteses e quimeras	Sem assinatura
24	05	1940	01	O objetivo da ofensiva alemã	Sem assinatura
24	05	1940	12	As grandes cidades e a guerra	Sem assinatura
26	05	1940	01	Novas armas de guerra	Sem assinatura
26	05	1940	14	Glosas e conjecturas	Sem assinatura
26	05	1940	?	Os estados balcânicos	Sem assinatura
26	05	1940	30	Casos obscuros	Sem assinatura

Dia	Mês	Ano	Pg	Título	Autor/Pseudônimo
28	05	1940	18	Novidades bélicas	Sem assinatura
29	05	1940	01	A guerra econômica	Sem assinatura
29	05	1940	14	A batalha de Flandres	Sem assinatura
30	05	1940	01	Os reis e a História	Sem assinatura
30	05	1940	16	Tanques e trincheiras	Sem assinatura
31	05	1940	12	A diplomacia e a URSS	Sem assinatura
01	06	1940	14	Entre Dunquerque e Nieuport	Sem assinatura
02	06	1940	01	Os futuros golpes	Sem assinatura
02	06	1940	26	Fim da primeira fase	Sem assinatura
05	06	1940	14	A continuação da ofensiva	Sem assinatura
06	06	1940	01	Dois critérios	Sem assinatura
06	06	1940	16	Incógnitas	Sem assinatura
07	06	1940	01	Novos objetivos	Sem assinatura
07	06	1940	14	A segunda ofensiva	Sem assinatura
08	06	1940	12	Política francesa	Sem assinatura
09	06	1940	30	O grande embate	Sem assinatura
11	06	1940	01	Há um mês...	Sem assinatura
11	06	1940	14	Neutralidade	Sem assinatura
12	06	1940	16	Batalha da França	Sem assinatura
13	06	1940	01	Questão de horas ou de dias	Sem assinatura
14	06	1940	14	Às margens do Marne	Sem assinatura
15	06	1940	01	A propósito de dois apelos	Sem assinatura
15	06	1940	12	A posição do Brasil	Sem assinatura
18	06	1940	01	O espírito novo da França	Sem assinatura
18	06	1940	16	A capitulação da França	Sem assinatura
19	06	1940	01	A Inglaterra e os seus recursos	Sem assinatura
20	06	1940	14	Os pequenos exércitos	Sem assinatura
21	06	1940	12	Planos estratégicos	Sem assinatura
22	06	1940	01	As declarações de Pétain	Sem assinatura
25	06	1940	01	Segunda etapa	Sem assinatura
26	06	1940	14	Planos ilusórios	Sem assinatura
27	06	1940	12	A política das alianças	Sem assinatura
28	06	1940	12	Fatos inexplicáveis	Sem assinatura
29	06	1940	01	Novos rumores de paz	Sem assinatura
30	06	1940	30	A desventura da Rumânia	Sem assinatura
03	07	1940	01	O grande duelo	Sem assinatura
04	07	1940	01	As perdas dos beligerantes	Sem assinatura
06	07	1940	14	A decisão inglesa	Sem assinatura
09	07	1940	01	Guerra de guerrilhas	Sem assinatura
09	07	1940	14	Política francesa	Sem assinatura
10	07	1940	14	Dois Impérios	Sem assinatura
11	07	1940	01	Mais surpresas...	Sem assinatura
12	07	1940	01	Previsões e realidades	Sem assinatura
12	07	1940	12	As causas prováveis do desmoroamento do exército francês	Jean Grandt
13	07	1940	12	Retaguarda ameaçada	sem assinatura
14	07	1940	?	As precauções da União Soviética	Peter C. Rodhes

Dia	Mês	Ano	Pg	Título	Autor/Pseudônimo
14	07	1940	32	Federação europeia	sem assinatura
16	07	1940	14	As palavras de Churchill	sem assinatura
17	07	1940	14	Dentro de poucos dias...	sem assinatura
18	07	1940	14	Os mistérios do petróleo	sem assinatura
19	07	1940	16	Batalha da Grã-Bretanha	sem assinatura
20	07	1940	14	Império em perigo	sem assinatura
?	?	1940	?	A guerra e o desemprego	sem assinatura
24	07	1940	01	Reação norte-americana	sem assinatura
24	07	1940	14	A luta contra a fome	sem assinatura
25	07	1940	14	Novo compasso de espera	sem assinatura
26	07	1940	12	Paralelos inofensivos	sem assinatura
27	07	1940	01	Duas espécies de propaganda	sem assinatura
28	07	1940	32	Embargos e bloqueio	sem assinatura
30	07	1940	16	Adiamentos e segredos de guerra	sem assinatura
31	07	1940	14	Guerra de esgotamento	sem assinatura
01	08	1940	16	Conferência inter-americana	sem assinatura
02	08	1940	12	Belgrado e Salzburg	sem assinatura
03	08	1940	16	As relações germano-russas	sem assinatura
04	08	1940	16	Olho por olho, dente por dente...	sem assinatura
07	08	1940	14	Os trunfos de última hora	sem assinatura
08	08	1940	14	O prestígio dos números e estatísticas	sem assinatura
09	08	1940	14	A psicologia das datas...	sem assinatura
10	08	1940	14	A ofensiva por partes	sem assinatura
11	08	1940	30	Tanques e aeroplanos	sem assinatura
14	08	1940	16	Primeiros resultados	sem assinatura
15	08	1940	14	O domínio do Canal da Mancha	sem assinatura
17	08	1940	01	Prenúncios da invasão	sem assinatura
18	08	1940	30	Guerra e fome	sem assinatura
20	08	1940	16	Dentro de 24 horas...	sem assinatura
21	08	1940	?	Exército inativo	sem assinatura
22	08	1940	01	As lições antigas	sem assinatura
23	08	1940	14	Pequeno balanço	sem assinatura
24	08	1940	14	A guerra é movimento...	sem assinatura
25	08	1940	?	Duelos de artilharia	sem assinatura
27	08	1940	01	Guerra e terrorismo	sem assinatura
28	08	1940	?	A arma decisiva	sem assinatura
30	08	1940	01	O Pacto Briand-Kellogg	sem assinatura
30	08	1940	14	As duas frentes	sem assinatura
01	09	1940	01	Primeiro aniversário	sem assinatura
03	09	1940	16	Do Ocidente ao Oriente	sem assinatura
04	09	1940	01	Aspectos da Guerra Aérea	sem assinatura
05	09	1940	16	Um olhar pela África	sem assinatura
06	09	1940	14	A duração da guerra	sem assinatura
08	09	1940	28	O imbróglio balcânico	sem assinatura
10	09	1940	01	Mais semana, menos semana	sem assinatura
11	09	1940	14	Confrontos e contradições	sem assinatura
13	09	1940	14	Submarinos e aviões	sem assinatura

Dia	Mês	Ano	Pg	Título	Autor/Pseudônimo
13	09	1940	01	A invasão da Inglaterra	sem assinatura
14	09	1940	14	Opiniões suspeitas e insuspeitas	sem assinatura
15	09	1940	32	‘Fase preliminar’	sem assinatura
17	09	1940	14	As últimas ameaças	sem assinatura
18	09	1940	14	Defesa anti-aérea	sem assinatura
19	09	1940	16	Respigando...	sem assinatura
20	09	1940	14	As visitas de von Ribbentrop	sem assinatura
21	09	1940	16	Disciplina sob o fogo	sem assinatura
22	09	1940	32	Regime de racionamento	sem assinatura
25	09	1940	14	Os últimos acontecimentos	sem assinatura
26	09	1940	14	Novos mapas	sem assinatura
27	09	1940	16	Reunião de diplomatas	sem assinatura
28	09	1940	14	O acordo tríplice	sem assinatura
29	09	1940	32	Palavras de paz	sem assinatura
01	10	1940	14	‘A guerra dos Continentes’	sem assinatura
02	10	1940	16	Os grandes e pequenos casos	sem assinatura
03	10	1940	14	O ano de 1941	sem assinatura
04	10	1940	14	Os fatos novos da guerra	sem assinatura
05	10	1940	14	‘Mais ilusões perdidas...’	sem assinatura
06	10	1940	32	Hipóteses, fantasias e realidades	sem assinatura
08	10	1940	16	Península Ibérica	sem assinatura
09	10	1940	01	Vaticínios inofensivos	sem assinatura
10	10	1940	16	O embate principal	sem assinatura
11	10	1940	14	Burma e Rumânia	sem assinatura
12	10	1940	16	A posse dos estreitos	sem assinatura
13	10	1940	32	‘Movimentos de tenazes’	sem assinatura
15	10	1940	18	A marcha para sudeste	sem assinatura
16	10	1940	14	Psicologia dos acordos comerciais	sem assinatura
17	10	1940	14	Os casos de somenos	sem assinatura
18	10	1940	14	‘Mestres’ e ‘discípulos’	sem assinatura
19	10	1940	14	A batalha de Londres	sem assinatura
20	10	1940	32	As ideologias e as guerras	sem assinatura
22	10	1940	16	As reações inesperadas	sem assinatura
23	10	1940	14	A propósito de uma mensagem	sem assinatura
24	10	1940	16	O domínio do ar	sem assinatura
25	10	1940	14	A ofensiva do inverno	sem assinatura
26	10	1940	16	Manobras repetidas	sem assinatura
27	10	1940	01	Pactos, acordos e conferências	sem assinatura
29	10	1940	16	Os grandes planos e a fome	sem assinatura
30	10	1940	01	‘Os Balcãs em fogo’	sem assinatura
31	10	1940	14	Na nova frente	sem assinatura
01	11	1940	16	Na expectativa	sem assinatura
03	11	1940	30	As concentrações no Danúbio	sem assinatura
05	11	1940	01	Reflexões sobre o Terror	sem assinatura
06	11	1940	01	Dois neutros disputados	sem assinatura
07	11	1940	16	A vitória de Roosevelt	sem assinatura
08	11	1940	16	A guerra marítima	sem assinatura

Dia	Mês	Ano	Pg	Título	Autor/Pseudônimo
09	11	1940	16	O panorama dos Bálcãs	sem assinatura
13	11	1940	01	A viagem de Molotov	sem assinatura
13	11	1940	01	A guerra nos ares	sem assinatura
13	11	1940	16	Produção intensiva	sem assinatura
14	11	1940	01	O assunto do momento	sem assinatura
14	11	1940	16	O enigma de Moscou	E. Pavlovitch
15	11	1940	18	Sigilo e publicidade	sem assinatura
16	11	1940	14	Política de Bismarck...	sem assinatura
17	11	1940	01	O dissipar de uma ilusão	sem assinatura
19	11	1940	16	Meras coincidências...	sem assinatura
20	11	1940	16	Sobre o futuro golpe	sem assinatura
21	11	1940	18	Conferência de Viena	sem assinatura
22	11	1940	16	Fato consumado	sem assinatura
23	11	1940	16	O ridículo e a guerra	sem assinatura
24	11	1940	32	Na frente da Macedônia	sem assinatura
26	11	1940	16	Estratégia e polícia	sem assinatura
27	11	1940	16	Conferências, pactos e adesões...	sem assinatura
28	11	1940	18	Efeitos da 'quinta' arma	sem assinatura
29	11	1940	14	O retorno à gleba...	sem assinatura
30	11	1940	16	O ocaso da propaganda	sem assinatura
01	12	1940	36	Caos sangrento	sem assinatura
03	12	1940	16	Na Grécia e adjacências	sem assinatura
04	12	1940	16	A luta entre 'amigos'...	sem assinatura
05	12	1940	16	Estranhos atentados	sem assinatura
06	12	1940	16	A mocidade da Europa	sem assinatura
07	12	1940	14	As sutilezas diplomáticas	sem assinatura
08	12	1940	36	Trégua e paz	sem assinatura
10	12	1940	18	As duas recentes surpresas	sem assinatura
11	12	1940	16	Estados Unidos e Europa	sem assinatura
12	12	1940	16	A situação de um vencido	sem assinatura
13	12	1940	16	As 'chaves' do Mediterrâneo	sem assinatura
14	12	1940	16	Os 'pequenos' mistérios	sem assinatura
15	15	1940	44	No Danúbio, Bálcãs e Egito	sem assinatura
17	12	1940	01	Londres sob os bombardeios alemães	Ralph Ingersoll
17	12	1940	18	Novos enigmas	sem assinatura
18	12	1940	14	França e Rumânia	sem assinatura
19	12	1940	01	Londres sob os bombardeios alemães II	Ralph Ingersoll
19	12	1940	18	'Humorismo soviético'...	sem assinatura
20	12	1940	16	O auxílio dos Estados Unidos	sem assinatura
21	12	1940	01	Londres sob os bombardeios alemães III	Ralph Ingersoll
21	12	1940	16	Motivos de inquietação	sem assinatura
22	12	1940	36	O otimismo do inverno...	sem assinatura
24	12	1940	01	Londres sob os bombardeios alemães IV	Ralph Ingersoll
24	12	1940	18	Rumos desconhecidos	sem assinatura
25	12	1940	18	Causas de um descontentamento	sem assinatura
27	12	1940	14	Previsões e realidades	sem assinatura

Dia	Mês	Ano	Pg	Título	Autor/Pseudônimo
28	12	1940	01	Londres sob os bombardeios alemães V	Ralph Ingersoll
28	12	1940	14	Movimentos estranhos	sem assinatura
29	12	1940	32	Os 'cavalinhos mongólicos'	sem assinatura
31	12	1940	01	Londres sob os bombardeios alemães VI	Ralph Ingersoll

Tabela IV (1941)

Dia	Mês	Ano	Pg	Título	Autor/Pseudônimo
01	01	1941	20	Uma resposta ativa	sem assinatura
03	01	1941	14	Dramáticas perspectivas	sem assinatura
04	01	1941	01	Londres sob os bombardeios alemães VII	Ralph Ingersoll
04	01	1941	12	Operações demoradas	sem assinatura
05	01	1941	32	A química dos números...	sem assinatura
07	01	1941	01	Londres sob os bombardeios alemães VIII	Ralph Ingersoll
07	01	1941	14	Nos Bálcãs e na África Oriental	sem assinatura
08	01	1941	14	'A quinta Blitzkrieg'	sem assinatura
09	01	1941	01	Londres sob os bombardeios alemães IX	Ralph Ingersoll
10	01	1941	14	Material e homens	sem assinatura
11	01	1941	01	Londres sob os bombardeios alemães X	Ralph Ingersoll
11	01	1941	14	A paz totalitária	sem assinatura
12	01	1941	32	As fontes fidedignas	sem assinatura
14	01	1941	01	Londres sob os bombardeios alemães XI	Ralph Ingersoll
14	01	1941	16	Auxílios e cálculos	sem assinatura
15	01	1941	14	O socialismo e a paz	sem assinatura
16	01	1941	01	Londres sob os bombardeios alemães XII	Ralph Ingersoll
16	01	1941	16	Sobre amplos poderes	sem assinatura
17	01	1941	16	Inglaterra e Turquia	sem assinatura
18	01	1941	01	Londres sob os bombardeios alemães XIII	Ralph Ingersoll
18	01	1941	14	Inverno e Primavera	sem assinatura
19	01	1941	36	Nova fase da guerra?	sem assinatura
21	01	1941	01	Londres sob os bombardeios alemães XIV	Ralph Ingersoll
21	01	1941	14	O grande golpe	sem assinatura
22	01	1941	16	Duas conferências	sem assinatura
24	01	1941	16	Primeira insurreição?	sem assinatura
25	01	1941	02	As relações teuto-russas	sem assinatura
25	01	1941	18	Londres sob os bombardeios alemães XVI	Ralph Ingersoll
26	01	1941	32	Declarações de Lindbergh	sem assinatura
28	01	1941	01	Londres sob os bombardeios alemães XVII	Ralph Ingersoll
28	01	1941	16	Há três meses...	sem assinatura
29	01	1941	14	A 'calma' dos comunicados...	sem assinatura
30	01	1941	01	Londres sob os bombardeios alemães XVIII	Ralph Ingersoll
30	01	1941	16	A situação dos beligerantes	sem assinatura
31	01	1941	16	A produção de aeroplanos	sem assinatura

Dia	Mês	Ano	Pg	Título	Autor/Pseudônimo
01	02	1941	01	Londres sob os bombardeios alemães XIX	Ralph Ingersoll
01	02	1941	16	Dois grandes fatos	sem assinatura
02	02	1941	36	Os críticos e as revelações	sem assinatura
04	02	1941	01	Londres sob os bombardeios alemães XX	Ralph Ingersoll
04	02	1941	16	Outra ilusão	sem assinatura
05	02	1941	14	Preparativos da invasão	sem assinatura
05	02	1941	16	Um dos caminhos de Londres	sem assinatura
06	02	1941	01	Londres sob os bombardeios alemães XXI	Ralph Ingersoll
07	02	1941	14	Nas vésperas de um embate	sem assinatura
08	02	1941	01	Londres sob os bombardeios alemães XXII	Ralph Ingersoll
08	02	1941	14	'Paz negociável'	sem assinatura
09	02	1941	36	As possibilidades da aviação	sem assinatura
11	02	1941	01	Londres sob os bombardeios alemães XXIII	Ralph Ingersoll
11	02	1941	16	A crise francesa	sem assinatura
12	02	1941	16	Bulgária, França e...Espanha	sem assinatura
13	02	1941	01	Londres sob os bombardeios alemães XXIV	Ralph Ingersoll
13	02	1941	16	Reflexões inocentes...	sem assinatura
14	02	1941	16	Os objetivos da paz	sem assinatura
15	02	1941	01	Londres sob os bombardeios alemães XXV	Ralph Ingersoll
16	02	1941	36	Viveres e batalhas	sem assinatura
18	02	1941	16	O 'espírito' de Versalhes	sem assinatura
19	02	1941	18	A guerra marítima	sem assinatura
20	02	1941	01	Londres sob os bombardeios alemães XXVI	Ralph Ingersoll
20	02	1941	16	Planos viáveis e inviáveis	sem assinatura
21	02	1941	14	Vitórias e derrotas diplomáticas	sem assinatura
22	02	1941	02	Um pequeno balanço	sem assinatura
22	02	1941	16	Londres os bombardeios alemães XXVII	Ralph Ingersoll
23	02	1941	26	Momento de sensação...	sem assinatura
25	02	1941	01	Londres os bombardeios alemães XXVIII	Ralph Ingersoll
27	02	1941	01	Londres sob os bombardeios alemães XXIX	Ralph Ingersoll
27	02	1941	14	Entre duas épocas	sem assinatura
28	02	1941	18	Os 'benefícios' da confusão	sem assinatura
01	03	1941	01	Londres sob os bombardeios alemães XXX	Ralph Ingersoll
01	03	1941	14	Dois invasões em perspectiva	sem assinatura
02	03	1941	36	O pacto tríplice	sem assinatura
04	03	1941	01	Londres sob os bombardeios alemães XXXI	Ralph Ingersoll

Dia	Mês	Ano	Pg	Título	Autor/Pseudônimo
04	03	1941	16	Horizontes escuros...	sem assinatura
05	03	1941	14	A atual 'paz' balcânica	sem assinatura
06	03	1941	01	Londres sob os bombardeios alemães XXXII	Ralph Ingersoll
07	03	1941	14	Na perspectiva de 'surpresas'...	sem assinatura
08	03	1941	01	Londres sob os bombardeios alemães XXXIII	Ralph Ingersoll
08	03	1941	14	Indecisão e prudência	sem assinatura
09	03	1941	01	Sobre as perdas no mar	sem assinatura
11	03	1941	01	Londres sob os bombardeios alemães XXXIV	Ralph Ingersoll
11	03	1941	16	A vez da Iugoslávia	sem assinatura
12	03	1941	16	A fome e a estratégia	sem assinatura
13	03	1941	01	Londres sob os bombardeios alemães XXXV (Conclusão)	Ralph Ingersoll
13	03	1941	16	A lei de amplos poderes	sem assinatura
14	03	1941	14	Curiosidades da guerra	sem assinatura
15	03	1941	16	A campanha da primavera	sem assinatura
18	03	1941	16	Pródromos da ofensiva?	sem assinatura
19	03	1941	14	Palavras eloqüentes	sem assinatura
20	03	1941	16	Uma visita em conjunto	sem assinatura
21	03	1941	16	Pessimismo e confiança	sem assinatura
22	03	1941	14	Ofensivas e contra-ofensivas	sem assinatura
23	03	1941	01	O novo orçamento de Roosevelt	Conde Emmanuel de Bennigsen
23	03	1941	40	A nova tática da propaganda	sem assinatura
25	03	1941	16	Psicologia dos fatos sensacionais	sem assinatura
26	03	1941	16	'Tremendos acontecimentos'	sem assinatura
27	03	1941	01	Teu filho não voltará mais!	Major Affonso de Carvalho
27	03	1941	18	Ainda a frente balcânica	sem assinatura
28	03	1941	01	A segunda supresa...	sem assinatura
29	03	1941	01	Teu filho não voltará mais! II	Affonso de Carvalho
29	03	1941	16	Duas campanhas	sem assinatura
30	03	1941	36	Superstições imponderáveis	sem assinatura
01	04	1941	01	Teu filho não voltará mais!	Major Affonso de Carvalho
01	04	1941	18	Confiança e firmeza	sem assinatura
02	04	1941	01	O Japão na encruzilhada do caminho	Conde Emmanuel de Bennigsen
02	04	1941	18	No Atlântico e no Mediterrâneo	sem assinatura
03	04	1941	01	Teu filho não voltará mais! IV	Major Affonso de Carvalho
04	04	1941	14	As ditaduras nas retaguardas	sem assinatura
05	04	1941	01	Teu filho não voltará mais! V	Affonso de Carvalho
05	04	1941	16	Primavera misteriosa	sem assinatura
06	04	1941	01	Os golpes de Estado na Sérvia	E. Pavlovitch
06	04	1941	40	Na África e nos Bálcãs	sem assinatura

Dia	Mês	Ano	Pg	Título	Autor/Pseudônimo
08	04	1941	01	O ataque à Iugoslávia e à Grécia	sem assinatura
09	04	1941	16	Os prós e os contras dos beligerantes	sem assinatura
10	04	1941	01	Teu filho não voltará mais! VI	Major Affonso de Carvalho
10	04	1941	16	‘Cunhas’ e ‘tenazes’	sem assinatura
11	04	1941	14	Nos bastidores da guerra...	sem assinatura
13	04	1941	01	O derivativo dos Bálcãs	sem assinatura
13	04	1941	32	Hitler arriscará seus cruzadores de batalha	Major George Fielding Eliot
15	04	1491	01	Teu filho não voltará mais! VII	Major Affonso de Carvalho
15	04	1941	16	A caminho do Canal de Suez	sem assinatura
16	04	1941	16	A luta no escuro	sem assinatura
17	04	1941	01	Teu filho não voltará mais! VIII	Major Affonso de Carvalho
17	04	1941	14	Dos montes do Pindo ao Nilo	sem assinatura
18	04	1941	01	Reflexões melancólicas...	sem assinatura
19	04	1941	01	Teu filho não voltará mais! IX	Major Affonso de Carvalho
20	04	1941	36	Fim de uma campanha?	sem assinatura
22	04	1941	01	Teu filho não voltará mais! X	Major Affonso de Carvalho
22	04	1941	18	A batalha do Mediterrâneo	sem assinatura
23	04	1941	16	Egito e Oriente Próximo	sem assinatura
25	04	1941	16	Imponderáveis e ‘milagres’	sem assinatura
26	04	1941	01	Teu filho não voltará mais! XI	Major Affonso de Carvalho
26	04	1941	18	A posição da Turquia	sem assinatura
27	04	1941	36	No continente africano	sem assinatura
29	04	1941	01	Teu filho não voltará mais! XII	Major Affonso de Carvalho
29	04	1941	16	A Rússia e a Ibéria	sem assinatura
30	04	1941	16	A grande ‘tenaz’	sem assinatura
01	05	1941	01	Teu filho não voltará mais! XIII	Major Affonso de Carvalho
01	05	1941	18	Perguntas e respostas	sem assinatura
03	05	1941	01	Teu filho não voltará mais! XIV	Major Affonso de Carvalho
03	05	1941	16	‘Fatos incompreensíveis’	sem assinatura
04	05	1941	40	No Egito e na Mesopotâmia	sem assinatura
06	05	1941	01	Teu filho não voltará mais XV	Major Affonso de Carvalho
06	05	1941	16	As ‘forragens’ e o petróleo	sem assinatura
07	05	1941	16	Cálculos e prognósticos	sem assinatura
08	05	1941	01	Teu filho não voltará mais! XVI	Major Affonso de Carvalho
08	05	1941	16	O fechamento do Mediterrâneo	sem assinatura
09	05	1941	16	A batalha do Atlântico	sem assinatura

Dia	Mês	Ano	Pg	Título	Autor/Pseudônimo
10	05	1941	01	Teu filho não voltará mais! XVII	Affonso de Carvalho
10	05	1941	16	'Política de cerco'	sem assinatura
11	05	1941	36	Tobruk, Iraque e Síria	sem assinatura
13	05	1941	01	Teu filho não voltará mais! XVIII	Major Afonso de Carvalho
14	05	1941	16	O fato do momento	sem assinatura
15	05	1941	16	A maior propaganda	sem assinatura
16	05	1941	16	Paz e colaboração	sem assinatura
17	05	1941	01	Teu filho não voltará mais! XIX	Major Afonso de Carvalho
17	05	1941	16	Ligeiras divagações	sem assinatura
18	05	1941	36	A extensão do conflito	sem assinatura
20	05	1941	01	Teu filho não voltará mais XX	Major Afonso de Carvalho
21	05	1941	01	As novidades da primavera	sem assinatura
21	05	1941	16	Batalha sem propaganda	sem assinatura
22	05	1941	01	Teu filho não voltará mais! XXI	Major Afonso de Carvalho
23	05	1941	14	Ação de pára-quedistas	sem assinatura
24	05	1941	01	Teu filho não voltará mais! XXII	Major Afonso de Carvalho
24	05	1941	14	A lenda e a guerra	sem assinatura
25	05	1941	36	A colaboração franco-alemã	sem assinatura
27	05	1941	01	Teu filho não voltará mais! XXIII	Tenente-coronel Affonso de Carvalho
27	05	1941	16	Prelúdio da invasão?	sem assinatura
28	05	1941	16	Um juízo desairoso	sem assinatura
29	05	1941	01	Teu filho não voltará mais! XXIV	Tenente-coronel Affonso de Carvalho
29	05	1941	14	As duas batalhas	sem assinatura
31	05	1941	01	Teu filho não voltará mais! XXV	Tenente-coronel Affonso de Carvalho
31	05	1941	14	Vitória alemã em Creta	sem assinatura
03	06	1941	16	Os 'males' das democracias	sem assinatura
04	06	1941	14	Aeroplanos, mais aeroplanos...	sem assinatura
05	06	1941	01	Teu filho não voltará mais! XXVI	Affonso de Carvalho
05	06	1941	18	As conseqüências de uma vitória	sem assinatura
06	06	1941	01	Perspectivas militares	Emmanuel de Bennigsen
06	06	1941	16	Batalha prolongada	sem assinatura
07	06	1941	01	Teu filho não voltará mais! XXVII	Tenente-Coronel Affonso de Carvalho
08	06	1941	36	Manobras repetidas	sem assinatura
10	06	1941	01	Teu filho não voltará mais! XXVIII	Tenente-Coronel Affonso de Carvalho
10	06	1941	16	Invasões e infiltrações	sem assinatura
11	06	1941	16	O domínio do Mediterrâneo	sem assinatura

Dia	Mês	Ano	Pg	Título	Autor/Pseudônimo
12	06	1941	01	Teu filho não voltará mais! XXIX	Tenente-Coronel Affonso de Carvalho
12	06	1941	16	Império disputado	sem assinatura
13	06	1941	14	Na estrada de Damasco...	sem assinatura
14	06	1941	14	Perspectivas sombrias...	sem assinatura
15	06	1941	32	A 'psicose da guerra'	sem assinatura
17	06	1941	16	Créditos 'congelados'	sem assinatura
19	06	1941	16	Novo Dacar?	sem assinatura
20	06	1941	14	Duas frentes num setor	sem assinatura
22	06	1941	32	Pacto germano-turco	sem assinatura
24	06	1941	01	A campanha marítima	sem assinatura
25	06	1941	01	A invasão da Rússia	sem assinatura
25	06	1941	16	Ideologias e mistérios	sem assinatura
26	06	1941	16	Os remoques de Bernard Shaw	sem assinatura
27	06	1941	14	'Vitórias diplomáticas'	sem assinatura
28	06	1941	14	Ações na retaguarda	sem assinatura
29	06	1941	32	'Declarações de guerra'	sem assinatura
01	07	1941	16	Batalhas inacabadas...	sem assinatura
02	07	1941	14	Máquinas e homens	sem assinatura
03	07	1941	16	Êxitos e manobras	sem assinatura
04	07	1941	01	O sentido da resistência	sem assinatura
05	07	1941	14	As linhas 'Weygand' e 'Stalin'	sem assinatura
09	07	1941	14	A atitude do Japão	sem assinatura
10	07	1941	16	Na frente Ocidental	sem assinatura
11	07	1941	16	O armistício na Síria	sem assinatura
12	07	1941	16	Quantidade e qualidade	sem assinatura
13	07	1941	36	No mês de julho...	sem assinatura
15	07	1941	16	A Inglaterra e o continente	sem assinatura
16	07	1941	14	A decisão da guerra	sem assinatura
17	07	1941	16	Várias 'frentes' de batalhas	sem assinatura
18	07	1941	14	No extremo Oriente	sem assinatura
19	07	1941	16	Crises e divergências	sem assinatura
20	07	1941	32	As grandes 'banalidades'	sem assinatura
22	07	1941	18	A indústria pesada e o trigo...	sem assinatura
23	07	1941	14	Outros acontecimentos	sem assinatura
24	07	1941	16	A guerra obscura	sem assinatura
25	07	1941	16	Trincheiras e praças fortes	sem assinatura
26	07	1941	16	Idealismo e utilitarismo	sem assinatura
27	07	1941	01	A situação no Oriente	Emmanuel de Bennigsen
29	07	1941	16	A caminhada para Oriente	sem assinatura
30	07	1941	16	'Pontas de lança' e guerrilhas	sem assinatura
31	07	1941	16	Golpes desesperados	sem assinatura
01	08	1941	16	Tema sedição...	sem assinatura
02	08	1941	16	As controvérsias dos técnicos	sem assinatura
03	08	1941	40	Tratados e cartas particulares	sem assinatura
12	08	1941	16	A grande retaguarda	sem assinatura
13	08	1941	16	O enigma de Vichi	sem assinatura

Dia	Mês	Ano	Pg	Título	Autor/Pseudônimo
14	08	1941	16	Nos dois extremos	sem assinatura
15	08	1941	?	As contradições da paz...	sem assinatura
16	08	1941	12	A entrevista histórica	sem assinatura
17	08	1941	36	À margem de uma conferência	sem assinatura
20	08	1941	14	Os grandes sonhos	sem assinatura
21	08	1941	16	Política de ‘colaboração’	sem assinatura
22	08	1941	14	Datas, fatos e profecias	sem assinatura
23	08	1941	16	Turquia e Pérsia	sem assinatura
24	08	1941	36	História comparada	sem assinatura
27	08	1941	16	Política do futuro	sem assinatura
28	08	1941	16	Arsenal das democracias	sem assinatura
29	08	1941	14	O terrorismo na Europa	sem assinatura
30	08	1941	?	A capitulação da Pérsia	sem assinatura
31	08	1941	36	Novos ‘acontecimentos’	sem assinatura
02	09	1941	16	Uma paz em separado	sem assinatura
03	09	1941	16	Material contra material	sem assinatura
05	09	1941	16	Na passagem do equinócio...	sem assinatura
06	09	1941	16	Sobre uma previsão	sem assinatura
07	09	1941	36	A contra-mão	sem assinatura
09	09	1941	18	Grandes feitos inúteis	sem assinatura
10	09	1941	16	Estranho pessimismo	sem assinatura
11	09	1941	18	À laia de retificação	sem assinatura
12	09	1941	?	A história pode repetir-se	sem assinatura
13	09	1941	16	‘Declarações de guerra’	sem assinatura
14	19	1941	32	Na Escandinávia e nos Bálcãs	sem assinatura
16	09	1941	32	Balelas e lendas	sem assinatura
17	09	1941	16	‘Batalhas decisivas’...	sem assinatura
18	09	1941	18	A ação das retaguardas	sem assinatura
19	09	1941	16	Campanha de gigantes	sem assinatura
20	09	1941	16	A medalha e o seu reverso	sem assinatura
21	09	1941	36	Dois exércitos	sem assinatura
23	09	1941	16	Um de cada vez...	sem assinatura
24	09	1941	14	Assunto perigoso	sem assinatura
26	09	1941	16	Dois mentalidades	sem assinatura
27	09	1941	14	O próximo após-guerra	sem assinatura
28	09	1941	36	Luta pela ‘frente’ Oeste	sem assinatura
30	09	1941	16	Os golpes inesperados	sem assinatura
01	10	1941	16	O Japão e a guerra	Emmanuel de Bennisen
02	10	1941	16	As revoltas organizadas	sem assinatura
03	10	1941	16	Promessas e preparativos	sem assinatura
04	10	1941	16	Dolorosos acontecimentos	sem assinatura
05	10	1941	36	O trunfo misterioso	sem assinatura
07	10	1941	18	No reino das surpresas	sem assinatura
08	10	1941	16	A batalha da produção	sem assinatura
09	10	1941	16	A ação dos anônimos	sem assinatura
10	10	1941	16	Um mundo diferente	sem assinatura

Dia	Mês	Ano	Pg	Título	Autor/Pseudônimo
11	10	1941	16	O conceito de defesa	sem assinatura
12	10	1941	32	Um momento oportuno...	sem assinatura
14	10	1941	18	A questão do cromo	sem assinatura
15	10	1941	16	Providências para o futuro	sem assinatura
16	10	1941	18	A hora do Japão	sem assinatura
17	10	1941	16	Os ingleses no continente	sem assinatura
18	10	1941	16	A crise japonesa	sem assinatura
19	10	1941	32	Mais um torpedeamento	sem assinatura
21	10	1941	18	Na encruzilhada	sem assinatura
22	10	1941	18	As colheitas e os sonhos	sem assinatura
23	10	1941	16	Os Estados Unidos na Europa	sem assinatura
24	10	1941	16	Várias guerras civis	sem assinatura
25	10	1941	16	Corpos expedicionários	sem assinatura
26	10	1941	01	Meu filho Franklin	Isabel Leighton e Gabrielle Forbush
26	10	1941	36	Negociações difíceis	sem assinatura
29	10	1941	18	A caminho de guerra	sem assinatura
30	10	1941	01	Meu filho Franklin (II)	Relato feito por Mrs. James Roosevelt a Isabel Leighton e Gabrielle Forbush
31	10	1941	14	Os fuzilamentos na França	sem assinatura
01	11	1941	16	A criação da nova frente	sem assinatura
02	11	1941	01	Meu filho Franklin (III)	Relato feito por Mrs. James Roosevelt a Isabel Leighton e Gabrielle Forbush
02	11	1941	30	Reflexões sobre a prudência	sem assinatura
05	11	1941	01	Miscelânea alucinada	sem assinatura
05	11	1941	16	Uma voz do Oriente	sem assinatura
06	11	1941	01	Meu filho Franklin (IV)	Relato feito por Mrs. James Roosevelt a Isabel Leighton e Gabrielle Forbush
06	11	1941	16	Esforços dispersivos	sem assinatura
07	11	1941	18	Do Cáucaso à Birmânia	sem assinatura
08	11	1941	18	Os dórios e os hilotas modernos	sem assinatura
09	11	1941	01	Meu filho Franklin (V)	Relato feito por Mrs. James Roosevelt a Isabel Leighton e Gabrielle Forbush
09	11	1941	36	Uma paz laboriosa	sem assinatura
11	11	1941	16	Variações sobre o pessimismo	sem assinatura
12	11	1941	16	A monotonia das repetições	sem assinatura
13	11	1941	01	Meu filho Franklin (VI)	Relato feito por Mrs. James Roosevelt a Isabel Leighton e Gabrielle Forbush

Dia	Mês	Ano	Pg	Título	Autor/Pseudônimo
13	11	1941	18	Um dia depois do outro...	sem assinatura
14	11	1941	01	A rota do Mediterrâneo	sem assinatura
14	11	1941	16	A indústria de guerra norte-americana	Conde Emmanuel de Bennigsen
15	11	1941	18	Uma vitória difícil	sem assinatura
16	11	1941	01	Meu filho Franklin (VII)	Relato feito por Mrs. James Roosevelt a Isabel Leighton e Gabrielle Forbush
16	11	1941	32	Sabotagem material e moral	sem assinatura
18	11	1941	16	Duas 'encruzilhadas'	sem assinatura
19	11	1941	16	Mediterrâneo ou Atlântico Sul?	sem assinatura
20	11	1941	01	Meu filho Franklin (VIII)	Isabel Leighton e Gabrielle Forbush
20	11	1941	20	Os segredos e o sensacionalismo	sem assinatura
21	11	1941	16	18 de novembro de 1941	sem assinatura
22	11	1941	18	Guerra aos neutros	sem assinatura
23	11	1941	01	Getúlio Vargas em São Paulo	Propaganda
23	11	1941	32	Meu filho Franklin (IX)	Relato feito por Mrs. James Roosevelt a Isabel Leighton e Gabrielle Forbush
25	11	1941	18	Uma frente no Ocidente?	sem assinatura
26	11	1941	01	As greves nos Estados Unidos	sem assinatura
26	11	1941	16	O poderio naval dos Estados Unidos	Luiz Amador Sanchez
27	11	1941	01	Meu filho Franklin (X)	Relato feito por Mrs. James Roosevelt a Isabel Leighton e Gabrielle Forbush
27	11	1941	18	As razões de uma 'encruzilhada'	sem assinatura
28	11	1941	16	A rapidez e a duração da guerra	sem assinatura
29	11	1941	18	Duas conferências	sem assinatura
30	11	1941	02	Sobre três ofensivas	sem assinatura
30	11	1941	36	Meu filho Franklin (XI)	James Roosevelt a Isabel Leighton e Gabrielle Forbush
02	12	1941	18	A tensão nipo-americana	sem assinatura
03	12	1941	16	Uma ou duas marchas?	sem assinatura
04	12	1941	01	Meu filho Franklin (XII)	Relato feito por Mrs. James Roosevelt a Isabel Leighton e Gabrielle Forbush
05	12	1941	16	Inverno em fogo	sem assinatura
06	12	1941	18	Atentados e colaboração	sem assinatura
07	12	1941	01	Meu filho Franklin (XIII)	Relato feito por Mrs. James Roosevelt a Isabel Leighton e Gabrielle Forbush

Dia	Mês	Ano	Pg	Título	Autor/Pseudônimo
07	12	1941	40	Da resistência moral	sem assinatura
09	12	1941	08	O mundo em guerra	sem assinatura
10	12	1941	01	Objetivos 'secretos'	sem assinatura
11	12	1941	16	Cálculos e rumores	sem assinatura
12	12	1941	01	Meu filho Franklin (XIV)	Relato feito por Mrs. James Roosevelt a Isabel Leighton e Gabrielle Forbush
12	12	1941	16	As grandes perdas navais	sem assinatura
13	12	1941	18	O exército norte-americano	Luiz Amador Sanchez
13	12	1941	18	Venceremos nos dois Oceanos	Cel. Frank Knox (Ministro da Marinha dos Estados Unidos)
13	12	1941	18	Perdas mofinas e grandes planos	sem assinatura
14	12	1941	01	Meu filho Franklin (XV)	Relato feito por Mrs. James Roosevelt a Isabel Leighton e Gabrielle Forbush
14	12	1941	36	Quimeras e matérias-primas	sem assinatura
16	12	1941	20	A união americana	sem assinatura
17	12	1941	?	O próximo golpe	sem assinatura
18	12	1941	01	Meu filho Franklin (XVI)	Relato feito por Mrs. James Roosevelt a Isabel Leighton e Gabrielle Forbush
19	12	1941	01	Coincidências e realidades	sem assinatura
19	12	1941	18	Conjecturas e possibilidades	sem assinatura
20	12	1941	18	Quantidade e qualidade	sem assinatura
21	12	1941	01	Meu filho Franklin (XVII)	James Roosevelt a Isabel Leighton e Gabrielle Forbush
21	12	1941	36	Uma frente afro-européia	sem assinatura
22	12	1941	36	Três meses na França não ocupada	Richard de Rochemont, correspondente.
23	12	1941	20	A riqueza, o dinheiro e a hospitalidade das Américas frente à guerra	Luiz Amador Sanchez (ex-diplomata espanhol)
24	12	1941	18	No inverno ou na primavera?	sem assinatura
25	12	1941	01	Meu filho Franklin (XVIII)	Relato feito por Mrs. James Roosevelt a Isabel Leighton e Gabrielle Forbush
25	12	1941	02	Defensiva perigosa	sem assinatura
27	12	1941	?	O fator vigilância	sem assinatura
28	12	1941	01	Meu filho Franklin XIX	Relato feito por Mrs. James Roosevelt a Isabel Leighton e Gabrielle Forbush

Dia	Mês	Ano	Pg	Título	Autor/Pseudônimo
28	12	1941	32	Consolidação de um Império	sem assinatura
30	12	1941	18	À espera de 'qualquer coisa'...	sem assinatura
31	12	1941	16	Juízos infundados	sem assinatura

Tabela V (1942)

Dia	Mês	Ano	Pg	Título	Autor/Pseudônimo
01	01	1942	09	Meu filho Franklin	James Roosevelt
01	01	1942	14	As cidades e as guerras	Sem assinatura
03	01	1942	18	As futuras campanhas	Sem assinatura
04	01	1942	01	Meu filho Franklin	James Roosevelt
04	01	1942	30	Algumas “coincidências”...	Sem assinatura
06	01	1942	18	Manobras de confusão	Sem assinatura
07	01	1942	01	Um trunfo dos Aliados	Sem assinatura
08	01	1942	01	Meu filho Franklin	James Roosevelt
08	01	1942	16	“Guerra, fome e ... peste”	Sem assinatura
09	01	1942	14	“Derrota gloriosa”	Sem assinatura
10	01	1942	16	A Alemanha em ebulição	Sem assinatura
11	01	1942	01	Meu filho Franklin	Sem assinatura
11	01	1942	30	Castelo de cartas	Sem assinatura
13	01	1942	16	Terceira primavera da guerra	Sem assinatura
01	02	1942	32	Baluartes fixos e improvisados	Sem assinatura
04	02	1942	14	Capítulo das reservas	Sem assinatura
05	02	1942	14	A aviação no Extremo Oriente	Sem assinatura
06	02	1942	14	Birmânia e Egito	Sem assinatura
07	02	1942	14	Algumas perspectivas	Sem assinatura
08	02	1942	30	Os planos quiméricos	Sem assinatura
10	02	1942	16	Lendas e realidades	Sem assinatura
11	02	1942	14	Singapura	Sem assinatura
12	02	1942	14	Duas fortalezas ameaçadas	Sem assinatura
13	02	1942	14	Opiniões e prognósticos	Sem assinatura
14	02	1942	14	Blocos dos neutros	Sem assinatura
15	02	1942	24	Batalha sensacional	Sem assinatura
17	02	1942	12	Acerca de uma derrota	Sem assinatura
19	02	1942	14	Derrotas e crises políticas	Sem assinatura
20	02	1942	?	Na próxima primavera...	Sem assinatura
21	02	1942	14	Um gabinete de guerra	Sem assinatura
22	02	1942	01	Anos de perigo para a Inglaterra I	Paul Frischauer
22	02	1942	28	O “enigma” de Vichi	Sem assinatura
24	02	1942	16	Ofensivas bisadas	Sem assinatura
25	02	1942	16	Ambientes reais ou fictícios	Sem assinatura
26	02	1942	01	Anos de perigo para a Inglaterra II	Paul Frischauer
27	02	1942	14	Os anos de fome	Sem assinatura
28	02	1942	18	Os males da displicência	Sem assinatura
01	03	1942	01	Anos de perigo para a Inglaterra III	Paul Frischauer
01	03	1942	32	A batalha dos sete mares	Sem assinatura
03	03	1942	16	O objetivo encoberto	Sem assinatura
04	03	1942	14	De Java à Birmânia	Sem assinatura
05	03	1942	01	Anos de perigo para a Inglaterra IV	Paul Frischauer
05	03	1942	16	O medo da retaguarda	Sem assinatura
06	03	1942	14	Contrastes e confrontos...	Sem assinatura
07	03	1942	16	As datas das ofensivas	Sem assinatura

Dia	Mês	Ano	Pg	Título	Autor/Pseudônimo
08	03	1942	01	Anos de perigo para a Inglaterra V	Paul Frischauer
08	03	1942	30	Planos e um fato novo	Sem assinatura
10	03	1942	16	Mais “novidades” táticas	Sem assinatura
11	03	1942	14	A faina dos preparativos	Sem assinatura
12	03	1942	01	Anos de perigo para a Inglaterra VI	Paul Frischauer
12	03	1942	16	Paralelo pessimista e otimista	Sem assinatura
13	03	1942	01	Rangum	Pierre Monbeig
14	03	1942	16	A China isolada	Sem assinatura
15	03	1942	01	Anos de perigo para a Inglaterra VII	Paul Frischauer
15	03	1942	30	Degelo e grandes planos	Sem assinatura
17	03	1942	01	A emigração russa e a guerra	Emmanuel de Beniigsen
17	03	1942	16	Palavras e ações repetidas	Sem assinatura
18	03	1942	14	Um possível adiamento	Sem assinatura
19	03	1942	01	Anos de perigo para a Inglaterra VIII	Paul Frischauer
19	03	1942	16	Dispersão sem precedentes	Sem assinatura
20	03	1942	14	“Tarde e a más horas”...	Sem assinatura
21	03	1942	16	Os “mistérios” da Alemanha	Sem assinatura
22	03	1942	01	Anos de perigo para a Inglaterra IX	Paul Frischauer
22	03	1942	30	As migalhas da guerra	Sem assinatura
24	03	1942	14	Manobras contraproducentes	Sem assinatura
25	03	1942	14	Os novos plutocratas da Europa	Sem assinatura
26	03	1942	01	Anos de perigo para a Inglaterra X	Paul Frischauer
26	03	1942	16	As preliminares da ofensiva...	Sem assinatura
27	03	1942	14	Brincando com o fogo	Sem assinatura
28	03	1942	16	“Teoria da imitação”	Sem assinatura
29	03	1942	01	Anos de perigo para a Inglaterra XI	Paul Frischauer
29	03	1942	32	Os japoneses na Europa	Sem assinatura
31	03	1942	16	O que haverá no Ocidente?	Sem assinatura
01	04	1942	14	Manobras de abril...	Sem assinatura
02	04	1942	01	Anos de perigo para a Inglaterra XII	Paul Frischauer
02	04	1942	14	A espera de um golpe	Sem assinatura
03	04	1942	14	A junção gigantesca	Sem assinatura
05	04	1942	01	Anos de perigo para a Inglaterra XIII	Paul Frischauer
05	04	1942	26	Significativa incapacidade	Sem assinatura
07	04	1942	16	Os estóicos modernos	Sem assinatura
08	04	1942	14	Aviação, “comandos” e guerrilhas	Sem assinatura
09	04	1942	01	Anos de perigo para a Inglaterra XIV	Paul Frischauer
09	04	1942	14	A revolta na Europa	Sem assinatura
10	04	1942	14	A frente que parece decisiva	Sem assinatura
11	04	1942	16	Ofensivas e contra-ofensivas	Sem assinatura
12	04	1942	01	Anos de perigo para a Inglaterra XV	Paul Frischauer
12	04	1942	32	Espera demorada	Sem assinatura
14	04	1942	01	O caso da Índia	Sem assinatura
15	04	1942	14	“A cabeça do polvo”	Sem assinatura
16	04	1942	01	Anos de perigo para a Inglaterra XVI	Paul Frischauer
16	04	1942	16	Empecilhos desfeitos	Sem assinatura
17	04	1942	14	A obsessão das retaguardas	Sem assinatura

Dia	Mês	Ano	Pg	Título	Autor/Pseudônimo
18	04	1942	16	O declínio dos hábeis	Sem assinatura
19	04	1942	32	Anos de perigo para a Inglaterra XVII	Paul Frischauer
21	04	1942	18	Os bombardeios de Tóquio	Sem assinatura
22	04	1942	12	Ofensiva aéreo-revolucionária	Sem assinatura
23	04	1942	01	Anos de perigo para a Inglaterra XVIII	Paul Frischauer
23	04	1942	14	Novos mistérios?	Sem assinatura
24	04	1942	14	Brandura, astúcia e violência	Sem assinatura
26	04	1942	01	Anos de perigo para a Inglaterra XIX	Paul Frischauer
26	04	1942	32	Juízos prematuros	Sem assinatura
28	04	1942	12	De mal a pior...	Sem assinatura
29	04	1942	01	Glosas, fatos e fantasias	Sem assinatura
30	04	1942	01	Cálculo de “probabilidades”	Sem assinatura
01	05	1942	01	As vitórias da “RAF”	Sem assinatura
03	05	1942	01	Conseqüências de um discurso	Sem assinatura
05	05	1942	01	A última conferência	Sem assinatura
07	05	1942	01	O abastecimento do Reich	Sem assinatura
08	05	1942	10	Corregedor e Madagascar	Sem assinatura
09	05	1942	01	Alguns prós e contras	Sem assinatura
10	05	1942	01	Anos de perigo para a Inglaterra XX	Paul Frischauer
12	05	1942	01	Eu financiei Hitler I	Fritz Thyssen
14	05	1942	01	Eu financiei Hitler II	Fritz Thyssen
19	05	1942	01	Novas nuvens no Ocidente	Sem assinatura
20	05	1942	01	Eu financiei Hitler III	Fritz Thyssen
20	05	1942	10	Os obstáculos a uma junção	Sem assinatura
21	05	1942	12	Fluxos e refluxos	Sem assinatura
22	05	1942	01	Anos de perigo para a Inglaterra XXI	Paul Frischauer
23	05	1942	12	Nos bastidores da guerra e da paz	Sem assinatura
24	05	1942	01	Cinco máscaras do amor I	André Maurois
24	05	1942	26	Abundância de material	Sem assinatura
26	05	1942	12	Os submarinos em águas da América	Sem assinatura
27	05	1942	10	Situação “madura”	Sem assinatura
28	05	1942	01	Cinco máscaras do amor II	André Maurois
28	05	1942	12	Os cercos na frente leste	Sem assinatura
29	05	1942	01	Anos de perigo para a Inglaterra XXII	Paul Frischauer
29	05	1942	10	Ucrânia, Líbia e Turquia	Sem assinatura
30	05	1942	12	Ofensiva projetada	Sem assinatura
31	05	1942	01	Cinco máscaras do amor III	André Maurois
31	05	1942	30	Conseqüências de uma batalha	Sem assinatura
02	06	1942	01	Os bombardeios aéreos sobre o Reich	Sem assinatura
03	06	1942	01	Primavera diferente	Sem assinatura
04	06	1942	10	Cinco máscaras do amor IV	André Maurois
06	06	1942	14	Fundada inquietação	Sem assinatura
07	06	1942	01	Cinco máscaras do amor V	André Maurois
07	06	1942	30	Os “mistérios” de uma colaboração	Sem assinatura
09	06	1942	01	O preparo do terreno...	Sem assinatura
10	06	1942	01	Discursos e conferências	Sem assinatura
11	06	1942	12	Retaguardas ameaçadas	Sem assinatura

Dia	Mês	Ano	Pg	Título	Autor/Pseudônimo
12	06	1942	01	Anos de perigo para a Inglaterra XXIII	Paul Frischauer
12	06	1942	10	Os últimos neutros	Sem assinatura
13	06	1942	01	Acordo anglo-soviético	Sem assinatura
14	06	1942	01	Cinco máscaras do amor VI	André Maurois
14	06	1942	22	Prudência e aventura	Sem assinatura
16	06	1942	20	O tema do momento	Sem assinatura
17	06	1942	01	Tese, antítese e síntese...	Sem assinatura
19	06	1942	08	Questão de regime?	Sem assinatura
23	06	1942	01	Na fronteira do Egito	Sem assinatura
24	06	1942	16	Pequeno balanço	Sem assinatura
26	06	1942	16	Que haverá?	Sem assinatura
27	06	1942	16	Comparações e críticas	Sem assinatura
28	06	1942	01	Surpresas e segredos da guerra	Sem assinatura
28	06	1942	36	Cinco máscaras do amor VII	André Maurois
30	06	1942	16	A declaração conjunta	Sem assinatura
01	07	1942	01	A batalha do Egito	Sem assinatura
01	07	1942	08	Arte e sociologia	Luis Washington
02	07	1942	10	Momento de incerteza	Sem assinatura
06	07	1942	20	Cinco máscaras do amor VIII	André Maurois
07	07	1942	01	Dois exemplos	Sem assinatura
08	07	1942	01	O concurso do Japão	Sem assinatura
08	07	1942	08	Interpretando a realidade política brasileira	Sem assinatura
09	07	1942	01	Duas incógnitas	Sem assinatura
10	07	1942	01	A “guerra de massas”	Sem assinatura
11	07	1942	01	A repercussão de dois feitos	Sem assinatura
12	07	1942	01	Cinco máscaras do amor IX	André Maurois
12	07	1942	20	O transporte de reforços	Sem assinatura
14	07	1942	01	Batalha “silenciosa”	Sem assinatura
15	07	1942	01	A ofensiva em curso	Sem assinatura
17	07	1942	01	Outra batalha...	Sem assinatura
19	07	1942	01	Cinco máscaras do amor X	André Maurois
19	07	1942	24	Os norte-americanos na Europa	Sem assinatura
22	07	1942	01	Pessimismo explicável	Sem assinatura
24	07	1942	01	Ofensiva de folhetos	Sem assinatura
26	07	1942	01	Cinco máscaras do amor XI	André Maurois
26	07	1942	22	Uma campanha singular	Sem assinatura
28	07	1942	10	Do Don ao Cáucaso	Sem assinatura
29	07	1942	08	Alguns mistérios	Sem assinatura
30	07	1942	01	O fiel da balança	Sem assinatura
31	07	1942	08	O ímpeto da ofensiva	Sem assinatura
01	08	1942	01	As “místicas” de sábios e leigos	Sem assinatura
02	08	1942	01	Cinco máscaras do amor XII	André Maurois
02	08	1942	22	Psicologia dos desmentidos	Sem assinatura
05	08	1942	01	Psicoses benéficas	Sem assinatura
06	08	1942	01	Curiosidades táticas	Sem assinatura
08	08	1942	01	Batalha complicada	Sem assinatura

Dia	Mês	Ano	Pg	Título	Autor/Pseudônimo
09	08	1942	01	Cinco máscaras do amor XIII	André Maurois
09	08	1942	22	Sensacionalismo em ação	Sem assinatura
11	08	1942	01	Conclusões prematuras	Sem assinatura
12	08	1942	01	A Índia em ebulição	Sem assinatura
13	08	1942	01	Objetivos reais	Sem assinatura
14	08	1942	01	Demora suspeita	Sem assinatura
16	08	1942	01	Cinco máscaras do amor XIV	André Maurois
18	08	1942	01	A Índia em efervescência	Conde Emmanuel de Bennigsen
19	08	1942	01	Suez	Luis Amador Sánchez
20	08	1942	10	O ensaio de Dieppe	Sem assinatura
22	08	1942	01	A operação dos “comandos”	Sem assinatura
25	08	1942	10	O ponto crítico	Sem assinatura
26	08	1942	10	Ofensiva aérea nos céus do Reich	Sem assinatura
28	08	1942	10	Mudança de objetivos	Sem assinatura
30	08	1942	22	Cinco máscaras do amor	André maurois
30	08	1942	04	A segunda frente	Sem assinatura
02	09	1942	08	A marcha para o sul...	Sem assinatura
04	09	1942	10	Quarto ano de guerra	Sem assinatura
05	09	1942	10	A segunda frente na Europa	Luiz A. Sanchez
06	09	1942	01	Cinco máscaras do amor XVI	André Maurois
06	09	1942	20	Dacar	Luiz A. Sanchez
09	09	1942	01	Discurso e perspectivas...	Sem assinatura
10	09	1942	10	Cáucaso, “terra da promessa”	Sem assinatura
11	09	1942	10	O significado da crise espanhola	Luiz A. Sanchez
12	09	1942	10	A luta pela técnica	Sem assinatura
13	09	1942	01	Cinco máscaras do amor XVII	André Maurois
15	09	1942	10	Sintomas de cansaço	Sem assinatura
18	09	1942	10	A indústria militar nos Estados Unidos	Emmanuel de Bennigsen
20	09	1942	01	Cinco máscaras do amor XVIII	André Maurois
20	09	1942	24	Guerra de cidades	Sem assinatura
22	09	1942	10	A campanha na Rússia	Sem assinatura
23	09	1942	08	Quando os morangos derem flor...	Luiz A. Sanchez
24	09	1942	10	Tiranía e crueldade	Sem assinatura
25	09	1942	08	Novas fugas	Sem assinatura
26	09	1942	10	Exame útil	Sem assinatura
27	09	1942	01	Cinco máscaras do amor XIX	André Maurois
27	09	1942	24	A situação do Japão	Emmanuel de Bennigsen
29	09	1942	10	A segunda frente	Sem assinatura
30	09	1942	10	Táticas da frente oriental	Luiz A. Sanchez
01	10	1942	10	A atitude da Câmara argentina	Sem assinatura
03	10	1942	08	Campanha naval	Sem assinatura
04	10	1942	10	Cinco máscaras do amor XX	André Maurois
04	10	1942	22	Um milagre militar	Emmanuel de Bennigsen
06	10	1942	01	Eu tenho fê no futuro	Henry Ford

Dia	Mês	Ano	Pg	Título	Autor/Pseudônimo
06	10	1942	10	Os rumores de paz	Sem assinatura
07	10	1942	08	Números e pessoas	Sem assinatura
08	10	1942	01	Velhos erros psicológicos...	Sem assinatura
09	10	1942	08	Economia da Alemanha atual	Luiz A. Sanchez
10	10	1942	10	Relações russo-japonesas	Sem assinatura
11	10	1942	01	Cinco máscaras do amor XXI	André Maurois
11	10	1942	24	Aviação, arma aérea	Sem assinatura
13	10	1942	10	Dos países nórdicos...à paz	Sem assinatura
14	10	1942	01	Direitos de extra-territorialidade	Sem assinatura
15	10	1942	01	Discursos	Sem assinatura
17	10	1942	01	O fator moral na presente guerra	Emmanuel de Bennigsen
18	10	1942	01	Cinco máscaras do amor XXII	André Maurois
20	10	1942	10	Sintomas significativos	Sem assinatura
21	10	1942	08	S. Francisco e Sto. Adolfo	Luiz A. Sanchez
23	10	1942	10	A Dinamarca perante o ultimatum	Emmanuel de Bennigsen
24	10	1942	10	A clava vingadora	Sem assinatura
25	10	1942	01	Cinco máscaras do amor XXIII	André Maurois
25	10	1942	24	De mãos amarradas	Sem assinatura
27	10	1942	12	Herriot	Phillip Carr
28	10	1942	10	As operações na África	Sem assinatura
29	10	1942	12	O preparo físico e a guerra	James J. Tunney
30	10	1942	10	Financiamento para a vitória	Henry Morgenthau Jr.
01	11	1942	01	Cinco máscaras do amor XXIV	André Maurois
01	11	1942	26	Homens ou animais ferozes?	Emmanuel de Bennigsen
04	11	1942	10	O Canadá na guerra	Emmanuel de Bennigsen
05	11	1942	01	O nazi africano	Luiz A. Sanchez
06	11	1942	10	Na fronteira russo-mandchu	Sem assinatura
07	11	1942	10	A bomba-foguete, nova arma de guerra	Dyson Carter
08	11	1942	01	Cinco máscaras do amor XXV	André Maurois
11	11	1942	12	A expressão da frente africana	Sem assinatura
13	11	1942	10	Um discurso e uma situação	Sem assinatura
15	11	1942	01	Cinco máscaras do amor XXVI	André Maurois
17	11	1942	12	A esquadra italiana	Luiz A. Sanchez
18	11	1942	10	A epopéia americana na África do Norte	Henry Torres
20	11	1942	12	A hora da Espanha	Luiz A. Sanchez
21	11	1942	10	A situação do Eire	Emmanuel de Bennigsen
22	11	1942	01	Cinco máscaras do amor XXVII	André Maurois
22	11	1942	26	O nazimo dominado	Sem assinatura
24	11	1942	12	A Europa e a fome	Emmanuel de Bennigsen
25	11	1942	01	Dacar e o Atlântico sul	Sem assinatura
26	11	1942	12	O dia do novo mundo	Henry A. Wallace

Dia	Mês	Ano	Pg	Título	Autor/Pseudônimo
27	11	1942	01	Os comandos	Luiz A. Sanchez
28	11	1942	01	O drama de Toulon	Sem assinatura
29	11	1942	01	Cinco máscaras do amor XXVIII	André Maurois
29	11	1942	28	O maior responsável da presente guerra – pontos nos ii	J. A. de Magalhães

Tabela VI (Dezembro de 1942-1943)

Dia	Mês	Ano	Pg	Título	Autor/Pseudônimo
02	12	1942	12	O ouro do Reno	Luiz A. Sanchez
04	12	1942	01	A epopéia de Bata	Charles van Landingham
05	12	1942	01	A epopéia de Bata II	Charles van Landingham
06	12	1942	01	Cinco máscaras do amor XXIX	André Maurois
06	12	1942	32	A epopéia de Bata III	Charles van Landingham
08	12	1942	12	A epopéia de Bata IV	Charles van Landingham
10	12	1942	12	A paz em perspectiva	Emmanuel de Bennisen
12	12	1942	01	Hitler e seus generais	Luiz A. Sanchez
13	12	1942	01	Cinco máscaras do amor XXX	André Maurois
13	12	1942	30	A guerra na África	Sem assinatura
15	12	1942	01	O plano Beveridge	Emmanuel de Bennisen
16	12	1942	12	A democracia europeia agradecida ao Japão	Luiz A. Sanchez
17	12	1942	12	Cinco erros que mudaram a História	George Fielding Eliot
18	12	1942	12	Cinco erros que mudaram a História II	George Fielding Eliot
19	12	1942	01	A sublime porta	Luiz A. Sanchez
20	12	1942	01	“Admirável mundo novo”	W. A. Sinclair
20	12	1942	32	Extremo oriente	Sem assinatura
22	12	1942	14	Que se passa em Budapeste?	Emmanuel de Bennisen
23	12	1942	12	A Linha Marete	Matias Arrudão
24	12	1942	01	Wavell, o soldado intelectual	Phillip Carr
25	12	1942	14	O almirante Darlan	Sem assinatura
27	12	1942	22	Os totalitários na defensiva	Sem assinatura
29	12	1942	12	Influência do livro americano	Nelson Werneck Sodré
30	12	1942	10	O Império Britânico e a Índia	Emmanuel de Bennisen
31	12	1942	12	“O Brasil nos ajudará a construir a paz”	Orígenes Lessa
01	01	1943	10	A grande rodovia estratégica da África	Luiz A. Sanchez
03	01	1943	24	Após Darlan	Emmanuel de Bennisen
06	01	1943	01	Porque Roosevelt ocupou a Islândia?	Emmanuel de Bennisen
07	01	1943	10	1943 – Ano decisivo	Emmanuel de Bennisen
08	01	1943	01	O general Giraud	Phillip Carr
09	01	1943	10	O Cáucaso: defesa anglo-russa	Luiz A. Sanchez
10	01	1943	01	Os ingleses e suas colônias	Emmanuel de Bennisen
13	01	1943	10	A Europa refém	Luiz A. Sanchez
19	01	1943	01	Uma entrevista com Fulgêncio Batista	Orígenes Lessa
20	01	1943	10	A vida na Holanda	Emmanuel de Bennisen
21	01	1943	12	O arsenal das democracias	Sem assinatura
23	01	1943	12	As lutas subterrâneas em França	Denise Davey
26	01	1943	12	O problema militar do Mediterrâneo	Luiz A. Sanchez
27	01	1943	10	A façanha do comandante Thomas Burton	Orígenes Lessa
28	01	1943	12	A guerra na Nova Zelândia	Emmanuel de Bennisen
29	01	1943	01	Homens do momento I – Cordell Hull	S. Harcourt-Rivington
30	01	1943	10	Tojo	Luiz A. Sanchez
02	02	1943	01	Completando informações	Sem assinatura

Dia	Mês	Ano	Pg	Título	Autor/Pseudônimo
03	02	1943	01	A geopolítica é uma ciência?	Emmanuel de Bennisen
04	02	1943	01	Rússia – Finlândia	Sem assinatura
04	02	1943	01	Sonho chinês	Sem assinatura
05	02	1943	01	Homens do momento II – Summer Welles	S. Harcourt-Rivington
06	02	1943	01	Estratégia de aventura	Sem assinatura
07	02	1943	01	A batalha da Tunísia	J. Sarmiento de Beires
09	02	1943	01	Em que pé estamos?	E. de Bennisen
10	02	1943	01	O Iraque	Luiz A. Sanchez
11	02	1943	12	Relações russo-japonesas	Sem assinatura
12	02	1943	01	Homens do momento III – Churchill – o guerreiro	S. Harcourt-Rivington
13	02	1943	12	A vitória de Guadalcanal	Sem assinatura
14	02	1943	28	Casablanca, a bela	Luiz A. Sanchez
17	02	1943	01	O inverno na frente oriental	Sem assinatura
17	02	1943	10	Diplomacia, política e estratégia	R. P. Samps
18	02	1943	01	Na frente oriental	R. P. Samps
18	02	1943	14	Mussolini e a demissão de seus ministros	Emmanuel de Bennisen
19	02	1943	01	Homens do momento IV – Anthony Eden	S. Harcourt-Rivington
19	02	1943	12	O que se sabe de Chunquim	Emmanuel de Bennisen
20	02	1943	12	Desorientação e ridículo	Sem assinatura
21	02	1943	28	Noruega	Luiz A. Sanchez
23	02	1943	12	Rumores de paz	R. P. Samps
24	02	1943	01	A linha Maret	Phillip Carr
24	02	1943	10	Perda dos beligerantes	Sem assinatura
25	02	1943	12	Finlândia e Rússia	Sem assinatura
26	02	1943	01	Homens do momento V – Stafford Cripps	S. Harcourt-Rivington
26	02	1943	12	Após Carcov	Emmanuel de Bennisen
27	02	1943	01	Tunísia e segunda frente	Sem assinatura
27	02	1943	10	O Marrocos espanhol	Luiz A. Sanchez
28	02	1943	20	O Generalíssimo, poeta	Luiz A. Sanchez
02	03	1943	01	Terrorismo nazista	Sem assinatura
02	03	1943	12	Virá a paz?	Emmanuel de Bennisen
03	03	1943	10	Ao norte de Cursc	Sem assinatura
04	03	1943	14	Ofensiva aérea	Sem assinatura
05	03	1943	01	Homens do momento VI – Eisenhower	S. Harcourt-Rivington
06	03	1943	01	Objetivos alemães	Sem assinatura
06	03	1943	12	A doutrina de Monroe japonesa	Luiz A. Sanchez
07	03	1943	22	Oratória alemã	Emmanuel de Bennisen
11	03	1943	10	Invasão da Áustria	Sem assinatura
12	03	1943	01	Homens do momento VII – De Gaulle	S. Harcourt-Rivington
12	03	1943	10	A Espanha atual e a restauração	Gabriel Mena Barreto
13	03	1943	12	As tropas coloniais inglesas	Luiz A. Sanchez
17	03	1943	01	Um grande chefe de guerrilhas francesas	Phillip Carr

Dia	Mês	Ano	Pg	Título	Autor/Pseudônimo
18	03	1943	10	Domínio do Mediterrâneo	Sem assinatura
19	03	1943	01	Homens do momento VIII – Beveridge	S. Harcourt-Rivington
20	03	1943	01	A situação da França	Sem assinatura
21	03	1943	26	A ameaça japonesa	Emmanuel de Bennigsen
23	03	1943	01	Os árabes e a Palestina	Emmanuel de Bennigsen
24	03	1943	01	A luta no sul da Tunísia	Sem assinatura
24	03	1943	10	Situação da Europa	Luiz A. Sanchez
25	03	1943	01	A natalidade na Alemanha	R. P. Samps
25	03	1943	12	Do Alasca ao Rio de Janeiro	Juan Manuel Pozas
26	03	1943	01	Homens do momento IX – Lyttelton	S. Harcourt-Rivington
26	03	1943	10	A união dos povos livres	Lord Halifax
27	03	1943	01	Iniciativa de luta	Sem assinatura
28	03	1943	01	Sabóia	A. Piccarolo
28	03	1943	26	A invasão do continente europeu	Sem assinatura
30	03	1943	01	Atividade aérea	Sem assinatura
31	03	1943	10	Martinica, a vulcânica	Luiz A. Sanchez
01	04	1943	01	Força e tática	Sem assinatura
01	04	1943	12	O 25º aniversário da RAF	Sem assinatura
02	04	1943	01	Homens do momento X	S. Harcourt-Rivington
04	04	1943	01	Guerra e ódio	Sem assinatura
04	04	1943	26	A visita de Édén à Washington	Emmanuel de Bennigsen
06	04	1943	10	O Vaticano e a paz	Sem assinatura
07	04	1943	10	O enfraquecimento germânico	Emmanuel de Bennigsen
08	04	1943	01	Preparando a vitória	Sem assinatura
09	04	1943	01	Homens do momento XI	S. Harcourt-Rivington
09	04	1943	10	Ofensivas de paz	Sem assinatura
10	04	1943	01	Os católicos alemães e o nazismo	Sem assinatura
11	04	1943	01	A Indochina francesa	Luiz A. Sanchez
13	04	1943	10	Thomas Jefferson e a unidade das Américas	Elbert D. Thomas
14	04	1943	10	Americanismo e internacionalismo	Luiz Quintanilla
15	04	1943	01	As tormentas econômicas de após guerra	Henry A. Wallace
16	04	1943	01	Homens do momento XII	Harcourt-Rivington
16	04	1943	01	A segunda frente e a invasão	Luiz Amador Sanchez
18	04	1943	28	Quem governa a Inglaterra?	Emmanuel de Bennigsen
21	04	1943	01	Mikhailovich e Ribar	Emmanuel de Bennigsen
25	04	1943	01	Cooperação naval anglo-americana	A. V. Alexander
27	04	1943	01	A primeira dama da China	Vinício da Veiga
30	04	1943	01	Homens do momento XIII	S. Harcourt-Rivington
01	05	1943	01	O esforço de guerra do México	Francisco Castillo Najera
02	05	1943	01	Os tanques americanos e os tanques alemães	Arthur Graham
04	05	1943	01	O problema do transporte de tropas e a segunda frente	Raoul Brandt
04	05	1943	12	Barbárie japonesa	Luiz Amador Sanchez
05	05	1943	01	Fome e miséria na Europa	Philip Carr

Dia	Mês	Ano	Pg	Título	Autor/Pseudônimo
07	05	1943	01	Chang-Kai-Chek	S. Harcourt-Rivington
07	05	1943	10	Tunis. Cabeça de ponte	Vinício da Veiga
08	05	1943	01	A cooperação anglo-americana é necessária na guerra como na paz	A. V. Alexander
09	05	1943	28	A guerra continua	Emmanuel de Bennisen
11	05	1943	14	A Alemanha tem o seu destino selado	Genevieve Tabouis
12	05	1943	10	A linha ártica	Luiz Amador Sanchez
13	05	1943	12	A Alemanha e a ofensiva aérea aliada	Horace Sewell
14	05	1943	01	Homens do momento XV	S. Harcourt-Rivington
15	05	1943	01	Nos Estados Unidos	Emmanuel de Bennisen
16	05	1943	01	Intrigas nazistas	Edward Frederick Lindley Wood (Lord Halifax)
19	05	1943	01	Giraud e De Gaulle	Emmanuel de Bennisen
20	05	1943	12	O exército indiano na Tunísia	Philip Carr
21	05	1943	01	Homens do momento XVI	S. Harcourt-Rivington
22	05	1943	01	O plano Beveridge	Philip Carr
23	05	1943	26	O soldado japonês	Tem-Cel Lima Figueiredo
25	05	1943	14	Águias antes – pombas agora	Luiz Amador Sanchez
27	05	1943	01	Os Estados Unidos e os sabotadores	John Kobler
28	05	1943	01	Homens do momento XVII	S. Harcourt-Rivington
29	05	1943	01	Nas ilhas Aleutas	Emmanuel de Bennisen
30	05	1943	26	Geografia política do norte da África	Philip Carr
01	06	1943	12	A batalha do Atlântico	Luiz Amador Sanchez
02	06	1943	01	A América e a guerra submarina	Luiz A. Sanchez
03	06	1943	01	A propósito da Conferência de Hot-Springs	Emmanuel de Bennisen
04	06	1943	01	Homens do momento XVIII	S. Harcourt-Rivington
04	06	1943	08	Onde a Alemanha teme o ataque	Philip Carr
06	06	1943	26	A opinião católica e a guerra	Arnold Lunn
08	06	1943	01	A opinião católica e a guerra	Arnold Lunn
08	06	1943	14	O moral do exército japonês e as relações com a população civil	Lima Figueiredo
09	06	1943	12	Uma ofensiva alemã?	Philip Carr
11	06	1943	01	Homens do momento XIX	S. Harcourt-Rivington
11	06	1943	10	Mais tolerância!	Emmanuel de Bennisen
12	06	1943	10	Pantelaria	A. Piccarolo
13	06	1943	01	Colonização dirigida	Lima Figueiredo
13	06	1943	28	A mão de obra na Alemanha	Richard Lewinson
16	06	1943	01	Um pequeno resumo	Emmanuel de Bennisen
18	06	1943	01	Economia da palestina	Emmanuel de Bennisen
19	06	1943	01	Guerra de nervos e invasão	R. P. Samps
20	06	1943	28	Como o Japão pensou resolver a sua questão com a China	Lima Figueiredo
22	06	1943	01	Trabalho forçado na Alemanha	Philip Carr
23	06	1943	01	Que deverá fazer a Alemanha?	Emmanuel de Bennisen
24	06	1943	01	Os exércitos dos domínios britânicos	Philip Carr
26	06	1943	01	A guerra germano-russa	R. P. Samps

Dia	Mês	Ano	Pg	Título	Autor/Pseudônimo
27	06	1943	01	De Dairen a Tientsin	Lima Figueiredo
29	06	1943	01	A blitzkrieg aérea	R. P. Samps
30	06	1943	01	Propaganda de guerra	Emmanuel de Bennisen
06	07	1943	12	A crise norte-americana	Emmanuel de Bennisen
07	07	1943	10	Nova Guiné	Luiz A. Sanchez
08	07	1943	12	Na expectativa	Emmanuel de Bennisen
09	07	1943	01	Homens do momento XXI	Harcourt-Rivington
10	07	1943	01	A cidade de Colônia	Luiz A. Sanchez
10	07	1943	12	A guerra no extremo oriente	R. P. Samps
11	07	1943	30	A invasão da Sicília	A. Piccarolo
15	07	1943	16	Três problemas mundiais	Emmanuel de Bennisen
16	07	1943	01	Homens do momento XXII	S. Harcourt-Rivington
17	07	1943	01	Panorama estratégico da Oceania	Luiz A. Sanchez
18	07	1943	01	E agora, que fará o Japão?	Lima Figueiredo
18	07	1943	28	Três problemas mundias II	Emmanuel de Bennisen
20	07	1943	12	A marinha mercante do eixo	R. P. Samps
21	07	1943	10	A margem do bombardeio de Roma	R. P. Samps
22	07	1943	01	Mares do Oriente	Luiz A. Sanchez
23	07	1943	01	A crise do Eixo	Emmanuel de Bennisen
24	07	1943	01	Regimes de após guerra	R. P. Samps
25	07	1943	01	Guerrilheiros da China	Lima Figueiredo
27	07	1943	14	A queda de Mussolini	Emmanuel de Bennisen
28	07	1943	12	Tática de pescadores	Luiz A. Sanchez
29	07	1943	12	A invasão da Sicília assinala o colapso do eixo	Vinício da Veiga
30	07	1943	01	Homens do momento XXIII	S. Harcourt-Rivington
30	07	1943	12	Mediterrâneo oriental	Philip Carr
30	07	1943	12	Período de confusão	R. P. Samps
01	08	1943	01	O Japão e a Rússia	Lima Figueiredo
02	08	1943	24	E agora...o nacional-socialismo	Luiz Amador Sanchez
04	08	1943	01	A Bélgica sob o domínio alemão	R. P. Samps
05	08	1943	02	Começa mal	A. Piccarolo
06	08	1943	01	Homens do momento XXIV	S. Harcourt-Rivington
07	08	1943	12	Panorama da frente oriental	R. P. Samps
08	08	1943	01	O kuomintang	Lima Figueiredo
10	08	1943	01	A situação alimentar da Europa	Emmanuel de Bennisen
11	08	1943	01	Como morrem os líderes fascistas	Philip Carr
12	08	1943	01	Condições de paz	R. P. Samps
13	08	1943	01	Homens do momento XXV	S. Harcourt-Rivington
14	08	1943	01	O clero e a ocupação	R. P. Samps
14	08	1943	12	O imperialismo britânico	Luiz A. Sanchez
15	08	1943	30	Operações anfíbias	Lima Figueiredo
17	08	1943	14	Qual será o próximo passo militar dos aliados?	Hanson W. Baldwin
18	08	1943	01	Milão	Afonso Schmidt
18	08	1943	12	O desaparecimento de obras de arte na Europa	Philip Carr
19	08	1943	01	Cidade aberta	R. P. Samps

Dia	Mês	Ano	Pg	Título	Autor/Pseudônimo
20	08	1943	01	A terceira frente e a guerra na Rússia	Emmanuel de Bennigsen
20	08	1943	12	Dois problemas e uma solução	Sem assinatura
22	08	1943	32	A China de relance	Lima Figueiredo
24	08	1943	14	A queda de Carcov	R. P. Samps
25	08	1943	01	O moral de guerra alemão	S. Harcourt-Rivington
26	08	1943	02	São Paulo na luta contra o totalitarismo	Sem assinatura
27	08	1943	14	Poder naval	Philip Carr
27	08	1943	14	Declarações do sr. Gabriel Monteiro da Silva	Sem assinatura
28	08	1943	01	A propósito da Conferência de Quebec	R. P. Samps
29	08	1943	01	Aspectos e tipos da Coréia	Lima Figueiredo
29	08	1943	30	Antes dos acontecimentos	Emmanuel de Bennigsen
31	08	1943	01	Estratégia anti-panzer	R. P. Samps
31	08	1943	16	Sol de meia-noite	Luiz A. Sanchez
01	09	1943	01	Os acontecimentos da Dinamarca e da Bulgária	Emmanuel de Bennigsen
02	09	1932	01	A ultima valsa	Luiz A. Sanchez
03	09	1943	01	Homens do momento XXVI	S. Harcourt-Rivington
03	09	1943	12	Na Holanda cristã	R. P. Samps
04	09	1943	14	A luta na Rússia	Emmanuel de Bennigsen
05	09	1943	01	Onde manda a espada	Lima Figueiredo
05	09	1943	32	O reconhecimento do comitê de libertação	Emmanuel de Bennigsen
07	09	1943	01	Desintegração em marcha	Emilio Carlos Kirillos
09	09	1943	01	A capitulação italiana e suas conseqüências	Emmanuel de Bennigsen
10	09	1943	12	Os dinamarqueses	Luiz A. Sanchez
11	09	1943	14	Acontecimentos vertiginosos	R. P. Samps
12	09	1943	30	Macau	Lima Figueiredo
14	09	1943	01	Manutenção da paz	R. P. Samps
15	09	1943	12	Itália – caixa de surpresas	Emmanuel de Bennigsen
16	09	1943	01	Depois de Briancs	R. P. Samps
17	09	1943	14	Princípios fundamentais da paz – fundação econômica	S. Harcourt-Rivington
18	09	1943	14	Na segunda frente	R. P. Samps
19	09	1943	01	Em terras de Cantão	Lima Figueiredo
19	09	1943	30	A supremacia naval no mediterrâneo	A. M. Newcomb
21	09	1943	14	Resumo geral de todas as frentes	Emmanuel de Bennigsen
22	09	1943	10	Oratória nazi-fascista	R. P. Samps
23	09	1943	01	Duas federações projetada	Emmanuel de Bennigsen
24	09	1943	10	Na Rússia ocupada	R. P. Samps
25	09	1943	12	Crise na indústria de guerra do Reich	A. M. Newcomb
26	09	1943	32	Evolução da psicologia inglesa	Emmanuel de Bennigsen
28	09	1943	01	Jornais do Japão	Lima Figueiredo
29	09	1943	01	A batalha do Dnieper	Emmanuel de Bennigsen
30	09	1943	01	A ofensiva ao Japão	R. P. Samps

Dia	Mês	Ano	Pg	Título	Autor/Pseudônimo
02	10	1943	01	Princípios fundamentais da paz II – a base essencial	S. Harcourt-Rivington
03	10	1943	01	Como vi Singapura	Lima Figueiredo
03	10	1943	32	Duas federações projetadas	Emmanuel de Bennisen
05	10	1943	01	Antes do golpe final	Emmanuel de Bennisen
06	10	1943	01	Noticiário de guerra	R. P. Samps
07	10	1943	01	Quando terminará a guerra?	Philip Carr
08	10	1943	01	Princípios fundamentais da paz III – poder coletivo	S. Harcourt-Rivington
09	10	1943	01	A cooperação da Inglaterra	Luiz A. Sanchez
10	10	1943	01	A carta do Atlântico e as colônias inglesas	Emmanuel de Bennisen
10	10	1943	30	A planície da China do Norte	Lima Figueiredo
12	10	1943	18	O esforço naval britânico	A. M. Newcomb
13	10	1943	12	O Império Britânico	Philip Carr
15	10	1943	01	Princípios fundamentais da paz IV – restauração	S. Harcourt-Rivington
15	10	1943	14	A frente do Dnieper	R. P. Samps
16	10	1943	01	A Conferência de Moscou	Emmanuel de Bennisen
17	10	1943	32	Yang-Tsé-Kiang	Lima Figueiredo
19	10	1943	01	A guerra e a paz	Emmanuel de Bennisen
19	10	1943	16	Uma reportagem	Rogério Sampaio
20	10	1943	10	Pilhagem em França	Harcourt-Rivington
21	10	1943	01	A Conferência Tríplice	Rogério Sampaio
22	10	1943	01	Princípios fundamentais da paz V – controle do inimigo	S. Harcourt-Rivington
23	10	1943	14	A situação interna alemã	Rogério Sampaio
24	10	1943	32	Onde influi a paciência	Lima Figueiredo
26	10	1943	01	Notícias animadoras	Emmanuel de Bennisen
26	10	1943	16	A batalha do Dnieper	Rogério Sampaio
27	10	1943	01	Mazzini e Croce diante do mundo	Carlo Sforza
28	10	1943	01	Checoslováquia	Rogério Sampaio
29	10	1943	01	Princípios fundamentais da paz VI – garantias	S. Harcourt-Rivington
31	10	1943	30	A festa de finados no Japão	Lima Figueiredo
02	11	1943	12	Os Estados Unidos e o isolacionismo	Rogério Sampaio
05	11	1943	01	Princípios fundamentais da paz VII – segurança nacional	S. Harcourt-Rivington
05	11	1943	02	Paz econômica	Emmanuel de Bennisen
05	11	1943	04	O aliado que Hitler não teve...	Paul Sebescen
05	11	1943	14	O acordo tríplice	Rogério Sampaio
06	11	1943	01	Depois de Moscou	Emmanuel de Bennisen
07	11	1943	01	Em Harbin	Lima Figueiredo
09	11	1943	01	E agora?	Emmanuel de Bennisen
10	11	1943	16	Os criminosos políticos	Rogério Sampaio
11	11	1943	14	Destino da Polônia	Rogério Sampaio
12	11	1943	01	Princípios fundamentais da paz VIII – minorias	S. Harcourt-Rivington

Dia	Mês	Ano	Pg	Título	Autor/Pseudônimo
13	11	1943	01	O discurso de Hitler	Emmanuel de Bennigsen
14	11	1943	01	Mukden	Lima Figueiredo
14	11	1943	32	Em Argel	Emmanuel de Bennigsen
16	11	1943	01	Dois caminhos para a invasão	Peter Matheus
17	11	1943	01	As dissensões dos iugoslavos	Emmanuel de Bennigsen
18	11	1943	01	O problema das fronteiras	Rogério Sampaio
19	11	1943	01	Himmler e a sua Gestapo	S. Harcourt-Rivington
20	11	1943	01	O despertar da Itália	B. Quintino da Silva
21	11	1943	01	Ferro e carvão da Mandchuria	Lima Figueiredo
23	11	1943	01	Política externa dos EEUU	Rogério Sampaio
25	11	1943	14	No cotovelo do Dnieper	Rogério Sampaio
26	11	1943	02	A guerra aérea e as populações civis	Alexander Seversky
26	11	1943	14	Princípios fundamentais da paz IX – restrições	S. Harcourt-Rivington
27	11	1943	14	As exigências dos árabes	Emmanuel de Bennigsen
28	11	1943	32	Dairen	Lima Figueiredo
30	11	1943	18	A carta do papa	Emmanuel de Bennigsen
03	12	1943	01	Princípios fundamentais da paz X – liberdade pessoal	S. Harcourt-Rivington
03	12	1943	12	O caso do Líbano – o pan-arabismo	Roger Bastide
04	12	1943	16	O caso do Líbano – a Europa no Oriente Próximo	Roger Bastide
05	12	1943	32	O dragão negro	Lima Figueiredo
07	12	1943	18	As grandes potências do futuro	Emmanuel de Bennigsen
08	12	1943	01	Cooperação internacional	Rogério Sampaio
09	12	1943	01	O encontro de Teerã	Emmanuel de Bennigsen
10	12	1943	01	Princípios fundamentais da paz XI – desarmamento	S. Harcourt-Rivington
10	12	1943	14	A posição da Turquia	Rogério Sampaio
11	12	1943	01	O drama dos iugoslavos	Emmanuel de Bennigsen
12	12	1943	01	A cerimônia do chá	Lima Figueiredo
14	12	1943	01	A estratégia soviética	Rogério Sampaio
15	12	1943	14	Ainda sobre a questão árabe	Emmanuel de Bennigsen
16	12	1943	01	Problemas da guerra	Rogério Sampaio
16	12	1943	18	O significado militar dos “raids” a Berlim	Alexander de Seversky
17	12	1943	01	Princípios fundamentais da paz XII – segurança coletiva	S. Harcourt-Rivington
18	12	1943	01	Na frente do Pacífico	Rogério Sampaio
19	12	1943	01	Na porta sul da Mongólia-Kalgan	Lima Figueiredo
21	12	1943	20	Dois caminhos para a invasão	Emmanuel de Bennigsen
22	12	1943	12	A América do sul na reconstrução do mundo	Summer Welles
23	12	1943	18	Da estratégia	Rogério Sampaio
24	12	1943	01	Auto-determinação	Rogério Sampaio
24	12	1943	18	Princípios fundamentais da paz XIII – problemas econômicos	S. Harcourt-Rivington
26	12	1943	01	Um natal em Shangai	Lima Figueiredo

Dia	Mês	Ano	Pg	Título	Autor/Pseudônimo
26	12	1943	28	O mundo do futuro toma forma	Summer Welles
28	12	1943	01	Ainda sobre o futuro da Alemanha	Emmanuel de Bennisen
28	12	1943	14	A China e a derrota do Japão	Rogério Sampaio
29	12	1943	01	O caso da Bulgária	Emmanuel de Bennisen
30	12	1943	16	O esforço de guerra dos EEUU	Rogério Sampaio
31	12	1943	01	Princípios fundamentais da paz XIV	Harcourt-Rivington
31	12	1943	16	Resultados de 1943 na frente oriental	Emmanuel de Bennisen

Tabela VII (1944)

Dia	Mês	Ano	Pg	Título	Autor/Pseudônimo
01	01	1944	20	Ano novo em Tóquio	Lima Figueiredo
02	01	1944	16	A oração do Führer	Rogério Sampaio
02	01	1944	01	A situação na Bulgária	Rogério Sampaio
09	01	1944	01	Kamakura	Lima Figueiredo
11	01	1944	01	Da psicologia do Oriente europeu	Emmanuel de Bennisen
12	01	1944	01	Perspectivas da guerra	E. Bennisen
13	01	1944	01	Futuro da Europa	Rogério Sampaio
14	01	1944	01	Princípios fundamentais da paz XV – comércio mundial	S. Harcourt-Rivington
15	01	1944	01	As dissensões políticas	Emmanuel de Bennisen
16	01	1944	01	Os Estados Unidos na guerra	Rogério Sampaio
16	01	1944	12	Com o exército do general Umetsu	Lima Figueiredo
18	01	1944	01	As eleições presidenciais nos Estados Unidos	Emmanuel de Bennisen
19	01	1944	01	Antes do congresso imperial de Brazzaville	Roger Bastide
21	01	1944	01	Princípios fundamentais da paz XVI – matérias primas	S. Harcourt-Rivington
21	01	1944	12	Antes do congresso imperial de Brazzaville II	Roger Bastide
23	01	1944	22	Tsinan	Lima Figueiredo
25	01	1944	14	A batalha de Leningrado	Rogério Sampaio
27	01	1944	12	Diante de Roma	Emmanuel de Bennisen
28	01	1944	01	Princípios fundamentais da paz XVII – excedentes	S. Harcourt-Rivington
28	01	1944	?	Direito penal internacional	Rogério Sampaio
29	01	1944	01	Impressões de Argel	Emmanuel de Bennisen
30	01	1944	01	Amarelo e branco	Lima Figueiredo
30	01	1944	16	Devastação e reconstrução da Rússia	Emmanuel de Bennisen
01	02	1944	01	A derrota (dos alemães?) em Leningrado	Emmanuel de Bennisen
02	02	1944	01	A vida na Suíça	Emmanuel de Bennisen
03	02	1944	01	Suprimento (?) à Alemanha	Rogério Sampaio
04	02	1944	01	Princípios fundamentais da paz XVIII – mercados mundiais	S. Harcourt-Rivington
05	02	1944	14	Surpresas russas	Emmanuel de Bennisen
06	02	1944	01	O cinema na terra das cerejeiras	Lima Figueiredo

Dia	Mês	Ano	Pg	Título	Autor/Pseudônimo
08	02	1944	16	A Índia em nossos dias	Emmanuel de Bennisen
09	02	1944	10	Ainda na curva do Dnieper	Rogério Sampaio
10	02	1944	01	A Bélgica indomável	Emmanuel de Bennisen
11	02	1944	01	Princípios fundamentais da paz XIX – moedas estáveis	S. Harcourt-Rivington
11	02	1944	12	A campanha contra os trusts	Rogério Sampaio
12	02	1944	01	Generais nipônicos	Lima Figueiredo
13	02	1944	01	A situação na Sérvia	Emmanuel de Bennisen
15	02	1944	14	A Finlândia e a paz	Rogério Sampaio
16	02	1944	01	Democratas e republicanos	Emmanuel de Bennisen
17	02	1944	01	A invasão	Rogério Sampaio
18	02	1944	01	Princípios fundamentais da paz XX – base monetária	S. Harcourt-Rivington
01	03	1944	01	Russos e japoneses	Emmanuel de Bennisen
03	03	1944	01	Princípios fundamentais da paz XXI – segurança social	S. Harcourt-Rivington
04	03	1944	01	Territórios africanos	Rogério Sampaio
05	03	1944	01	Na capital do Mandchukuo	Lima Figueiredo
05	03	1944	36	Grandes homens	Emmanuel de Bennisen
07	03	1944	14	Indecisão da Finlândia	Emmanuel de Bennisen
09	03	1944	01	Forças armadas russas	Rogério Sampaio
10	03	1944	01	Princípios fundamentais da paz XXII – ameaça das máquinas	S. Harcourt-Rivington
11	03	1944	01	Erros do Eixo	Rogério Sampaio
12	03	1944	01	Ainda na capital do Mandchukuo	Lima Figueiredo
15	03	1944	01	O desaparecimento da Tchecoslováquia	Rogério Sampaio
16	03	1944	01	Roosevelt, o Congresso e as eleições	Emmanuel de Bennisen
17	03	1944	01	Princípios fundamentais da paz XXIII – o controle da aviação	S. Harcourt-Rivington
18	03	1944	14	O problema das minorias	Emmanuel de Bennisen
19	03	1944	01	Fascismos disfarçados	Rogério Sampaio
19	03	1944	36	Um dia na Coréia	Lima Figueiredo
21	03	1944	14	A catástrofe de Mannstein	Emmanuel de Bennisen
22	03	1944	01	Cooperação internacional	Rogério Sampaio
24	03	1944	01	Princípios fundamentais da paz XXIV – educação e lei (conclusão da série)	S. Harcourt-Rivington
24	03	1944	12	Palavras vãs	Emmanuel de Bennisen

Dia	Mês	Ano	Pg	Título	Autor/Pseudônimo
25	03	1944	16	Ainda sobre os erros dos alemães	Emmanuel de Bennisen
26	03	1944	01	O japonês e o mundo	Lima Figueiredo
26	03	1944	32	Os satélites da Alemanha	Emmanuel de Bennisen
28	03	1944	16	Nas fronteiras da Rússia	Emmanuel de Bennisen
29	03	1944	01	Na Bessarábia	Rogério Sampaio
31	03	1944	01	O futuro do Brasil – sua perspectiva mundial	S. Harcourt-Rivington
01	04	1944	01	Política inglesa	Rogério Sampaio
02	04	1944	01	Em Pequim	Lima Figueiredo
04	04	1944	01	Entre aliados	Emmanuel de Bennisen
06	04	1944	01	Política internacional	Rogério Sampaio
07	04	1944	01	O futuro do Brasil II – nos planos da paz	S. Harcourt-Rivington
09	04	1944	28	A derrota do sr. Wilkie	Rogério Sampaio
11	04	1944	18	Política ativa ou política realista	Emmanuel de Bennisen
12	04	1944	01	Países neutros	Rogério Sampaio
13	04	1944	01	Oleoduto na Arábia	Emmanuel de Bennisen
14	04	1944	01	O futuro do Brasil III – o seu predomínio no sul	S. Harcourt-Rivington
15	04	1944	01	A América	Rogério Sampaio
16	04	1944	36	Tingtao = uma cidade que os alemães fizeram para os chineses	Lima Figueiredo
18	04	1944	18	A abdicação de Vitório Emanuele	Emmanuel de Bennisen
19	04	1944	14	Desconfiança e incompreensão	Rogério Sampaio
20	04	1944	16	Nova onda de anti-semitismo	Emmanuel de Bennisen
20	04	1944	01	O futuro do Brasil IV – relações com os Estados Unidos	S. Harcourt-Rivington
23	04	1944	01	Em Nankin	Lima Figueiredo
25	04	1944	01	Manobras estratégicas	Rogério Sampaio
26	04	1944	01	A situação dos neutros	Emmanuel de Bennisen
27	04	1944	01	A luta na Itália	Rogério Sampaio
28	04	1944	01	O futuro do Brasil V – relações com a Grã-Bretanha	S. Harcourt-Rivington
29	04	1944	01	O Fundo Monetário Internacional	Emmanuel de Bennisen
30	04	1944	40	Em Changai foi assim	Lima Figueiredo
03	05	1944	20	As minorias	Rogério Sampaio
04	05	1944	01	Na expectativa	Emmanuel de Bennisen

Dia	Mês	Ano	Pg	Título	Autor/Pseudônimo
05	05	1944	01	O futuro do Brasil VI – relações com o continente europeu	S. Harcourt-Rivington
06	05	1944	12	A Conferência de Londres	Emmanuel de Bennisen
06	05	1944	01	À margem do acordo checo-russo	Rogério Sampaio
07	05	1944	01	Uma excursão a Hangchow	Lima Figueiredo
07	05	1944	36	Na França oprimida	Rogério Sampaio
09	05	1944	16	Estaria a cultura européia em perigo?	Emmanuel de Bennisen
10	05	1944	01	Política italiana	Rogério Sampaio
11	05	1944	01	A arma secreta alemã	Roger Bastide
12	05	1944	01	O futuro do Brasil VII – relações com os países sul-americanos	S. Harcourt-Rivington
13	05	1944	01	Na frente russa	Emmanuel de Bennisen
14	05	1944	01	Em Hankaw	Lima Figueiredo
14	05	1944	36	Regimes políticos e governos	Rogério Sampaio
16	05	1944	01	O monopólio do petróleo	Emmanuel de Bennisen
18	05	1944	01	A responsabilidade da Alemanha	Emmanuel de Bennisen
20	05	1944	01	O comércio externo norte-americano	Emmanuel de Bennisen
21	05	1944	01	Ilha Formosa	Lima Figueiredo
21	05	1944	36	Posições suspeitas	Rogério Sampaio
24	05	1944	01	No Canadá	Emmanuel de Bennisen
25	05	1944	01	Prevenções injustificáveis	Rogério Sampaio
26	05	1944	01	O futuro do Brasil VIII – relações com o Oriente, a África e o Canadá	S. Harcourt-Rivington
27	05	1944	01	O patriarca Sérgio	Emmanuel de Bennisen
28	05	1944	01	Leões e raposas	Lima Figueiredo
28	05	1944	36	Os Estados Unidos e os trusts	Rogério Sampaio
30	05	1944	01	O discurso de Churchill	Emmanuel de Bennisen
31	05	1944	01	Invasão e guerra de nervos	Rogério Sampaio
01	06	1944	01	Novos discursos	Emmanuel de Bennisen
02	06	1944	01	O futuro do Brasil IX – perspectivas da nova economia nacional	S. Harcourt-Rivington
04	06	1944	32	Hong-kong	Lima Figueiredo
06	06	1944	18	Depois de Roma	Emmanuel de Bennisen
07	06	1944	01	Em torno da invasão	Rogério Sampaio
10	06	1944	14	O problema japonês	Emmanuel de Bennisen
11	06	1944	32	“How strong is Japan?”	Lima Figueiredo

Dia	Mês	Ano	Pg	Título	Autor/Pseudônimo
13	06	1944	01	A segunda frente	Emmanuel de Bennisen
14	06	1944	10	A invasão	Lima Figueiredo
15	06	1944	14	Aspectos da luta	Emmanuel de Bennisen
16	06	1944	10	Compromissos políticos	Emmanuel de Bennisen
17	06	1944	01	O futuro do Brasil X – o desenvolvimento da imigração	S. Harcourt-Rivington
18	06	1944	30	Movimentos da França combatente	Rogério Sampaio
20	06	1944	01	De Tóquio a Cantão	Lima Figueiredo
20	06	1944	16	Os últimos sucessos	Emmanuel de Bennisen
21	06	1944	01	As eleições irlandesas	Emmanuel de Bennisen
22	06	1944	14	Na França	Emmanuel de Bennisen
23	06	1944	01	O futuro do Brasil XI – o aspecto financeiro	S. Harcourt-Rivington
24	06	1944	14	Na Índia	Emmanuel de Bennisen
25	06	1944	01	De Cantão a Macau	Lima Figueiredo
25	06	1944	32	A guerra russo-alemã	Rogério Sampaio
27	06	1944	14	Três anos de martírio	Emmanuel de Bennisen
28	06	1944	10	A luta continua	Emmanuel de Bennisen
29	06	1944	01	Os compromissos políticos	Rogério Sampaio
01	07	1944	12	Realidade e planos abstratos	Emmanuel de Bennisen
02	07	1944	01	A situação no extremo oriente	Lima Figueiredo
02	07	1944	32	A candidatura de Dewey	Rogério Sampaio
04	07	1944	01	A ocupação de Minsk	Rogério Sampaio
05	07	1944	01	Imprensa e propaganda	E. Bennisen
06	07	1944	01	Na frente do Extremo Oriente	Rogério Sampaio
0	07	1944	01	O futuro do Brasil XII – tendências do imposto	S. Harcourt-Rivington
07	07	1944	12	As eleições norte-americanas	Emmanuel de Bennisen
08	07	1944	14	Prognósticos favoráveis	Emmanuel de Bennisen
09	07	1944	01	Alguma coisa do que disse o embaixador Grew a respeito do Japão	Lima Figueiredo
09	07	1944	32	Novas campanhas de paz	Rogério Sampaio
11	07	1944	01	Desconsideração das fortalezas	Emmanuel de Bennisen
12	07	1944	01	Uma nova república	Emmanuel de Bennisen

Dia	Mês	Ano	Pg	Título	Autor/Pseudônimo
14	07	1944	01	A data francesa	Rogério Sampaio
14	07	1944	18	O futuro do Brasil XIII – as tendências no desenvolvimento do trabalho	S. Harcourt-Rivington
15	07	1944	01	Compromissos políticos	Emmanuel de Bennigsen
16	07	1944	01	Alguma coisa do que disse o embaixador Grew a respeito do Japão II	Lima Figueiredo
18	07	1944	16	A catástrofe alemã	Emmanuel de Bennigsen
19	07	1944	12	A situação econômica inglesa	Emmanuel de Bennigsen
20	07	1944	01	A parada da derrota	Rogério Sampaio
02	08	1944	12	Na fronteira alemã	Emmanuel de Bennigsen
03	08	1944	16	A Bélgica e a opressão nazista	Rogério Sampaio
04	08	1944	01	O futuro do Brasil XIV – o desenvolvimento do transporte	S. Harcourt-Rivington
05	08	1944	12	A democracia francesa	Rogério Sampaio
06	08	1944	01	Morreu Quezon	Lima Figueiredo
08	08	1944	14	Em Bretton Woods	Emmanuel de Bennigsen
09	08	1944	01	Política interna e política externa	Rogério Sampaio
10	08	1944	01	Os eixistas recuam em todas as frentes	Emmanuel de Bennigsen
11	08	1944	01	O futuro do Brasil XV – combustível e energia	S. Harcourt-Rivington
12	08	1944	01	A guerra em território alemão	Rogério Sampaio
13	08	1944	01	Os pesinhos das chinesas	Lima Figueiredo
15	08	1944	01	Nos Bálcãs	Emmanuel de Bennigsen
16	08	1944	18	Na iminência da derrota alemã	Rogério Sampaio
17	08	1944	14	Sonhos e realidade	E. Bennigsen
18	08	1944	01	O futuro do Brasil XVI – a tendência do desenvolvimento industrial	S. Harcourt-Rivington
19	08	1944	01	Nobreza e “inteligentzia”	Emmanuel de Bennigsen
20	08	1944	01	A primeira derrota depois de mais de 2600 anos	Lima Figueiredo
22	08	1944	16	Um comentário britânico	Emmanuel de Bennigsen
23	08	1944	01	Atrás do atentado contra Hitler	Emmanuel de Bennigsen
24	08	1944	16	Notícias de Holanda	Emmanuel de Bennigsen
25	08	1944	01	O futuro do Brasil XIX – O desenvolvimento da produção sintética	S. Harcourt-Rivington
26	08	1944	01	O ocaso do Reich	Emmanuel de Bennigsen

Dia	Mês	Ano	Pg	Título	Autor/Pseudônimo
27	08	1944	01	Eu e o Japão	Lima Figueiredo
29	08	1944	01	Qual será a decisão da Alemanha?	Emmanuel de Bennisen
30	08	1944	01	O problema italiano	Emmanuel de Bennisen
01	09	1944	01	O futuro do Brasil XX – O domínio da erosão	S. Harcourt-Rivington
02	09	1944	01	Ainda os Bálcãs	Emmanuel de Bennisen
03	09	1944	01	Los Angeles – 1938 I	Lima Figueiredo
05	09	1944	01	Últimas notícias do oriente europeu	Emmanuel de Bennisen
06	09	1944	12	Perspectivas econômicas	Emmanuel de Bennisen
07	09	1944	01	O futuro mapa da Europa	Emmanuel de Bennisen
09	09	1944	18	A conferência de Dumbarton Oaks	Emmanuel de Bennisen
10	09	1944	18	Los Angeles 1938 II	Lima Figueiredo
12	09	1944	16	O desenvolvimento da luta	Emmanuel de Bennisen
13	09	1944	12	Problemas raciais	Emmanuel de Bennisen
14	09	1944	01	As dificuldades de De Gaulle	Emmanuel de Bennisen
15	09	1944	01	O futuro do Brasil XXI – As futuras transformações da agricultura	S. Harcourt-Rivington
16	09	1944	14	A situação interna na Polônia	Emmanuel de Bennisen
17	09	1944	01	Rumo à América do Norte I	Lima Figueiredo
19	09	1944	16	O assalto final	E. Bennisen
20	09	1944	12	O cerco do Terceiro Reich	Rogério P. Sampaio
21	09	1944	01	A situação atual da China	Emmanuel de Bennisen
22	09	1944	01	O futuro do Brasil XXII – as perspectivas dos seus produtos básicos	S. Harcourt-Rivington
23	09	1944	01	O destino dos líderes fascistas	Rogério P. Sampaio
24	09	1944	01	Rumo à América do Norte II	Lima Figueiredo
26	09	1944	01	Novos êxitos aliados	Emmanuel de Bennisen
27	09	1944	01	A resistência alemã	Rogério P. Sampaio
28	09	1944	16	As tendências políticas nos Estados Unidos	Emmanuel de Bennisen
29	09	1944	01	O futuro do Brasil XXIII – o desenvolvimento do mercado interno	S. Harcourt-Rivington
30	09	1944	01	A resistência norueguesa	Emmanuel de Bennisen
01	10	1944	01	Rumo à América do Norte III	Lima Figueiredo

Dia	Mês	Ano	Pg	Título	Autor/Pseudônimo
01	10	1944	32	A pequenina e grande Dinamarca	Rogério P. Sampaio
03	10	1944	01	Quando acabará a guerra?	Emmanuel de Bennisen
04	10	1944	01	Últimos planos para o futuro da Alemanha	Emmanuel de Bennisen
05	10	1944	01	Guerra e propaganda	Rogério P. Sampaio
06	10	1944	01	O futuro do Brasil XXIV – navios, portos e comércio marítimo	S. Harcourt-Rivington
07	10	1944	14	A atividade de De Gaulle	Emmanuel de Bennisen
08	10	1944	01	Rumo à América do Norte IV	Lima Figueiredo
08	10	1944	30	Problemas políticos	Rogério P. Sampaio
10	10	1944	14	Mais uma semana da guerra	Emmanuel de Bennisen
11	10	1944	01	A manutenção da paz mundial	Rogério P. Sampaio
12	10	1944	01	Problemas italianos	Emmanuel de Bennisen
13	10	1944	12	O futuro do Brasil XXV – educação e lazer	S. Harcourt-Rivington
14	10	1944	01	O desmembramento da Alemanha	Rogério P. Sampaio
14	10	1944	14	O DIP e o Brasil	G.I.L.
15	10	1944	01	Missão em Tóquio	Lima Figueiredo
17	10	1944	01	Problemas de guerra e de política	Emmanuel de Bennisen
18	10	1944	01	O futuro da Hungria	Rogério P. Sampaio
19	10	1944	01	A ressurreição da Áustria	Emmanuel de Bennisen
20	10	1944	01	O futuro do Brasil XXVI – conclusão – idéias e ideais do progresso humano	S. Harcourt-Rivington
20	10	1944	14	A nova fase da resistência alemã	Rogério P. Sampaio
21	10	1944	14	Tito e Mikhailovitch	Emmanuel de Bennisen
22	10	1944	01	A arte da guerra	Lima Figueiredo
22	10	1944	32	Direito e política internacional	Rogério P. Sampaio
24	10	1944	01	Os criminosos de guerra	Emmanuel de Bennisen
25	10	1944	01	O reconhecimento do governo de De Gaulle	Rogério P. Sampaio
26	10	1944	01	E Mac Arthur voltou!	Lima Figueiredo
27	10	1944	01	A evolução da indústria I – sua forma	S. Harcourt-Rivington
28	10	1944	16	No mundo árabe	Emmanuel de Bennisen
29	10	1944	01	Japão-Portugal	Lima Figueiredo
31	10	1944	16	No extremo oriente, na Noruega e na Rússia Subcarpática	Emmanuel de Bennisen
01	11	1944	01	A conferência internacional de aviação	Matias Arrudão
02	11	1944	12	O futuro da Índia	Emmanuel de Bennisen

Dia	Mês	Ano	Pg	Título	Autor/Pseudônimo
04	11	1944	01	De Gaulle e a “milícia patriótica”	Emmanuel de Bennisen
05	11	1944	01	Senninbari	Lima Figueiredo
05	11	1944	30	Os E.U.A. e os ex-combatentes	Rogério P. Sampaio
07	11	1944	04	Eleição do presidente dos Estados Unidos e eleição do presidente do Brasil	Otto Prazeres
07	11	1944	16	As eleições norte-americanas	Emmanuel de Bennisen
08	11	1944	14	A Turquia e seus vizinhos	Emmanuel de Bennisen
10	11	1944	16	A evolução da indústria II – sua repercussão no Tesouro Nacional	S. Harcourt-Rivington
12	11	1944	01	Que há na China?	Lima Figueiredo
12	11	1944	32	Atualidade política internacional	Rogério P. Sampaio
14	11	1944	01	Problemas políticos e militares	Emmanuel de Bennisen
15	11	1944	01	Ainda o problema alemão	Emmanuel de Bennisen
17	11	1944	01	A evolução da indústria III – sua repercussão no padrão de vida	S. Harcourt-Rivington
18	11	1944	03	“O Japão por dentro”	Mario Guastini
18	11	1944	14	A Bélgica depois da libertação	Emmanuel de Bennisen
19	11	1944	01	A mulher japonesa	Lima Figueiredo
19	11	1944	32	O mundo de após-guerra	Rogério P. Sampaio
21	11	1944	01	Em terra e no mar	Emmanuel de Bennisen
22	11	1944	01	O presente e o futuro da Hungria	Emmanuel de Bennisen
23	11	1944	01	Qual o destino da Coréia?	Emmanuel de Bennisen
24	11	1944	01	A evolução da indústria IV – sua repercussão na mão-de-obra	S. Harcourt-Rivington
26	11	1944	01	Nossa bandeira está rindo!	Lima Figueiredo
26	11	1944	32	A situação na China	Rogério P. Sampaio
28	11	1944	16	A propósito de um festival	Emmanuel de Bennisen
29	11	1944	14	As dissensões dos gregos	Emmanuel de Bennisen
01	12	1944	01	A evolução da indústria V – sua repercussão nas habitações	S. Harcourt-Rivington
01	12	1944	16	Os judeus e a guerra	Rogério P. Sampaio
02	12	1944	01	O destino da Itália	Emmanuel de Bennisen
03	12	1944	01	Domingo desportivo em Tóquio	Lima Figueiredo
03	12	1944	32	Perspectivas para a Alemanha	Rogério P. Sampaio
05	12	1944	01	A nacionalização das minas francesas	Emmanuel de Bennisen

Dia	Mês	Ano	Pg	Título	Autor/Pseudônimo
06	12	1944	14	A posição das organizações trabalhistas	Emmanuel de Bennigsen
07	12	1944	20	O elemento imponderável na política	Emmanuel de Bennigsen
08	12	1944	20	A evolução da indústria VI – sua repercussão nos transportes	S. Harcourt-Rivington
12	12	1944	01	A crise canadense	Emmanuel de Bennigsen
13	12	1944	01	Novas complicações internacionais	Emmanuel de Bennigsen
14	12	1944	01	Problemas de guerra e de política	Emmanuel de Bennigsen
15	12	1944	01	A evolução da indústria VII – suas repercussões psicológicas	S. Harcourt-Rivington
16	12	1944	18	O plano norueguês	Emmanuel de Bennigsen
17	12	1944	32	As fronteiras européias	Rogério P. Sampaio
19	12	1944	01	Cruzando o Pacífico	Lima Figueiredo
20	12	1944	01	Ainda a questão das fronteiras	Rogério P. Sampaio
21	12	1944	01	As últimas alianças	Emmanuel de Bennigsen
22	12	1944	16	A evolução da indústria VIII – suas repercussões físicas	S. Harcourt-Rivington
23	12	1944	01	A ofensiva de Von Rundstedt	Emmanuel de Bennigsen
24	12	1944	01	Primeiros dias no Japão I	Lima Figueiredo
24	12	1944	30	A luta na China	Rogério P. Sampaio
27	12	1944	01	O futuro econômico dos Estados Unidos	Emmanuel de Bennigsen
28	12	1944	14	Depois da guerra	Emmanuel de Bennigsen
29	12	1944	01	A evolução da indústria IX – as modernas obras sociais	S. Harcourt-Rivington
30	12	1944	01	O reerguimento da França	Rogério P. Sampaio
30	12	1944	16	Nas frentes de batalha	Emmanuel de Bennigsen
31	12	1944	32	Primeiros dias no Japão II	Lima Figueiredo

Tabela VIII (1945)

Dia	Mês	Ano	Pg	Título	Autor/Pseudônimo
03	01	1945	01	Otimismo ou pessimismo para 1945?	Emmanuel de Bennisen
04	01	1945	01	Ainda o problema israelita	Emmanuel de Bennisen
05	01	1945	01	A evolução da indústria X – os “pulmões de São Paulo”	S. Harcourt-Rivington
07	01	1945	01	Primeiros dias no Japão III	Lima Figueiredo
09	01	1945	16	A mensagem de Roosevelt	Emmanuel de Bennisen
10	01	1945	12	A diplomacia de De Gaulle	Emmanuel de Bennisen
11	01	1945	01	A revolução espiritual	Emmanuel de Bennisen
12	01	1945	01	A evolução da indústria XI – o crescimento das cidades-“satélite”	S. Harcourt-Rivington
13	01	1945	14	A economia inglesa	Emmanuel de Bennisen
14	01	1945	01	Relações da China com o Ocidente I	Lima Figueiredo
14	01	1945	32	As Filipinas e o Japão	Rogério P. Sampaio
16	01	1945	16	A situação militar	Emmanuel de Bennisen
17	01	1945	12	A pacificação da Grécia	Rogério P. Sampaio
18	01	1945	01	A libertação de Varsóvia	Rogério P. Sampaio
19	01	1945	01	A evolução da indústria XII – os perigos das regiões em crise	S. Harcourt-Rivington
20	01	1945	01	A vitória russa	Emmanuel de Bennisen
21	01	1945	01	Relações da China com o Ocidente II	Lima Figueiredo
21	01	1945	36	Renovação política necessária	Rogério P. Sampaio
23	01	1945	01	O discurso de Churchill	Emmanuel de Bennisen
24	01	1945	01	Será possível o desarmamento?	E. Bennisen
25	01	1945	20	Problemas coloniais	Emmanuel de Bennisen
27	01	1945	18	A evolução da indústria XIII – sua repercussão na agricultura	S. Harcourt-Rivington
28	01	1945	01	Relações da China com o Ocidente III	Lima Figueiredo
28	01	1945	32	O futuro e a paz	Rogério P. Sampaio
30	01	1945	01	O fim se aproxima	Emmanuel de Bennisen
31	01	1945	12	Os grandes chefes	Emmanuel de Bennisen
02	02	1945	01	A evolução da indústria XIV – sua repercussão no comércio exterior	S. Harcourt-Rivington

Dia	Mês	Ano	Pg	Título	Autor/Pseudônimo
03	02	1945	14	Na véspera da conferência	Emmanuel de Bennisen
04	02	1945	01	Relações da China com o Ocidente IV	Lima Figueiredo
04	02	1945	36	Guerra e urbanismo	Rogério P. Sampaio
06	02	1945	16	Os ingleses e a Palestina	Emmanuel de Bennisen
07	02	1945	01	Na Dinamarca	Emmanuel de Bennisen
08	02	1945	01	Nos Estados Unidos	Emmanuel de Bennisen
09	02	1945	01	A evolução da indústria XV – sua dependência de um mercado livre (conclusão da série)	S. Harcourt-Rivington
10	02	1945	14	Evolução diplomática no oriente	Emmanuel de Bennisen
11	02	1945	01	Um dia da caça...	Lima Figueiredo
11	02	1945	26	A posição da França	Rogério P. Sampaio
13	02	1945	10	O problema primordial	Emmanuel de Bennisen
15	02	1945	14	Terrorismo no velho mundo	Emmanuel de Bennisen
16	02	1945	01	Transformações econômicas I – a evolução de nossa moderna economia	S. Harcourt-Rivington
17	02	1945	14	A conferência dos três grandes	Emmanuel de Bennisen
18	02	1945	01	Relações da China com o Ocidente V	Lima Figueiredo
18	02	1945	32	Da Carta do Atlântico a Ialta	Rogério P. Sampaio
20	02	1945	16	Assuntos militares	Emmanuel de Bennisen
21	02	1945	14	A declaração de De Gaulle	Emmanuel de Bennisen
22	02	1945	14	A guerra contra o Japão e a guerra marítima	Emmanuel de Bennisen
23	02	1945	12	Transformações econômicas II – controvérsias do século XIX	S. Harcourt-Rivington
24	02	1945	01	Preconceito e civilização	Rogério P. Sampaio
25	02	1945	01	Vôos de imaginação	Lima Figueiredo
25	02	1945	36	‘Minha paz’	Rogério P. Sampaio
27	02	1945	01	As dificuldades do eixo	Emmanuel de Bennisen
28	02	1945	14	A produção de armamentos	Rogério P. Sampaio
01	03	1945	14	Que esperar do futuro?	Emmanuel de Bennisen
02	03	1945	01	Transformações econômicas III – a emancipação dos operários	S. Harcourt-Rivington
03	03	1945	16	Assuntos militares	Emmanuel de Bennisen
04	03	1945	01	Eva Curie na China	Lima Figueiredo

Dia	Mês	Ano	Pg	Título	Autor/Pseudônimo
06	03	1945	01	Programas de paz	Rogério P. Sampaio
07	03	1945	01	Assalto contra a Alemanha	Emmanuel de Bennisen
08	03	1945	01	O imperialismo atual	Emmanuel de Bennisen
09	03	1945	01	Transformações econômicas IV – a liberdade que a guerra destruiu	S. Harcourt-Rivington
10	03	1945	16	Os trabalhadores estrangeiros no Reich	Emmanuel de Bennisen
11	03	1945	01	O exemplo da China	Lima Figueiredo
13	03	1945	01	O discurso do presidente Vargas	Sem assinatura
13	03	1945	03	Os famosos “liberais”	Mario Guastini
14	03	1945	14	A conferência de Chapultepec	Emmanuel de Bennisen
15	03	1945	01	Os aliados e a Polônia	Emmanuel de Bennisen
16	03	1945	01	Transformações econômicas V – a agonia do ‘liberalismo’	S. Harcourt-Rivington
17	03	1945	01	Na fortaleza Alemanha	Emmanuel de Bennisen
18	03	1945	01	Union of South África	Lima Figueiredo
18	03	1945	36	História e realidade	Rogério P. Sampaio
21	03	1945	01	A conferencia trabalhista internacional	Emmanuel de Bennisen
22	03	1945	01	A política econômica dos Estados Unidos	Emmanuel de Bennisen
23	03	1945	01	Transformações econômicas VI – a crise da democracia	S. Harcourt-Rivington
24	03	1945	01	Política balcânica	Emmanuel de Bennisen
25	03	1945	01	A guerra e a arte no Japão	Lima Figueiredo
25	03	1945	32	A futura Áustria	Rogério P. Sampaio
27	03	1945	01	Problemas coloniais da Ásia	E. Bennisen
28	03	1945	14	No Reno e no Oder	Rogério P. Sampaio
29	03	1945	01	Nas vésperas do fim	Emmanuel de Bennisen
30	03	1945	01	Transformações econômicas VII – o caos monetário	S. Harcourt-Rivington
01	04	1945	01	Pequena história da vida econômica do Japão	Lima Figueiredo
01	04	1945	20	Danzig e a guerra	Rogério P. Sampaio
03	04	1945	01	Ainda a França	Emmanuel de Bennisen
04	04	1945	01	O nazismo e a resistência	Rogério P. Sampaio
05	04	1945	01	Medidas inadiáveis	Emmanuel de Bennisen
06	04	1945	01	Transformações econômicas VIII – o nível dos salários	S. Harcourt-Rivington

Dia	Mês	Ano	Pg	Título	Autor/Pseudônimo
06	04	1945	04	O primado da ordem	Heitor Muniz
07	04	1945	01	Futuras ameaças à paz	Emmanuel de Bennisen
08	04	1945	01	Pequena história da vida econômica do Japão II	Lima Figueiredo
08	04	1945	28	Governos e aspirações populares	Rogério P. Sampaio
10	04	1945	01	Nas diversas frentes de batalha	Emmanuel de Bennisen
11	04	1945	01	Antes da Conferência de São Francisco	Emmanuel de Bennisen
12	04	1945	01	Os “Quislings”	Emmanuel de Bennisen
13	04	1945	14	Transformações econômicas IX – as origens dos impostos	S. Harcourt-Rivington
14	04	1945	02	As oposições e o problema da ordem	Heitor Muniz
14	04	1945	14	O presidente Roosevelt	Emmanuel de Bennisen
15	04	1945	01	Pequena história do Japão III	Lima Figueiredo
15	04	1945	01	A libertação de Viena	Rogério P. Sampaio
17	04	1945	01	Existe ainda o perigo do fascismo?	Emmanuel de Bennisen
18	04	1945	01	Árabes e europeus	Emmanuel de Bennisen
19	04	1945	01	Na Europa central	Emmanuel de Bennisen
20	04	1945	01	Transformações econômicas X – o limite da tributação	S. Harcourt-Rivington
21	04	1945	01	Os eslavos orientais	Emmanuel de Bennisen
22	04	1945	01	Pequena história do Japão IV	Lima Figueiredo
22	04	1945	01	Problemas militares e políticos	Rogério P. Sampaio
25	04	1945	01	Antes de São Francisco	Emmanuel de Bennisen
26	04	1945	01	A hora da expiação	Emmanuel de Bennisen
27	04	1945	01	Transformações econômicas XI – humanitarismo internacional	S. Harcourt-Rivington
28	04	1945	01	O problema alimentar	Emmanuel de Bennisen
29	04	1945	01	Considerações sobre a Rússia	Lima Figueiredo
29	04	1945	32	Democracia e segurança coletiva	Rogério P. Sampaio
01	05	1945	01	Mais prudência, menos egoísmo	Emmanuel de Bennisen
04	05	1945	01	Transformações econômicas XII – a forma das coisas do futuro	S. Harcourt-Rivington
04	05	1945	10	À margem da ocupação de Berlim	Rogério P. Sampaio
05	05	1945	10	A situação diplomática	Emmanuel de Bennisen

Dia	Mês	Ano	Pg	Título	Autor/Pseudônimo
06	05	1945	01	O general “Nazista”	Lima Figueiredo
06	05	1945	20	A vitória dos aliados	Rogério P. Sampaio
08	05	1945	01	Paz na Europa	Rogério P. Sampaio
09	05	1945	14	O exército russo	Emmanuel de Bennisen
12	05	1945	01	Transformações econômicas XIII – a oscilação do pêndulo	S. Harcourt-Rivington
12	05	1945	14	Antes da paz definitiva	Emmanuel de Bennisen
13	05	1945	01	E o Japão?	Lima Figueiredo
13	05	1945	01	Democracia e partidos políticos	Rogério P. Sampaio
15	05	1945	01	A união dos grandes é cada vez mais necessária	Emmanuel de Bennisen
16	05	1945	01	Eleições francesas	Emmanuel de Bennisen
17	05	1945	01	Dissensões na Conferência	Emmanuel de Bennisen
18	05	1945	01	Transformações econômicas XIV – o caminho da regeneração mundial	S. Harcourt-Rivington
19	05	1945	01	Depois do armistício	Emmanuel de Bennisen
20	05	1945	01	Uma paz por tão pouco...	Lima Figueiredo
20	05	1945	02	A doutrina de Monroe	Emmanuel de Bennisen
20	05	1945	01	Os criminosos de guerra	Rogério P. Sampaio
22	05	1945	01	A independência da Índia	Emmanuel de Bennisen
22	05	1945	14	A tese do Brigadeiro	Heitor Muniz
23	05	1945	01	Problemas sociais	Emmanuel de Bennisen
24	05	1945	01	Criminosos de guerra	E. de Bennisen
25	05	1945	01	Transformações econômicas XV – o mito da igualdade econômica	S. Harcourt-Rivington
26	05	1945	01	A crise inglesa	Emmanuel de Bennisen
27	05	1945	01	O fenômeno militar russo	Lima Figueiredo
27	05	1945	01	A luta antifascista	Rogério P. Sampaio
29	05	1945	01	Veneza Julia	Emmanuel de Bennisen
30	05	1945	01	O conflito arabo-francês	Emmanuel de Bennisen
31	05	1945	01	Problemas demográficos	Emmanuel de Bennisen
02	06	1945	01	Transformações econômicas XVI – a tirania das massas ou o poder do proletariado	S. Harcourt-Rivington
03	06	1945	02	A organização da paz	Rogério P. Sampaio
03	06	1945	01	F. E. B. I	Lima Figueiredo

Dia	Mês	Ano	Pg	Título	Autor/Pseudônimo
05	06	1945	26	Resposta aos meus críticos	Emmanuel de Bennisen
06	06	1945	01	Novos problemas	Emmanuel de Bennisen
07	06	1945	01	Liberdade de informações	Emmanuel de Bennisen
08	06	1945	01	Transformações econômicas XVII – concorrência x monopólio	S. Harcourt-Rivington
09	06	1945	01	A declaração de Berlim	Emmanuel de Bennisen
10	06	1945	01	F. E. B. II	Lima Figueiredo
12	06	1945	01	Os ensinamentos da guerra?	Emmanuel de Bennisen
13	06	1945	01	As indústrias bélicas	Rogério P. Sampaio
14	06	1945	01	O mundo continua ansioso	Emmanuel de Bennisen
15	06	1945	01	Transformações econômicas XVIII – a questão dos monopólios de Estado	S. Harcourt-Rivington
16	06	1945	01	França e Inglaterra	Emmanuel de Bennisen
17	06	1945	01	Houve um que não entendeu	Lima Figueiredo
17	06	1945	?	Os alemães sudetos	Rogério P. Sampaio
19	06	1945	01	O discurso de Churchill	Emmanuel de Bennisen
20	06	1945	01	A situação chinesa	Emmanuel de Bennisen
20	03	1945	02	E ninguém dirá “Eu fui coagido”...	Heitor Muniz
21	06	1945	01	O futuro das monarquias	Emmanuel de Bennisen
22	06	1945	01	Transformações econômicas XIX	Harcourt-Rivington
23	06	1945	01	Economia futura	Emmanuel de Bennisen
24	06	1945	01	F. E. B. III	Lima Figueiredo
24	06	1945	32	Os criminosos nazi-fascistas	Rogério P. Sampaio
26	06	1945	14	Otimismo de Stafford Crips	Emmanuel de Bennisen
27	06	1945	12	Declarações acerca da Índia	Emmanuel de Bennisen
28	06	1945	01	A Conferência dos três grandes	Emmanuel de Bennisen
29	06	1945	01	Transformações econômicas XX – “a divisão do trabalho”	S. Harcourt-Rivington
01	07	1945	01	Programa de governo do Partido Trabalhista Inglês	Clement R. Attlee
01	07	1945	02	F. E. B. IV	Lima Figueiredo
03	07	1945	01	Apaziguamento na Europa Central	Emmanuel de Bennisen
04	07	1945	01	Resposta ao sr. Clement R. Attlee	S. Harcourt-Rivington

Dia	Mês	Ano	Pg	Título	Autor/Pseudônimo
05	07	1945	01	A situação dos neutros	Emmanuel de Bennisen
06	07	1945	01	Transformações econômicas XXI – eficiência na produtividade	S. Harcourt-Rivington
07	07	1945	01	Problemas do Oriente Próximo	Emmanuel de Bennisen
08	07	1945	01	A guerra contra o Japão	Emmanuel de Bennisen
10	07	1945	01	F. E. B. IV – Monte Castelo	Lima Figueiredo
10	07	1945	02	Ainda uma resposta	Emmanuel de Bennisen
11	07	1945	01	Mandatos e colônias	Emmanuel de Bennisen
12	07	1945	01	As “dependências” dos Estados Unidos	Emmanuel de Bennisen
13	07	1945	01	Transformações econômicas XXII – a significação da “economia planejada”	S. Harcourt-Rivington
14	07	1945	01	Federação eslava	Emmanuel de Bennisen
14	07	1945	04	As quatro constituições brasileiras	Heitor Muniz
15	07	1945	01	F. E. B. VI	Lima Figueiredo
16	07	1945	01	A convenção nacional do P. S. D.	Abner Mourão
17	07	1945	01	Problemas da próxima conferência	Emmanuel de Bennisen
18	07	1945	01	Problemas do momento	Emmanuel de Bennisen
19	07	1945	01	Será possível a Federação Danubiana?	E.de Bennisen
20	07	1945	01	Transformações econômicas XXIII – a perspectiva de uma “economia planejada”	S. Harcourt-Rivington
22	07	1945	01	Na vésperas das eleições européias	Emmanuel de Bennisen
24	07	1945	01	Controvérsias norte-americanas	Emmanuel de Bennisen
25	07	1945	01	F. E. B. VII	Lima Figueiredo
26	07	1945	01	Comentário a respeito das Constituições	Emmanuel de Bennisen
27	07	1945	01	Transformações econômicas XXIV – outros aspectos da “economia planejada”	S. Harcourt-Rivington
28	07	1945	01	A vitória trabalhista	Emmanuel de Bennisen
31	07	1945	18	O homem que cala	Lima Figueiredo
02	08	1945	01	A igreja russa	Emmanuel de Bennisen
02	08	1945	01	Transformações econômicas XXV - Duas ideologias irreconciliáveis	S. Harcourt-Rivington

Dia	Mês	Ano	Pg	Título	Autor/Pseudônimo
04	08	1945	01	O processo de Pétain	Emmanuel de Bennisen
05	08	1945	01	A invasão do Japão	Lima Figueiredo
05	08	1945	01	De Teerã e Ialta a Potsdam	Rogério P. Sampaio
07	08	1945	01	Os projetos dos trabalhistas	Emmanuel de Bennisen
08	08	1945	01	Ainda a respeito dos trabalhistas	Emmanuel de Bennisen
09	08	1945	01	A reeducação da Alemanha	Emmanuel de Bennisen
10	08	1945	01	Transformações econômicas XXVI – coletivismo e corrupção do Estado	S. Harcourt-Rivington
11	08	1945	01	As decisões de Potsdam	Emmanuel de Bennisen
12	08	1945	01	Era uma vez o Japão...	Lima Figueiredo
12	08	1945	01	A derrota do Japão	Rogério P. Sampaio
14	08	1945	01	A desintegração do átomo	Emmanuel de Bennisen
15	08	1945	01	Paz no Oriente	Emmanuel de Bennisen
16	08	1945	01	Conversa com meus leitores	Emmanuel de Bennisen
17	08	1945	01	Transformações econômicas XXVII – a bomba atômica da economia	S. Harcourt-Rivington
18	08	1945	01	Depois da condenação de Pétain	Emmanuel de Bennisen
19	08	1945	01	Uma nuvem negra no Extremo Oriente	Lima Figueiredo
19	08	1945	01	As lições da guerra	Rogério P. Sampaio
21	08	1945	01	O discurso de Churchill e assuntos menores	Emmanuel de Bennisen
22	08	1945	01	O novo balanço de poderes	Emmanuel de Bennisen
23	08	1945	01	No extremo oriente	Emmanuel de Bennisen
24	08	1945	01	Transformações econômicas XXVIII – uma experiência em “nacionalização”	S. Harcourt-Rivington
25	08	1945	01	As declarações de Bevin	Emmanuel de Bennisen
26	08	1945	01	A educação no Japão I	Lima Figueiredo
26	08	1945	01	Política externa britânica	Rogério P. Sampaio
28	08	1945	01	Economia inglesa	Emmanuel de Bennisen
29	08	1945	01	Maior compreensão	Emmanuel de Bennisen
30	08	1945	01	Transformações econômicas XXIX – a técnica hitlerista em nacionalização	S. Harcourt-Rivington

Bibliografia básica:

- ALVES, Vagner Camilo. *O Brasil e a Segunda Guerra Mundial. História de um envolvimento forçado*. Rio de Janeiro: PUC/São Paulo: Loyola, 2002.
- ALMEIDA JÚNIOR, Antônio Mendes, “Do declínio do Estado Novo ao suicídio de Getúlio Vargas”, In: FAUSTO, Boris (dir). *História Geral da Civilização Brasileira. O Brasil Republicano. Sociedade e Política (1930-1964)*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997, tomo 03, v. 03.
- ARENDT, Hannah. *Origens do Totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- ARON, Raymond. *Democracia e totalitarismo*. Lisboa: Editorial Presença, 1966.
- BAHIA, Juarez. *Jornal, história e técnica: história da imprensa brasileira*. São Paulo: Editora Ática, 1990.
- BANDEIRA, Moniz. *Presença dos Estados Unidos no Brasil: dois séculos de história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1973.
- _____. *Formação do Império Americano*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- BEEVOR, Antony. *Creta*. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- _____. *Berlim*. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- BETHELL, Leslie & ROXBOROUGH, Ian (orgs). *América Latina. Entre a Segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- BLOCH, Marc. *Strange Defeat. A statement of Evidence written in 1940*. New York: W. W. Norton, 1999.
- BOMENY, Helena (org). *Constelação Capanema: intelectuais e políticas*. Rio de Janeiro: FGV, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel, 1989.
- _____. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- BURKE, Peter. *O que é História Cultural?* Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Os arautos do liberalismo: imprensa paulista 1920-1945*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- _____. Estado Novo: o que trouxe de novo? In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (orgs). *O tempo do nacional-estatismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. (Coleção O Brasil Republicano, Livro 2).
- _____. *Imprensa e História do Brasil*. São Paulo: Contexto, 1988.

_____. *Multidões em cena. Propaganda política no varguismo e no peronismo*. São Paulo: Papyrus, 1998.

_____. Estado Novo: novas histórias. In: FREITAS, Marcos Cezar.

Historiografia brasileira em perspectiva. São Paulo: Contexto, 1998.

CAPELATO, Maria Helena Rolim & PRADO, Maria Lígia. *O Bravo Matutino. Imprensa e ideologia no jornal "O Estado de S. Paulo"*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1980.

CARDOSO, Ciro Flamarion & MALERBA, Jurandir. (orgs). *Representações. Contribuição a um debate transdisciplinar*. Campinas: Papyrus, 2000.

CARDOSO, Irene. R. *A Universidade da Comunhão Paulista*. São Paulo: Cortez, 1982.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Anti-semitismo na Era Vargas. Fantasmas de uma geração*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

CARONE, Edgar. *O Estado Novo. (1937-1945)*. Rio de Janeiro: Difel, 1976.

CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas. O imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1988.

_____. *Cultura escrita, literatura e história: conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Gondin e Antônio Saborit*. Porto Alegre: ArtMed, 2001.

_____. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Unesp/Imprensa Oficial do Estado, 1999.

_____. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília: UNB, 1999.

_____. *Leituras e leitores na França do Antigo Regime*. São Paulo: Unesp, 2004.

_____. (org). *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

CHAUÍ, Marilena & FRANCO, Maria Sylvia Carvalho. *Ideologia e mobilização popular*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

CHURCHILL, Winston. *Memórias. La Segunda Guerra Mundial*. Barcelona: Los Libros de Nuestro Tiempo, 1949, 06 Vols.

COLE, Wayne S. *Charles A. Lindbergh and the Battle against American Intervention in World War II*. New York: Harcourt, 1974.

- CORSI, Francisco Luís. *Estado Novo: política externa e projeto nacional*. São Paulo: Unesp, 2000.
- COSTA, Sérgio Corrêa da. *Crônica de uma guerra secreta. Nazismo na América: a conexão argentina*. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- CYTRYNOWICZ, Roney. *Guerra sem Guerra. A mobilização e o cotidiano em São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Edusp, 2000.
- DAHMS, Helmuth Günther. *A Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Bruguera, 1968, 02 Vols.
- DAVIES, Norman. *Europa na guerra*. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- DINIZ, Eli. “O Estado Novo. Estrutura de poder, relações de classes”, IN FAUSTO, Boris (dir). *História Geral da Civilização Brasileira. O Brasil Republicano. Sociedade e Política (1930-1964)*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997, tomo 03, v. 03.
- DUARTE, Paulo. *Mário de Andrade por ele mesmo*. São Paulo: Edart, 1971.
- _____. *Memórias: Miséria universal, miséria nacional e minha própria miséria*. São Paulo: Hucitec, 1978, v. 07.
- _____. *Prisão, exílio, luta...* Rio de Janeiro: Zélio Valverde, 1946.
- _____. *Memórias: ofício de trevas*. São Paulo: Hucitec, 1977.
- _____. *Memórias: as raízes profundas*. São Paulo: Hucitec, 1974.
- DULLES, John W. F. *Getúlio Vargas. Biografia Política*. Rio de Janeiro: Renes, 1967.
- ELIAS, Norbert. Os alemães. *A luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- FILHO, Júlio de Mesquita. *Política e Cultura*. São Paulo: Martins, 1969.
- FILHO, Ruy Mesquita (org). *Cartas do exílio: a troca de correspondência entre Marina e Júlio de Mesquita Filho*. São Paulo: Terceiro Nome, 2006.
- FRIEDRICH, Jorg. *O incêndio*. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- FRIEDRICH, Carl J. & BRZEZINSKI, Zbigniew K. *Totalitarismo e autocracia*. Rio de Janeiro: Edições GRD, 1965.
- GAMBINI, Roberto. *O duplo jogo de Getúlio Vargas*. São Paulo: Símbolo, 1977.
- GARCIA, Eugênio Vargas. *Entre América e Europa: a política externa brasileira na década de 1920*. Brasília: UNB, 2006.
- GOMES, Ângela de Castro. *História e Historiadores. A política cultural do Estado Novo*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.
- GOULART, Silvana. *Sob a verdade oficial. Ideologia, propaganda e censura no Estado Novo*. São Paulo: Marco Zero, 1990.

- GROSSMAN, Vasily. *Um escritor na guerra*. São Paulo: Objetiva, 2008.
- HILTON, Stanley. *Oswaldo Aranha. Uma biografia*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1994.
- _____. HILTON, Stanley. *Brazil and the soviet challenge 1917-1945*. Texas: University of Texas Press, 1991.
- HOBBSAWM, Eric J. *Era dos Extremos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- KERSHAW, Ian. *'The Hitler Mith'. Image and Reality in the Third Reich*. New York: Oxford University Press, 2001.
- _____. *Hitler (1889-1936): Hubris*. London: Allen Lane/ The Penguin Press, 1998.
- _____. *Hitler – Um perfil do poder*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- KISSINGER, Henry. *Diplomacy*. New York: Simon & Schuster Paperbacks, 1994.
- LAMOUNIER, Bolívar. Formação de um pensamento autoritário na Primeira República. Uma interpretação. In: FAUSTO, Boris (dir). *História Geral da Civilização Brasileira*. O Brasil Republicano. Sociedade e instituições. (1889-1930). São Paulo: Difel, 1978, tomo III, 02 v.
- LEVI, Giovanni. *A herança imaterial. Trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- LEVINE, Robert. *Pai dos pobres? O Brasil e a Era Vargas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- LEWIN, Moshe. *O século soviético*. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- LIDDELL HART, B. H. *History of the Second World War*. London: Papermac, 1992.
- LOPES, Sônia de Castro. *Lourival Fontes: as duas faces do poder*. Rio de Janeiro: Literris, 1999.
- LUCA, Tânia Regina; MARTINS, Ana Luiza. *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.
- LUCA, Tânia Regina. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*. São Paulo: Unesp, 1999.

- LUKACS, John. *O Hitler da História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- MARCUSE, Herbert. *Tecnologia, Guerra e Fascismo*. São Paulo: Unesp, 1999.
- MCCANN, Frank. *Soldados da pátria*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- MANN, Thomas. *Ouvintes alemães*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- MEDEIROS, Jarbas. *Ideologia autoritária no Brasil 1930-1945*. Rio de Janeiro: FGV, 1978.
- MESQUITA, Julio. *A guerra*. São Paulo: Terceiro Nome, 2002, 04 vol.
- MICELI, Sérgio. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)*. São Paulo: Difel, 1979.
- MOURA, Gerson. *Tio Sam chega ao Brasil. A penetração cultural norte-americana*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- _____. *Autonomia na Dependência: a política externa brasileira. (1935-1942)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o perigo vermelho. O anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. São Paulo: Perspectiva/Fapesp, 2002.
- NEUMANN, Franz. *Behemoth. Pensamiento y acción en el nacional-socialismo*. México: Fondo de Cultura Económica, 1943.
- NOLTE, Ernst. *La crisis del sistema liberal y los movimientos fascistas*. Barcelona: Edicions 62, 1971.
- _____. *Three faces of fascism: Action Française, Italian Fascism, National Socialism*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1966.
- _____. *La guerra civil europea. 1917-1945. Nacional-socialismo y bolchevismo*. México: Fondo de Cultura Económica, 1994.
- PERAZZO, Priscila Ferreira. *O perigo alemão e a repressão policial no Estado Novo*. São Paulo: Imprensa Oficial – Arquivo do Estado de São Paulo, 1999. Coleção Teses & Monografias, v. 1.
- QUEIROZ, Sueli Robles Reis. *Os radicais da República*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- RAMOS, Plínio de Abreu. *Os partidos paulistas e o Estado Novo*. Petrópolis: Vozes, 1980.
- RAUSCHNING, Hermann. *La revolución del Nihilismo*. Buenos Aires: Losada, 1940.
- _____. *Hitler me disse*.
- RÉMOND, René. (org). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

- RIOUX, Jean-Pierre & SIRINELLI, Jean-François. *Para uma história cultural*. Lisboa: Estampa, 1998.
- SCHACHT, Hjalmar. *Setenta e seis anos de minha vida*. São Paulo: Editora 34, 1999.
- SEITENFUS, Ricardo Antônio Silva. *O Brasil de Getúlio Vargas e a formação dos blocos: o processo do alinhamento brasileiro na Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1985.
- SHIRER, William. *A queda da França*. São Paulo: Record, s/d, 03 Vols.
- _____. *Ascensão e queda do Terceiro Reich*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967, 04 Vols.
- SILVEIRA, Joel & NETO, Geneton Moraes. *Hitler/Stalin: O Pacto Maldito*. Rio de Janeiro: Record, 1990.
- SOUZA, José Inácio de Melo. *O Estado contra os meios de comunicação (1889-1945)*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2003.
- TOTA, Antônio Pedro. *O Imperialismo sedutor. A americanização do Brasil na época da Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- TAYLOR, A. J. P. *A Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Zahar, 1963, 02 Vols.
- TOYNBEE, Arnold. *La Europa de Hitler*. Barcelona: Editorial AHR, 1955, 02 Vols.
- VARGAS, Getúlio. *Diário*. Rio de Janeiro: FGV, 1995, v. II (1937-1942).
- WINOCK, Michel. *O século dos intelectuais*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)